

DAISY
GOODWIN

VITÓRIA

A JOVEM RAINHA

 Harper
Collins



PDF FEITO COM EPUB OFICIAL

Star Books Digital



Para Otilie e Lydia
Mentor e Musa

Prólogo

Palácio de Kensington, Setembro de 1835

Uma nesga de luz do alvorecer caía na rachadura no canto do teto. Ontem ela se parecia com um par de óculos, mas durante a noite uma aranha tinha bordado ao longo da fenda, preenchendo os vazios que agora se pareciam, ela pensava, com uma coroa. Não a coroa que seu tio usava, que parecera pesada e desconfortável, mas o tipo que a Rainha usaria — com uma textura de renda, delicada mas ainda resistente. Apesar de tudo, como Mamãe e Sir John nunca paravam de observar, sua cabeça era extremamente pequena; quando a hora chegasse, e não poderia haver dúvidas agora de que chegaria, ela precisaria de uma coroa que servisse.

Houve um ronco da cama grande. “Nein, nein”, clamou sua mãe, batalhando com seus demônios do sono. Quando se tornasse Rainha, ela insistiria em ter um quarto próprio. Mamãe choraria, é claro, e diria que ela era a única coisa tentando proteger sua preciosa Drina, mas ela seria firme. Ela se imaginou dizendo:

— Como a Rainha, tenho a Cavalaria da Casa para me proteger, Mamãe. Imagino que estarei bastante segura sozinha.

Ela um dia seria Rainha; ela sabia isso agora. Seu Rei Tio estava velho e não em boa saúde, e, de forma clara, já estava tarde demais para sua esposa, Rainha Adelaide, produzir um herdeiro ao trono. Mas Vitória — como ela se chamava, apesar de sua mãe e todos os outros a chamarem de Alexandrina, ou ainda pior, Drina, um apelido que ela achava mais humilhante que acolhedor — não sabia quando esse momento chegaria. Se o Rei falecesse antes que ela obtivesse maioridade no período de dois anos, era bastante provável que sua mãe, a Duquesa de Kent, seria nomeada Regente, e Sir John Conroy, seu amigo especial, estaria ao seu lado. Vitória olhou para o teto. Conroy era como a aranha — ele tinha lançado sua teia por todo o palácio —, sua mãe foi pega rápido, mas, Vitória pensou, ela nunca se permitiria estar presa.

Vitória tremeu, apesar de ser uma manhã quente de junho. A cada semana na igreja ela orava pela saúde de seu Rei Tio e, na sua mente, sempre

acrescentava uma pequena notinha para o Todo Poderoso, que se Ele decidisse levar Sua Majestade Guilherme IV para o Seu lado, será que ele poderia esperar até o décimo-oitavo aniversário dela, por favor?

Vitória não tinha uma ideia clara do que ser Rainha significaria. Ela teve aulas de história com sua governanta Lehzen, e tutorias a respeito da constituição do Deão de Westminster, mas ninguém poderia lhe dizer o que uma Rainha de fato fazia o dia todo. O seu Tio Rei parecia passar a maior parte de seu tempo cheirando rapé e reclamando a respeito do que ele chamava de “Os Malditos Whigs”. Vitória apenas o tinha visto usar sua coroa uma vez e isso porque ela pedira que ele a colocasse para ela ver. Ele disse a ela que a usava ao abrir o Parlamento, e perguntou se ela gostaria de se juntar a ele. Vitória respondeu que gostaria muito, mas então sua mãe dissera que ela era jovem demais. Vitória ouvira Mamãe falar a respeito disso depois com Sir John; ela estivera espiando um álbum de aquarelas atrás do sofá e eles não a tinham visto.

— Como se eu pudesse permitir que Drina fosse vista em público com aquele homem terrível — sua mãe dissera de mau humor.

— O quanto antes ele se embebedar até morrer, melhor — Sir John respondera. — Este país precisa de um monarca, não de um palhaço.

A Duquesa suspirara.

— A pobrezinha Drina. Ela é tão jovem para tamanha responsabilidade.

Sir John colocara a mão no braço de sua mãe e dissera:

— Mas ela não vai governar sozinha. Você e eu nos certificaremos de que ela não fará nenhuma tolice. Ela estará em mãos seguras.

Sua mãe sorria de modo afetado, como ela sempre fazia quando Sir John a tocava.

— Minha pobre garotinha sem pai, quanta sorte ela tem de ter você, um homem que a apoia em tudo. Vitória ouviu um passo no corredor. Em geral, ela tinha de ficar na cama até que sua mãe acordasse, mas

hoje eles iriam a Ramsgate em busca do ar marinho, e partiriam às nove da manhã. Ela estava empolgada para sair. Ao menos em Ramsgate, ela poderia olhar pela janela e ver pessoas de verdade. Aqui em Kensington ela nunca via ninguém. A maioria das garotas da sua idade estaria indo para a sociedade

nesse período, mas sua mãe e Sir John haviam dito que era muito perigoso que ela estivesse com pessoas da sua faixa etária.

— Sua reputação é preciosa — Sir John sempre dissera. — Uma vez perdida, ela some para sempre. Uma moça como você está destinada a cometer erros. É melhor que não tenha tal oportunidade.

Vitória não dissera nada; ela aprendera muito tempo antes que protestar era inútil. A voz de Conroy era sempre mais alta que a dela, e a mãe sempre o apoiava. Tudo que ela podia fazer era esperar.

A Duquesa, como de costume, demorou muito tempo para se vestir. Vitória e Lehzen já estavam sentadas na carruagem quando sua mãe emergiu com Conroy e sua dama de companhia, Lady Flora Hastings. Vitória viu os três juntos nos degraus, rindo de alguma coisa. Pela maneira que lançavam olhares para a carruagem, Vitória sabia que falavam dela. Então a Duquesa falou com Lady Flora, que desceu os degraus rumo à carruagem.

— Bom dia, Vossa Alteza Real, Baronesa — Lady Flora, uma mulher de cabelo cor de areia ao final de seus vinte e poucos anos que sempre carregava uma Bíblia no bolso, entrou na carruagem. — A Duquesa me pediu que acompanhasse você e a Baronesa a Ramsgate. — Lady Flora sorriu, mostrando as gengivas. — E pensei que seria uma boa oportunidade para revisarmos alguns pontos do protocolo. Quando meu irmão veio visitar no outro dia, notei que você se referiu a ele como Vossa Graça. Mas você deve saber que apenas Duques são chamados de Vossa Graça. Um mero marquês como meu irmão — aqui as gengivas ficaram ainda mais proeminentes — não tem direito a tamanha honra. Ele ficou encantado, é claro, afinal todo marquês quer ser um duque, mas achei que era meu dever lhe informar sobre esse engano. É um detalhe, eu sei, mas esses detalhes são importantes, tenho certeza de que você vai concordar.

Vitória não disse nada, mas lançou um olhar para Lehzen, que claramente se ressentia da intrusão de Lady Flora tanto quanto ela. Lady Flora se inclinou para frente:

— É claro, Baronesa, que você tem sido uma governanta exemplar, mas há nuances que, por ser alemã, não podemos esperar que você compreenda.

Ao ver um leve tremor no maxilar de Lehzen, Vitória disse:

— Acredito que tenho uma enxaqueca. Creio que vou tentar dormir na carruagem.

Flora assentiu com a cabeça, apesar de ficar, de forma clara, aborrecida de não ter mais chances de pontuar as falhas de Vitória e Lehzen. Olhando para seu rosto amarelado e desapontado, Vitória fechou os olhos em alívio. Enquanto pegava no sono, ela se perguntava, não pela primeira vez, por que sua mãe sempre escolhia compartilhar uma carruagem com Sir John Conroy e nunca com ela.

Apesar de sua enxaqueca ter sido um ardil para evitar as lições intoleráveis de Lady Flora, Vitória começou a se sentir mal de forma genuína no segundo dia da visita a Ramsgate. Ao acordar, sua garganta estava tão dolorida que ela mal conseguia engolir.

Ela foi até a cama de sua mãe. A Duquesa dormia profundamente, e Vitória teve de empurrar seu ombro com bastante força até que ela abrisse os olhos.

— Was ist los, Drina? — ela disse, irritada. — Por que está me acordando? Ainda está tão cedo.

— Estou com dor de garganta, Mamãe, e muita dor de cabeça. Talvez eu precise ver o médico.

A Duquesa suspirou e, erguendo-se na cama, colocou a mão na testa de Vitória. A mão tinha um toque frio e macio contra sua pele. Vitória apoiou-se nela, com uma vontade súbita de se deitar e pousar a cabeça no ombro da mãe. Talvez a mãe permitisse que ela subisse em sua cama.

— Ach, está normal como sempre. Você sempre exagera, Drina. — A Duquesa colocou sua cabeça cheia de papelotes para cachear os cabelos nos travesseiros e voltou a dormir.

Quando Lehzen viu a careta de Vitória quando tentava engolir o chá na mesa de café da manhã, ela veio de imediato.

— Qual o problema, Alteza, não está se sentindo bem?

— Dói para engolir, Lehzen. — Apesar do grande prazer de seus dias em Ramsgate ser caminhar em frente a casa olhando para o mar e para os vestidos das outras damas com seu cachorrinho, Dash, correndo em torno de seus pés, hoje tudo o que Vitória queria fazer era se deitar em um cômodo fresco e escuro.

Dessa vez foi Lehzen quem colocou a mão na testa de Vitória. Estava mais quente que a mão de sua mãe e não era tão macia, mas reconfortante. Estremecendo e fazendo um carinho na bochecha de Vitória, a governanta foi até a Duquesa, que bebia café na mesa à janela com Sir John e Lady Flora.

— Acho, Madame, que deveríamos chamar Doutor Clark de Londres. Temo que a Princesa não esteja bem.

— Ah, Lehzen, você está sempre fazendo rebuliço. Senti a temperatura de Drina eu mesma na manhã de hoje e estava tudo bem.

— Chamar o doutor real de Londres — disse Conroy — ocasionaria alarme excessivo. Não queremos que as pessoas pensem que a Princesa é delicada. Se de fato ela estiver mal, e tenho que dizer que ela parece bastante saudável para mim, então deveríamos consultar um médico da região.

Lehzen deu um passo no sentido de Conroy e disse:

— Estou dizendo a você, Sir John, que a Princesa deve ver um médico, e um bom médico. Qual a importância do que as pessoas pensam quando a saúde dela está em perigo?

A Duquesa pôs as mãos para cima e disse em seu forte sotaque alemão:

— Ah, Baronesa, você sempre exagera tanto. É só uma gripe de verão, e não há necessidade para esse estardalhaço.

Lehzen estava prestes a protestar outra vez quando a Duquesa ergueu a mão para impedi-la:

— Eu acho, Baronesa, que sei o que é melhor para minha filha.

Conroy concordou com a cabeça e disse em seu tom confiante:

— A Duquesa está certa. A Princesa tem uma tendência de fingir estar doente, como sabemos.

Vitória não ouviu a resposta de Lehzen, pois a tontura tomou conta dela e de repente ela estava caída no chão.

Ela acordou em um quarto escuro. Mas não era fresco; na verdade, ela sentia tanto calor que pensava que derreteria. Ela devia ter feito algum ruído, porque Lehzen estava ao seu lado, colocando um tecido frio em suas bochechas e testa.

— Tenho tanto calor, Lehzen.

— É a febre, mas vai passar.

— Onde está Mamãe? Lehzen suspirou:

— Ela vai estar aqui logo, Liebes, meu amor. Tenho certeza.

Vitória fechou os olhos e caiu para trás em um sono pesado, quente de febre.

Em algum ponto naquele dia longo, Vitória emergiu e conseguia sentir o cheiro da água de lavanda que sua mãe sempre usava. Ela tentou chamar por ela, mas sua voz era apenas um coaxar seco. Ao abrir os olhos, o quarto ainda estava escuro, então ela não conseguia ver nada. Em seguida ela ouviu sua mãe falar:

— Pobre pequena Drina, ela tem estado tão doente. Espero que não afete sua aparência.

— Doutor Clark diz que ela é forte e vai sobreviver — respondeu Conroy.

— Se alguma coisa acontecesse a ela, minha vida estaria acabada! Eu teria de voltar para Coburgo.

— Quando a febre passar, creio que devemos fazer algumas combinações em relação ao futuro. Se eu me tornasse o Secretário Particular dela, isso significaria que não poderia haver mais... tolices.

Vitória ouviu sua mãe dizer:

— Querido John. Você vai guiar Vitória como sempre me guiou. — Vitória ouviu um suspiro, e então alguns farfalhares, então Conroy disse em um tom mais baixo:

— Vamos guiá-la juntos.

— Sempre.

Vitória virou o rosto para encontrar um ponto fresco no travesseiro e desapareceu em seus sonhos febris.

Na vez seguinte em que ela abriu os olhos, havia luz vindo das janelas, e o rosto ansioso de Lehzen se inclinando sobre ela.

— Como se sente, Alteza? Vitória sorriu:

— Melhor, eu acho.

Ela sentiu uma mão tomar seu pulso e viu Doutor Clark parado ao seu lado.

— O pulso está muito mais forte hoje. Creio que a Princesa pode receber um pouco de nutrição, um pouco de caldo, ou suco de carne.

— Com certeza, Doutor, vou cuidar disso de imediato — Lehzen se dirigia à porta quando a Duquesa se apressou para dentro, seu cabelo em uma confecção elaborada de anéis pequenos em cada lado da cabeça.

— Drina! Tenho estado tão preocupada. — Ela olhou para o Doutor Clark.
— Posso tocá-la, Doutor?

O Doutor inclinou a cabeça.

— Agora que a febre passou, não há risco de contágio, madame. A Duquesa se sentou na cama e acariciou a bochecha de Drina.

— Você parece tão pálida e magra, mas sua beleza vai voltar. Vamos cuidar muito bem de você.

Vitória tentou sorrir, mas descobriu ser um esforço excessivo. Ela notou que sua mãe tinha uma aparência muito bela naquela manhã. Ela portava um vestido em seda listrada que Vitória não tinha visto antes e gotas de diamante novas penduradas das orelhas.

— Graças a Deus que mandei buscá-lo em Londres, Doutor Clark — disse a Duquesa. — Quem sabe o que poderia ter acontecido de outra forma?

— Acredito que a Princesa contraiu tifo, que pode ser fatal, mas tenho certeza de que, com o cuidado apropriado, Sua Alteza Real terá uma recuperação completa.

Lehzen retornou carregando uma tigela de caldo. Ela se sentou do outro lado da cama e, com uma colher, começou a alimentar Vitória.

— Obrigada, Lehzen, mas eu vou alimentar minha filha. — A Duquesa tomou a colher e a tigela das mãos da Baronesa. Vitória observou Lehzen se levantar e ir para os fundos do quarto. Sua mãe empurrou a colher contra seus lábios e Vitória deixou o caldo gotejar por sua garganta.

— Agora mais uma, Liebes.’

Vitória abriu a boca em obediência.

Um piso do assoalho rangeu alto enquanto Conroy entrava no cômodo.

— Que cena tocante! A mãe devotada cuidando de sua filha até melhorar. Vitória fechou a boca.

— Só um pouquinho mais, Liebes — disse a Duquesa, mas Vitória balançou a cabeça. Conroy se avultou sobre ela, parado atrás de sua mãe.

— Devo parabenizá-la em sua recuperação, Vossa Alteza Real. Graças a Deus você herdou a constituição robusta de sua mãe.

A Duquesa sorriu:

— Drina é uma Coburgo de verdade.

Conroy exibiu seus dentes para Vitória em um sorriso.

— Mas agora que você está se recobrando, há uma questão que devemos atender. Ao contrário de você, o Rei não está tão robusto, e é vital que estejamos preparados para o que vem a seguir.

Ele alcançou dentro de seu casaco e puxou um pedaço de papel coberto de palavras.

— Preparei um documento me apontando como seu Secretário Particular. Sua mãe e eu achamos que esta é a melhor maneira de garantir que você será protegida quando assumir o trono.

— Sim, Drina, você é tão jovem e tão frágil. Sir John será sua base de apoio.

De onde estava deitada, Vitória conseguia ver a mão de Conroy descansando no ombro de sua mãe e, nas suas bochechas, o corar que se espalhava.

Conroy colocou o papel na cama ao lado de sua mão e pegou uma pena e tinteiro da escrivaninha ao lado da janela.

— É tudo muito fácil. — Conroy ficou em pé ao lado da cama com a pena e o tinteiro. — Quando você houver assinado o papel, farei todas as preparações.

— Você tem tanta sorte, Drina, de ter alguém que sempre vai proteger seus interesses — disse a Duquesa. Conroy se inclinou com a pena, e Vitória conseguia sentir o cheiro de ambição em seu hálito. Ela olhou em seus olhos escuros e balançou a cabeça.

Conroy a encarou, um músculo diminuto palpitando no canto de sua boca.

— Eu espero ansiosamente para poder servi-la de forma tão fiel quanto servi sua mãe.

Vitória balançou a cabeça outra vez. Conroy olhou para a Duquesa, que colocou a mão na de sua filha.

— Nós só queremos o que é melhor para você, Liebes. Protegê-la de seu tio tão mal-intencionado. Aquele Cumberland terrível vai fazer qualquer coisa para impedi-la de se tornar Rainha.

Vitória tentou se sentar reta, mas seu corpo a traía, e ela sentiu lágrimas de frustração surgirem em seus olhos. Ela viu que Lehzen se inclinava para frente, as mãos em punho, os olhos queimando com fúria para Conroy. A raiva de sua governanta deu força a Vitória. Ela virou a cabeça para a mãe e disse tão alto quanto conseguia:

— Não, Mamãe.

Os anéis do cabelo de sua mãe tremeram.

— Ah, Drina, você ainda está fraca da febre. Vamos falar disso mais tarde. Ela sentiu Conroy pressionar a pena em sua mão e a colocar no papel.

— Podemos falar dos detalhes com certeza, mas primeiro você deve assinar isto. Vitória se virou para Conroy e disse com grande esforço:

— Eu... nunca... vou... assinar.

A mão de Conroy apertou em torno de seu pulso conforme ele se inclinava para baixo e sussurrava em seu ouvido:

— Mas você deve.

De alguma forma, ela encontrou a força para se livrar da mão dele. Ao fazer isso, ela desequilibrou o tinteiro, cujo conteúdo formou uma grande mancha negra nas roupas de cama. Sua mãe gritou alarmada enquanto se levantava para proteger o vestido novo.

— Oh, Drina, o que você fez? Conroy a encarou em fúria.

— Não posso permitir esse... esse comportamento. Não vou aceitar.

Ele ergueu a mão e, por um momento, Vitória pensou que ele poderia bater nela, mas Lehzen deu um passo na frente dele.

— Acho que a Princesa está parecendo corada, você não concorda, Doutor? Talvez você deva checar seu pulso, caso a febre esteja voltando.

Doutor Clark hesitou, sem querer incomodar sua patroa, a Duquesa.

Refletindo, no entanto, que seria ainda pior antagonizar a herdeira ao trono, ele deu um passo à frente e tomou o pulso de Vitória:

— De fato, o pulso parece estar elevado de certa forma. Creio que a Princesa deve descansar agora, seria muito terrível se a febre retornasse.

A Duquesa olhou para Conroy, que estava em pé imóvel, o rosto branco de raiva.

— Venha, Sir John, vamos falar com Drina outra vez quando ela voltar a si. Ela está muito mal agora para saber o que está fazendo. — Tomando-o pelo braço, ela o guiou para fora do quarto, Doutor Clark seguindo na sua esteira.

Quando estavam sozinhas, Vitória ergueu os olhos para Lehzen, que estava tentando conter a mancha de tinta na cama, e sussurrou:

— Obrigada.

A Baronesa se inclinou para frente e a beijou na testa:

— Você foi tão corajosa, Alteza. — Ela deu um aperto na mão de Vitória. — Sei que será uma Rainha excelente.

Vitória sorriu antes de fechar os olhos em exaustão. Ela ainda conseguia distinguir o resto do cheiro de lavanda. Ela nunca perdoaria sua mãe por permitir que Conroy a pressionasse dessa forma. Como Mamãe não conseguia ver que sua própria filha era mais importante que aquele homem terrível? Eles voltariam mais uma vez, ela sabia, com seu papel. Mas ela nunca o assinaria. Eles todos sentiriam muito — Mama, Conroy, Lady Flora —, por serem tão odiosos. Eles pensavam que ela não era nada, um peão para ser movido por aí, mas um dia ela seria Rainha. Então tudo seria tão diferente. Se ao menos seu Rei Tio vivesse até ela ter dezoito anos.

Livro Um

Capítulo Um

Palácio de Kensington, 20 de Junho, 1837

Ao abrir os olhos, Vitória viu uma fraca tira de luz entrando pelas cortinas. Ela conseguia ouvir sua mãe respirando na cama grande do outro lado do quarto. Mas não por muito mais tempo. Em breve, Vitória pensou, ela teria seu próprio quarto. Em breve ela poderia descer as escadarias sem segurar a mão de Lehzen; em breve seria capaz de fazer o que quisesse. Ela celebrara seu décimo oitavo aniversário no mês anterior, então, quando o momento surgisse, reinaria sozinha.

Dash ergueu a cabeça e então Vitória ouviu os passos rápidos da governanta. Se Lehzen estava a caminho naquele momento, isso só poderia significar uma coisa. Ela se levantou da cama e foi até a porta, abrindo-a no mesmo instante em que Lehzen estendia a mão para bater à porta. A Baronesa parecia tão burlesca parada ali com a mão pendurada que Vitória começou a dar risinhos, mas se conteve ao ver a expressão no rosto da governanta.

— O mensageiro de Windsor está no térreo. Ele veste uma braçadeira negra. — Lehzen se abaixou em uma reverência profunda. — Vossa Majestade.

Ela sentiu o sorriso se espalhar pelo rosto antes que pudesse se impedir. Alcançando sua mão, Vitória puxou Lehzen para si para encará-la, e foi tocada pela devoção que via nos preocupados olhos castanhos daquela senhora mais velha.

— Minha querida Lehzen, estou tão contente por você ser a primeira pessoa a me chamar assim.

A governanta olhou para o fundo, rumo à figura adormecida na cama, mas Vitória balançou a cabeça:

— Não quero acordar Mamãe ainda. A primeira coisa que ela fará é chamar Sir John, e então os dois começarão a me dizer o que fazer.

Os lábios de Lehzen se contraíram:

— Mas você é a Rainha, Drina — ela parou, percebendo seu erro. — Quero dizer, “Majestade”. Não há ninguém que possa lhe dizer o que fazer.

Vitória sorriu.

Uma porta se abriu ao final do corredor, e Brodie, o mensageiro, se apressou por ela, desacelerando-se a um ritmo mais aceitável ao ver as duas mulheres. Conforme ele se aproximava, Vitória notou-o hesitar e depois se entregar a uma reverência rebuscada. Ela sentiu vontade de sorrir; ele era quase tão pequeno quanto ela, então o gesto parecia bobo, mas ela sabia que agora era sua responsabilidade manter um rosto sério. Uma Rainha podia rir, mas não de seus súditos.

— O Arcebispo está aqui — ele anunciou, então acrescentou com rapidez: — Vossa Majestade. — O pequeno rosto sardento exprimia alívio por tê-la tratado da maneira correta. Lehzen o olhou de maneira cortante:

— E você não informou a mais ninguém?

O garoto parecia insultado:

— Eu vim diretamente à senhora, Baronesa, conforme as instruções. — Houve uma leve pausa até que Lehzen tirou uma moeda de seu retículo e a deu ao garoto, que saiu correndo para longe, todo fingimento de dignidade obliterado com sua alegria pela premiação.

— Você deveria ir agora, Majestade, antes que... — Lehzen espiou por cima do ombro de Vitória para a figura na cama.

Vitória pôs seu xale por cima da camisola. Embora preferisse se vestir antes, ela sabia que no momento em que terminasse de se preparar, o resto da criadagem estaria acordado, e sua mãe e Sir John começariam a interferir. Não, ela iria agora; ela começaria como gostaria de seguir.

Vitória seguiu Lehzen pela Galeria de Imagens, passando pelo retrato da Rainha Anne, a quem Lehzen nunca deixava de lembrar, fora a última mulher a se sentar no trono inglês. Andando ao lado do rosto carrancudo e desapontado de Anne, Vitória esperou que ela nunca parecesse tão desafortunada. Ela vislumbrou a si mesma no espelho. Suas bochechas estavam rosadas, e seus olhos azuis brilhavam com empolgação. Ela não estava vestida como uma Rainha, de camisola com o cabelo solto pelos ombros, mas pensou que hoje ela se parecia com uma.

Ao chegarem ao topo da escadaria imensa, Lehzen estendeu sua mão, como sempre fazia. Vitória inspirou profundamente.

Agradeço-lhe, Lehzen, mas consigo prosseguir sem auxílio.

Surpresa e preocupação despontaram em sucessão no rosto da mulher.

— Você sabe que sua mãe me disse que eu sempre devo estar aqui caso você caia.

Vitória levantou o rosto para olhá-la:

— Sou bastante capaz de descer as escadas sem incidentes.

Lehzen quis protestar, mas vendo o olhar no rosto de Vitória, retrocedeu. Vitória começou a descer os degraus e disse, olhando por cima do ombro:

— As coisas não podem ser como eram, Lehzen. Agora que sou Rainha.

Lehzen parou de se mover, seu pé equilibrado sobre o degrau, como se congelado no meio do ar. Suas palavras foram lentas e dolorosas:

— Você não mais vai necessitar de uma governanta, suponho. Talvez esteja na hora de eu retornar a Hanover.

Vitória estendeu a mão, e seu rosto suavizou:

— Oh, Lehzen, não quis dizer isso. Não quero que vá a lugar algum. Só porque escolho descer as escadarias sozinha, isso não quer dizer que não a quero ao meu lado.

Lehzen tomou a mão de Vitória, e a cor começou a retomar seu rosto.

— Eu nunca quero deixá-la, Majestade. Meu único desejo é servi-la.

— E assim será, Lehzen. Mas não preciso mais de seu auxílio para descer as escadarias. — Vitória olhou para os andares superiores, onde sua mãe dormia. — Essa parte da minha vida acabou.

Lehzen assentiu sua compreensão.

— E você pode avisar a todos os criados que vou me mudar para o quarto da Rainha Maria na noite de hoje. Acho que já está na hora de eu ter meu próprio quarto, você não concorda?

Lehzen sorriu:

— Sim, Majestade. Creio que uma Rainha não dorme em uma choupana ao lado da cama de sua mãe.

Ao pé das escadas, ela pausou. O Arcebispo e o Lorde Chamberlain estavam do outro lado da porta da biblioteca. Ela esperara por esse momento

por tanto tempo e, ainda assim, agora que ele finalmente chegara, ela teve que lutar contra um súbito impulso de fugir para o conforto de sua sala de aula.

Ela nunca estivera em um cômodo sozinha com um homem antes, ainda mais um Arcebispo. Então ela ouviu o ruído das patas de Dash conforme ele descia pela escadaria de madeira. Ele se sentou aos seus pés, olhando-a com expectativa. Ao menos ele estava pronto para a aventura que os esperava. Vitória engoliu seu medo e caminhou em direção à porta. Ela era a Rainha agora.

Os dois homens grisalhos fizeram reverências enquanto ela entrava na biblioteca, e Vitória ouviu o som do joelho do Arcebispo estalar conforme ele se ajoelhava para beijar sua mão.

— É com tristeza que informo que seu tio, o Rei, faleceu às 2:34 da manhã de hoje — o Arcebispo disse. — A Rainha Adelaide estava ao seu lado.

Vitória ergueu os olhos para os dois rostos bigodudos que a olhavam de cima.

— Meu pobre tio querido. Que Deus tenha misericórdia de sua alma.

Ambos os homens curvaram as cabeças. Vitória se perguntou a respeito do que dizer a seguir, mas seus pensamentos foram interrompidos pela sensação de uma pequena língua áspera lambendo seu pé. Dash estava tentando chamar sua atenção. Ela mordeu o lábio.

— O último desejo do Rei foi recomendar a Rainha Adelaide ao seu cuidado. — Lorde Chamberlain baixou o olhar para Dash, e suas pálpebras pestanejaram. Vitória conhecia aquele olhar, que ela vira tantas vezes antes; era a expressão usada por um homem que sentia que o que estava fazendo estava aquém de sua dignidade. Seu lugar apropriado, o olhar dizia, era lidando com questões poderosas de estado, não alcovitando uma garotinha e seu cachorro.

Vitória pôs os ombros para trás e o queixo no ar, tentando se elevar de seus um metro e quarenta e oito para um metro e meio completos — se ao menos ela tivesse alguns centímetros a mais. Era incomumente difícil ser régia quando todas as pessoas conseguiam ver o topo de sua cabeça. Mas, ela se lembrou, não importava a sua altura. Ela pensou por um instante e decidiu usar a frase que uma vez escutara seu Tio Rei murmurar, e desde então desejara

muito usar:

— Obrigada, Arcebispo, Lorde Chamberlain. Vocês têm minha permissão para se retirar.

Ela manteve o rosto o mais calmo que podia enquanto os dois homens faziam reverências, e pondo-se a andar para trás para sair do recinto. Havia algo cômico beirando o irresistível de ver esses dois senhores se afastando como se fossem puxados por cordas invisíveis, mas ela sabia que não deveria rir. Ser a Rainha lhe dava o direito de dispensar, mas não de ridicularizar. O que todo monarca precisava ter era dignidade. Ela se lembrou de quão envergonhada se sentiu quando seu tio começou a cantar uma canção sobre um marinheiro bêbado no meio de um banquete de estado. Ele estava, ela pensou, bastante bêbado, e conforme cantava, pequenos filetes de saliva se formavam ao lado de sua boca. Ela olhou para os rostos dos cortesãos ao longo da mesa para ver como reagiriam, mas como ele era homem, eles mantiveram os rostos sérios e impassíveis como se nada desagradável estivesse acontecendo. O único sinal de que alguém notara as atitudes grotescas e inconvenientes do Rei foi um jovem laçao cujos ombros sacudiam de tanto rir, até que um colega mais velho lhe deu uma cotovelada para parar. Ela resolvera então que nunca permitiria que isso acontecesse quando fosse Rainha. A ideia de que seus cortesãos poderiam estar rindo dela por trás dos rostos impassíveis não era para ser cogitada.

Vitória olhou ao seu redor, mas como não havia ninguém por perto, ela segurou a barra de sua camisola e começou a correr escada acima, Dash latindo nos seus calcanhares. Correr era proibido no Sistema de Kensington, o sistema de regras estabelecido por sua mãe e Conroy para governar cada aspecto de sua existência. Correr escada acima teria sido impensável no dia anterior, mas hoje ela podia fazer o que quisesse.

Jenkins, sua costureira, esperava por ela. O vestido de seda negra, que fora encomendado na semana anterior quando ficou claro que o Rei não se recuperaria de sua doença, estava estendido em sua chaise-longue. Jenkins quisera encomendar uma variedade de vestidos, mas Sir John disse que seria um gasto desnecessário. Essa era outra coisa que teria que mudar agora que ela era Rainha.

Jenkins a olhava com curiosidade. Vitória percebeu que estava de punhos

cerrados.

— Você deve encomendar o restante das roupas de luto agora, Jenkins. Não vejo motivo para mais demoras.

— Sim, Madame. — O rosto redondo de Jenkins se rachou com a amplidão de seu sorriso.

Vitória ergueu os braços, e a costureira passou o vestido negro sobre sua cabeça. Ela se virou para se encarar no grande espelho. O vestido negro de seda com suas mangas trabalhadas era bastante diferente dos vestidos simples de musselina que sua mãe julgava apropriados. O vestido de luto fazia com que ela aparentasse mais idade, e as mangas plissadas davam aos seus contornos uma dureza que a agradava. Ela alisou as dobras de seda na cintura.

Ouvindo um som entre um suspiro e uma arfada, Vitória se virou para ver Lehzen parada atrás dela.

— Oh... Perdão... Majestade. Não estou acostumava a vê-la em negro, você parece tão... adulta.

Vitória sorriu para Lehzen.

— Fico contente. Já está na hora de as pessoas pararem de me ver como uma garotinha.

A porta do quarto abriu num estouro. A Duquesa de Kent apressou-se para entrar, seu cabelo ainda com papelotes para cachos, seu xale estampado de Paisley vibrando ao redor dela.

— Mein Kind, minha criança, aonde você foi? — A voz da Duquesa era, como sempre, recriminadora. Mas então Vitória viu sua mãe registrar o vestido negro, e observou sua expressão mudar de ofendida para chocada.

— Der König? O Rei?

Vitória assentiu. Sua mãe pôs os braços em torno dela, e ela se permitiu relaxar dentro do abraço com cheiro de lavanda.

— Mein kleines Mädchen ist die Kaiserin. Minha menina... tão pequena... a Rainha. Vitória se afastou.

— Chega de alemão, Mamãe. Você é a mãe da Rainha da Inglaterra agora.

A Duquesa acenou com a cabeça, os papelotes dos cabelos balançando. Ela pousou uma mão trêmula na bochecha de Vitória. Seus olhos azuis pálidos

estavam úmidos.

— Ah, minha pequena Drina, eu já lhe contei da minha viagem de Amorbach atravessando a França quando eu a tinha em minha barriga? — Ela gesticulou o volume de uma gravidez de oito meses. Vitória assentiu.

— Muitas vezes, Mamãe. — Mas a Duquesa não devia ser impedida.

— Era apenas uma carruagem alugada, e tão desconfortável. Mas eu apertava minhas pernas o tempo inteiro para que você, Liebes, pudesse nascer na Inglaterra. Eu sabia que se nascesse em qualquer outro lugar, então aqueles seus tios terríveis diriam que você não era inglesa e então não poderia ser Rainha. Mas eu me segurei.

A Duquesa sorriu para o seu próprio feito obstétrico. Ela estava certa, é claro, Vitória sabia disso. Já havia pessoas suficientes que duvidavam que uma garota de dezoito anos poderia ser uma monarca adequada, mas a ideia de uma garota de dezoito anos nascida na Alemanha nunca seria aceitável.

— Se ao menos seu pobre pai pudesse ter vivido para ver esse dia. — A Duquesa olhou para cima para a pintura em tamanho real do finado Duque de Kent, parado com a mão descansando em um canhão, pendurado atrás delas.

— Mas, Mamãe, mesmo que ele não tivesse morrido quando eu era bebê, ele nunca veria eu me tornar Rainha, não é mesmo? O único motivo pelo qual sou Rainha é que ele está morto.

A Duquesa balançou a cabeça, impaciente com a insistência pedante de Vitória nos fatos da sucessão.

— Sim, eu sei, mas você entende o que quero dizer, Drina. Ele ficaria tão feliz de pensar que, de todos os irmãos dele, era a filha dele que se tornaria a Rainha. Apenas pense, se eu não houvesse sido o que seu pai sempre chamava de uma égua parideira de Coburgo, então aquele monstro, seu Tio Cumberland, seria o Rei.

— A Duquesa tremeu com teatralidade e fez o sinal da cruz.

— Bom, ele não é. Não da Inglaterra, de qualquer forma. Mas é claro que ele é o Rei de Hanover agora — disse Vitória. Era uma brecha nas leis de sucessão que, embora ela pudesse herdar o trono britânico, por ser mulher, estava impedida de reinar sobre o estado Alemão, que fora regido conjuntamente desde que o Eleitorado de Hanover se tornara Jorge I em 1713.

Seu Tio Cumberland, sendo o próximo herdeiro homem, recebera o ducado alemão.

— Hanover! É, como se diz, uma pústula, no meio da Alemanha. Deixe que ele vá e seja Rei lá, e nos deixe em paz.

Vitória puxou o corpete de seu vestido para que ele ficasse reto. Sua mãe tentara assustá-la com o homem que ela chamava de “seu terrível Tio Cumberland” desde que ela conseguia se lembrar. Ele era a razão pela qual

Vitória sempre dormira no quarto de sua mãe, pois a Duquesa acreditava que se Cumberland viesse em busca de Vitória à noite, então ela poderia ao menos interpor seu corpo entre o assassino e sua filha.

Vitória não tinha dificuldade em acreditar que seu tio fosse capaz de homicídio; ele tinha uma aparência vilanesca quase cômica — alto e cadavérico com uma lívida cicatriz de duelo que descia pelo seu rosto. Quando o valete de Cumberland fora encontrado com a garganta cortada, a suposição geral foi de que Cumberland era o responsável. Ela tinha menos confiança na habilidade de sua mãe de defendê-la. Por mais determinada que a Duquesa fosse, Vitória não imaginava que mesmo ela poderia afastar um homem de um metro e oitenta e três com uma navalha degoladora.

Sua mãe estava fazendo rebuliço agora.

— Por que você não me acordou de vez? — Ela olhou com represália para Lehzen. — Você deveria ter me dito, Baronesa.

A Baronesa curvou a cabeça, mas nada disse. Ela mal conseguiria dizer que estivera agindo sob instruções explícitas da filha. Antes que a Duquesa pudesse se queixar mais, a porta se abriu e Sir John Conroy entrou, plantando-se, como sempre fazia, no meio do cômodo, como se tomasse posse de um território recém-conquistado. A Duquesa se virou de imediato e se agitou até ele.

— Oh, Sir John, você ouviu? Aquele homem terrível está morto, e nossa pequena Drina é Rainha. Observando a Duquesa pousar uma mão em seu braço, Vitória sentiu um arrepio de repulsa atravessá-la. Por que a mãe dela não podia ver que estava abaixo de sua dignidade como uma Duquesa real, e agora a mãe de uma Rainha, sempre estar bajulando este tipo odiável como se ele fosse um homem de posição e fortuna ao invés de um conselheiro pago?

Conroy falou em sua voz profunda e efervescente com leve inflexão irlandesa, suas palavras, como sempre, ditas com convicção total.

— A primeira coisa a decidir é como você vai se distinguir. Alexandrina é muito estrangeiro, e Vitória mal é o nome para uma Rainha. Você poderia adotar Elizabeth, talvez, ou Anne. Sim — o rosto longo e bonito de Conroy estava corado com sua proximidade ao poder. — Elizabeth II soa muito bem. Muito bem de fato.

Ele se virou para a mulher que o seguira para dentro do cômodo.

— Você não acha, Lady Flora?

Vitória seguia olhando diretamente para frente. Ela pensou que se não olhasse para Conroy e Flora Hastings, eles poderiam perceber que não eram bem-vindos. Mas ela ouviu o farfalhar da reverência de Lady Flora e seu murmúrio:

— Ser chamada de Elizabeth seria uma lembrança de uma grande Rainha. — A implicação não poderia ter ficado mais clara. Custaria mais do que um nome para transformar uma garotinha em uma monarca. A Duquesa se voltou para Vitória:

— O Arcebispo veio? Vou me vestir e então podemos ir vê-lo juntas.

Vitória se virou para vê-la. Ela podia sentir seu coração bater enquanto dizia em uma voz que era mais corajosa do que como ela se sentia:

— Obrigada, Mamãe, mas isso não será necessário. O Arcebispo e Lorde Chamberlain estiveram aqui mais cedo. Eles já beijaram mãos.

A Duquesa olhou para ela em terror:

— Você os viu sozinha! Mas Drina! No que estava pensando?

Vitória pausou antes de responder com o máximo de serenidade que conseguia:

— Um mês atrás, em meu décimo-oitavo aniversário, eu obtive idade suficiente para ser Rainha, e, portanto, capacidade suficiente de ver meus ministros sozinha.

A Duquesa olhou, como sempre fazia em momentos de dificuldade, para Conroy. Vitória estava satisfeita de notar que ele começava a desenvolver um leve estremecer no olho esquerdo. Houve um choque quando Conroy bateu sua

bengala coberta em prata no piso de madeira.

— Isso não é um jogo! No futuro — ele hesitou, mas conseguiu formar os lábios em torno de seu novo título —, Madame, você estará sempre acompanhada por sua mãe ou por mim. Você não pode fazer isso sozinha.

Vitória não podia evitar dar um passo para trás enquanto ele se avultava em sua direção. Mas ela disse a si mesma que não havia motivo para temer; não havia nada mais que ele pudesse fazer a ela. Nos seus pés, ela ouviu Dash rosnar.

Inclinando-se, ela pegou o spaniel no colo.

— Ah, não se preocupe, Sir John, eu não tenho nenhuma intenção de ficar sozinha. — Ignorando a expressão suplicante de sua mãe, ela virou o rosto para olhá-lo de frente. — Veja bem, eu tenho Dash.

E, discrição sendo a melhor parte da valentia, ela saiu do cômodo, segurando Dash com força em seus braços. Ela desceu o corredor às pressas, e então parou, sua cabeça ainda latejando com o som da bengala de Conroy quando bateu no chão. Ela sabia que não havia nada mais a temer, mas ainda assim o ato de desafiá-lo a deixara sem fôlego.

Capítulo Dois

As cortinas na cama eram feitas de brocado escuro coberto com prateado; estavam pesadas de poeira que parecia haver permanecido intocada desde a morte da última ocupante, Rainha Maria, de varíola em algum momento no final do século XVII. A Rainha Stuart sempre fora uma das favoritas de Vitória. Ela era a única Rainha em seu próprio direito de morar aqui em Kensington, apesar de, é claro, ela não ter reinado sozinha, mas em uma monarquia dupla com seu marido, Guilherme de Orange.

Conforme Vitória se sentava na cama no cômodo que um dia pertencera à Rainha Maria, ela se perguntou se aquela Rainha falecida fazia tanto tempo se sentira tão nervosa quanto ela se sentia agora. Ela esperara por esse momento por muito tempo. Ela imaginara em riqueza de detalhes a satisfação que sentiria em enfim poder colocar Conroy em seu devido lugar. Mas, ao invés do triunfo, ela se sentia instável, como se, por desafiar Conroy, ela tivesse de alguma forma posto suas próprias fundações em risco. Mas então Vitória se lembrou daquele momento no Ramsgate quando Conroy tentara forçar que ela assinasse aquele papel que o fazia seu Secretário Particular.

Vitória se deitou na cama da Rainha Maria, e seu movimento criou uma nuvem grande de poeira. Ela se sentou imediatamente; já conseguia sentir um espirro se aproximando; um formigamento ao redor de seus olhos. Tudo em Kensington era poeirento e irritante. O quarto teria de ser limpo e arejado com minúcia antes que ela pudesse dormir ali.

Ela olhou para o canto do quarto, onde Dash cheirava alguma coisa com suspeita. Ela se levantou e chamou por Lehzen, que apareceu com tanta rapidez que ela deveria estar espreitando do lado de fora.

— Pode se certificar de que esse quarto seja arejado por completo? Não acho que ele foi limpo desde o século XVII.

Lehzen hesitou:

— É claro, Majestade, mas o funcionamento da residência aqui não é minha responsabilidade.

Vitória respondeu:

— Você esquece, Lehzen, que o Palácio de Kensington agora é meu, e eu decidi que você deve tomar conta. Olhe para esse quarto! Há fezes de ratos por todos os lados. Isso não aconteceria em uma residência gerida de maneira apropriada.

Lehzen assentiu sua concordância.

— Temo que Sir John não se interesse por limpeza. A criadagem aqui sabe disso, e eles não executam suas tarefas com diligência.

— Bom, tenho certeza que você vai mudar isso, Lehzen, quando estiver encarregada da residência. Você é uma professora muito boa, afinal de contas.

Lehzen envolveu as próprias mãos em satisfação:

— Acredito que Sir John não ficará feliz com essa mudança de governo.

Vitória sorriu de volta:

— Não, não suponho que vá. Mas não estou mais sob nenhuma obrigação de agradar Sir John. Ele é o administrador da residência de minha mãe, não da minha.

— Sim, Majestade.

— Tudo será diferente agora.

As duas mulheres trocaram sorrisos.

Vitória caminhou até a janela e olhou para fora, para o pátio verde de árvores no parque além dos jardins formais.

— Para começar, não pretendo ficar aqui em Kensington. Fica a milhas de distância de qualquer coisa, e é bastante inadequado como residência real.

Lehzen olhou para ela em surpresa. Vitória continuou:

— Acho que vou examinar a Casa Buckingham. Fica no centro da cidade, ao menos, e creio que tenha uma sala do trono.

Lehzen assentiu.

— Ouvi que seu tio, Rei Jorge, a decorou de maneira muito extravagante.

— Melhor um pouco de extravagância do que morar em um ninho de ratos empoeirado no meio do interior!

— Vitória puxou uma das cortinas antigas para enfatizar o que dizia, e ela despencou em farrapos. Ela começou a rir, e depois de um momento, Lehzen

começou a rir também.

Elas ainda estavam rindo quando a Duquesa as encontrou. Ela agora estava vestida de preto, já que a corte estava de luto oficial pelo Rei, mas seu vestido era feito de uma seda negra adornada ricamente. Havia diamantes em seu cabelo arrumado de forma elaborada. Aos quarenta e sete anos de idade, a Duquesa era uma mulher atraente, seu rosto com grandes olhos azuis e coloração rosada apenas estragados pela boca carrancuda.

— Warum lachst du? O que é tão divertido?

Vitória ergueu o punhado de cortina desintegrada. A Duquesa franziu a testa.

— Mas por que isso a faz rir, Drina? Eu não acho engraçado.

— Estendi minha mão e a cortina se despedaçou. Foi muito divertido. — Vitória viu a incompreensão nos olhos da mãe.

— Mas por que você está aqui mesmo, Drina? Com certeza você tem questões mais urgentes a tratar do que explorar o palácio.

Vitória respirou fundo.

— Decidi fazer deste o meu quarto, Mamãe. Pertenceu a uma Rainha regente, como eu, então acho que é apropriado.

A mão da Duquesa se agitou rumo à sua boca.

— Mas Drina, minha Liebes, você dormiu junto de mim desde que era uma bebezinha. Imagino como você vai se orientar se eu não estiver lá para confortá-la durante a noite quando você estiver tendo um Alptraum. — A Duquesa parecia tão aflita que Vitória quase sentiu pena dela.

— Você cuidou muito bem de mim, Mama. Sei disso. Mas as coisas são diferentes agora.

— Mas e se seu Tio Cumberland vier pegá-la durante a noite, como eu a protegerei?

Vitória riu, e viu com o canto dos olhos Lehzen sorrindo.

— Creio que me proteger é agora o trabalho da Cavalaria da Casa. Você pode parar de se preocupar, Mamãe. Não há nada que Tio Cumberland possa fazer a mim, a não ser que queira ser preso por traição.

A Duquesa balançou a cabeça e, inclinando-a para o lado, fez outra tentativa.

— Você sabia que a Rainha Maria morreu neste quarto, deitada nesta cama? Eu não ficaria feliz dormindo aqui, sabendo dessa história. — Ela deu de ombros, e os cantos de sua boca se viraram para baixo.

Vitória não sabia que sua ancestral morrera assim como vivera neste quarto, mas então, ela pensou, muito menos sua mãe sabia. A Duquesa era bastante capaz de inventar uma história se servisse aos seus propósitos.

— Creio, Mamãe, que assim que este quarto for limpo e arejado apropriadamente, não serei perturbada por sua história.

A Duquesa ergueu as mãos.

— Além disso, Mamãe, não dormirei aqui por muito tempo. Pretendo me mudar para a Casa Buckingham o quanto antes.

A Duquesa parecia assustada.

— Você deve falar com Sir John antes de fazer qualquer coisa. Mover a residência, essa não é uma decisão que você pode fazer sozinha.

— Verdade, Mamãe? Imagino que, como Soberana, eu seja a única pessoa que pode decidir onde vou morar. E, de fato, não concerne Sir John de maneira alguma, já que é minha residência que vai mudar, não a sua.

Para a surpresa imensa de Vitória, sua mãe riu.

— Oh, Drina, isso mostra o quão pouco você sabe de como o mundo funciona. Você acha mesmo que você, uma garota solteira de dezoito anos de idade, pode definir um estabelecimento sozinha, mesmo que seja a Rainha?

Vitória não disse nada. Ela sabia o que ela pretendia.

— E você acha de verdade que consegue organizar tudo isso com apenas a Baronesa para lhe ajudar? — A Duquesa olhou para Lehzen com antipatia.

— Não sou mais uma criança, Mamãe.

— E ainda assim, age como uma, Drina. Mas entendo que tudo isso é um choque para você. Quando você voltar a si mesma, vamos falar com sensatez com Sir John sobre o futuro.

Antes que Vitória pudesse responder, a Duquesa deixou o cômodo. Para

expressar seus sentimentos, Vitória deu um chute forte no poste da cama, fazendo uma nuvem de tapeçarias devoradas por traças colapsar.

Vitória se virou para Lehzen:

— Por favor, deixe este quarto habitável de uma vez. Não posso passar mais uma noite no mesmo quarto que Mamãe.

Capítulo Três

Vitória ergueu os olhos para o retrato de seu pai usando o uniforme e posando ao lado de um canhão. Ela não podia esquecer, mesmo se quisesse, que era a filha de um soldado.

Ela se virou e abriu uma das caixas vermelhas em sua escrivaninha. Elas haviam chegado naquela manhã assim que a morte de seu tio fora anunciada de forma oficial. Era evidente que o negócio do governo, qualquer que fosse exatamente, deveria seguir em frente.

Vitória pegou o documento no topo da pilha e começou a ler. Ele parecia ser a respeito da nomeação de um novo bispo em Lincoln, mas estava escrito em linguagem tão torcida que Vitória não tinha certeza. Como ela deveria decidir entre tantos candidatos? — ela nunca havia ouvido falar de nenhum deles. Enquanto ela passava os outros documentos, começou a se sentir ansiosa: havia listas intermináveis de oficiais esperando por delegações, um papel do Ministério das Relações Exteriores a respeito da movimentação de tropas no Afeganistão, um memorando de Lorde Chamberlain a respeito da pensão de viuvez da Rainha Adelaide.

Vitória se sentou, tentando não entrar em pânico. Ela pegou uma das bonecas que estava em uma das cadeiras próximas. A boneca vestia uma coroa de fio prateado que Vitória fizera muitos anos atrás na classe de Lehzen. Falar com bonecas dificilmente era o comportamento esperado de uma Rainha, mas Mamãe e Conroy não gostavam que ela brincasse com outras crianças além da filha terrível de Conroy, Jane. Então, nas longas horas solitárias de sua infância, Vitória tivera de inventar suas próprias companheiras. Número 123, ela sentia que era um pouco mais velha do que ela, o tipo de amiga que alguém poderia buscar para conselhos e recomendações. Ela olhou para os olhos de botão preto e disse:

— Como você acha que uma Rainha lida com sua correspondência, Número 123?

— Ainda brincando com bonecas, Vossa Alteza Real? — a voz de Conroy a assustou. — Oh, me perdoe, ainda brincando com bonecas, Vossa Majestade?

— Conroy repetiu e sorriu com prazer malicioso.

A Duquesa se apressou atrás dele.

— De fato, você deve guardar coisas infantis agora que é Rainha, Drina.

Vitória colocou Número 123 na escrivaninha. Por instinto, ela deu um passo para longe de Conroy.

— Vejo que suas caixas chegaram... Madame — disse Conroy. — Você terá muitas questões urgentes para tratar.

Ele tomou o documento que Vitória estava olhando.

— Ah, o bispado de Lincoln. Uma decisão espinhosa. Eu não penso que o Deão de Wells seja adequado; ouço que ele é bastante evangélico em suas visões. Creio que deva nomear alguém que está mais em simpatia com...

Vitória arrancou o papel dele.

— Não creio que lhe dei permissão para olhar meus papéis, Sir John.

A Duquesa arfou, mas Conroy apenas ergueu uma sobrancelha.

— Eu apenas estava tentando ajudá-la, Madame, com suas tarefas oficiais. Pensei que, dado que você parecia estar envolvida com outras questões — ele lançou um olhar para Número 123 —, você poderia se beneficiar de alguma assistência.

Vitória ergueu os olhos para o rosto gordo e belicoso de seu pai, e com toda a coragem que conseguia reunir, deu um passo na direção de Conroy:

— Creio, Sir John, que quando eu precisar de sua ajuda, vou pedir!

O silêncio no cômodo foi completo, então Conroy riu.

— Você acha de fato que uma garota como você, ignorante e desinformada, pode servir seu país sem conselho? Você consegue imaginar que pode sair direto da sala de aula para o trono? — Sua voz era leve, e ele se virou para a Duquesa, que sorriu de volta para ele.

O sorriso de sua mãe fez Vitória cravar as unhas nas palmas das mãos, mas ela não iria ceder.

— Eu estaria mais bem preparada se você e Mamãe tivessem permitido que eu frequentasse a sociedade ao invés de me manter trancada aqui em Kensington.

— Tínhamos que lhe proteger, Drina — disse sua mãe, balançando a cabeça.

— Nós sempre fizemos o que é melhor para você, Madame. E é por isso que estamos aqui agora, para prevenir que faça qualquer erro infantil. — Conroy permitiu que seus olhos se voltassem para as bonecas sentadas em seus tronos pequenos.

Vitória respirou fundo.

— Creio que se esquece, Sir John, que sou a filha de meu pai, e a neta de um Rei. Estou determinada a servir meu país da melhor maneira que puder. — Ela olhou para sua mãe. — Você sabe que estou pronta, Mamãe. Você entende o quanto quero deixar você e papai orgulhosos.

Sua mãe olhou para ela por um momento com a ternura que Vitória desejava, mas então, como se assustada com um sentimento independente, ela se virou para Sir John, cujo sorriso permanecera fixo durante tudo.

— Seus sentimentos são admiráveis, Madame. Mas eu poderia opinar que uma garota de dezoito anos serviria seu país de modo mais bem-sucedido se aceitasse ajuda e orientação? Sua mãe não quer nada mais do que a servir, e, como seu Secretário Particular, eu poderei guiá-la para a glória maior do país sobre o qual você agora reina.

Conroy manteve a voz leve, mas Vitória conseguia ver o tique de denúncia no canto de seu olho esquerdo. Isso lhe deu coragem.

— Eu lhe agradeço por suas observações, mas devo lhe dizer que não me lembro de tê-lo nomeado meu Secretário Particular, Sir John. E agora, já que, como você diz, tenho uma grande quantidade de negócios governamentais para atender, você tem minha permissão para se retirar.

Conroy recuou. Ela viu sua mão se mover, como se estivesse prestes a bater nela, mas apesar de ela saber que ele era bastante capaz disso, Vitória seguiu firme. Ela manteve seus olhos nele, cerrando os punhos juntos para que ele não os visse tremendo.

Conroy acercou-se dela, mas Vitória não cedeu. Enfim, ele fez uma reverência com a cabeça com grande deliberação. Ainda a encarando, ele caminhou para trás para sair do cômodo.

Assim que ele estava fora de vista, Vitória deixou sair o suspiro que vinha

segurando com grande pressa.

— Quão rude você está sendo com Sir John, Drina — a Duquesa estava indignada ao ponto das lágrimas —, quando tudo que ele está sendo é seu amigo.

Vitória se virou para encarar sua mãe:

— Ah, não, Mamãe, você está enganada. Ele é seu amigo, não meu.

E antes que sua mãe pudesse responder, ou de fato ver as lágrimas que ameaçavam, Vitória correu para fora do quarto.

Capítulo Quatro

William Lamb, o segundo Visconde Melbourne e Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha e Irlanda, abriu os olhos com relutância. Seus servos tinham instruções estritas de não o acordar exceto se houvesse uma emergência. Ele olhou para a expressão grave de seu mordomo e então viu o Mensageiro do Rei parado atrás dele. Ao ver a braçadeira negra no braço direito do homem, ele se sentou na cama de imediato.

— O Rei?

O mensageiro assentiu com a cabeça e lhe entregou o despacho. Melbourne olhou para o mordomo.

— Café.

Cerca de uma hora depois, Melbourne estava cavalgando por Rotten Row para o Palácio de Kensington. Seria mais apropriado ir de carruagem, mas ele comera e bebera de forma muito livre na noite anterior e a cavalgada lhe faria bem. Ele adquirira o hábito de pegar no sono em seu escritório após a segunda garrafa de vinho tinto, o que não ajudava com seu humor no dia seguinte. Ele desejava poder pegar no sono, como costumava fazer, assim que sua cabeça tocava o travesseiro, mas essa aptidão fugira dele junto com a felicidade conjugal.

— William! — uma mulher o chamou de uma carruagem que vinha no sentido oposto. Ele viu Emma Portman sentada em sua carruagem de luxo Brougham junto de seu marido, que parecia, como sempre, bastante surpreso por conseguir se sentar ereto sem ajuda.

Ele cumprimentou ambos com a cabeça, mas Emma não era dispensada com tanta facilidade.

— É verdade que o Rei está morto?

— Sim, estou neste instante a caminho de Kensington para beijar a mão de nossa nova Rainha.

Emma inclinou a cabeça para o lado:

— Então por que essa cara triste, William? Com certeza qualquer um é

melhor que aquele paspalho velho, Deus o tenha.

Lorde Portman ergueu a cabeça e disse em sua pronúncia rabugenta com língua presa:

— É veldade que a cabeça da Lainha é glande demais pala seu colpo? Ouvi que é por isso que eles a deixam gualdada em Kensington.

Emma balançou a cabeça com impaciência.

— Bobagem, Portman, eu vi a Rainha, e ela é formada com perfeição. Acho que vai gostar dela, William. Melbourne deu de ombros, disse:

— Talvez, mas a verdade, Emma, é que depois de oito anos estou cansado de governar. Eu preferiria muito mais consultar as pedras e as gralhas em Bocket Hall.

Emma bateu com força seu leque na lateral da carruagem.

— As pedras devem esperar. Sua Rainha precisa de você, seu país precisa de você, e deve ser dito que eu gostaria muito de um lugar na corte.

Melbourne não conseguiu evitar sorrir. Ele conhecera Emma por toda sua vida e nunca soube de uma ocasião que ela não conseguisse o que queria. Apenas uma mulher de sua habilidade poderia ter manobrado seu panaca de marido para dentro de um posto de gabinete, mesmo que ele fosse apenas Subsecretário de Estado para as Colônias. Se Emma Portman queria se juntar à residência real, então nada a impediria.

— Nesse caso, Emma, vejo que não tenho escolha a não ser aceitar meu fardo. — Ele inclinou o chapéu para ela e seguiu em frente.

Foi uma cavalgada agradável, o sol refletindo-se no Lago Serpentine enquanto ele passava sobre a ponte. Conforme ele se aproximava dos jardins do Palácio, as árvores ficavam mais grossas, e ele se imaginou por um momento como o Príncipe no conto da Bela Adormecida, de Perrault, indo resgatar uma Princesa que estivera adormecida por cem anos. É claro, a Princesa, que agora ele deve pensar como Rainha, estaria bem acordada agora. A Duquesa, ele sabia, estivera fazendo perguntas diárias a respeito do estado da saúde do Rei; ela e Conroy estiveram sem dúvida esperando por esse momento por anos.

Melbourne se perguntou como a Rainha, cujo tamanho pequeno e traços de

boneca que tinha apenas vislumbrado em uma das salas de estar do Rei falecido, lidaria com suas novas responsabilidades. Ela parecera tão jovem. Mas como Emma dissera, qualquer coisa seria melhor do que os últimos ocupantes do trono. Os espertinhos de Brook's haviam definido os últimos três reis como “um imbecil, um libertino e um palhaço”. A nova Rainha era preferível ao Rei antigo, com suas blasfêmias devassas e aqueles olhos bojudos de Hanover que pareciam, quando ele estava enraivecido, prestes a pular para fora da cabeça. Não, uma moça seria uma mudança agradável, era só uma questão de não ficar histérica quando fosse pedido que ela fizesse algo desagradável. Melbourne se perguntou se ele seria ordenado a trazer saís de cheiro nos bolsos junto do relógio.

Ele chegou aos portões do Palácio de Kensington e notou que a pintura estava descascando dos arabescos de ferro. Não parecia um palácio, mais como um lugar em que as miudezas da família real poderiam ser guardadas longe do alcance do mal. A Duquesa de Kent vivera ali desde que se tornara a viúva obscura de um dos muitos filhos de Jorge III. Agora ela era a mãe da Rainha.

Ninguém poderia ter previsto. O Duque de Kent fora um dos quatro duques reais a descartar suas amantes e rumar para a Alemanha à procura de uma noiva real após a morte de Princesa Carlota, a única neta legítima de Jorge III, no parto. As apostas estavam no Duque de Clarence, como era chamado o Rei falecido, que gerara dez crianças na Senhora Jordan. Mas ele não teve a mesma sorte com sua noiva alemã descarnada, Adelaide de Saxe-Meiningen. Suas duas filhas não viveram por tempo suficiente para serem batizadas.

Kent, no entanto, o próximo irmão na sucessão, tinha escolhido para si uma viúva que já fora mãe de duas crianças. Ela era da família Coburgo, cujas mulheres eram conhecidas comumente como as éguas parideiras da Europa. A filha deles, Alexandrina Vitória, chegara um ano depois do casamento, seguida de imediato pela morte do Duque de um resfriado. É claro que na época ninguém pensara que a filha bebê de Kent herdaria o trono, mas conforme Jorge IV não dava sinais de se casar outra vez, e os Clarences eram malsucedidos em produzir uma criança que sobrevivesse, a pequena Princesa de Kent crescia no berçário em Kensington.

Melbourne se perguntara sobre que tipo de educação ela recebera. Um

garoto teria um tutor e um curso de instrução formal. Mas uma garota, como uma futura Rainha deveria ser educada? Melbourne esperava que ela tivesse recebido instrução além de aquarelas e piano, ou quaisquer habilidades que fossem consideradas indispensáveis para uma dama de classe.

Havia um homem parado na entrada do Palácio. Uma figura alta e magra com cabelo escuro que só poderia ser Sir John Conroy, Melbourne pensou. Ele o conhecera anos antes, e se surpreendera com o quanto tinha desgostado dele. Havia alguma coisa presunçosa a respeito dele de que Melbourne não tinha gostado.

Enquanto ele entregava o cavalo ao cuidador, Conroy desceu os degraus para cumprimentá-lo, um sorriso de boas-vindas gravado em seu longo rosto.

— Lorde Melbourne. — Conroy inclinou a cabeça em cumprimento. — Posso ter uma palavra com você? Melbourne viu que não tinha escapatória.

— Estou a caminho de ver a Rainha.

— Sim. É a respeito da... Rainha, que eu gostaria de falar. Você sabe, é claro, que ela viveu a vida mais reclusa até agora.

Melbourne notou duas machas vermelhas no rosto do homem. Era claro que ele estava preso de grande agitação.

— Sei muito pouco a respeito da Rainha, afinal, como você diz, ela não foi muito vista na sociedade.

— Como estribeiro do Duque falecido e então como o conselheiro mais confiado da Duquesa, eu zelei pela criação da Rainha desde que ela era bebê. Fiz tudo em meu poder para prepará-la para as responsabilidades que se estendiam à sua frente.

— De fato, Sir John. Então talvez seja uma pena você não tê-la apresentado para o mundo sobre o qual ela vai governar.

Sir John levantou a cabeça e olhou para Melbourne nos olhos.

— A Rainha é muito jovem e impressionável. A Duquesa não queria que ela fosse... distraída.

Melbourne não respondeu. Ele pensou que era muito mais provável que a Duquesa e Conroy tinham mantido sua carga longe dos olhares públicos de forma a mantê-la em seu controle por completo. Que infelicidade para eles que

a Rainha agora tinha dezoito anos, e não havia mais necessidade de apontar um Regente.

— Creio que não haja ninguém mais adequado do que eu para atuar como o Secretário Particular da Rainha

— Conroy prosseguiu. — Ninguém sabe melhor do que eu onde suas forças e fraquezas estão.

Melbourne assentiu com a cabeça.

— Sem dúvida. Mas creio que a decisão é da Rainha, não minha. Sir John sorriu seu sorriso desconsolado.

— A Rainha nem sempre entende o que é o melhor para ela, mas tenho certeza que, com algum conselho seu, ela fará a nomeação correta.

— Tenho certeza que fará, Sir John. E agora, se me dá licença. — Antes que Sir John pudesse dizer qualquer outra coisa, Melbourne estava subindo os degraus e entrando no Palácio.

Capítulo Cinco

Da janela de sua sala de estar, Vitória conseguia ver Conroy falar com um homem alto que ela pensava ser Lorde Melbourne. Conroy, ela conseguia ver, estava banhando o Primeiro-Ministro em todo o charme de que era capaz. Já que as costas de Melbourne estavam viradas para ela, ela não conseguia distinguir como ele estava reagindo.

Lehzen veio até a porta. Ela tinha uma expressão no rosto que Vitória não conseguia determinar com exatidão.

— O Primeiro-Ministro, Lorde Melbourne, está aqui, Majestade.

— Estou pronta para vê-lo.

Lehzen não se moveu. Vitória olhou para ela, surpresa.

— Não quero deixá-lo esperando, Lehzen. Ainda assim a Baronesa hesitou, então:

— Creio que deva ficar com você, como dama de companhia. Vitória riu:

— A Rainha da Inglaterra e seu Primeiro-Ministro não precisam de uma dama de companhia, Lehzen. Eu o verei sozinha, como pretendo fazer com todos os meus ministros. Agora, por favor, vá buscá-lo.

Lehzen resistiu.

— Drina... Majestade, eu sempre tentei protegê-la dessas coisas, mas de fato não devo deixá-la sozinha com ele. Lorde Melbourne é... — ela buscou a palavra adequada em seu vocabulário — desonroso. Sua esposa, Lady Caroline, fugiu com Lorde Byron, e ele esteve envolvido com muitas mulheres. Ainda no ano passado ele foi levado à corte por ter conversas criminosas com uma senhorita Norton. Você deve ter proteção.

Vitória, que não fazia ideia de que o Primeiro-Ministro tinha tamanha reputação, descobriu que estava mais intrigada do que alarmada.

— O que é uma conversa criminosa?

A Baronesa murmurou:

— É um... encontro imoral, Majestade. É por isso que você não deveria

ficar sozinha com ele.

O rosto de Lehzen estava tão contorcido com ansiedade que Vitória queria alcançá-lo e alisar as linhas de sua testa. Mas a ideia de que ela estava de alguma forma em risco era absurda. Havia apenas um homem que ela temia, e não era Lorde Melbourne. O que a incomodava naquele momento não era a reputação de seu Primeiro-Ministro, mas quão próximo ele estava de Conroy. Sobre o que estavam falando do lado de fora?

— Não se preocupe, Lehzen, vou estar bastante segura. E se ele fizer qualquer coisa desonrosa — ela olhou para o cachorrinho —, tenho certeza que Dash intervirá.

Lehzen baixou a cabeça e se afastou.

Vitória se espiou no espelho. Ela desejou não parecer tão jovem. Apesar de estar com o cabelo para cima, o coque na parte de trás de sua cabeça apenas enfatizava quão pequeno era o seu rosto, e o vestido negro a deixava pálida. Ela deu um beliscão na bochecha.

— O Visconde de Melbourne — o laçao anunciou. A primeira impressão de Vitória era de um homem que parecia contente em vê-la. Ele era alto e, apesar de seu cabelo levemente grisalho e de ele dever ter cerca da mesma idade de Conroy, a expressão em seus olhos verdes o fazia parecer muito mais jovem.

Melbourne se ajoelhou e beijou sua mão estendida.

— Ofereço minhas condolências pela morte de seu tio, o Rei, Vossa Majestade.

Vitória assentiu com a cabeça.

— Pobre Rei Tio, ele sempre foi gentil comigo. Mesmo tendo algumas ideias estranhas a respeito de com quem eu deveria me casar.

Certamente não seria necessário carregar saís aromáticos, Melbourne pensou consigo mesmo.

— De fato, Madame? Acredito que ele favorecia o Príncipe de Orange.

— Um príncipe com a cabeça do tamanho de uma abóbora.

Os lábios de Melbourne se contorceram.

— Vejo que tem um olho preciso para detalhes, Madame. Vitória olhou

para ele com agudeza: ele estava fazendo graça dela?

Melbourne lançou o olhar pelo cômodo, notando a foto do Duque de Kent parado ao lado de um canhão grande a ponto do inviável. Ele nunca conhecera o Duque mas estava bastante familiarizado com as histórias de punições selvagens que infligia a suas tropas. Ele esperava que a pequena mulher na sua frente não houvesse herdado a paixão do pai por disciplina. Ele olhou para longe rápido e viu uma boneca sentada em uma cadeira de miniatura usando uma pequena coroa esfarrapada de ouropel. Ele olhou para a Rainha:

— Que boneca encantadora. Ela tem um nome? Vitória balançou a cabeça.

— Ela é Número 123. Mamãe me deu em meu décimo-primeiro aniversário.

— Com a coroa?

— Não, isso veio depois. Eu a fiz no dia em que percebi que, se eu vivesse, seria Rainha.

— E quando foi isso, Madame? — perguntou Melbourne.

— Eu tinha treze anos de idade. Eu fazia uma lição com Lehzen e ela me mostrou a árvore genealógica da família. Eu a observei por muito tempo e então vi que eu era a próxima.

Sua voz era uma característica incrível, Melbourne pensou, leve e fresca sem um traço de estridência. Ela poderia ser pequena e sem beleza em particular, mas sua voz era régia sem dúvida alguma.

— Foi um choque, Madame?

Ela retornou o olhar dele com grande seriedade.

— Eu me lembro de pensar que a coroa de meu tio seria grande demais para mim.

Melbourne se sentiu desconcertado. Ele estivera falando com ela como se fosse com uma criança, mas ao ver a inclinação de sua cabeça e o brilho em seus olhos azuis pálidos, ele soube que a tinha subestimado.

Olhando pela janela, a Rainha disse:

— Acredito que conhece Sir John Conroy?

Melbourne ouviu a tensão em sua voz e viu o par de ombros desafiantes.

— Eu com certeza o conheci, Madame, mas não somos mais do que conhecidos. Acredito que ele gostaria de ser seu Secretário Particular.

Vitória se virou para encará-lo, seu rosto pequeno rosado em indignação.

— Isso está fora de questão. Ele quer me administrar como administra minha mãe.

Melbourne hesitou; ele começava a compreender o que a criação da Rainha fora.

— Então você deve ter outra pessoa.

Vitória assentiu com a cabeça, aliviada; este homem parecia de fato ouvi-la, ao invés de dizer a ela o que fazer. Melbourne continuou.

— Se eu puder fazer uma sugestão, talvez eu pudesse atuar como seu Secretário por enquanto. Vejo que as caixas já começaram a chegar, e temo que os negócios de governo não esperarão. Posso imaginar que deve parecer bastante esmagador quando se tem tão pouca experiência, mas posso lhe garantir que com alguma orientação, você em breve será o mestre, ou melhor, a mestra disso tudo.

Ante a palavra orientação, Vitória começou a tremer de indignação. Ela quase fora enganada pela amabilidade de Melbourne, mas se tornou claro que ele queria controlá-la assim como Conroy queria. Ela ergueu o queixo e se posicionou o mais ereta que podia.

— Obrigada, Lorde Melbourne, mas acredito que consigo lidar.

Melbourne fez uma reverência.

— Não a perturbarei mais, Madame. Eu apenas a lembrarei que o O Muito Honrável Conselho Privado de Sua Majestade se reúne amanhã, e é costumeiro que o monarca diga algumas palavras no começo do encontro.

— Estou bastante ciente de minhas responsabilidades, Lorde Melbourne.

Para sua surpresa, Melbourne parecia estar sorrindo.

— Estou encantado de ouvir isso, Madame. Tenha um ótimo dia — e com isso, ele fez uma reverência e deixou o aposento, aquele sorriso fácil ainda se demorando.

Os joelhos de Vitória pareciam fracos, e ela se sentou de forma bastante súbita. A observação de Melbourne a respeito do discurso ao Conselho

Privado viera como um choque. Ela sabia que presidir o Conselho era uma de suas obrigações constitucionais, mas não percebera que teria que se dirigir a eles tão formalmente.

Havia tantas coisas que ela não sabia. Lehzen fizera seu melhor, mas não se poderia esperar que uma governanta alemã sozinha educasse a futura Rainha da Inglaterra em suas responsabilidades constitucionais. Vitória deveria ter tido outros tutores, mas Conroy persuadira sua mãe de que qualquer um de fora da residência poderia exercer uma influência grande demais — uma influência que ele queria reservar para si mesmo. Mas ela não pediria ajuda agora. Não importando o quão difícil fosse, ela faria isso sozinha.

Pela janela, veio o som de um sino tocando para anunciar a morte do Rei para os transeuntes. Ela se levantou e foi à janela. Um grupo pequeno de pessoas se reunira em torno dos portões, que agora estavam guardados pelos homens da Cavalaria da Casa, de acordo com a posição nova dela. Uma garotinha que estava parada agarrada à saia de sua mãe tinha uma boneca parecida com Número 123. Vitória foi tomada por uma vontade súbita de correr para o lado de fora e mostrar à garotinha sua própria boneca, fazer seu rosto solene se iluminar em surpresa e prazer. Mas ela não se moveu. Uma Rainha, ela sabia, não agia por impulso.

Capítulo Seis

Penge, o mordomo, lhe trouxe a carta em uma salva de prata. Vitória ergueu os olhos da escrivaninha onde estivera tentando, sem sucesso, compor um discurso para o Conselho Privado pelas últimas duas horas.

— Com os cumprimentos de Lorde Melbourne, Madame.

Vitória tomou a carta e a pousou ao lado de sua própria folha de papel. Ela chegara a escrever “Meus senhores”. Até este ponto ela sabia que estava correto, mas isso incluía o Arcebispo, que era um Conselheiro, ou Sir Robert Peel, que não era um Lorde? Era tudo tão complicado. Ela poderia perguntar a Lehzen, mas ela suspeitava que ela não teria a resposta. Conroy saberia, é claro, mas ela preferiria cometer um erro em público a pedir por sua assistência.

Ela pegou a carta de Melbourne e quebrou o selo. Havia um invólucro com a carta.

Majestade,

Ocorreu-me ontem que você talvez não esteja ainda familiarizada com todos os protocolos em torno do Conselho Privado. Seria impossível para você antecipar todos os procedimentos de uma sociedade que não teve ainda o prazer, uma palavra que uso com alguma hesitação, de conhecer. Portanto, tomei a grande, mas espero que não indesejável por completo, liberdade de rascunhar um discurso para você. Não presumo lhe dizer o que dizer, apenas dar-lhe a maneira mais correta de como dizer. Não tenho de relembrar que o Duque de Cumberland, em breve a ser Rei de Hanover, estará presente e ele é, como você sabe, uma pessoa rigorosa com protocolos.

Acredite que sou seu servo obediente etc. etc., Melbourne

Ela pegou o papel que viera com a carta. Como prometido, era o rascunho de um discurso que lhe dava as linhas gerais de como se dirigir ao conselho. “Meus Lordes espirituais e temporais” era o vocativo correto, parecia, mas ele apenas fez sugestões em relação ao que ela poderia dizer.

Uma alusão às virtudes de seu tio o Rei falecido, seria costumeira aqui.

Caso tenha dificuldade em pensar em alguma, sugiro que mencione sua excepcional pontualidade. O Rei pode nunca haver tido um pensamento sensato mas ao menos ele sempre estava a postos.

O tom de Melbourne era bastante desrespeitoso com seu tio, mas Vitória não conseguia evitar um sorriso. Rei Guilherme de fato fora obcecado com pontualidade. Em Windsor, sua coisa favorita era seguir o homem que dava corda nos relógios, seu rosto redondo brilhava de prazer quando todos os relógios badalavam juntos.

Ela havia quase terminado de copiar seu discurso quando Lehzen entrou, carregando uma caixa longa.

— O Lorde Chamberlain enviou isso, Majestade.

Vitória abriu a caixa e viu o símbolo da Ordem da Jarreteira em forma de estrela em sua fita azul. Cavaleiros da Jarreteira, a forma mais antiga de cavalheirismo na Europa, vestiam uma jarreteira, uma liga de fato, em torno da perna esquerda, mas para uma mulher isso não era possível.

Ela inclinou a cabeça enquanto Lehzen colocava a faixa sobre sua cabeça. Parecia tão estranho colocar aquilo sem cerimônia; em geral, o herdeiro ao trono teria sido transformado em um Cavaleiro da Jarreteira por seu predecessor. Em seu caso, é claro, seu sexo impossibilitava isso. Mas agora ela era Soberana da Jarreteira, e ela sozinha poderia fazer novas indicações à Ordem.

Ela foi até o espelho e tentou ajustar a faixa. A Ordem, simbolizada por uma estrela adornada com a frase *Honi soit qui mal y pense* (Envergonhe-se quem nisto vê malícia), ficava empoleirada de maneira bastante infeliz em seu peito espartilhado. Vitória viu o olhar de Lehzen pelo espelho.

— Isso não foi, creio eu, feito para uma mulher usar, Baronesa. Lehzen se permitiu um meio-sorriso.

— De fato, Majestade. Posso sugerir? — Ela se aproximou e tentou ajustar a faixa para que a Ordem ficasse reta contra sua cintura. Mas a faixa era grande demais para ficar de forma confortável — ou ficava pousada ridiculamente em seu peito ou afundava na cintura.

Vitória a tirou e se virou para a carta de Melbourne. Ela observara um post-scriptum no verso:

Você irá, é claro, como Soberana, utilizar a Ordem da Jarreteira. É uma coisa pesada e de manejo difícil, então faço a sugestão de que siga o exemplo de sua predecessora como Rainha Regente, Rainha Anne, e a use no braço direito. É importante estar confortável, como tenho certeza que concordará.

— Acho que vou usá-la em meu braço, Lehzen. Não sou um homem e não há motivo para me vestir como um.

Capítulo Sete

Seria apenas o quarto de pé, pensou Melbourne, enquanto assistia aos Conselheiros Privados se espremerem para dentro do Salão Vermelho no Palácio de Kensington. Ele viu a figura alta de nariz de gancho do Duque de Wellington e seu companheiro corpulento Robert Peel, o líder dos Tories, na Câmara dos Comuns, disputando por espaço com o Arcebispo da Cantuária. Apenas o Duque de Cumberland poderia fazer seus companheiros Conselheiros abrirem espaço para ele. A cicatriz na bochecha direita do Duque parecia particularmente lívida nesta manhã, talvez inflamada pela frustração que deveria, era claro, ser dele. Melbourne não tinha dúvida de que Cumberland não estava feliz com as leis de sucessão que colocavam sua sobrinha de dezoito anos no trono ao invés dele. Hanover, segundo todas as histórias um lugar triste, não era um grande prêmio de consolação.

Ele se perguntou se a Rainha usaria o discurso que ele rascunhara para ela. Ela fora tão veemente a respeito de não precisar de assistência durante o encontro, mas no seu caminho para casa, decidira que mesmo que ela não precisasse de ajuda, ainda era a tarefa dele oferecê-la. Havia algo admirável no espírito dela; Melbourne não esperara que ela fosse tão distinta. Aquele contorno quase tangível nela o lembrava de sua falecida esposa, Caro. Ela também tinha dezoito anos quando ele a viu pela primeira vez.

Houve uma mudança no ritmo dos murmúrios em torno dele, o ronco de autocongratulações substituído por um sussurro expectante. Melbourne se virou e viu as portas no outro lado do salão sendo abertas pelos lacaios. Ali, emoldurada pela porta, estava a figura diminuta da Rainha. Um sobressalto coletivo preencheu o recinto. Apesar de todos os presentes terem vindo conhecer sua nova monarca, ainda era um pouco antinatural ver uma mulher, e uma tão jovem, tão pequena, no lugar até agora tomado por uma sucessão de homens velhos e cada vez mais gigantescos.

Vitória ouviu a arfada e colocou a mão no bolso da saia para conferir se o discurso ainda estava lá. Olhando para o oceano de rostos em sua frente, ela percebeu que nunca estivera em um recinto com tantos homens. Era muito peculiar, mas ela supunha que teria que se acostumar com isso. Ainda assim,

parecia que estava caminhando para dentro de uma floresta, cheia de árvores com troncos negros e folhas prateadas.

Ela caminhou devagar para a pequena tribuna que lhe havia sido preparada, não muito alta, mas iria ao menos trazê-la para o nível dos olhos das outras pessoas no salão.

Vitória olhou para os lados da tribuna. A maior parte do grupo era formada por estranhos, mas ela reconheceu o rosto sombrio do Arcebispo, e então o rosnado retorcido de seu tio. Com rapidez, ela olhou para o chão.

Depois de respirar fundo, Vitória tirou o discurso do bolso e começou a lê-lo.

— Meus Lordes espirituais e temporais, é com um imenso senso da honra que me foi conferida que estou aqui diante de vós.

— Fale mais alto, Madame, não consigo ouvi-la. — Seu Tio Cumberland tinha a mão na orelha em uma pantomima de surdez. Olhando para seu rosto malévolo, Vitória sentiu o estômago apertar. Ela tentou falar outra vez e percebeu que não conseguia fazer som algum, mas engoliu em seco e fechou os olhos. Ao abrir os olhos, ela olhou para cima e viu Lorde Melbourne fazendo-lhe um pequeno aceno de cabeça como quem diz, Pode prosseguir.

Vitória olhou outra vez para o papel em sua frente — ela tinha o discurso decorado, mas sentia segurança em ter algo para segurar — e continuou.

— Sei que alguns diriam que meu sexo me torna imprópria para as responsabilidades que se estendem na minha frente, mas estou aqui ante vocês para jurar minha vida para o serviço ao meu país.

Ela olhou outra vez para Melbourne, que sorriu ao reconhecer as palavras que ele escrevera para ela. Encorajada por aquele sorriso, ela seguiu em frente e sentiu a atmosfera no recinto retroceder de uma perturbação raivosa para algo mais dócil. Eles não resistiam; eles na verdade pareciam estar escutando.

— E que Deus tenha misericórdia de mim e de meu povo. — Quando terminou, Vitória se sentou no trono temporário, que na verdade era uma cadeira bastante desconfortável dos aposentos de sua mãe. Os Conselheiros Privados formaram uma fila ao se aproximarem à frente dela para jurar fidelidade.

Para seu alívio, Melbourne era o primeiro, e enquanto ele se ajoelhava em frente a ela em uma mesura formal, ela sussurrou:

— Obrigada por sua carta, Lorde Melbourne.

Ele ergueu os olhos para ela, e Vitória pensou que ele era notavelmente bonito para um homem velho o suficiente para ser seu pai.

— Fico feliz que você a achou útil, Madame.

Ele se moveu para trás dela e foi substituído por um velho com uma mancha de vinho do Porto no rosto que ela nunca vira antes. Ele se apoiou em um joelho e beijou sua mão com um entusiasmo bastante desagradável. Ela esperava que ele seguisse em frente, mas ele permaneceu ali, oscilando de leve com o esforço de estar nessa posição pouco familiar e pouco confortável.

Vitória se perguntou por que ele não levantava, e então percebeu, para seu desalento, que ele estava esperando que ela o cumprimentasse pelo nome. Era claro que ele sentia que era uma figura importante o suficiente para ser reconhecido de forma pessoal por sua nova Soberana. Os murmúrios no cômodo começavam a reverberar. Vitória sentiu o sangue subir-lhe às faces; ela não podia perguntar ao homem quem ele era, o que acrescentaria insulto à indelicadeza. Então, para sua surpresa e alívio intenso, ela ouviu uma voz em seu ouvido sussurrar:

— Visconde de Falkland, Madame.

— Visconde Falkland — disse ela, e enfim o homem vacilou para ficar em pé e se afastou para se juntar aos outros. Vitória olhou para Melbourne, que estava parado ao lado dela agora. Que sorte que ele notou seu dilema. Falhar de forma tão visível em sua primeira atividade pública era impensável.

Os Conselheiros continuaram a se enfileirar em frente a ela e beijar sua mão, Melbourne inclinando-se para murmurar o nome em seu ouvido quando era claro que ela não se lembrava. Ela se perguntou como seu Tio Guilherme, que mal conseguia se lembrar do nome da própria esposa, tinha conseguido tamanho feito de memória. Talvez, ela pensou, não seria desgraça alguma para ele se esquecer de um nome, mas ela sabia que a mesma tolerância não se aplicava a ela.

— Creio que esse Conselheiro não requer nenhuma apresentação, Madame.

A fila chegou ao final e ela se encontrou confrontada por seu Tio

Cumberland. No começo, ele não fez nenhum esforço para disfarçar seu desprezo, mas então com muita deliberação, ele se ajoelhou e tomou sua mão estendida como se estivesse fervendo. Ele resmungou como se mal conseguisse se fazer ouvir:

— Vossa Majestade.

Vitória soltou a mão dele e se forçou a olhar o tio nos olhos.

— Devo parabenizá-lo, tio. Quando irá ao seu novo reino? Cumberland acenou com a mão com pouca importância.

— Não estou com pressa alguma. Minha obrigação primária é com o trono britânico. A ameaça em seu tom era inconfundível. Ela ouviu Melbourne se movendo atrás dela.

— Tenho certeza que as pessoas em Hanover vão sentir muito em ouvir isso — ela disse com o máximo de acidez que conseguiu reunir.

A pálpebra ferida de Cumberland não se fechou por completo.

— Creio que devem estar preparados para esperar. Há tanto para ser atendido aqui.

Vitória estava pensando em como melhor replicar quando ouviu a voz de Melbourne atrás dela, tranquila e encorajadora.

— As multidões estiveram se reunindo o dia todo, Madame, apesar do tempo inclemente. Acredito que agora seja o momento de ler a proclamação.

Olhando para Cumberland, Vitória se levantou.

— Sim, de fato. Não quero deixar o meu povo à espera.

Ela teve a satisfação de ver Cumberland afastar o olhar primeiro.

O exame de Conselheiros Privados se separou antes dela enquanto ela seguia Melbourne para a sacada em frente ao palácio. Os berros da multidão conforme ela se aproximava da janela quase a empurraram de volta para dentro. Lorde Chamberlain estava parado ao lado dela com o rolo de papel com o qual a declararia Rainha em frente ao seu povo. Melbourne estava logo atrás dela.

Enquanto Lorde Chamberlain se preparava para fazer o anúncio oficial, Vitória se virou para Melbourne. Ela precisava tratar de um assunto dos mais importantes, e pensou que ele compreenderia.

— Sou chamada de Alexandrina Vitória na proclamação, acredito eu?

— Sim, Madame.

— Ainda assim, não gosto do nome Alexandrina. De agora em diante, eu gostaria de ser conhecida apenas por meu segundo nome, Vitória.

Melbourne assentiu com a cabeça.

— Vitória — disse ele, rolando o nome pela boca como se o saboreasse pela primeira vez. — Rainha Vitória — e sorriu.

Saindo para a sacada, Vitória ouviu o barulho da multidão crescer, até que finalmente uma mulher gritou:

— Deus salve a Rainha.

Vitória olhou para os rostos virados para cima lá fora, e acenou para seu povo.

Capítulo Oito

A carruagem passou pelo Marble Arch, a grande entrada cerimonial da Casa Buckingham. Apesar de ter sido descrita como um bolo de casamento real na época em que foi construída, graças às neblinas de Londres a cobertura do bolo era agora mais em matizes de amarelo do que em branco.

Vitória estivera na Casa Buckingham uma vez antes quando era uma garotinha. Ela se lembrava de ficar encantada com o tamanho das panturrilhas de seu Tio Jorge avultando sob suas meias de seda. Ele tinha beliscado sua bochecha com força o suficiente para fazê-la estremecer, mas compensou isso com a oferta de um bombom de uma caixa prateada ao lado dele. Ela aceitara com gratidão, afinal não havia nada de que ela gostasse mais, mas para sua mortificação, Mamãe roubou o Manjar turco de sua mão, afirmando que arruinaria seu apetite. O Rei parecera ofendido, e Vitória estava furiosa. Mais tarde, a Duquesa lhe disse que ela nunca deveria aceitar qualquer comida oferecida por seus tios, pois podiam ter sido “alteradas”. Vitória, que nunca entendera de fato o que sua mãe queria dizer, perguntou a Lehzen, mas a governanta deu de ombros e disse que a Duquesa tinha suas próprias ideias.

Conforme a carruagem passava pelo arco, Vitória arfou ao ver a fachada da casa.

— Tantas janelas.

— De fato, Madame. Essa casa quase faliu seu Tio Jorge — disse Lorde Melbourne. A outra ocupante da carruagem, a Baronesa Lehzen, não disse nada.

— Vai ser tão claro após Kensington — disse Vitória.

— Era muitíssimo escuro lá, Madame?

Vitória lançou um olhar para ele.

— Era difícil, às vezes, ver as coisas com clareza.

Melbourne inclinou a cabeça, reconhecendo o sentido não-dito.

Vitória não soube exatamente como proceder em relação às questões da mudança de Kensington. Sua mãe ficara desconcertada com a sugestão, não

conseguindo compreender por que alguém iria querer morar no meio da cidade, com todos os seus vapores nocivos, quando elas poderiam aproveitar o ar doce de Kensington, em meio a áreas arborizadas. Por fim, Vitória mencionou seu desejo para Lorde Melbourne, que concordou que um monarca deve ser visto por seu público de forma regular, e ela estaria muito mais próxima de seu povo na Casa Buckingham.

Vitória ficara agradavelmente surpresa com a velocidade com a qual Melbourne resolveu as questões. Na semana em que se tornou Rainha, ela notou que seus cortesãos pareciam sentir mais prazer negando seus pedidos do que os cumprindo. No dia anterior, o sol brilhara, mas Vitória mal conseguia ver as árvores pelas janelas da Galeria, que estavam atoladas em sujeira. Ao mencionar seu desagrado ao Lorde Chamberlain, Lorde Uxbridge, um homem com cabelo saindo pelas orelhas e um forte cheiro de vinho Madeira em torno de si, ela sentiu que ele ofegava. Isso foi seguido por um discurso longo e em boa parte incompreensível a respeito de precedentes, do que ela conseguiu entender que ele era responsável pela limpeza apenas do lado de dentro das janelas; o lado de fora era da responsabilidade do Master of the Horse ou algo assim. A irritação evidente de Vitória com esta resposta não pareceu fazer qualquer diferença. Essa era a maneira como as coisas eram feitas, e parecia que essa era a maneira como as coisas sempre seriam feitas.

Mas Lorde Melbourne, hoje ao menos, parecia ser um homem de palavra. Ele e Vitória tiveram sua audiência semanal pela manhã, e durante a tarde eles já se dispunham a olhar a Casa Buckingham.

Eles foram recebidos nos degraus por Lorde Uxbridge, cujo nariz parecia ter inchado e dobrado de tamanho.

— Eu esperava, Madame, por um pouco mais de aviso prévio. A casa esteve fechada por algum tempo, e foi permitido, temo eu, que a poeira se acumulasse. Posso recomendar que retorne na próxima semana, quando houver mais tempo para organizar as coisas de forma apropriada?

— Não tenho medo de poeira, Lorde Uxbridge. Já há suficiente dela em Kensington.

Lorde Uxbridge estava prestes a protestar quando Melbourne falou:

— Estou surpreso, Uxbridge, que a residência não esteja em estado de prontidão. A criadagem foi dispensada?

— Temo que quando uma casa não é usada com regularidade, alguma atenção a detalhes é perdida. Melbourne riu.

— O que você quer dizer, Uxbridge, é que a criadagem aqui é composta de inúteis que andaram comendo e bebendo às custas de Sua Majestade enquanto não fazem trabalho algum. Uma situação que se desenvolveu mesmo que a governanta desta casa seja, acredito eu, uma amiga em particular sua?

Vitória viu o rosto de Lorde Chamberlain, já corado, inchar com tanta emoção que seu nariz parecia prestes a explodir de fato. Ela não entendia por completo por que a menção de Melbourne à governanta o levaria a um estado de quase apoplexia, mas ela satisfez-se em vê-lo se virar e gesticular para os lacaios, cujas perucas ela já notara que estavam bastante desalinhadas, para que abrissem as portas.

Caminhando pelo hall de entrada e olhando para as cornijas douradas do teto distante, Vitória se sentiu bastante alegre. Mesmo com toda a mobília coberta de lençóis para evitar a poeira, os quartos pareciam muito mais magníficos que seus aposentos em Kensington.

Eles seguiram pelo corredor longo, com os lacaios correndo à sua frente para remover os cobertores. O quarto parecia desabrochar na frente deles enquanto cadeiras douradas, mesas laterais de malaquita e torchères de mármore eram revelados.

Eles chegaram a uma porta dupla, que se abria em uma expansão vasta de vermelho, branco e dourado. Ao final, sob uma plataforma vermelha, estava o trono, estofado em veludo vermelho com o monograma GR de seu tio gravado nas suspensões em fios de ouro.

Vitória hesitou por um segundo, então atravessou o cômodo e se sentou no trono. Enquanto ela se acomodava, criou uma nuvem de poeira dos assentos.

— Acho difícil de crer, Uxbridge, que a Rainha esteja se sentando em um trono empoeirado. — A voz de Lorde Melbourne estava leve como sempre, mas ninguém conseguiria negar sua reprovação. Os ombros do outro homem estavam afundados, sem sinal de sua arrogância anterior.

Vitória percebeu que apesar de o trono ser confortável, seus pés não tocavam o chão. Notando isso, Melbourne disse:

— Acredito, Madame, que antes de você oferecer seu primeiro Baile

oficial, precisamos encontrar um trono que lhe sirva.

Ela olhou para baixo, para seus pés balançando no ar.

— É difícil parecer dignificada quando seus pés estão a seis polegadas do chão, isso é verdade.

Ela ergueu os olhos para ver Melbourne sorrir para ela.

— De fato, Madame, e acredito que precisemos mudar o monograma. Vitória riu:

— Sim, acredito que você tenha razão.

Lehzen deu um passo à frente.

— Talvez, Majestade, nós devamos olhar seus aposentos particulares. Lorde Uxbridge, você nos mostra o caminho? — Lehzen acenou com a cabeça no sentido do Lorde Chamberlain.

Havia uma agudeza na sua voz que fez Vitória olhar para sua governanta. Havia duas marcas vermelhas nas bochechas de Lehzen. Ela se lembrou do aviso de sua governanta a respeito de Melbourne; com certeza ela não achava ainda que ele era uma companhia inapropriada? Mas então ela viu Lehzen olhar para Melbourne e percebeu que sua governanta estava com ciúmes. A Baronesa estava acostumada a ter Vitória só para si.

Eles seguiram Lorde Uxbridge por uma galeria de imagens iluminada por uma claraboia de vidro. Melbourne parou em frente a uma pintura de uma mulher segurando um cachorro pequeno.

— Ele tinha bom gosto, seu tio, mesmo que não tivesse nenhum juízo.

— Isso é possível, Lorde Melbourne?

— Bastante provável, Madame. Em minha experiência, uma apreciação requintada das coisas mais finas da vida pode existir em paralelo com a loucura mais terrível. Seu tio nunca comprou uma pintura ruim ou se apaixonou por uma mulher aborrecida, mas ele não tinha nenhum senso comum.

— Entendo — disse Vitória.

— Mas ele deixou algumas construções muito finas. O Pavilhão Real em Brighton é bastante memorável, e ele transformou este lugar em algo digno de um Rei. Talvez isso seja um legado suficiente para ele. Não há muito mais, Deus sabe.

— Espero, Lorde Melbourne, que quando eu estiver morta, as pessoas não falem de mim com tão pouco respeito.

— Você está chocada, Madame, por minha lèse-majesté. E talvez você tenha razão, mas eu a interpretei como alguém que aprecia franqueza.

— É algo que sem dúvida aprenderei a apreciar.

Houve uma tosse de Lorde Uxbridge, que gesticulou para duas portas duplas.

— Este é o caminho para os apartamentos particulares, Madame.

Os aposentos privados eram tão resplandecentes quanto o resto do Palácio. Cada superfície estava banhada a ouro, e os quartos pareciam ainda maiores com a profusão de espelhos. Apenas o quarto, com sua cama coberta com um dossel com brocado vermelho, não tinha um espelho.

— Acredito que esses aposentos, com algumas alterações, podem se provar adequados ao seu uso, Madame — disse Lorde Uxbridge. Melbourne olhou para os lados e ergueu uma sobrancelha.

— Você pode querer mudar a mobília para algo mais feminino.

— Eu me pergunto por quê, em um lugar com tantos espelhos, não há nenhum no quarto? É claro que meu tio deveria ter desejado conferir sua aparência antes de encarar o mundo — disse Vitória.

O Lorde Chamberlain olhou para Melbourne que, com um sorriso leve, começou:

— Com o risco de outra vez ofender a sombra do Rei falecido, suspeito que nos momentos em que ele morava aqui, não estava feliz por completo com seu reflexo, Madame. Ele fora muito admirado por sua forma na juventude, mas temo que conforme o tempo prosseguiu, ele se tornou de todo muito afeiçoado dos prazeres à mesa, e sua cintura sofreu como consequência. De fato, ao final de sua vida, ele descobriu ser impossível caminhar sem ajuda devido ao seu porte. Acredito que este quarto era um local onde ele poderia se retirar e não ter de ser lembrado de suas trapalhadas a cada vez que virasse a cabeça.

— Você soa como se sentisse pena dele.

— Não posso negar. Ele pode ter sido um tolo, mas sua vida não foi de

felicidade.

Vitória olhou para os lados para o cômodo vasto.

— Creio que vou encontrar dificuldades em dormir aqui sozinha por completo. Lehzen, vou precisar tê-la próxima de mim.

Lehzen sorriu com uma espécie de alívio, e Vitória se virou para Uxbridge:

— Existe algum lugar adequado para a Baronesa ter um quarto?

— De fato, Madame. Existe um quarto ali ao lado, depois daquela porta.

A pequena antessala estava decorada com painéis de seda chinesa e tinha uma delicada cama de bambu falso.

— Mas este quarto é adorável! Muito mais íntimo que o outro. Eu me pergunto quem dormia aqui? Lehzen fez um de seus ruídos e Vitória viu Melbourne e Uxbridge trocarem olhadas.

— Existe algum mistério, Lorde Uxbridge?

Uxbridge olhou para os sapatos. Houve uma pausa, então Melbourne falou:

— Este cômodo, acredito, pertenceu à senhorita Fitzherbert, a esposa de seu falecido tio.

— Sua esposa? Mas pensava que ele se casou com uma princesa alemã.

— Carolina de Brunsvique de fato se casou com o Rei, mas antes disso, Madame, ele se casou com uma Maria Fitzherbert.

Vitória estava confusa.

— Não entendo. A senhorita Fitzherbert morreu?

— Não, Madame.

— Então meu tio poderia ter sido casado com duas mulheres ao mesmo tempo? Isso não é o que eles chamam de bigamia? Pensei que fosse crime. — Vitória estava chocada; sua mãe sempre falara de seus tios serem perversos, mas ela imaginara que sua mãe estava, como sempre, exagerando.

— De fato é, Madame, mas as regras são um pouco diferentes se você é o Príncipe de Sangue. O Príncipe de Gales, como ele era na época, seguiu com uma cerimônia de casamento com a Senhorita Fitzherbert, mas como ele não tinha o consentimento de seu pai, o casamento era ilegal. O Príncipe e a donzela, ambos sabiam disso, mas a Senhorita Fitzherbert era católica e estava

bastante determinada a ter a sanção da Igreja antes de entregar sua virtude.

Lehzen arquejou e apressou-se em dizer:

— Creio, Majestade, que devemos retornar a Kensington. O armeiro virá esta tarde.

Vitória se virou para Melbourne.

— Obrigada por explicar as coisas para mim, Lorde Melbourne. Há tanto, eu percebo, que não sei. Até mesmo sobre minha própria família.

— Todas as famílias têm seus segredos, Madame. Mas estou satisfeito de ter sido útil.

Vitória dirigiu-se à porta.

— Talvez, Madame, você possa querer olhar os aposentos da Duquesa antes de ir — disse Lorde Uxbridge. Vitória parou:

— Oh, não tenho certeza de que isso será necessário. Acredito que a Duquesa está bastante confortável em Kensington. Parece uma pena perturbá-la.

Melbourne, que estivera olhando para fora da janela, se virou para olhá-la.

— Perdoe-me, Madame, mas creio que seria um erro a Duquesa permanecer em Kensington.

— Um erro, Lorde Melbourne? Não seria esta uma questão para minha mãe e eu?

Será que Melbourne estava de fato concordando com a mãe dela?

Melbourne caminhou na direção dela e disse em uma voz mais baixa, para que Lehzen e Uxbridge não pudessem ouvir:

— Não tenho a presunção de interferir em uma questão familiar, Madame. Mas eu deveria lhe dizer que se você, uma moça solteira de dezoito anos, vivesse longe de sua mãe, isso causaria comentários adversos. Seus tios não eram modelos de virtude, mas eu creio, Madame, que você não quer que seu povo pense que você está seguindo seus passos.

— Mas não sou nada como meus tios — retrucou Vitória. — Não tenho nenhuma intenção de me comportar de qualquer forma imoral.

— Fico contente de ouvir, Madame. Mas se deixar sua mãe para trás em

Kensington, haverá conversas de gênero desagradável, e isso seria uma vergonha tão cedo em seu reinado.

— Entendo — Vitória pressionou os lábios. Ela sabia no fundo que Melbourne estava certo, mas isso não fazia a situação menos exasperante.

— Você se irrita comigo dizendo isso, Madame, mas sinto ser meu dever. Você tem, é claro, bastante liberdade para me ignorar. — Melbourne sorriu para ela. — Eu não ficarei ofendido. Sei muito bem que é muito mais fácil dar conselhos do que ouvi-los. Vitória pausou.

— Talvez seja... inconveniente ter Mamãe num lugar distante como Kensington. Às vezes, há coisas que preciso perguntar a ela, e seria exaustivo ficar mandando mensageiros o tempo todo.

Lorde Uxbridge mostrou a eles uma suíte de quartos adjacente aos aposentos da monarca. Vitória caminhou por eles e então se virou para Lorde Uxbridge.

— Esses cômodos são bastante apropriados, mas temo que estão no lugar errado.

— No lugar errado, Madame?

— Sim. Não estou contente com sua localização.

Uxbridge parecia confuso. Melbourne limpou a garganta.

— Tenho certeza que há uma suíte de quartos similar na ala norte, Uxbridge.

— Sim, de fato, mas não haveria acesso fácil aos seus aposentos, Madame, afinal a única comunicação é pelo bloco central.

— Ah, acho que isso serviria muito bem. Mamãe não gostaria de ser perturbada o tempo todo com minhas idas e vindas, não concorda, Lorde Melbourne?

— Muito atencioso, Madame.

— Bom, agora que isso foi arranjado, eu gostaria de me mudar sem demora, Lorde Uxbridge.

Uxbridge mexeu em um dos botões em seu colete.

— Quando você diz sem demora, Madame, você está, é claro, ciente de que

tomará algum tempo para ajustar as coisas conforme seu gosto.

— Muito bem. Posso esperar até segunda-feira.

— Segunda-feira, Madame? Mas isso é apenas daqui a quatro dias! Temo que seja praticamente impossível.

— Impossível, Lorde Uxbridge? — disse Vitória em seu tom mais régio.

O botão do colete de Uxbridge enfim sucumbiu às fuçadas de seu dono, saltou das mãos dele, atravessou o quarto e aterrissou com um pequeno baque aos pés de Melbourne.

Melbourne o pegou e entregou de volta ao dono.

— Tenho certeza, Uxbridge, que quando você considerar a situação, vai descobrir que a Rainha e sua família poderão muito bem se mudar na segunda-feira. E acho que você pode querer fazer algumas mudanças entre os serviçais. Um trono empoeirado não constitui um bom exemplo.

Uxbridge fez um gesto misto de reverência e sinal de derrota.

— Farei os ajustes necessários, Madame.

Vitória sorriu.

— E agora eu gostaria de ver os jardins. Ouvi que são os mais esplêndidos.

Eles caminharam pelas trilhas de cascalho em direção ao lago, Lehzen e Uxbridge à frente, a Rainha e Melbourne atrás deles. Vitória se virou para Melbourne.

— Por que Lorde Uxbridge enrubesceu tanto quando você mencionou a governanta aqui, Lorde Melbourne?

— Ela é a amante dele, Madame. E apesar de ela poder muito bem cumprir esse papel da forma mais exemplar, creio que como governanta deixa muito a desejar.

Vitória pausou; ninguém nunca falara com ela de forma tão aberta a respeito de coisas assim. Ela sabia que deveria estar escandalizada, mas descobriu para sua surpresa que se sentia lisonjeada. Sua mãe, Conroy, até mesmo Lehzen poderiam haver tentado ocultar a verdade, mas Melbourne não parecia achar necessário.

— Você fala com muita franqueza, Lorde Melbourne.

— Espero não lhe ofender, Madame. Não falo com uma moça de sensibilidades delicadas, mas com uma Soberana.

Vitória sorriu.

— Não posso me opor a isso. De fato, creio que prefiro assim. Estou cansada de ser tratada como uma mocinha sem um pensamento na cabeça.

— Ninguém pode fazer isso agora, Madame.

— Você ficaria surpreso, Lorde Melbourne. Ainda na manhã de hoje, Sir John Conroy e Flora Hastings vieram à minha sala de estar sem se anunciar, com uma lista de mulheres que eles consideram apropriadas para compor a casa. Flora Hastings me disse que escolhera garotas que não estavam acima da altura média!

— Isso foi cuidadoso da parte dela, talvez, mas mencionar é pouco diplomático.

— Eles estão sempre fazendo troça comigo por ser pequena. Pensam que só porque não cresci em estatura, não amadureci em mente. Conroy, Lady Flora e até mesmo mamãe ainda me veem como uma criança, não como Rainha. De fato, eles não acreditam que sou capaz de governar.

Melbourne parou no caminho de cascalho e se virou para olhar Vitória.

— Então eles estão errados, Madame. Não a conheço há muito tempo, é verdade, mas observei em você uma dignidade natural que não pode ser aprendida.

— Você não pensa, então, que sou muito pequena?

— Para mim, Madame, você é uma Rainha em cada polegada. E qualquer um que discorde disso deve ser enviado direto para a Torre.

— Ah, isso ainda é permitido? — disse Vitória.

— Não sei se o Traitor's Gate ainda está aberto, mas tenho certeza de que há equivalentes modernos.

Vitória riu.

— Acredito que você está fazendo graça.

— De modo algum. Apenas aponto a verdade, que qualquer um seria tolo em ignorar.

Vitória viu Lehzen olhar para eles do outro lado do lago. Com a inclinação repreensiva da cabeça da governanta, Vitória conseguia ver que ela se sentia deixada de lado.

Ela disse:

— Quando nos conhecemos, Lorde Melbourne, você se ofereceu para atuar como meu Secretário Particular.

— E você recusou minha oferta, Madame.

Vitória hesitou, e então disse:

— Você ainda estaria disposto a assumir esse cargo? Noto que preciso mesmo de alguma assistência, e acredito que você seria a pessoa mais adequada para me ajudar.

Melbourne fez uma pequena reverência.

— Seria um privilégio e um prazer servi-la de qualquer forma que eu possa, Madame.

Vitória viu Lehzen voltando pelo outro lado do lago na direção deles.

— Creio que estamos de pleno acordo — ela pausou, e então, sorrindo ante a sua própria ousadia, Lorde Melbourne sorriu de volta para ela. — Há uma coisa que me intriga. — Vitória gesticulou para os gramados extensos até a grande fachada curvada da casa.

— Por que se chama Casa Buckingham? Isso aqui me parece mais um Palácio.

— Bom, Madame, acredito que você possa chamá-lo como quiser.

Capítulo Nove

Vitória dera a Lehzen a tarefa de levar sua mãe, a Duquesa de Kent, aos seus novos aposentos no Palácio de Buckingham. Ao subirem a grandiosa escadaria dupla, virando à esquerda rumo à ala norte da casa, Lady Flora Hastings e Sir John Conroy seguindo atrás, as duas mulheres viram o aglomerado de lacaios carregando o retrato do Duque de Kent para cima na escadaria oposta. Ao ver isso, a Duquesa parou e se virou para Lehzen.

— Aonde vai a pintura de meu pobre marido falecido? Espero que seja um lugar de respeito.

— Ah, sim, Madame. A Rainha pediu que ela seja colocada em sua própria sala de estar.

— Entendo.

Elas continuaram a subir as escadarias até que chegaram à suíte de quartos que Vitória escolhera para sua mãe. As paredes eram forradas de seda amarela, e a mobília tinha sido feita pelo marceneiro Chippendale em madeira de nogueira.

— A Rainha espera que você fique contente com esses aposentos, Madame. Como você pode ver, eles têm uma bela vista dos jardins e do lago. — Lehzen fez um gesto no sentido da janela, mas a Duquesa a ignorou, ficou parada no meio do cômodo e fungou.

— Os quartos são toleráveis, suponho, mas a cor amarela não me agrada, como minha filha sabe. — Lehzen fez uma mesura com a cabeça. — E onde estão os quartos de Drina, Baronesa?

— Os quartos da Rainha ficam na ala sul, Madame, adjacentes às salas de Estado.

Alguma coisa no tom de Lehzen fez a Duquesa a olhar de forma penetrante.

— E onde você dorme, Baronesa?

— Tenho um quarto ao lado do da Rainha. — Lehzen pausou e então acrescentou com um sorrisinho: — com uma porta que dá acesso ao quarto de Sua Majestade. — A Duquesa se virou. — E agora, se você me dá licença,

Madame, devo ir e conferir os arranjos dos aposentos da Majestade. Como você sabe, ela — Lehzen olhou para Sir John Conroy — me colocou no comando da residência.

Lehzen deixou o cômodo sem olhar para trás.

Cruzando para a outra ala, encontrou Vitória esperando por ela.

— Mamãe gosta dos seus quartos novos?

— Creio, Majestade, que talvez você possa querer perguntar à Duquesa você mesma.

Vitória suspirou.

— Muito bem. Todos eles estão lá?

— Se você quer dizer Sir John Conroy e Lady Flora Hastings, então sim, eles estavam com a Duquesa quando saí.

— Entendo.

Vitória olhou para Lehzen, que balançou a cabeça.

— Creio, Madame, que a Duquesa não vai querer me ver tão cedo.

— Não vejo o que ela tem para se queixar. Os quartos estão mobiliados da maneira mais elegante, você não acha?

— Sim, Majestade, mas você sabe que a Duquesa tem os gostos mais peculiares.

Vitória tomou suas saias nas duas mãos e, se virando, subiu a escadaria para a ala norte dois degraus por vez. Ainda havia uma emoção deliciosa em poder fazer exatamente como queria, depois de todos esses anos tendo de esperar e segurar a mão de Lehzen. Quando ela chegou ao topo, viu um laçaio olhando para ela surpreso e se arrependeu da impulsividade. Ela parou abruptamente.

— Por favor, anuncie minha chegada à Duquesa.

O laçaio assentiu. Vitória pensou que se tivesse de visitar sua mãe tendo Conroy e Flora como plateia, faria sua entrada como uma Rainha.

— Vossa Majestade a Rainha — o laçaio anunciou.

Vitória adentrou o cômodo e, com o canto dos olhos, registrou a cabeça de Conroy fazer uma mesura com rancor e Flora Hastings fazer uma reverência

exagerada. Sua mãe permaneceu sentada. Vitória conseguia ver que os cantos de sua boca estavam virados para baixo.

— Vim para ver como você estava se ajustando aos seus quartos novos, Mamãe.

— Tão gentil da sua parte — a Duquesa a queimou com os olhos — vir até aqui. Vitória caminhou até a janela.

— Que vista charmosa você tem. Olhe como a casa de verão se reflete no lago. Acho os jardins daqui tão bonitos.

— Você se agrada de forma tão fácil, Drina.

Sir John limpou a garganta.

— Acredito, Madame, que agora que está instalada aqui na Casa Buckingham...

Vitória o interrompeu:

— Palácio, Sir John. Palácio de Buckingham.

Conroy inclinou a cabeça de modo quase imperceptível.

— Agora que você está estabelecida no Palácio de Buckingham, está na hora de dar seu primeiro baile no Salão de Baile oficial. Isso requererá planejamento cuidadoso, é claro, mas eu já comecei a lista de convidados. Todos os embaixadores, os outros membros da família real, e então você irá querer ter políticos dos dois lados do...

Sentindo-se um pouco surpresa com sua própria ousadia, Vitória ergueu a mão para pará-lo.

— Eu já fiz a lista, obrigada, Sir John.

— Você fez a lista sozinha, Madame? Você acha que isso é sábio? O protocolo nessas ocasiões é traiçoeiro.

— Estou ciente disso, Sir John. É por isso que pedi a Lorde Melbourne para fazer os arranjos. Acredito que ele seja bastante experiente nesses assuntos.

— Sim, de fato, mas fico surpreso que ele, como Primeiro-Ministro, tenha tempo para cuidar de coisas assim.

— Creio que Lorde Melbourne deve ser o juiz disso. Ele se ofereceu para

atuar como meu Secretário Particular, e eu o aceitei nesta posição.

Conroy pegou sua bengala, e Vitória pensou por um instante que ele estava prestes a bater no chão. Um olhar de Lady Flora pareceu segurar seu impulso.

— Entendo. Você tem seus motivos, sem dúvida, apesar de eu crer ser uma má ideia passar tanto tempo com o Primeiro-Ministro.

A mãe de Vitória concordou com vigor com a cabeça.

— Você tem que ser imparcial, Drina. Seu pai era um Whig, mas ele estava sempre sendo educado com os Tories. — Seu sotaque alemão sempre ficava mais pronunciado quando ela se agitava.

— O que me traz à questão de suas damas de companhia, Madame — disse Conroy. — Essas nomeações são muito cruciais para estabelecer o tom de sua corte. Você vai precisar de ao menos oito: uma Mistress of the Robes, da rouparia, Ladies of the Bedchamber, de quarto, e grande número de damas de honra.

Vitória olhou para ele de forma impassível, então se virou na direção da porta.

— Realmente tenho que ir, Sir John. Bom dia, Lady Flora. Mamãe.

Ela saiu do quarto antes que sua mãe ou Conroy pudessem dizer qualquer coisa a mais, mas quando ela chegava ao descanso, ouviu passos atrás de si.

— Um momento, Madame.

Virando-se, Vitória foi abordada pela figura angulosa de Lady Flora agarrada a um pedaço de papel.

— Tenho algumas jovens aqui, Madame, para suas damas de honra. Essas sugestões são sempre solteiras. Escolhi as que são discretas e sensatas, já que moças jovens podem ser muito inconstantes. — Ela olhava como se incluísse Vitória naquela categoria.

Flora estendeu o papel na direção de Vitória.

— E se houver qualquer outra coisa em que eu puder assisti-la, Madame, por favor não hesite em pedir. A Baronesa, por ser alemã, talvez não tenha sido capaz de prepará-la completamente em suas novas responsabilidades e nos protocolos da corte, mas minha família é de cortesões há gerações.

Vitória sabia que para se livrar de Lady Flora, teria que pegar o pedaço de

papel oferecido. Ela o pinçou da mão da mulher e, com um breve aceno de cabeça, começou a descer as escadarias. Ela fez a gentileza de pausar até que a dama de companhia de sua mãe chegasse ao pé da escada antes de amassar o papel e largá-lo no chão.

Capítulo Dez

Nos três meses desde que se mudara para o Palácio de Buckingham, Vitória começou a compreender a questão que a intrigara quando criança: o que uma Rainha faz o dia inteiro? Além da hora que ela passava tendo seu cabelo arrumado e se vestindo, suas manhãs eram gastas examinando as caixas oficiais em vista com seu Primeiro-Ministro. No começo, ela se sentiu soterrada pelo volume de documentos que elas continham. Mas depois, quando Lorde M lhe explicara a respeito da importância de freios e contrapesos de influência — um bispo evangélico sempre estaria junto de um decano mais tradicional, por exemplo, e para cada soldado profissional admitido nos regimentos da residência, deveria haver um oficial de linhagem aristocrática autorizado a comprar sua entrada —, ela começou a ver através dos maços de papel. Conforme ela começou a entender nuances, o exercício diário de poder a deliciava; e não havia nada de que ela gostasse mais do que discutir a maneira como o mundo funcionava com o Primeiro-Ministro.

Mas este trabalho prático, esse exercício de patronagem, era apenas uma parte de suas obrigações. Como Lorde M sempre a lembrava, uma Rainha também tinha a obrigação de se mostrar para seu público. Todas as tardes, ela saía no parque, em geral com seu Primeiro-Ministro, e uma ou duas vezes por mês fazia uma visita a uma instituição de caridade, como um asilo de pobres ou hospital. Essas visitas eram sempre breves, mas Vitória apreciava passear de carruagem pelas ruas acenando para a multidão. E então, como Melbourne explicou, havia suas obrigações cerimoniais: abrir o parlamento, officiar as cerimônias da Ordem da Jarreteira e, é claro, as celebrações no Salão de Baile, onde o mundo diplomático vinha apresentar suas credenciais à Soberana.

Hoje era o primeiro Salão de Baile de Vitória, e as filas de carruagens se estendiam até o final do passeio. Todos que haviam recebido um convite decidiram participar. Esse não havia sido o caso com o último Rei, cujos bailes no Salão de Baile ao final de seu reinado reuniram pouco mais do que o Rei e uma dúzia de cortesãos fiéis.

Mas todos queriam ver a nova Rainha. Tantos rumores circulavam em

relação ao seu tamanho (seria mesmo verdade que ela era uma anã?), seu intelecto (dúvidas tinham sido expressadas nos clubes de homens de Pall Mall em relação a suas habilidades de ler e escrever), e seu domínio de inglês (havia especulação na imprensa sensacionalista de que, dada a sua criação entre alemães, a nova Rainha falava com um sotaque forte).

Melbourne, que escutara todas essas histórias, decidira fazer tempo não as dignificar com uma resposta. Ele sabia por experiências dolorosas que negar um rumor apenas servia para lhe dar circulação. Era muito melhor deixar que as fofocas descobrissem sozinhas quão longe do alvo elas estavam.

Ele esperava que a Rainha não colapsasse sob o peso de tanto escrutínio. E então ele sorriu de sua própria tolice.

— Eu creio que prefiro o brocado prateado hoje, Jenkins — Vitória apontou para um dos dois vestidos que sua costureira erguia. — Mas a seda adornada é bonita. — Apesar do período de luto extenuante para o Rei tivesse recém-acabado, Vitória havia passado o primeiro mês de seu reinado encomendando um novo guarda-roupa resplandecente para ter condições de encantar a corte em seu primeiro Salão de Baile. Sua mãe sempre a fizera vestir musselinas simples, então Vitória tirava prazer imenso em encomendar vestidos feitos dos materiais mais ricos: sedas, veludos e brocados.

Ela se virou de um para o outro em uma febre de indecisão.

— O que você acha, Lehzen?

— Acho que a cor da seda combina com seus olhos, Majestade. É muito apropriada.

— Eu sei, mas Lorde M diz que odeia ver uma mulher em azul. Ele diz que não é uma cor elegante. Lehzen bufou.

— Sim, usarei o brocado. Acho que é mais elegante.

Lehzen bufou outra vez.

— Você está resfriada, Baronesa? Ou discorda de minha escolha?

— Eu nunca discordaria de sua escolha, Majestade.

Vitória viu a dobradura para baixo da boca de sua governanta no espelho, mas decidiu ignorar.

— Diamantes ou pérolas? — disse ela, apontando para sua caixa de joias.

Melbourne esperava por ela na antessala dos aposentos privados aos de Estado.

— Que esplêndida sua aparência, Madame.

— Você gosta deste brocado? Vem de Veneza, acredito. Mamãe não gosta dele; ela diz que não tenho idade suficiente para usá-lo.

— Creio que uma Rainha pode usar o que quiser.

— Exceto azul, você me disse que nunca gostou de ver uma mulher em azul.

— Disse, Madame? — Melbourne sorriu. — Está pronta para entrar?

— Bastante pronta, Lorde M.

O burburinho e conversas dos trezentos convidados cessaram quando as portas duplas se abriram, e todas as cabeças se viraram para ter uma visão da nova Rainha. De forma gradual, o silêncio evaporou em um murmúrio de empolgação conforme as pessoas se viravam umas para as outras para confirmar suas impressões da nova monarca.

— Pequena, com certeza, mas não uma anã.

— Tudo está bastante proporcional.

— É claro que ela tem o queixo de Hanover.

— Você quer dizer a falta dele.

— Bobagem. Ela é encantadora. Que mudança ter uma Rainha bonita e jovem.

— Uma garota de dezoito anos que mal saiu da sala de aula, com um nome inventado. Nunca sequer ouvi de alguém chamado Vitória. É bizarro.

— Eu prefiro ter uma Rainha Vitória do que um Rei Ernesto.

— Acho que Melbourne concorda. Eu nunca o vi prestar tanta atenção em uma mulher que não fosse a esposa de alguém.

— Ouvi que estão chamando-o de a babá real no White's.

— Bom, ele tem a experiência, pense na esposa dele.

— A Pequena Vicky deve parecer fácil depois de Caro.

— Ela precisa de um marido, é claro.

— Algum príncipe alemão com bigodes laterais e cebolas nos bolsos.

— Deus nos proteja. Já há alemães suficientes no Palácio.

— Palácio de Pumpnickel.

Mas Vitória não conseguia ouvir nada do redemoinho de conversas e fofocas que a circundava. A única voz em que ela prestava atenção era a de Lorde Melbourne, sussurrando em seu ouvido os nomes e atributos dos convidados conforme eles subiam na tribuna para serem apresentados.

— Esta é a Duquesa de Sutherland, Madame. Creio que ela seria uma candidata excelente para Mistress of the Robes.

Vitória olhou para a morena alta e elegante em sua frente, cujo cabelo estava arrumado à l'anglaise com cascatas de anéis em cada lado de seu rosto. Era um estilo que Vitória admirava muito, mas nunca ousara tentar.

Ela sorriu conforme a Duquesa se erguia de sua reverência.

— Espero ansiosamente poder conhecê-la, Duquesa.

Enquanto a Duquesa se afastava com grande dignidade rumo à multidão, Vitória comentou com Melbourne:

— Ela é bastante elegante, com certeza, mas é respeitável? Melbourne mal perdeu o ritmo:

— Tão respeitável quanto uma grande mulher pode ser, Madame.

— Lehzen diz que a moral de mulheres nas mais altas posições da sociedade é deploráveis. As Duquesas, ela diz, são as piores.

— A Baronesa está falando de experiências em primeira mão, eu me pergunto, ou será que ela andou ouvindo fofocas?

— Isso é possível. Sabia que antes de nossa primeira audiência ela me alertou sobre a sua reputação? Ela disse que você era bastante desonroso.

— Bom, a Baronesa está bastante certa nisso, é claro. — Melbourne sorriu para ela. — Se eu não fosse seu Primeiro-Ministro, não haveria nenhuma desculpa para ficar sozinha com alguém como eu.

— Agora você está gracejando, Lorde M.

— Pelo contrário. Agora, Madame, eu gostaria de lhe apresentar Lady Portman. Seu marido é Subsecretário para as Colônias e meio pateta, mas Emma Portman conhece tudo e todos e acho que seria um membro excelente de

sua residência.

Lady Portman, uma mulher de meia idade apresentável cujos olhos cinzentos brilhavam de inteligência, lhe fez uma reverência.

— Lady Portman conhecia seu pai, Madame.

Emma Portman sorriu.

— Tive o prazer de dançar a polca com ele, Majestade. O falecido Duque era um dançarino excelente. Vitória parecia deliciada.

— De verdade? Eu não sabia disso. Suponho que seja por isso que eu amo tanto dançar, mas não tive muita oportunidade de praticar.

Emma sorriu.

— Mas com certeza deve haver um Baile de Coroação, Madame? Acredito que seja costume.

— Oh, espero muito que sim. — Ela se virou para Melbourne, preocupada de súbito. — Isto é, se você achar que podemos pagar por isso, Lorde M?

Melbourne sorriu.

— Como confio que você apenas terá uma Coroação, Madame, acho que dispomos de alguns recursos para uma celebração.

Vitória ficou radiante.

— Vou abrir o baile com você, Lorde M.

— Ah, creio que você vai descobrir que haverá parceiros de dança mais promissores, Madame, mas talvez possa reservar para mim uma dança mais ao final.

Por sorte, talvez apenas Lady Portman tenha ouvido essa conversa; mas os outros no salão não conseguiam evitar de observar o entente entre a monarca e seu Primeiro-Ministro. Sir John Conroy, parado atrás do sofá onde a Duquesa de Kent e Lady Flora estavam, assistia à conversa dos dois com um rosto que parecia congelado em reprovação.

— Parece, Madame, que Melbourne pretende encher a residência de sua filha com as esposas de seus ministros. Você vê como ele a está apresentando apenas a moças da facção Whig?

— Mas é costumeiro, creio, Sir John, que as damas venham do mesmo

partido que o Primeiro-Ministro.

— Talvez, mas elas são todas esposas dos amigos particulares de Melbourne. Não há ninguém para controlar a influência dele sobre ela.

— Creio que a Rainha é uma moça jovem que está aproveitando as atenções de um homem muito mais velho que ela. Tudo isso mudará quando ela se casar. — A Duquesa deu de ombros. — Vou escrever a Leopoldo e sugerir que Alberto e Ernesto venham visitar logo. Seus primos a distrairão de Lorde Melbourne.

— Queria poder compartilhar de sua confiança, Madame — disse Conroy.

Lady Flora se inclinou para a Duquesa.

— A parcialidade dela com Melbourne foi muito observada. Meu irmão diz que é motivo de fofoca nos clubes. Eu me pergunto se a Rainha está ciente de quanto interesse seu comportamento está provocando.

A Duquesa observou a filha sussurrando com Melbourne atrás de seu leque.

— Penso que minha filha está ciente da dignidade de sua posição, mas não pode haver mal em lhe dar um pouco de orientação — ela suspirou —, apesar de não ser fácil para mim vê-la como era em Kensington. Nós éramos tão próximas; a cada noite eu a escutava respirar e agradecia a Deus por ela ainda estar viva. Mas agora se eu quiser falar com ela, tenho que marcar um encontro.

A fila de convidados a serem apresentados para a Rainha tinha enfim se reduzido a nada. Ao ver a Rainha lutando para reprimir um bocejo, Melbourne se inclinou para a frente e perguntou se ela gostaria de encerrar a cerimônia.

— Ah, eu gostei tremendamente. Mas confesso que falar com tantas pessoas novas me deixou um pouco cansada. Eu não sabia que havia tantos embaixadores na Real Corte de St. James. O mundo é um lugar muito maior do que eu imaginava.

— Você está muito longe de Kensington hoje, Madame.

— Às vezes eu queria ter sido mais bem preparada. Sei que as pessoas esperam que eu fale com elas, mas nunca consigo pensar em nada interessante a dizer.

— Você não deve se preocupar com isso, Madame. Tudo que uma Rainha

diz é interessante.

Ao ver sua mãe vindo em sua direção, e sem nenhuma vontade de falar, Vitória se levantou. Após seu movimento, a companhia reunida também se pôs de pé e se separou diante da Rainha como o Mar Vermelho na frente de Moisés. Conforme ela deixava o cômodo, o burburinho de conversas se elevou. Se alguém notou que a Rainha parecera ansiosa para evitar sua mãe, nada comentou ou pelo menos não até que os homens em suas meias de seda e as mulheres em suas plumas de avestruz estivessem esperando do lado de fora por suas carruagens.

— Você viu como a Rainha se apressou em sair quando a Duquesa de Kent se aproximou? Parecia que ela preferia encerrar o baile do que falar com ela.

— Sir John Conroy tinha uma expressão irada. Suponho que a Rainha não seja sensível aos seus encantos como a Duquesa.

— A estrela dos Con-reais parece estar em declínio.

— Con-reais! Isso é engraçado.

— Mas apropriado, você não acha?

— Sem dúvida.

Capítulo Onze

A sala de estar verde no Palácio de Buckingham era o local em que Vitória gostava de se sentar com suas damas. Ela tinha a vantagem de ter apenas uma entrada, então, se ela desse ordens de que não queria ser perturbada, era impossível para a Duquesa ou qualquer outra pessoa entrar por uma porta dos fundos. Vitória estivera um pouco nervosa a princípio em relação a nomear a Duquesa de Sutherland e Lady

Portman para sua residência. Lady Portman era apenas um pouco mais jovem do que sua mãe e famosa como uma figura inteligente. Lorde M havia dito a ela que ele só transformara Lorde Portman em ministro para que pudesse se beneficiar da experiência de Emma.

Harriet Sutherland, que era muito mais próxima da idade de Vitória, era conhecida como uma líder da moda. Gravuras de seu último penteado ou da maneira engenhosa com que enlaçava seu fichu estavam muito na moda. Sua tendência de usar uma corrente de ouro fina ao redor de sua sobrancelha tinha-se tornado moda nas salas de estar de Mayfair e mesmo no Palácio, onde a própria Vitória estava usando cordões dourados ao redor do penteado coque com um pequeno pingente pendurado no meio da testa.

Com toda sua elegância, no entanto, Harriet não era nem um pouco intimidadora e estava sempre pronta para aconselhar nas sutilezas da moda, apesar de Vitória não concordar com a relutância da Duquesa em usar diamantes durante o dia. Um dos grandes prazeres de sua posição nova eram as joias que agora estavam em sua posse. Mas, em deferência à Duquesa, ela apenas colocara um par de grampos de diamante no cabelo.

Hoje elas estavam olhando uma das publicações ilustradas de moda que Vitória mandou trazer de Paris. A moda atual para mangas em forma de pernil de carneiro atingira seu zênite, e Vitória e suas damas estavam se maravilhando com uma imagem mostrando um par de jovens moças com mangas tão volumosas que elas se pareciam com nada além de borboletas com cabeças pequenas e redondas descansando entre suas asas espalhafatosas.

— Os franceses sempre passam do limite — disse Harriet. — Como

alguém pode manter uma conversa usando mangas assim?

— Creio que esses estilos são para mulheres que apenas querem ser admiradas de longe — disse Emma. — Vi a senhora Norton usando algo similar na ópera na semana passada. Mas como ninguém quer ser visto falando com ela, suponho que as mangas não sejam impedimento.

Vitória levantou os olhos. Ela queria, muito, saber mais sobre a senhora Norton.

— Por que ninguém quer ser visto falando com a Senhora Norton?

Harriet e Emma trocaram olhares. Harriet balançou a cabeça, mas Emma, que deduziu o motivo da curiosidade da Rainha, se inclinou para frente:

— Você deve saber, Madame, que o marido da senhora Norton abriu processo contra ela no ano passado por conversas criminosas.

Vitória se lembrou da explicação envergonhada de Lehzen do termo.

— Senhor Norton, um homem odioso, acusou sua esposa de ter relações com Lorde Melbourne. E foi longe a ponto de processá-los.

Vitória corou e olhou para as mãos.

— William foi chamado como testemunha e fizeram-no responder todos os tipos de perguntas impertinentes na corte, mas por sorte o júri não quis saber de nada daquilo e o processo foi fechado.

— Então Lorde Melbourne era inocente?

Emma olhou para o jovem rosto resplandecente da Rainha e escolheu suas palavras com cuidado.

— É claro, William era amigável com a Senhora Norton. Acredito que ele simpatizava com sua condição difícil de estar casada com um homem muito desagradável. Ele é, como você sabe, um homem que tem muita facilidade em estar na companhia de mulheres.

— Que monstruoso fazê-lo suportar o horror de um julgamento.

— Tenho certeza que os Tories estavam por trás disso, Madame. Acredito que persuadiram Norton a trazer o caso. Eles não queriam mais nada além de tirar Melbourne.

Vitória se levantou, então Harriet e Emma fizeram o mesmo.

— Eu me pergunto por que Lorde Melbourne não se casa outra vez?

— Creio, Madame, que sua experiência no casamento não foi feliz, e talvez ele esteja relutante em repeti-la. Emma estivera na vida política por tempo suficiente para saber que a Rainha tinha muitas perguntas que gostaria de fazer a respeito do casamento de Lorde Melbourne, se pelo menos soubesse como. E porque ela estava apreciando muito seu lugar na corte e de seu novo patamar como a confidente da Rainha, decidiu falar.

— Caroline, sua esposa, Madame, era encantadora, mas, ousou dizer, instável. Eles foram muito felizes no início, acredito, mas então Caro conheceu Lorde Byron. Ele era um homem terrível, é claro, bastante depravado apesar de diabolicamente bonito. Caro estava enamorada por completo por ele, e se comportava de uma maneira que era demasiado inapropriada em uma mulher casada. Pobre William foi feito de chacota. Acredito que sua mãe queria que ele se divorciasse dela, mas ele se recusou. Quando Byron abandonou Caro, ela estava bastante perturbada; houve conversas a respeito de interná-la em um asilo. Mas William não iria abandoná-la. Ele é um homem de grandes sentimentos.

Vitória estava boquiaberta.

— Como uma esposa poderia fazer algo assim?

— Caro não era uma mulher comum, Madame. Ela era uma Bessborough e temo que sua criação deixou muito a desejar.

— E ainda assim Lorde Melbourne ficou com ela?

— Sim, Madame. Ele cuidou dela até sua morte alguns anos atrás. E então ele voltou à política. Ele não poderia, é claro, ter se tornado Primeiro-Ministro com Caro ao seu lado.

— Que história triste, e ainda assim Lorde Melbourne sempre parece tão animado.

Mais uma vez, Harriet e Emma trocaram olhares. Emma Portman continuou:

— Creio, Madame, que se você o houvesse conhecido ano passado não diria isso, mas seu humor, nos dias mais recentes, tem melhorado muito.

— Meu marido pensava que ele estava pronto para desistir da política depois do caso da Senhora Norton — disse Harriet —, mas ele agora parece

estar muito bem como Primeiro-Ministro.

— Fico feliz por ele não ter desistido — disse Vitória. — Não acho que eu poderia ter lidado com outra pessoa com metade da habilidade dele.

Harriet e Emma sorriram, e Vitória também, mas por motivos diferentes.

Desde que se mudara para o Palácio de Buckingham, Vitória fizera tudo o que podia para se separar de forma física de sua mãe. Ela tinha sido bastante bem-sucedida, mas havia algumas ocasiões em que o protocolo não deixava opções para a Rainha além de estar ao lado de sua mãe.

Um desses casos era o serviço religioso seminal na Capela Real. Vitória ia de carruagem pela distância curta do Palácio de Buckingham, mas se tornara costumeiro caminhar por trás, pela The Mall. Esse hábito se tornara conhecido do público, as multidões se reuniram em uma manhã de domingo esperando por um vislumbre de sua Rainha.

O sermão naquela manhã fora a respeito do quarto mandamento, Honrar pai e mãe. Vitória estivera consciente dos olhos de sua mãe sobre ela enquanto o padre falava sobre o respeito devido aos pais serem o modelo de crença em Deus. Ela se moveu em seu enfado e desejou que Lorde M estivesse com ela. Vitória pedira que ele viesse com ela em ocasiões anteriores, mas ele lhe disse que não era um homem que ia à igreja.

Enquanto o órgão tocava, Vitória se levantou para sair da capela, e como a precedência determinava, sua mãe seguiu de imediato atrás.

Quando chegaram aos degraus da capela, houve alguns aplausos e vivas das pessoas esperando do lado de fora. Vitória sentiu a mão de sua mãe no ombro, e não teve escolha além de caminhar de braços dados com ela.

— Um sermão tão bonito, você não achou, Drina?

— Fisher estava com certeza eloquente, Mamãe. Mas não acho que algum dia achei um sermão curto demais.

Uma garotinha saiu correndo da multidão e estendeu um punhado pequeno de flores para Vitória. Ela se abaixou e as tomou, e um murmúrio de apreciação subiu na multidão.

— Ah, que encantador.

A Duquesa não disse nada, mas então outra garota um pouco maior veio do

outro lado com um ramo de flores para ela, e ela também se inclinou e chegou ao ponto de plantar um beijo na bochecha da garotinha.

— Você vê, as pessoas não se esquecem da mãe de sua Rainha.

— Não, Mamãe. Você sempre foi popular com o povo.

Vitória tentou seguir em frente, mas a Duquesa mais uma vez passou o braço em torno dela, um gesto que fez a multidão suspirar com prazer. Que adorável ver a jovem Rainha caminhar com sua mãe.

Vitória percebeu que não havia escapatória.

— Então, Drina, você está feliz com a Duquesa de Sutherland como Mistress of Robes?

— Muito feliz. Ela é tão charmosa e elegante.

— E Lady Portman?

— Gosto muito dela. Ela me disse que uma vez dançou polca com Papai.

— É possível. Ela com certeza tem idade suficiente.

— Eu a acho muito divertida.

— Mas ambas essas damas são casadas com amigos de Lorde Melbourne, Drina. Acho que não é sábio.

— Elas não são apenas minhas damas, Mamãe, e é bastante normal para as damas da residência estarem conectadas ao partido no poder.

A Duquesa deu de ombros.

— Bastante normal, talvez eu não esteja ciente. Mas o que eu acho que não é tão usual é você estar cercada apenas por amigos de Melbourne. Não há ninguém ali para lhe dizer como ele é de fato.

— Acho que sei como ele é de fato, Mamãe. Acredito que Lorde Melbourne seja um homem muito capaz. Ele foi inestimável para mim desde que subi ao trono.

— É claro que foi. Mas eu lhe alerto, Drina, como sua mãe, desejo que você tenha cautela com ele.

— Ter cautela com ele? Céus, o que você quer dizer, Mamãe?

A voz de Vitória se ergueu nesta última observação e ela viu uma mulher na multidão lhe lançar um olhar curioso.

— Ele não é, penso eu, muito confiável. Você deve saber que ano passado ele foi acusado de conversas criminais com uma mulher casada.

— É claro! E também sei que ele foi absolvido. A Duquesa revirou os olhos.

— Nem mesmo um júri inglês vai achar que seu Primeiro-Ministro é culpado, Drina.

— É impossível para você imaginar que ele pode ter sido absolvido porque era inocente, Mamãe? A Duquesa riu.

— Ah, Drina, seu Lorde Melbourne pode ser muitas coisas, mas ele não é inocente.

A mãe e a filha seguiram o resto de sua viagem de volta ao palácio em silêncio, e Vitória pensava que ela poderia conseguir escapar sem outra lição de sua mãe. Mas conforme caminhavam pelo Marble Arch e para dentro do pátio do Palácio, sua mãe se voltou para ela outra vez. Desta vez a Duquesa se inclinou na direção dela e seu rosto estava macio. Vitória sentiu uma lufada de lavanda e sentiu por um momento grande pesar de que as coisas entre elas não pudessem ser mais fáceis.

— Minha querida Drina, penso que talvez eu tenha lhe falhado como mãe. Eu a tenho deixado demais com a Baronesa Lehzen, que não compreende de verdade como o mundo funciona.

A Duquesa colocou a mão na bochecha de Vitória e a acariciou com suavidade.

— Quero dizer algo a você, Liebes. Algo que creio que apenas uma mãe pode dizer. — Ela arregalou os olhos.

— Você deve tomar cuidado com Lorde Melbourne. Você é uma garota jovem e ele, bem, ele é ein Herzensbrecher. Um ladrão de corações. Você deveria tomar cuidado, Drina, para que ele não roube o seu.

— De verdade, Mamãe, não há perigo nisso. Você se esquece que eu sou a Rainha e ele é meu Primeiro-Ministro.

— Tenho certeza que acredita nisso, Drina, e talvez seja verdade. Mas eu estou vendo a maneira como você cora cada vez que o vê.

Capítulo Doze

O jantar não foi uma refeição de convívio naquela noite, dado que a Rainha parecia ter perdido o apetite. Ela estava apenas remexendo a comida, isso queria dizer que os outros que comiam não puderam de fato apreciar seus fricassês de ostras, ou vitela engelée em molho ravigote, pois no momento em que Vitória colocasse seu garfo na mesa, todos os pratos eram levados para longe por lacaios parados atrás de cada cadeira. Ninguém, é claro, poderia continuar comendo quando a Rainha houvesse terminado. Isso tinha um efeito amortecedor nas conversas, já que cada convidado de jantar estava ansioso em ingerir o máximo de comida possível antes que a Soberana parasse de comer.

Apesar de ela não admitir, mesmo para si mesma, a perda de apetite de Vitória tinha tudo a ver com o aviso de sua mãe. Será que Lorde M era de fato um Herzensbrecher? Ela sentia que apenas ele, de todos os homens que a rodeavam na corte, gostava dela por ela mesma, não só por sua posição. Mas talvez, como sua mãe dissera, ele gostasse de todas as mulheres. Ela olhou ao longo da mesa, para onde ele estava rindo com Emma Portman e sentiu uma aflição de algo que ela ainda não reconhecia por completo. Será que ele ria com tanta alegria quando estava com ela, ela se perguntou. Ela pôs sua colher na mesa e se levantou. O resto da mesa fez o mesmo, as damas seguindo Vitória enquanto ela liderava o caminho até a sala de estar, os cavalheiros as acompanhando até a porta do salão de jantar.

Os cavalheiros não permaneceram depois que a Rainha e suas damas foram para a sala de estar. Apesar de Melbourne ser inclinado ao vinho do Porto do Palácio, ele não tinha nenhum desejo de bebê-lo na companhia de Conroy. Conforme ele se levantava da mesa, descobriu com desprazer que Conroy o acompanhava até a porta.

— A Duquesa estava se perguntando, Melbourne, a respeito da ordem dos assentos para a Coroação. Melbourne se sentiu aborrecido pela maneira como Conroy se dirigiu a ele como um igual. Mas como sempre, sua educação ao responder era de proporção inversa à sua irritação.

— De fato, Sir John. Há algo em particular que a Duquesa deseje saber?

— Sua Alteza Real quer saber se seu irmão Rei Leopoldo estará presente, e seus sobrinhos, Alberto e Ernesto. Ela se preocupa que a Rainha possa ter esquecido o lado da família de Coburgo.

Melbourne deu a Conroy seu sorriso mais atraente.

— Ah, creio que seria bastante improvável. A Rainha, como você sabe, tem o cuidado mais surpreendente com detalhes. Mas, infelizmente, o protocolo proíbe a presença de outro monarca na Coroação, o que impede a presença do Rei Leopoldo. Creio que seria difícil que Suas Altezas Sereníssimas Príncipe Alberto e Príncipe Ernesto comparecessem sem ele.

Conroy inclinou a cabeça.

— Você está na minha frente, Melbourne, quando se trata de protocolo. Tratarei de explicar isso à Duquesa. Mas creio, ou de preferência a Duquesa crê, que seria sábio que a Rainha convidasse seus primos para uma visita no futuro próximo.

— De fato? Então sugiro que você, ou antes a Duquesa, façam essa sugestão à Rainha ela mesma. Apenas ela envia convites ao Palácio, uma liberdade que ela aprecia bastante, pois acredito que seja a primeira vez que ela tem a liberdade de escolher suas companhias.

Melbourne saiu do salão de jantar sem olhar para trás.

Na sala de estar, Vitória olhou para cima assim que ele entrou.

— Ah, Lorde M, nós estávamos prestes a jogar piquet, o jogo de cartas. Você gostaria de se juntar a nós? Melbourne sentiu Emma olhando para ele do canto do cômodo, e Conroy do outro. Ele sabia que qualquer interação dele com a Rainha, apesar de inocente, estava sob escrutínio.

— Você me perdoará, Madame, se eu declinar? Há algumas questões de governo que preciso atender. Vitória franziu a testa.

— Acredito que posso dispensá-lo, mas hei de esperá-lo no Parque amanhã para nossa cavalgada. Não a aprecio sem você.

Melbourne sorriu; seus esforços em discrição não tinham o alcance da inocência da Rainha.

— Neste caso, Madame, estarei lá.

Capítulo Treze

— Creio que vestirei a veste vermelha hoje, Jenkins.

Vitória ergueu os braços, e a senhora Jenkins empurrou a roupa de montaria sobre sua cabeça. Era de gabardine púrpura com renda dourada nos forros e trançada nas saias, presas por uma fileira de botões dourados que a senhora Jenkins estava fechando com um grampo de botão.

Ela olhou para si no espelho e sorriu. A porta se abriu, Lehzen entrou e fez uma mesura para seu reflexo.

— Você não acha que minha veste nova é perfeitamente esplêndida? — disse Vitória. — Eu queria poder usá-la o tempo inteiro. Eu me sinto tão feliz sem meus espartilhos.

Lehzen parecia escandalizada de leve, e Jenkins reprimiu um sorriso. Vitória notou.

— Oh, Lehzen, com certeza posso dizer que não gosto de usar um corpete. É tão bom poder me mover e me inclinar e mover os braços. É chato ficar toda trançada em um corpete o tempo todo, como uma galinha.

— É parte de ser uma mulher, Majestade.

— Não apenas de mulheres, Lehzen. Lorde M me contou que meu Tio Jorge era tão gordo que ele costumava usar espartilhos para manter seus coletes abotoados.

— Lorde Melbourne é tão bem-informado.

Vitória colocou o chapéu de montaria de abas altas e virou em frente ao espelho para se admirar.

— Ah, se eu pudesse usar isso no Baile de Coroação, então poderia dançar a noite inteira em conforto perfeito.

— Você é a Rainha, Majestade. Não há ninguém para impedi-la.

— É verdade. Perguntarei ao Lorde M. Mas temo que ele vá pensar que perdi a cabeça.

— Duvido disso, Majestade.

Hyde Park ainda estava coberto em neblina quando Vitória cavalgou para dentro de Rotten Row, acompanhada de seu cavalariaço e Lorde Alfred Paget, seu estribeiro. Melbourne esperava por ela, como sempre, nos portões da Apsley House.

Quando ele a viu, ele sorriu.

— Quão encantadora você está hoje, Madame. Acredito que esta seja uma veste de montaria nova.

Eles galoparam lado a lado em uma boa velocidade, poeira voando à sua frente, até chegarem ao limite norte do Parque. Vitória guiou seu cavalo e eles se viraram junto do Lago Serpentine.

— Creio que nossas cavalgadas de manhã são minha parte favorita do dia, Lorde M. Se eu não estivesse animada para o Parque, creio que não sairia da cama jamais.

Enquanto eles cruzavam a ponte que atravessava o Serpentine, Vitória se virou para ele, e disse em um ataque de palavras.

— Falamos de tudo em nossos passeios, mas você nunca fala de seu passado, Lorde M.

— Meu passado, Madame? Temo que ele não seja nem edificante nem interessante. Vitória olhou para o outro lado da água.

— Eu me pergunto por que você nunca se casou outra vez. Melbourne pausou, e então:

— Caro não era uma esposa modelo de maneira alguma. Mas ela me servia bem o suficiente, e eu nunca encontrei ninguém que a substituísse.

— Mas você não se importou quando ela fugiu com Lorde Byron?

— Importar? — Melbourne apertou as rédeas de seu cavalo. — Sim, eu me importei.

— E ainda assim você a aceitou de volta depois. Não penso que eu poderia fazer tal coisa.

— Talvez, Madame, você seja jovem demais para entender.

Vitória pressionou os saltos na lateral do cavalo e cavalgou para longe. Melbourne hesitou de forma breve, e então a seguiu. Quando ele estava em paralelo, ela se virou e disse:

— Tenho idade suficiente para ser Rainha, Lorde Melbourne.

— Não tive nenhuma intenção de desrespeitá-la, Madame. Mas na minha experiência, os jovens nem sempre entendem os compromissos da idade.

Vitória mordeu o lábio inferior.

— Acho que ela, sua esposa, quer dizer, se comportou de maneira muito ruim.

— Eu concordo, Madame, é assim que deve parecer, mas Caro não era como nenhuma outra mulher. Eu tive mais facilidade para perdoá-la do que afastá-la.

— Eu não conseguiria.

— Espero muito que você nunca precise fazer isso, Madame.

Vitória sentiu as faces esquentando. Ela não entendia por que ele estava sendo tão brusco com ela. Ela não queria ofender ao perguntar sobre sua esposa. Conforme chegavam a Apsley House, ela virou a cabeça de seu cavalo na direção do Palácio.

— Hei de ir agora. Creio que vou olhar as listas de exércitos antes do próximo Conselho Privado.

— Creio que isso seja sábio, Madame.

— Sim — disse Vitória. — Creio que talvez eu tenha negligenciado minhas tarefas nos últimos tempos. Não creio que vou cavalgar amanhã, mas olhar minhas caixas ao invés disso. Tive tantos pedidos de caridade, eu de fato preciso atendê-los. A Baronesa vai me ajudar, tenho certeza.

— O país tem sorte em ter uma Rainha tão diligente, Madame — disse Melbourne conforme virava seu cavalo rumo a Park Lane. E eles foram em seus caminhos separados, ambos os cavaleiros pensando nas palavras que gostariam de ter dito.

Capítulo Catorze

— É sempre assim na cidade, Lehzen?

— Aqui é Bilingsgate à sua esquerda, Majestade. O mercado de peixes.

O cheiro era tão forte que Vitória teve de pôr seu lenço sobre o rosto. Vitória olhou para fora da janela e viu um garotinho empurrando um carrinho lotado com cabeças e ossos de peixes à beira da estrada.

— Olhe isso. O que você acha que ele poderia querer com todas essas cabeças de peixe?

— É provável que ele esteja juntando para sopa, Madame.

— Oh.

Vitória se sentiu aliviada de deixar o mercado de peixes para trás. Pela janela, ela conseguia ver as torres brancas que eram seu destino.

A carruagem se moveu pelos cascalhos e chegou à ponte levadiça, que era guardada por dois Beefeaters, guardiões da Torre de Londres, que saudaram conforme ela se aproximava.

Vitória olhou para cima para algum arco de pedra antigo e viu que a parte inferior estava coberta de musgo verde-escuro. Ela estremeceu.

— Fico pensando em Ana Bolena.

— Ela era uma mulher tola, acredito eu — disse Lehzen.

— Mas ter sua cabeça cortada! Creio que foi em algum lugar por aqui. Ah, eu queria que Lorde M estivesse conosco. Ele poderia nos contar tudo e transformar numa história.

Lehzen comprimiu os lábios.

A carruagem circulou a Torre Branca e parou diante de uma construção à esquerda do muro exterior. Os lacaios puxaram os degraus da carruagem, e Vitória entrou na Casa de Joias.

— Se você me permitir apontar o caminho, Alteza. — O Guardião das Joias da Rainha suava, apesar de o ar dentro das paredes de pedra grossas ser frio e úmido.

Ele surgiu com uma chave grande e fez uma grande mostra de destrancar o cofre. As portas abriram com relutância.

O interior do cofre era escuro e tinha um cheiro acre. Vitória tossiu. O Guardião olhou para os lados em desânimo.

— Eu me desculpo, Madame, por não haver arejado a câmara. Eu deveria ter feito preparações, mas nunca recebemos a visita de uma mulher, quero dizer uma Rainha, aqui antes.

Vitória inclinou a cabeça.

— Eu queria ver a coroa antes da Coroação.

— Se quiser se sentar aqui, Madame, eu trarei o baú. — O Guardião colocou uma grande caixa de couro cravejada sobre a mesa e a abriu com um clique. Vitória suspirou enquanto um raio de luz atingia uma das joias da coroa, lançando para cima uma meada de pontos dançantes que deslizavam para os lados na escuridão do cofre.

Ela se levantou para tirar a coroa de sua caixa. Era pesada; ela imaginou que pesava tanto quanto Dash, talvez até mais. Lehzen deu um passo à frente para ajudá-la, mas Vitória balançou a cabeça:

— Acho que tenho que fazer isso eu mesma.

Erguendo-se, ela colocou a coroa sobre a cabeça. Era, como ela suspeitava, grande demais. Quando ela a soltou, ela se ajustou logo acima de sua testa, cobrindo seu olho direito.

— Tenho um espelho aqui, Madame, se você quiser ver o efeito.

Ele trouxe um espelho de mão prateado com um monograma na parte de trás. Quando Vitória o olhou com curiosidade, o Guardião murmurou de forma apologética:

— Pertence à minha esposa, Madame. Ela pensou que você precisaria.

— Sua esposa é muito cuidadosa. Estou em débito com ela.

Vitória levantou o espelho. Ela pensou que a coroa de fios prateados que fizera para a boneca Número 123 cabia muito melhor. Ela tentou inclinar a coroa para que se acomodasse na parte de trás da cabeça, mas parecia ainda mais precária. Se ela a colocasse reta, a fita em torno da cabeça descansava no meio de seu nariz, e tudo que ela conseguia ver eram borrões filtrados por

diamantes. Ela a colocou na mesa com um baque surdo.

— Isto não vai servir.

— Não, Madame. — A voz do Guardião latejava com desculpas. — Talvez Vossa Majestade queira experimentar isso.

Ele retirou um diadema de outra caixa. Esse era um nó de diamantes gracioso com aglomerados de safira em torno da tiara.

Servia de forma perfeita. Vitória virou a cabeça de um lado para o outro e admirou a maneira como ela capturava a luz em seus olhos.

— Esta é muito melhor.

— Sim, Madame, é a coroa da Rainha Consorte.

Vitória tirou o diadema.

— Infelizmente, não sou uma Rainha Consorte, mas uma Rainha Regente. A coroa do Estado deve ser alterada para servir a minha cabeça. Não posso caminhar pela nave de Abadia de Westminster com uma coroa grande demais para mim.

— Mas a Coroação é na quinta-feira, Madame!

— Então é bom que eu tive a providência de experimentá-la.

— Mas eu me preocupo, Madame, que ela sempre seja pesada demais para Vossa Majestade. Há tantas pedras.

— Não estou preocupada com o peso, apenas com a circunferência. — Ela se virou para Lehzen.

— Você tem alguma fita ou algo assim para que eu possa deixar o Guardião com uma medida precisa? Lehzen puxou um laço do bolso e o enrolou em torno da cabeça da Rainha, fazendo um nó onde a fita fechava em sua testa. Ela o entregou para o Guardião.

— Agora não pode haver desculpas para não servir.

Vitória ouviu o Guardião dar um grande suspiro quando ela deixou o cômodo. De volta à segurança na carruagem, Vitória se permitiu rir.

— A expressão do Guardião quando experimentei a coroa. Eu estava me contendo tanto para não rir. Mas de fato ele deveria ter checado antes.

Lehzen lançou um olhar de soslaio.

— Estou surpresa que Lorde Melbourne não participou disso, Majestade. Ele está sempre tão ansioso para estar a serviço.

O sorriso de Vitória desapareceu. Ela se sentou um pouco mais reta em seu assento.

— Lorde Melbourne é o Primeiro-Ministro. Ele não pode cuidar de cada mínimo detalhe. O tamanho de minha coroa dificilmente pode ser considerado uma questão de estado, Lehzen.

— Não? Mas o que poderia ser mais importante, Majestade?

Vitória se virou para olhar pela janela. Ela perguntara a Melbourne se ele viria com ela à Torre, mas ele afirmou que estava muito ocupado no momento se preparando para a Coroação. No entanto, como Lehzen apontou, o que poderia ser mais importante de fato do que uma coroa que servisse? Vitória se parabenizou por insistir em experimentá-la. Todos os ornamentos de estado foram desenhados para homens, grandes, corpulentos. Ela mal conseguia levantar os garfos de ouro ou os cálices de cristal trabalhado que seus tios usaram. Até as facas e garfos do serviço de talheres do estado eram enormes.

Ela resolvera não mostrar nenhum desconforto depois que sua mãe dissera uma vez a ela, em um banquete de estado em Windsor quando o Rei ainda estava vivo.

— Que mãos pequeninas você tem, Drina. Talvez devamos mandar fazer um conjunto de louça especial, mais adequado para alguém de seu tamanho.

Conroy estava sorrindo ao seu lado.

— Você acha que isso é sábio, Duquesa? Sua filha já tem uma tendência pequena a ser roliça. Não queremos encorajar que coma demais.

Era uma conversa que ela jamais esqueceu. Mas agora ela decidiu que mesmo que sua mãe não tivesse sugerido de forma gentil, ela estava bastante certa. Suas mãos eram pequenas, e não havia motivo algum pelo qual a Rainha do maior país do mundo não tivesse talheres do tamanho apropriado — ou, de fato, uma coroa que servisse.

Era um pensamento que ela em geral teria compartilhado com Lorde Melbourne. Ele era sempre um ouvinte tão atento. Ela nunca sentia que ele estava apenas esperando que ela terminasse para poder dar sua opinião, superior. Ela poderia contar a Lehzen, é claro, mas a Baronesa não era o

mesmo que o Lorde M.

Capítulo Quinze

A orquestra já começara a tocar, e a música subia do salão de baile para o quarto da Rainha. Vitória não conseguiu evitar bater o pé no ritmo quando começaram a tocar uma de suas polcas favoritas. Houve uma exclamação balbuciada de Monsieur Philippe, o cabeleireiro que era trazido em ocasiões especiais.

Ele estava fazendo algo muito complicado com modeladores de cachos, e o movimento súbito de Vitória o fizera queimar os dedos.

— Desculpe, Monsieur Philippe, mas é difícil não se mover ao ouvir música. Você já terminou?

— Oui, Votre Majesté.

Monsieur Philippe falava francês com um sotaque com o qual Vitória não estava muito familiarizada, mas enquanto sua fala estivesse confinada em maioria a oui, non, e eh voilà, ela não tinha nenhum problema em entendê-lo. Naquela noite, ela pedira que ele fizesse seu cabelo em um estilo chamado à l'impériale. O cabelo era puxado para trás em um coque chignon, com duas cascatas de anéis sobrepostas. Harriet Sutherland começara a usar o cabelo dessa forma, e Vitória ouviu Lorde Melbourne comentar quão elegante a Duquesa estava.

— Et voilà, votre Majesté.

Vitória se virou para encarar o espelho, Monsieur Philippe parado com orgulho atrás dela. Mas seu reflexo a fez endurecer em horror. Enquanto a Duquesa alta conseguia usar o penteado elaborado, em Vitória parecia absurdo, mais como um cão de companhia do que uma grande dama.

— Oh. Mas estou ridícula. — Ela sentiu lágrimas indesejáveis surgindo nos olhos.

— Eu queria tanto estar elegante — Vitória quase chorou —, mas esses cachos me deixam parecida com Dash!

Lehzen saiu das sombras.

— Creio que está muito bem, Majestade.

— Não estou não! Eu pareço tola e todos vão rir de mim.

— Ninguém ri da Rainha, Majestade. — Vitória cobriu o rosto com as mãos, mordendo o lábio em um esforço para não chorar.

Houve um farfalhar e murmúrio atrás dela. Enfim, uma voz gentil disse:

— Você gostaria que lhe fizesse uma trança em pingente, Madame? Creio que seria um estilo que combinaria com um rosto como o seu. — Vitória se virou para trás e viu uma garota que tinha cerca de sua idade, que usava seu cabelo em dois entrançados que rodeavam suas orelhas. — Sou Skerrett, Madame, a assistente da senhora Jenkins.

A Senhora Jenkins deu um passo à frente em alta exasperação galesa.

— Você deve perdoar Skerrett, Madame, por falar fora de lugar. Ela é nova no Palácio e não sabe como funciona.

Vitória olhou e viu a mortificação no rosto de Monsieur Philippe, a indignação no de Jenkins, mas seus olhos foram chamados para a maneira notavelmente elegante em que Skerrett arrumara o próprio cabelo.

— Creio, Monsieur Philippe, que você executou o estilo de forma admirável, mas ele não me serve. Você pode nos deixar.

Monsieur Philippe saiu do cômodo andando para trás, cada tendão de seu corpo expressando orgulho ultrajado.

Vitória olhou para a nova roupeira.

— Creio que gostaria de experimentar o estilo que você sugere. Você pode fazê-lo rápido? Não quero me atrasar para meu próprio baile.

— Ah, sim, Madame. Eu faço meu próprio cabelo em cinco minutos. — Skerrett pôs a mão sobre a boca ao perceber que tinha sido familiar em excesso.

Jenkins franziu a testa.

— Tem certeza de que isso é aconselhável, Madame? Skerrett nunca fez seu cabelo antes e você não quer mais atrasos.

Vitória ergueu o queixo; as lágrimas tinham cessado agora e ela se sentia mais em controle.

— Se Skerrett fizer meu cabelo com metade da habilidade com que faz o

dela própria, estarei bastante satisfeita.

Assim que Skerrett terminava de ajustar a segunda trança em pingente na posição em torno da orelha esquerda de Vitória, a porta se abriu e Emma Portman entrou.

— Eu vim lhe informar quão esplêndido está tudo no Salão de Baile, Madame. Não vi nada tão magnífico desde a época de seu Tio Jorge. Mal posso esperar para ver o Grão Duque. Dizem que ele é muito bonito.

— Ah, sim, quis perguntar a Lorde M como eu deveria me dirigir a ele. Ele é uma Alteza Real ou uma Alteza Imperial, eu me pergunto. E ele fala inglês? Eu sem dúvida não falo nada de russo. Onde está Lorde M? Ele teria uma resposta; ele sempre tem.

Uma cintilação atravessou o rosto de Emma Portman.

— Tenho certeza de que ele estará aqui em breve, Madame.

— Mas ele deveria estar aqui agora. Ele deve saber que não posso entrar sem ele.

Emma olhou para o chão.

— Talvez, Madame, fosse melhor não esperar por ele. Se ele se atrasou, você não quer deixar seus convidados esperando.

Skerrett colocou o último grampo no cabelo da Rainha.

— Espero que esteja do seu gosto, Madame.

Vitória se olhou no espelho.

— Sim. Isso é muito melhor. Obrigada. — Ela se virou para Emma. — Mas você acha que Lorde M estará aqui logo?

— Sim, Madame, como eu disse. Mas creio que seria um erro esperar por ele. A dança não pode começar até você abrir o baile.

Vitória observou Skerrett ajustar sua tiara.

— Você está certa, suponho. Lorde M sempre fala que a pontualidade é a educação dos príncipes. Por favor, vá avisar ao Lorde Chamberlain que estarei lá em breve.

Emma deixou o cômodo com agilidade.

Vitória lançou outro olhar para si mesma no espelho e alisou o brocado das

saías. Aquele vestido, com mangas cheias caídas no ombro e a cauda varrendo atrás brilhando com fios dourados, parecia a coisa mais adulta que ela já vestira.

— Você parece saída de um conto de fadas, Madame — Skerrett disse com suavidade.

— A Rainha não precisa ouvir o que você acha, Skerrett — disse Jenkins com irritação.

Vitória sorriu:

— Só espero que não haja uma fada má para lançar um feitiço em mim.

Skerrett sorriu de volta.

A porta se abriu outra vez, e Vitória se virou, esperando ver Emma, mas ao invés disso, sua mãe estava parada na porta com Conroy e Flora um pouco atrás dela.

— Oh, Drina, eu vim lhe acompanhar para o baile.

Ela caminhou para o cômodo e observou Vitória com cuidado.

— Mas quão elegante você está. — A Duquesa foi até sua filha e ajustou o colar de diamantes em torno de seu pescoço para que o pingente ficasse com exatidão entre suas clavículas.

— Minha garotinha, tão adulta. Estou tão orgulhosa.

Conroy disse para Vitória:

— Está na hora de fazer sua entrada, Vossa Majestade. É claro que esta é a primeira vez que muitos dos convidados a verão, então tenho certeza que não preciso lembrá-la de se portar com decoro. Eu não aconselharia beber champanhe, por exemplo.

— Lembre-se que não deve dançar mais do que duas vezes com o mesmo homem — disse a Duquesa. — As pessoas notam essas coisas.

— E você irá, é claro, abrir o baile com o Grão Duque, Madame, afinal ele será o convidado de maior posição — acrescentou Lady Flora, ansiosa como sempre para mostrar seu conhecimento de protocolo.

Vitória não disse nada. Eles desceram pelo corredor até a Escadaria Grande, e Vitória arfou ao ver como os lustres de cristal brilhavam sob a luz

de velas.

Os murmúrios e conversas no salão silenciaram enquanto as pessoas se viravam para ver a Rainha. Vitória começou a descer as escadas, a cabeça erguida, mas ela errou um passo, e por um instante achou que cairia escada abaixo. Mas Lehzen estava bem atrás dela e a segurou pelo cotovelo.

— Peguei você, Majestade.

— Você entende agora, creio eu, Madame, por que não acreditamos ser seguro para você descer as escadarias sozinha, com seu equilíbrio incerto — disse Conroy. — Que sorte que não caiu em frente a todas essas pessoas.

Vitória soltou o braço do punho de Lehzen e, sem olhar para trás, desceu a escadaria, os olhos explorando a multidão em busca da única pessoa que ela queria ver.

O mensageiro do Palácio subiu as escadas da Dover House. A porta foi aberta pelo mordomo.

— Tenho uma mensagem para Lorde Melbourne de Lady Portman.

— Vossa Senhoria não está em casa para ninguém.

— Lady Portman me disse para dizer que sabe que dia é hoje, mas a Rainha pede por ele. O mordomo assentiu com a cabeça.

— Espere aqui.

Seu mestre, o mordomo sabia, estava sentado na biblioteca, olhando a caixa que guardava na terceira gaveta de seu escritório. A garrafa de xerez que ele deixara ali na manhã já deveria estar quase vazia agora. Por mais que ele não quisesse perturbar seu senhorio neste dia, o mordomo percebeu que a mensagem não deveria ser ignorada.

Ele abriu a porta da biblioteca e viu Melbourne com exatidão onde ele o deixara naquela manhã. Ele limpou a garganta, e Melbourne olhou para os lados, irritado.

— Eu lhe disse que não deveria ser perturbado.

— Eu sei, meu senhor, mas esta mensagem é do Palácio. De Lady Portman. Ela diz que a Rainha pede por você.

— Emma deveria saber.

— Lady Portman diz que ela sabe que dia é hoje, meu senhor, mas a mensagem não poderia esperar. — Melbourne suspirou. — Eu arranjei suas vestes, meu senhor.

Melbourne o dispensou com um aceno e o mordomo se afastou. O mensageiro esperava no corredor. Ele ergueu os olhos.

— Então?

O mordomo assentiu com a cabeça.

— Você pode informar a Lady Portman que seu senhorio estará lá em breve.

Vitória se acomodou no trono. Ao menos agora seus pés tocavam o chão. Ela sinalizou para um laçao para que lhe trouxesse uma taça de champanhe. Bebendo-a com rapidez, ela espiou Emma Portman, que estava parada à sua direita.

— Já teve notícias de Lorde M? O sorriso de Emma era tenso.

— William está a caminho, tenho certeza. Então neste instante, o Mordomo anunciou:

— Sua Alteza Imperial, o Grão Duque Alexandre da Rússia.

Os convidados derreteram ante o Grão Duque, que caminhou pelo tapete vermelho na direção de Vitória. Ele era alto, com um bigode loiro magnífico que fez cócegas quando o Grão-Duque beijou sua mão e o bigode deu pinceladas.

— Bienvenue en Angleterre, votre grande Altesse Impériale — ela deu as boas-vindas à Inglaterra em francês. Lehzen insistira que a família real russa falava francês na corte.

— Estou encantado de estar aqui, Vossa Majestade — respondeu ele em inglês. O Grão-Duque sorriu de forma voraz. Vitória sorriu de volta.

— Você fala inglês.

— Eu tive uma babá inglesa. Meu pai é um grande admirador de seu país.

— Devo dizer que estou aliviada. Não falo nada de russo, entende.

— Talvez um dia, quando visitar meu país, permitirão que eu lhe ensine algumas palavras.

— Espero ansiosamente por isso.

O Grão-Duque estendeu a mão.

— E agora, Vossa Majestade, me concede a honra?

Vitória se levantou e tomou a mão do russo. Ele estava muito esplêndido em seu uniforme, seu chapéu shako pendurado sobre um ombro, e um fio de ouro que descia por uma perna da calça. Ela conseguia ver que todas as mulheres no recinto o estavam observando em admiração. Mas por mais bonito que fosse, havia algo um pouco alarmante nos lábios vermelhos sob o bigode.

A um sinal do Lorde Chamberlain, a orquestra começou a tocar uma gavota, e o Grão-Duque conduziu Vitória até o topo do conjunto. Por alguns minutos o prazer puro de dançar afastou todos os outros pensamentos de sua mente. Esse era o primeiro baile em que ela não estava sob o controle irritante de sua mãe e Conroy. Conforme o champanhe começou a circular pelo seu corpo, ela se pegou sorrindo de prazer.

O Grão-Duque baixou a cabeça para ela enquanto eles se cruzavam na dança.

— Eu não sabia que uma Rainha podia dançar tão bem.

— Você já dançou com muitas, então?

O Grão-Duque riu e tomou sua mão para conduzi-la ao final do conjunto.

A gavota foi seguida de uma polca, e o Grão-Duque a pegou no giro como se ela fosse uma pena. Vitória se sentia corada e animada; o Grão-Duque era muito diferente dos Lordes Alfred e George, que eram seus parceiros comuns. Talvez fosse porque ele também era da realeza, mas ele não tinha nenhum problema em segurá-la com força pela cintura ou mão, liberdades que nunca seriam tentadas por um de seus súditos. E então ela se perguntou como seria dançar com Lorde M.

Quando a dança terminou, Vitória tomou outra taça de champanhe e estava satisfeita de ver Conroy a observar. Ela drenou o copo. O Grão-Duque fez o mesmo.

— Você bebe champanhe como uma russa, Vossa Majestade.

— Creio que pode me chamar de Vitória.

— E você deve me chamar de Alexandre.

— Muito bem, Alexandre. — Ela levantou a cabeça para olhá-lo e sorriu. Ela teve um vislumbre de língua rosada quando ele sorriu para ela. Ela se sentiu balançar de leve, mas então a música começou outra vez e Alexandre a estava conduzindo em outra dança. Enquanto ele a girava pelo salão, ela pensou ver costas familiares, mas então o homem se virou e ela viu que estivera errada.

— Que expressão, Vitória! Eu pisei no seu pé?

— Oh, não. Só pensei que tinha visto alguém, apenas isso.

— Alguém que você quer ver? — Vitória assentiu com a cabeça. — Então invejo esse homem.

Vitória sentiu a cor indesejada subir-lhe às faces.

— Ah, você me interpreta mal.

— Então você deve estar corando por minha causa.

Vitória sentiu-se aliviada quando a dança chegou ao fim. Ela fez uma medida para o Grão-Duque e se virou para encontrar a Baronesa parada atrás dela.

— Acho que preciso ir ao quarto de descanso, Lehzen.

— Venha comigo, Majestade.

O quarto de descanso era uma antessala que se abria da Galeria de Quadros. A Senhora Jenkins e Skerrett estavam ali, armadas com kits de costura para reparar danos que a dança entusiasmada mas inexperiente causava às vestes dos convidados. No fundo do cômodo, havia uma tela, atrás da qual estavam os penicos.

Conforme Vitória e Lehzen entravam, Lady Flora emergia de trás da tela. Por um momento, ela ficou parada de perfil com uma mão descansando na cintura, e Lehzen arfou.

— O que houve, Lehzen? — perguntou Vitória. — Viu um fantasma?

— Não um fantasma, Madame. — Lehzen se inclinou para perto e sussurrou para Vitória. — Se você olhar para Lady Flora de perfil, Majestade — Vitória virou a cabeça —, você vai ver. Acredito que ela esteja esperando uma criança.

Vitória suspirou.

— Mas ela não é casada!

— Não, de fato. — Os olhos de Lehzen se apertaram em empolgação. — Mas quando ela veio da Escócia seis meses atrás, acredito que ela compartilhou uma carruagem com Sir John Conroy. — Ela pausou e ergueu as sobrancelhas. — Bastante sozinhos.

Vitória pôs a mão sobre a boca.

— Parece incrível. Ela é tão religiosa.

— Ainda assim. Os sinais são inconfundíveis.

Vitória se virou para Lehzen, seu rosto corado do champanhe e empolgação.

— Você acha que Mamãe sabe?

— Creio ser difícil.

Os olhos de Vitória brilharam.

Nos fundos da antessala, havia uma galeria que levava aos aposentos particulares. Vitória entrou nela para limpar a mente. Mas assim que ela se apoiou contra a parede em frente ao retrato de seu avô Jorge III ainda rapaz, ela ouviu um passo atrás de si. Conroy estava descendo a galeria. Ele deveria haver estado nos aposentos da Duquesa.

Ele viu Vitória e fez uma medida rígida com o pescoço.

— Madame.

Por um segundo, Vitória pensou em deixá-lo passar, mas o champanhe trouxe a raiva que ela sentia à tona.

— Por que você não está dançando, Sir John? Com Lady Flora? Acredito que ela seja sua parceira de preferência.

Conroy baixou os olhos para ela e seus lábios tremeram.

— Estou prestes a dançar com sua mãe.

Vitória colocou a cabeça para trás.

— Se minha mãe soubesse o que você realmente é, nunca dançaria com você de novo. Conroy balançou a cabeça com indulgência.

— Você nunca pôde beber champanhe — ele pausou —, Madame.

Ele deu as costas para ela e seguiu descendo o corredor.

Devagar, Melbourne andou até a Grande Escadaria. Penge, o mordomo, olhou para cima e abriu a boca para anunciá-lo, mas Melbourne balançou a cabeça. Ele não queria chamar a atenção para sua chegada tardia.

Dados seus anos de experiência, ele conseguia ver que o baile tinha atingido seu auge: champanhe suficiente fora bebido para elevar todas as emoções, para adicionar cores e brilhos ao cortesão mais pesado. Em alguns minutos, o humor começaria a virar, e como as rosas após seu pico, as flores na pista de dança começariam a desbotar e tombar.

Ele olhou pelo Salão de Baile. Cumberland dançava com graça surpreendente com aquela esposa alemã terrível dele. A Duquesa de Kent estava nos braços de Conroy; Melbourne sempre imaginara que ela estava apaixonada por ele, mas o olhar em seu rosto confirmava. Era uma pena, é claro; Conroy era um charlatão, mas como a Duquesa não estava em posição para se casar outra vez, ele não podia culpá-la por buscar consolo.

Seus olhos encontraram a Rainha. Ela valsava com o Grão-Duque russo. Ao deslizar por ele, ele conseguiu prender o olhar dela e sorriu. Vitória sorriu de volta, mas havia algo na maneira como seus olhos se arregalaram que fez Melbourne se perguntar o quanto ela tinha bebido. Enquanto ela e o russo circulavam pelo salão, Melbourne notou que seus passos, apesar de graciosos, nem sempre eram estáveis; havia também algo na maneira como o Grão-Duque segurava a cintura dela que ele não gostava.

— Sua falta foi sentida. — Emma Portman olhava para ele, uma sobranceira erguida em reprovação.

— A Rainha parece bastante feliz — disse Melbourne enquanto o casal real passava valsando.

— Você acha que o Grão-Duque é uma possibilidade?

— Para a mão da Rainha? Fora de questão. Ele é herdeiro ao trono. Ele não poderia viver aqui, e dificilmente a Rainha poderia se mudar para São Petersburgo.

— Pena. Nunca soube que russos eram tão bonitos.

Melbourne não disse nada. Ele notou o rubor acentuado nas bochechas de Vitória. Quando o Grão-Duque sussurrou algo em seu ouvido, ela virou a

cabeça para o outro lado de Melbourne.

— Você vai assistir-lhe a noite toda, William? — disse Emma de forma amarga. Melbourne balançou a cabeça.

— Ela é tão jovem e ingênua. Nunca tem um pensamento que não expresse de forma direta. Eu às vezes tremo com sua inocência. E ainda assim...

Ele cessou. Emma olhou para ele e terminou a frase.

— E ainda assim você não consegue tirar os olhos dela.

Melbourne deu de ombros, mas então se inclinou para frente, notando um movimento na pista de dança.

— Você vê onde está a mão do Grão-Duque? Emma apertou os olhos.

— Acho que ele poderia ser enviado à Torre por menos.

Melbourne olhou em torno de si e pescou o olhar de Lorde Alfred Paget, um dos estribeiros da Rainha. Ele o chamou com um aceno.

— Creio, Lorde Alfred, que pode ser o momento para o Grão-Duque achar uma parceira diferente. Talvez você possa distraí-lo, com tato, é claro, mas se certifique de afastá-lo da Rainha. Ele esteve, creio eu, tomando liberdades.

Alfred Paget parecia indignado.

— Ultrajante. Vou tratar disso imediatamente.

Ele caminhou até eles e deu um tapinha no ombro do Grão-Duque. Alexandre o ignorou de início, mas Alfred, o mais jovem de seis irmãos, estava acostumado a pedir atenção.

— Vossa Alteza Imperial, há um mensageiro de Petersburgo.

— Diga que espere. Estou dançando com a Rainha.

— Acredito que seja urgente, Senhor.

Alfred, cuja figura flexível disfarçava força surpreendente, colocou seu braço no ombro do Grão-Duque e o conduziu com firmeza para longe de Vitória e para fora do cômodo. Melbourne deu um passo à frente.

— Você parece estar sem parceiro, Madame. Você me daria a honra?

Vitória se virou ao som da voz de Melbourne. Seu rosto se ergueu em um sorriso.

— Ficaria encantada.

A banda agora tocava uma valsa, e quando Melbourne colocou sua mão na cintura dela, Vitória se sentiu segura pela primeira vez naquela noite.

— Eu estava preocupada que você não viria.

— Eu tive algumas questões para resolver.

— Eu pensei que talvez estivesse chateado comigo.

— Com você, Madame? Nunca. — Melbourne baixou os olhos para ela com ternura.

— Você dança muito bem, Lorde M.

— Fico feliz de ouvir isso, Madame, mas creio que está sendo gentil. Temo que meus dias de dança estejam quase acabados.

— Isso não é verdade. Você é meu parceiro favorito na noite de hoje.

Melbourne deu um suspiro teatral.

— Ainda assim, estou velho demais para dançar como costumava.

— Você não está velho, Lorde M!

Melbourne olhou por cima do ombro de Vitória e viu o trio de Conroy, a Duquesa e Lady Flora encarando-os.

— Sob o risco de ser jogado na Torre, devo contradizê-la neste ponto, Madame. Não posso negar meus anos avançados, mesmo que seja para agradá-la.

Vitória riu.

— Bom, eu nunca penso que exista uma diferença entre nós, Lorde M.

A música chegou ao fim, e Melbourne soltou a mão de Vitória e se curvou.

— Ah, aqui está Lorde Alfred para a próxima dança. Vitória parecia relutante.

— Mas quero dançar com você. Tenho tanto para lhe contar.

— Ele ficará muito desapontado se você o recusar, Madame. E, além disso, ele dança a melhor polca do país.

Melbourne deslizou para longe enquanto Lorde Alfred se aproximava para clamar a Rainha.

Uma polca seguiu a outra, e ao final, Vitória estava esbaforida e com sede. Lorde Alfred lhe trouxe uma taça de champanhe; ela a bebeu com sofreguidão e pediu outra.

Ela estava prestes a beber outra taça quando ouviu uma voz indesejável.

— Com licença, Madame — Vitória girou no eixo para ver o rosto amarelado e reprovador de Lady Flora

Hastings —, mas a Duquesa acha que talvez você tenha bebido champanhe o suficiente. Balançando de leve, Vitória travou o olhar em Lady Flora e disse, um pouco alto demais:

— Mamãe mandou você para me dizer o que fazer!

A banda havia parado de tocar, então suas palavras ecoaram pelo salão de baile. Houve um momento de choque enquanto Lady Flora olhava para ela em incompreensão, e então seu rosto se contorceu ante a humilhação pública. Ela se virou e saiu aos tropeços para fora do Salão de Baile. Enquanto um suspiro profundo atravessava os convidados, Vitória ficou parada transfixada, brava e com medo. Ela sentia pela primeira vez uma onda de algo semelhante à desaprovação. Houve uma voz em sua orelha.

— Está muito quente aqui — disse Melbourne. — Talvez você gostasse de sair para a varanda, Madame, e tomar um pouco de ar.

Ela sentiu sua mão sob seu cotovelo e se sentiu grata pelo apoio. Ela estava um pouco hesitante em seus passos. Ao chegarem à varanda, ela recebeu o ar frio noturno no rosto como uma bênção.

Melbourne se virou para ela.

— Você parece um tanto cansada, Madame, se posso dizer. Talvez seja a hora de se retirar.

— Mas não quero me retirar. Quero seguir dançando, com você!

Vitória se inclinou na direção dele. Melbourne estendeu as mãos como se temesse que ela caísse, e por um instante eles ficaram parados em um meio-abraço. E então ele se inclinou para trás e disse com suavidade:

— Não na noite de hoje, Madame.

Capítulo Dezesseis

Dash pegou a bola e a trouxe de volta para Vitória. Quando ela a jogou de novo, a bola aterrissou nos pés da Duquesa, que tinha acabado de entrar na galeria. A Duquesa chutou a bola para fora de seu caminho.

Vitória pausou. Ela tinha mandado chamar sua mãe para desafiá-la em relação ao caso de Lady Flora e Conroy, mas agora que a Duquesa estava à sua frente, ela não sabia com exatidão como abordar o assunto.

— Você dormiu bem, Drina, após o baile? — A Duquesa lançou à filha um olhar significativo.

Vitória estava prestes a responder quando Dash trouxe a bola de volta, latindo. Ela se inclinou e a tomou. Ela decidiu mergulhar de cabeça.

— Mamãe, você deve enviar Flora Hastings e Sir John Conroy para longe de imediato. Tenho motivos para crer que eles estiveram envolvidos em... — ela respirou fundo — uma conversa criminosa.

A Duquesa, que estivera descendo a galeria na direção dela, parou, surpresa.

— Você está fora de si, Drina? O que é esta bobagem que está falando? — A Duquesa abriu os grandes olhos azuis e balançou a cabeça como uma boneca de porcelana desengonçada.

— Com certeza você notou que Lady Flora está esperando uma criança — disse Vitória.

— Esperando uma criança? — A voz da Duquesa era incrédula.

— Sim, Mamãe. E acredito que Sir John é o responsável.

A Duquesa se chacoalhou, e para surpresa e irritação de Vitória, sorriu.

— O que você está dizendo? Quem lhe contou essa coisa ridícula? Vitória disse com raiva:

— Baronesa Lehzen disse que eles compartilharam uma carruagem da Escócia seis meses atrás. A Duquesa riu na cara de sua filha.

— A Baronesa lhe contou? Ela sabe muito sobre o que acontece com um

homem e uma mulher, é claro. Vitória apertou a bola na mão. Ela queria muito jogar na sua mãe.

— Não posso permitir que essa... essa corrupção invada minha corte.

A Duquesa sacudiu seus cachos dourados.

— De verdade, Drina, eu lhe aconselharia a não ouvir fofoca. Não é apropriado para uma Rainha. — Virando as costas para Vitória, ela começou a voltar pelo corredor longo.

Sem pensar, Vitória jogou a bola nas costas de sua mãe que partia, mas errou a mira e acertou um vaso de porcelana de Meissen dado a ela pelo Eleitorado da Saxônia. Ele se partiu com um choque retumbante. Animado e muito alvoroçado, Dash começou a latir.

Vitória percebeu que estava tremendo de raiva. Ela pensara que sua mãe poderia ficar triste, poderia de fato ficar brava, mas esse pouco caso desdenhoso era pior do que qualquer coisa que ela imaginara. Ela não seria afastada. Se sua mãe não aceitasse a verdade, então ela não teria outra escolha senão prová-la.

Ela contou seu plano a Melbourne em sua cavalgada naquele dia.

— Sir John e Lady Flora? Você não pode estar sendo sincera, Madame.

— De fato estou, Lorde M. A Baronesa diz que eles compartilharam uma carruagem juntos da Escócia, sozinhos. Amanhã devo fazer o Juramento da Coroação. Como posso jurar servir meu povo fielmente quando minha própria residência está manchada de corrupção? Ambos devem deixar a corte de uma vez.

Melbourne suspirou.

— Você não sabe se isso é verdade, Madame, e eu tomaria cuidado ao fazer acusações, pois Lady Flora tem amigos poderosos. Seu irmão, Lorde Hastings, é o líder dos Tories na Casa dos Lordes, e não vai ser amável por ter um escândalo ligado à sua irmã.

— Como posso olhar Sir John no rosto, sabendo que ele se comportou de maneira tão vergonhosa?

— Sei que você não gosta dele, Madame, mas creio que há maneiras mais fáceis de afastá-lo do que o acusar de fazer uma criança em Lady Flora.

— Mesmo se for verdade?

— Pense no escândalo, Madame.

— É só com isso que você se importa? Evitar um escândalo?

Um espasmo de dor passou pelo rosto dele.

— Eu de fato sei, Madame, quão difícil e doloroso um escândalo pode ser. Vitória pausou e então disse devagar:

— Então você pensa que eu não deveria fazer nada.

— É a melhor coisa, Madame. Se suas suspeitas estiverem corretas, em alguns meses não haverá como negar a evidência. Espere e veja, Madame, espere e veja.

— Mas tenho que saber a verdade.

— A verdade, em minha opinião, é vastamente superestimada.

— Você é, acredito, o que se chama de um cínico, Lorde Melbourne. Mas eu não sou.

Sem querer ouvir a resposta de Melbourne, ela enterrou os calcanhares nas laterais do cavalo, lançando-o em um galope, e não olhou para trás até chegar ao Marble Arch. Atrás dela estavam o cavalariaço e Lorde Alfred, mas não havia sinal de Melbourne.

Lorde Alfred se aproximou dela.

— Lorde Melbourne voltou para a Dover House, Madame. Ele envia suas desculpas e pediu que eu lhe informasse que se sente velho demais para acompanhar o ritmo.

Vitória franziu a testa.

— Entendo. Ele nunca teve esse problema antes.

Lorde Alfred sorriu.

— Você estava indo bem rápido, Madame.

Quando ela trocou de roupas tirando sua veste de montaria, pediu para Lehzen buscar Sir James Clark, o médico da corte.

— Você está doente, Majestade? Talvez esteja nervosa por conta da Coroação.

— Estou perfeitamente bem, obrigada, Lehzen. Não, quero que Sir James investigue o estado de saúde de Lady Flora. Mamãe se recusa a acreditar em mim, então a única resposta é um exame médico.

Lehzen assentiu com a cabeça.

— De fato, Majestade.

— Você concorda comigo então? Que devemos chegar ao fundo deste... deste caso?

— Se a Duquesa não acredita em você, então você deve ter certeza, Majestade.

Vitória suspirou.

— Lorde M acha que não devo fazer nada.

Lehzen se inclinou na direção dela.

— É claro, Lorde Melbourne tem vivido uma vida bastante irregular. Talvez ele não goste de condenar esse comportamento.

Vitória ouviu o tom de desprezo na voz de Lehzen.

— Acho que ele não gosta de escândalo, mas neste caso, Lorde Melbourne está errado. — Ela falou mais alto que o normal, como se tentasse se convencer.

Lehzen retornou meia hora depois com Sir James, que era tão emoliente quando eminente. Ele ascendera às alturas de sua profissão por suas atenções meticulosas ao falecido Jorge IV — dando ouvidos a qualquer capricho da imaginação do Rei a respeito de sua saúde enquanto evitava apontar a verdade inconveniente de que o hábito do Rei de comer três aves tetraz postas para dentro com vinho do Porto no café da manhã talvez fosse a causa de seus padecimentos. Sir James, cujo nariz bulboso e cheio de veias sugeria que ele também não se privava das coisas mais finas da vida, tinha há muito descoberto que o médico mais elegante era o que ouvia com grande atenção cada sintoma e dava a ele todo o significado necessário antes de recomendar um remédio tão caro quanto inofensivo.

O médico fez uma reverência bastante baixa a Vitória, o que deixou seu rosto já rosado ainda mais vermelho.

— Vossa Majestade. Como lhe posso ser útil? Você necessita de algo para

acalmar seus nervos antes da Coroação? Meus pacientes do sexo frágil parecem achar extrato de láudano como algo da maior eficácia em momentos deste gênero.

Vitória ergueu seus olhos azuis para os dele, injetados de sangue.

— Você tem muitos pacientes, Sir James, que estão prestes a ser coroados na Abadia de Westminster?

O doutor fez um ruído que poderia ter sido uma risada ou um resmungo de desculpas.

— Você me derrotou, Madame.

— Mas em resposta à sua pergunta, eu não requeiro seus serviços eu mesma. Há outra... questão que eu gostaria de atender.

Sir James levantou uma sobrancelha cabeluda.

Vitória começou a caminhar para cima e para baixo. Tudo parecera tão simples em sua mente, mas agora ela descobria que não sabia como abordar o assunto com exatidão.

— Foi trazido à minha atenção, Sir James, que certa dama pode estar em uma... condição que não é compatível com sua... — Vitória olhou para Lehzen em busca de assistência.

— Com sua posição, Majestade.

— Sua posição? — O médico parecia confuso. — Ah, entendo. Você crê que a dama está em uma condição interessante, sem o benefício do casamento.

— Sim, creio que ela esteve envolvida em uma conversação criminosa com um certo cavalheiro.

— Uma suposição perspicaz, Madame.

Vitória parou de caminhar.

— Mas devo ter provas, Sir James. O doutor engoliu.

— Provas, Madame?

— Sim, quero que examine a dama.

Sir James puxou seus bigodes laterais com uma mão carnuda.

— Posso perguntar qual seria a identidade da dama? Foi a vez de Vitória engolir.

— Lady Flora Hastings.

Houve uma pausa enquanto Sir James considerava isso. O médico puxava seus bigodes com tanta força agora que parecia prestes a arrancá-los.

— Se eu ousar perguntar, a Duquesa sabe de suas suspeitas, Madame?

— Discuti a questão com minha mãe, mas ela não está disposta a acreditar em mim.

Sir James suspirou.

— Entendo. Devo lhe avisar, Madame, que antecipo um pouco de dificuldade em efetuar esse exame. Se Lady Flora não está disposta, eu dificilmente posso forçar a questão.

— Imagino que um médico de sua experiência seria capaz de determinar os fatos apenas olhando para ela.

— Você me lisonjeia, Madame. Descobri que em casos deste gênero é muito difícil confiar apenas no olho. Tantos outros fatores vêm à tona: vestimentas, digestão, até uma maneira particular de ficar em pé. Uma postura inclinada para trás pode ser das mais enganadoras.

Vitória bateu o pé com impaciência.

— Posso assegurá-lo de que isso não é uma questão de postura, Sir James.

— Não, Madame.

— Devo saber a verdade, e estou pedindo que a descubra, Sir James.

— Sim, Madame.

O doutor parecia prestes a dizer alguma outra coisa, mas Vitória virou as costas para ele. Quando ouviu seus passos se afastando corredor adentro, ela se virou para Lehzen.

— Você deve informar ao Lorde Chamberlain que Sir John e Lady Flora não devem ter cartões para a Coroação. Não posso tê-los lá nessas circunstâncias.

Lehzen franziu a testa.

— Creio, Majestade, que se fizer isso, então todos vão entender que você acredita no escândalo.

Vitória ergueu o queixo.

— Precisamente.

Capítulo Dezessete

A duquesa franziu a testa quando Sir James foi anunciado.

— Eu não mandei chamá-lo, Sir James.

Sir James baixou os olhos para o chão e então para o teto, para qualquer lugar exceto para a Duquesa e sua acompanhante. Ele limpou a garganta de forma ruidosa.

— Eu vim, Madame, sob pedidos da Rainha.

A Duquesa olhou para Lady Flora, que estava sentada ao seu lado. A outra mulher fechou os olhos e se inclinou de leve.

— Mas ninguém aqui está doente, Sir James, então não preciso de seus serviços. Sir James deslocou o peso de um pé para o outro.

— A Rainha foi de grande insistência, Madame. — Seus olhos cintilaram no sentido de Lady Flora. A Duquesa se refreou e, levantando-se, queimou o médico com o olhar.

— Não há nada para você fazer aqui. Você pode nos deixar.

Sir James se retorceu como um saca-rolhas de desculpas:

— Com respeito, Madame, temo que não posso fazer isso. A Rainha gostaria de algumas informações com relação a Lady Flora.

A Duquesa tentou rir.

— Minha filha persiste nessa fantasia ridícula?

Sir James não disse nada, mas não se moveu.

Lady Flora ergueu a cabeça.

— Vou responder suas perguntas, Sir James. Não tenho nada a esconder. Mas essa resposta não relaxou a espiral em que o médico havia se contorcido.

— Temo, Lady Flora, que a Rainha está pedindo um... exame. Para que se evitem dúvidas. Houve um sobressalto da Duquesa.

— É impossível! Não vou permitir tal coisa. Drina está fora de si.

Mas Lady Flora deu um passo à frente de sua senhora e se dirigiu ao

médico de forma direta.

— Há duas coisas na vida que eu valorizo, Sir James. Uma é a Rainha e a outra é minha fé. Se a Rainha crê que eu faria qualquer coisa para colocar qualquer um dos dois em descrédito, então estou disposta a provar que ela está errada.

Ela pausou por um segundo, limpando uma pérola de suor da sua testa em um gesto impaciente. Então ela olhou Sir James nos olhos.

— Mas insisto em meu próprio médico estar presente, Sir James — os cantos de sua boca esboçaram um sorriso forçado —, para que se evitem dúvidas.

O médico sentia tanta vontade de deixar o cômodo que ele atravessou as portas assim que foram abertas pelos lacaios. Era uma visão cômica, mas nenhuma das mulheres no cômodo riu.

Capítulo Dezoito

Foi o som que a acordou. O sussurro suave, como se um bando gigante de pombos de madeira tivesse pousado do lado de fora do Palácio. Conforme ela ouvia, o ruído começou a se dispersar, tornar-se mais indistinto. Vozes individuais pareciam atravessar o ar, mas as palavras fluíam para longe na brisa antes de Vitória poder pegá-las. Ao menos uma voz mais penetrante que as demais entrou em seu cérebro bêbado de sono.

— Deus abençoe a Rainha — ela dizia, seguido por outros em uma celebração descante.

Vitória pulou da cama e foi para a janela. Além do Marble Arch, ela conseguia ver um carpete de cor lotado: bandeiras, gorros, rostos erguidos. Deveria haver milhares de pessoas do lado de fora. Seu povo, ela pensou, enquanto sentia o fôlego sair em um longo suspiro estremecido. Ela vinha sendo Rainha por alguns meses agora, mas hoje a responsabilidade pressionava seus ombros como um peso físico. Hoje ela faria o Juramento da Coroação, que fora feito por inúmeros Reis e as quatro Rainhas que a precederam.

Ela pensou em todos esses olhos na abadia que estariam olhando para ela. Quantos deles estariam esperando que cometesse um erro, comprovasse suas suspeitas de que era indigna da grande função posta em frente a ela? Vitória mordeu o lábio, mas então pôs os ombros para trás e ergueu o queixo. Ela não cometeria um erro. Ela fora escolhida para esse papel por providência divina que a deixara, a filha do sexto filho de Jorge III, como herdeira do trono. Se seus tios houvessem sido menos libertinos, haveria uma dúzia de crianças legítimas entre ela e o trono, mas eles estiveram tão distraídos com os prazeres da carne que a coroa viera até ela. Vitória sabia que havia um motivo para isso, um propósito divino, e estava determinada a se mostrar digna.

Com uma almofada de orbe e um guarda-sol de cetro, ela ensaiou as palavras do Juramento.

— Pela graça do Deus todo poderoso, eu, Vitória, juro solenemente servir meu país.

Sua voz soava aguda no cômodo de teto alto. Ela esperava que eles conseguissem ouvi-la na abadia. Ela pensou em seus tios; com suas altas vozes efervescentes, era fácil que se fizessem ouvir. Mas como Lorde M disse, não havia nada de errado em falar mais baixo; isso apenas faz com que as pessoas tenham que escutar com mais atenção. Vitória sorriu ao pensar em seu Primeiro-Ministro. Ele estaria lá hoje, é claro, e ela se certificara que ele estaria em pé no seu campo de visão. Era uma pena que houve aquele desentendimento estúpido no Parque ontem. Mas isso em breve estaria resolvido quando Sir James houvesse feito o exame.

A porta interconectada abriu, e Lehzen entrou, seu rosto imenso em brilho afetuoso.

— Você deveria estar na cama, Majestade. Ainda é tão cedo.

— Ah, não consigo dormir mais, Lehzen. — Ela acenou para que a Baronesa se juntasse a ela junto da janela. — Olhe para fora, Lehzen. Tantas pessoas.

— Esperando pela sua Rainha.

— Eu espero ser digna deles. — Ela apertou a mão da governanta. — Quero ser uma grande Rainha, Lehzen.

— Não tenho dúvidas disso, Majestade. Vitória viu lágrimas nos olhos da governanta.

— Obrigada, Lehzen. — Ela se inclinou para a frente e beijou a face da Baronesa. — Por tudo. — Sentindo uma língua áspera lambeu seu pé descalço, Vitória se inclinou e pegou Dash. — Oh, Dash, está com ciúmes? Sou grata a você também, é claro.

E ela riu. Mas Lehzen não sorriu.

— Tem sido a maior honra da minha vida servi-la, Majestade.

O coche do Estado a esperava ao pé dos degraus, as moldagens douradas piscando sob a luz do sol. Ao descer os degraus com cuidado, ansiosa para não tropeçar em seu pesado manto carmesim, Vitória não conseguia evitar pensar na abóbora de Cinderela. Mas isso não era encantamento algum, esse era o coche que seus antepassados haviam tomado para a abadia. Ela queria que Melbourne fosse com ela, mas ele dissera que seria contra o precedente: os únicos companheiros que os Soberanos poderiam ter no coche eram seus

consortes. Então ela teria de viajar sozinha.

Conforme a carruagem parava na The Mall, ela conseguia sentir a onda de aplausos a embalando. O assento do coche era um pouco baixo, então ela tinha de se levantar para acenar para as multidões. Quando ela levantava a mão, havia um novo urro, e ela era quase empurrada para trás. Mas o som inflamou um brilho de felicidade dentro dela. Ela se lembrou do dia em que seguiu as linhas horizontais e então verticais da árvore genealógica de família até sua conclusão inevitável. É claro, Lehzen dissera a ela, ela era a única Herdeira Presumida; ainda era possível que a Rainha Adelaide tivesse uma criança que sobrevivesse. Mas Vitória soube naquele momento que era seu destino ser Rainha, seu destino era estar sentada onde estava naquele momento, em uma carruagem dourada, banhada na adoração de seus súditos.

A grande nave da abadia se estendia na frente dela, os assentos em cada lado em vermelho intenso com os nobres em mantos de estado. Ela ficou em pé na entrada e sentiu os oito caudatários erguerem o manto pesado em prontidão para a procissão. Ela ouviu o órgão tocar as notas iniciais de *Zadok the Priest*, de Handel, que era sua deixa para começar a caminhar. Mas seus pés não se moviam. Vitória estava ciente de que todos os olhos estavam nela, esperando que desse um passo à frente. Isso era um desastre. Ela se convencera a fazer isso, mas era como se suas pernas pertencessem a outra pessoa.

E então ela o viu. Lorde M sorria para ela, sua mão um pouco estendida como quem diz *Vamos lá, você não tem nada a temer*. Ela sorriu de volta e deu o primeiro passo.

Em um cômodo na ala norte do Palácio, um quarto que nunca era aquecido pelo sol, Lady Flora esperava pelos médicos.

Vitória tremeu enquanto ficava parada com a vestimenta que todos os monarcas usavam antes de serem investidos com os mantos de estado. Ela sentiu seu coração bater tão alto que se perguntou se o Arcebispo conseguia ver através da musselina. Quão vulnerável ela se sentia, parada ali em frente a toda a nobreza em seu veludo carmesim, apenas vestida em uma túnica de musselina. O Arcebispo entoava as palavras da cerimônia.

Mesmo ouvindo as antissonantes palavras — Deus todo Poderoso, reino, honra e glória —, ela procurava por Lorde M para lhe dar um pequeno aceno de cabeça aprovando. Ela virou os olhos de volta para o Arcebispo, e então

quando ele perguntou: “Você usará seu poder para trazer a Lei e a Justiça, na Misericórdia, em todos seus julgamentos?”, ela respondeu com um alto e claro agudo: “Usarei.”

O manto de estado debruado com arminho foi colocado em seus ombros. Ela se sentou ao trono, que fora preparado com uma almofada especialmente alta para que ela não desaparecesse em suas profundezas góticas. O Arcebispo tomou o Anel de Estado e, para desespero de Vitória, ele começou a empurrá-lo em seu dedo do meio, não o anelar. Ele empurrou com força contra o obstáculo inesperado, e Vitória tentou não gritar de dor enquanto ele forçava o anel sobre a junta do dedo. Ela estremeceu quando ele colocou o orbe em sua mão direita e o cetro na outra. Ela esperava que a dor não fosse visível.

Mas então o Arcebispo estava segurando a coroa sobre sua cabeça, entoando as palavras que vinham sendo usadas desde os tempos de Eduardo, o Confessor. Enfim, ele a pousou. Ela se equilibrou ali por um momento, oscilando sobre sua cabeça, então se ajustou, e uma sensação de serenidade cobriu Vitória. Ela era a Rainha desta grande nação, ungida por Deus.

Os trompetes soaram e os garotos da Escola de Westminster cantaram em coro:

— Vivat, vivat, Regina.

Com grande farfalhar, todos os homens e mulheres nobres tomaram seus diademas e os colocaram sobre suas cabeças. De soslaio, Vitória viu Harriet levantando seus longos braços brancos como um cisne, e sua mãe com lágrimas descendo pelo rosto.

Lady Flora se deitou na cama e fechou os olhos. Os médicos falavam em vozes baixas do outro lado do cômodo. Ela buscou as palavras de seu salmo favorito: Elevo os meus olhos para os montes; de onde me vem o socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra. Ela percorreu o salmo como se passeasse pelo passeio do jardim para sua casa de infância, encontrando conforto no trilho familiar do ritmo. Quando ela chegou ao final do salmo, começou outra vez desde o começo.

O som do órgão tomou forma, e o coral começou a cantar o Hallelujah Chorus. Vitória ficou imóvel enquanto os nobres do reino se aproximavam um a um para prestar homenagem. Por menos que ela movesse a cabeça, a coroa se inclinava sobre um olho. Conforme o Guardião a alertara, o peso das joias

era grande demais. Ela conseguiu manter a postura durante as homenagens dos Duques e Marqueses, mas então em meio às homenagens dos Condes, um nobre mais velho chamado Lorde Rolle desequilibrou-se ao subir na tribuna e estava prestes a tropeçar, então Vitória estendeu a mão para impedir que caísse e sentiu a coroa escorregar sobre um olho.

Por sorte, Lorde Rolle se acertou antes que a coroa pudesse escorregar sobre o outro olho, e ela pôde incliná-la de volta no lugar de forma subreptícia. Mas o episódio a lançou para fora do transe. Enquanto ela via Lorde Rolle cambalear de volta para seu lugar, seus mantos cobertos de poeira e o diadema torto, ela sentiu o riso subindo dentro dela. Seu corpete a pressionou conforme seus pulmões se enchiam de ar.

Uma Rainha não poderia rir em sua Coroação — ela sabia disso—, mas de alguma forma a ideia de uma Rainha risonha a fazia querer rir ainda mais. Na nave lateral, ela conseguia ver o rosto amarrado de seu Tio Cumberland e de sua Duquesa encaracolada, mas mesmo o ódio evidente deles não era suficiente para calar a revolução dentro dela. Justo quando o vulcão de alegria dentro dela estava prestes a entrar em erupção, ela viu

Melbourne subir os degraus, como um mero visconde, um dos últimos a prestar homenagem. Ele levantou os olhos para os dela e quase imperceptivelmente balançou a cabeça. Aquele momento de reconhecimento foi suficiente para impedir que a histeria prosseguisse, e ela se sentiu acalmar.

Os médicos puxaram suas mangas e apertaram os punhos da camisa. A empregada os ajudou para dentro de seus jalecos e deixou o cômodo. Flora não se moveu.

Enfim estava terminado. Os nobres todos tinham jurado fidelidade e retornaram aos seus assentos em posições coroadas. O Arcebispo e alguns outros sacerdotes tomaram seus lugares no começo da procissão, e Vitória sabia que esta era sua deixa para levantar. Ela fez isso com cuidado enorme para não desalojar a coroa. Conforme ela descia os degraus, oito caudatários tropeçaram sobre si mesmos para pegar os mantos de Estado. Ela seguiu em frente e sentiu o manto retesar. Por um momento, ela pensou que seria puxada para trás, mas então houve um comando sussurrado de Harriet Sutherland, Todos juntos agora, vão, e Vitória ousou dar um passo para frente. Para seu alívio, a cauda veio com ela.

A procissão desceu a nave da abadia, Vitória ouvindo os murmúrios de Harriet de um, dois, um, dois, conforme ela tentava estabelecer o ritmo para as damas de honra. Conforme eles se moviam passando pelo coral na nave, os soldados começaram a abrir a grande porta oeste da Abadia, e, pela primeira vez, Vitória ouviu o urro da multidão sobrepondo-se ao som do órgão. Ele crescia conforme ela se aproximava cada vez mais da entrada.

Agora as portas estavam abertas por completo e o sol inundava a escuridão da abadia, refratando-se nos diamantes da coroa de Vitória e desdobrando-se em milhares de pontos de luz. Havia tantas pessoas. Uma multidão maior do que ela jamais vira. Em todos os lugares havia bandeiras, estandartes e até balões. Em outro dia, ela talvez se sentisse esmagada pelos números, mas hoje Vitória conseguia sentir o amor de seu povo em cada fibra de seu corpo. Sua boca abria-se num grande sorriso, e seus súditos sorriam de volta. Ela amava o seu povo naquele momento; eles eram um.

Uma milha de distância, Flora Hastings sentiu sua barriga contrair-se, e ela virou o rosto para a parede.

Capítulo Dezenove

Dash choramingou em protesto enquanto Vitória derramava mais água em suas costas.

— Vamos lá, Dashy, fique paradinho agora. Você sabe que precisa de um banho. Dash olhou para ela com repreensão como se dissesse que hoje, de todos os dias, ele poderia ser poupado da indignidade de um banho.

— Quero terminar isso antes que tenha que ir me trocar para os fogos de artifício.

Pela primeira vez desde que acordara naquele dia, Vitória estava sozinha. Assim que Jenkins e Skerrett haviam levado embora suas vestes da Coroação, ela decidiu que a única coisa que queria fazer naquele momento era dar um banho em Dash.

A cor da água se transformava em um cinza cada vez mais intenso conforme a sujeira das caçadas a esquilos de Dash era removida com água. Quando ele enfim estava limpo e Vitória soltou sua coleira, ele correu dela, chacoalhando-se em frenesi para se livrar da água em excesso.

Nesse instante Penge anunciou que Lorde Melbourne a aguardava na sala de estar. O mordomo não conseguiu evitar um sorriso enquanto a água encharcava suas meias de seda. Vitória tentou não rir e foi malsucedida.

— Dash, venha aqui, seu garoto malvado. Penge, diga a Lorde Melbourne que estarei lá dentro de um instante.

Em frente ao espelho, Vitória puxou suas tranças para os dois lados do rosto para que elas ficassem em um ângulo mais apropriado.

Melbourne estava perto da janela quando ela entrou, e Vitória viu algo de melancólico na posição de seus ombros. Mas conforme se virava, ele lhe lançou um sorriso tão acolhedor que ela soube que estivera imaginando coisas.

— Oh, Lorde M, estou tão feliz em vê-lo. Que dia. Pensei que nunca iria conseguir evitar rir quando Lorde Rolle caiu.

Melbourne baixou os olhos para ela, uma luz tenra em seus olhos verde-oceano.

— Mas por sorte, Madame, sua dignidade natural prevaleceu. — Ele pausou e então disse em uma voz mais profunda: — Vim lhe dizer quão esplêndida esteve hoje, Madame. Ninguém poderia ter feito com mais dignidade.

Vitória ergueu os olhos para ele.

— Eu sabia que você estava lá o tempo todo, Lorde M, e isso tornou tudo fácil. Noto que tudo se torna mais... tolerável, se você está presente.

Melbourne fez uma pequena inclinação de cabeça.

— Você é muito gentil, Madame. — Quando ele falava, era em seu melhor tom de sala de estar. — A sua Coroação é a terceira a que compareço, e sem dúvida a melhor. A de seu Tio Jorge, apesar de magnífica, foi prejudicada de certa forma pela presença de sua Rainha errante dando pancadas na porta da abadia para ser admitida. E a de seu Tio Guilherme foi bastante monótona. Uma Coroação não é momento para economia; as pessoas gostam de um espetáculo. Hoje elas tiveram um.

— Você ouviu como me celebraram quando eu saí da abadia? Pensei que seria empurrada para longe pelas vozes.

— Você é o símbolo de uma nova era, Madame, e seu povo é grato. Eles estavam cansados de homens velhos e sabem quanta sorte têm de serem governados por uma Rainha jovem e bela.

Vitória se sentiu corar:

— Espero ser digna de seu amor.

Melbourne não respondeu, mas sustentou seu olhar. Desta vez, foi Vitória quem quebrou a troca de olhares primeiro.

— Estou empolgada para os fogos de artifício na noite de hoje. Espero que não chova.

— Já fiz as combinações apropriadas com o Todo Poderoso, Madame.

Vitória apontou para ele:

— Como você pode esperar que eu acredite nisso, Lorde M, quando sei que você nunca vai à igreja? Os dois riam juntos quando Lehzen entrou. Seu rosto estava rígido.

— Com licença, Majestade, mas Sir James Clark está aqui. Ele gostaria de

falar com você.

Vitória observou o sorriso sumir do rosto de Melbourne. Por um momento, ela desejou com grande intensidade haver seguido o conselho dele e não ter feito nada a respeito de Lady Flora. Mas lembrando-se da risada de sua mãe quando ela abordou o tópico de Flora e Conroy, ela assentiu para Lehzen:

— Pode trazê-lo.

Assim que Sir James entrou, fez uma reverência para Vitória, mas evitou olhá-la diretamente.

— Perdoe-me, Madame, por ousar perturbá-la em tal dia, mas pensei que poderia querer saber os resultados da... visita a Lady Flora.

— Sim, de fato, Sir James.

O doutor olhou para o piso de parquet como se pensasse que o trabalho em madeira poderia sussurrar a ele o segredo da vida eterna.

— Devo lhe dizer, Madame, que após exame, descobri que Lady Flora está — ele engoliu em seco — virgo intacta.

Vitória não reconheceu a expressão.

— Mas ela está esperando uma criança, Sir James?

O doutor ficou em um tom ainda mais profundo de carmesim e balançou a cabeça. Melbourne deu um passo à frente.

— Um em geral exclui o outro, Madame.

Espiando o arrependimento gravado no rosto dele, Vitória percebeu o erro.

— Entendo. Obrigada, Sir James. Isso é tudo.

O doutor contorceu o rosto em uma careta de desculpas.

— Antes de eu ir, eu deveria explicar, Madame, que acredito que o, ahm, inchaço, que poderia ser confundido com uma gravidez, é resultado de um tumor. Acredito que Lady Flora esteja gravemente doente.

Vitória não disse nada. O doutor saiu do cômodo, seguido por Lehzen. Quando eles se foram, Vitória se virou para Melbourne, e disse com arrependimento passional:

— Eu deveria tê-lo escutado, Lorde M.

Melbourne balançou a cabeça:

— É sempre mais fácil dar conselhos, Madame, do que aceitá-los.

Mais tarde naquela noite, ao sair para a varanda, a ver os fogos de artifício, Vitória sentiu uma ondulação de algo entre os cortesãos reunidos que não reconheceu de imediato. Estava escuro, então ela conseguia ver os rostos apenas quando iluminados pelas cores espalhafatosas dos clarões.

Sua mãe estava em pé ao final da balaustrada com Conroy ao seu lado, e quando o equipamento pirotécnico que soletrava VR começou a explodir no céu, Vitória viu a ferida de ressentimento no rosto de sua mãe mudar de vermelho, para azul e dourado. O rosto de Conroy permaneceu nas sombras. Vitória sabia que deveria dizer algo à mãe, tratar da fenda que se abria entre elas. Apenas então ela viu outro banho de ouro descer do céu e viu a mãe se apoiar no braço de Conroy, e o pequeno nó duro de raiva que estivera ali desde a cidade de Ramsgate queimou em seu peito. Ela estivera errada a respeito de Flora e Conroy, mas isso não queria dizer que estivera errada em tudo. Sua boca se encheu com bile ao ver a mãe levantar os olhos para Conroy e sorrir.

Houve um suspiro atrás dela, e ela sentiu a presença de Melbourne.

— Os fogos estão magníficos, Madame. Um fim apropriado para este dia excelente. Vitória sentiu a raiva diminuir um pouco.

Houve um suspiro dos cortesãos da sacada, além de vivas e aplausos das multidões na The Mall abaixo quando a peça central da exibição, um perfil em tamanho real de Vitória, era iluminado. Vitória se virou para Melbourne.

— Que engraçado, eu estou parada aqui assistindo a mim mesma em chamas na frente de todos.

— Essa é uma forma de descrever o espetáculo, mas eu a vejo como um farol de luz inspirando a nação.

— Você sempre descreve as coisas de forma tão alegre, Lorde M.

— Neste caso, Madame, estou apenas sendo preciso.

O perfil em chamas começava a se desintegrar. A coroa colapsou no meio, e o nariz e queixo caíram um sobre o outro. Vitória suspirou.

— Este é o melhor dia da minha vida e também o pior. Você consegue acreditar nisso? O rosto de Melbourne refletiu o verde de um último foguete.

— Consigo, mas apenas porque me lembro de como era ser jovem. Quando você tiver minha idade, vai descobrir que o mundo não é tão extremo. As montanhas e vales reduzindo-se a um platô confortável.

— É isso tudo que posso esperar? Conforto? Acho que eu preferiria ser feliz.

— Conforme você envelhece, há muitos pontos positivos em estar confortável, Madame. Mas não espero que acredite em mim. Quando eu tinha sua idade também queria ser feliz.

Vitória sentiu um puxão rápido no coração.

— E você foi? Feliz, quero dizer?

— Sim, acredito que fui.

— Com sua esposa? Como ela era?

— Caro? Quando eu a conheci, ela era cativante. Eu nunca conhecera ninguém tão vívido e tão inesperado. Eu nunca conseguia prever o que ela diria ou como interpretaria as coisas.

Vitória disse:

— Acredito que acharia isso bastante cansativo.

Melbourne olhou para The Mall.

— E você teria razão, Madame, ousou dizer.

A efígie de Vitória colapsou em si mesma enfim. O céu sem iluminação parecia haver diminuído. Uma brisa fresca brotou de lugar algum, e as multidões abaixo da The Mall começaram a se mover: um fluxo de pessoas aos murmúrios começando a se dirigir para casa, as cabeças cheias da glória do dia e do esplendor de sua Rainha.

Capítulo Vinte

Choveu todos os dias por duas semanas após a Coroação. O clima estava tão ruim que Vitória foi forçada a abandonar suas montarias diárias com Lorde M e se divertir com interesses mais interiores. Ela praticou piano; ela tentou pintar um retrato de Dash; ela até mesmo tentou ler o *Commentaries on the Laws of England*, de Blackstone, mas nada, fosse frívolo ou sério, dissipava a nuvem que pairava sobre ela, tão opressora quanto os céus cinzentos do lado de fora.

A ondulação que notara entre os cortesãos na varanda na noite da Coroação, ela agora sabia que era atitude reprobatória. Ninguém havia dito nada, mas Vitória sentia a dureza das medidas, o desajeito nas reverências, a incapacidade de olhá-la nos olhos. Mais de uma vez, ela entrou em um cômodo e ouviu a conversa parar tão de imediato como o apagar de uma vela.

Em uma manhã, ela havia ousado a ponto de perguntar a Harriet e Emma se algo as incomodava. Harriet olhou para o chão, e Emma disse que o clima as estava desalentando. Não era uma resposta muito boa, mas Vitória ficou grata pelo esforço. Naquela noite, perguntou a Lehzen o que as pessoas estavam dizendo sobre ela, e ela respondeu que não sabia.

Mas Vitória sabia que Lehzen mentia. A verdade era que, desde a Coroação, Lady Flora havia entrado em declínio. Ela se afeiçoara à sua cama nos aposentos da Duquesa, e não havia sido vista em público fazia uma quinzena.

Vitória enviou Sir James para perguntar a respeito da saúde de Lady Flora, mas ele retornou dizendo que seus serviços não eram requeridos. A Duquesa e Conroy permaneciam na ala norte e eram apenas vistos na igreja. Apesar de que, em outras circunstâncias, isso teria sido bem-vindo, agora suas ausências pareciam ameaçadoras, carregadas como os céus trovejantes do lado de fora.

Em geral, ela teria encontrado um pouco de trégua ao examinar as caixas com Lorde M.

Desde a Coroação, no entanto, aquele prazer fora obscurecido pela sombra lançada pela inválida na ala norte. Ela não mencionara Lady Flora a

Melbourne desde que ouviram os resultados do exame de Sir James, e ele não trouxe o assunto à tona, mas ela sabia que estava tão presente em sua mente quanto na dele.

Ela ouviu as portas se abrirem ao final do corredor e os passos rápidos de Melbourne ecoando pelo parquet.

— Bom dia, Madame.

— Estou tão feliz em vê-lo. Não consigo dizer quanta falta sinto de nossas cavalgadas.

— De fato, Madame. Mas este não é o clima para montar.

Houve um silêncio. Melbourne olhou ao redor de si, como se tivesse perdido algo, enfim olhando Vitória nos olhos.

— Temo, Madame, que ouço relatórios de que é muito provável que Lady Flora morra. Vitória colocou a mão sobre a boca.

— Claro que não. Ora, ela parecia saudável o suficiente apenas um mês atrás. Eu sei que Mamãe está cuidando dela, mas ela sempre gosta de exagerar nessas coisas.

— Mas nesse caso, temo que a Duquesa não esteja exagerando.

Vitória parecia irritada.

— Não posso acreditar. Como isso pôde acontecer? Melbourne disse da forma mais gentil que podia.

— Acredito, Madame, que Lady Flora está doente há algum tempo; isso é a maneira geral dessas coisas. Ela tinha esse ar doentio em seu semblante há algum tempo. E, é claro, é provável que os eventos recentes tenham precipitado seu declínio.

Vitória se virou para longe dele.

— Enviei Sir James com ofertas de ajuda, mas ela se recusou a vê-lo.

— Posso imaginar, Madame, que, nas circunstâncias, Lady Flora não iria querer ver Sir James.

Vitória lhe lançou um olhar de soslaio, os ombros caídos.

— Você acha que eu deveria ter enviado outra pessoa?

— De fato, Madame, creio que o único visitante que Lady Flora gostaria de

receber nessa conjuntura é você mesma.

Vitória se virou para ficar em frente a Melbourne, o rosto dela transtornado.

— Você quer que eu vá?

— Não é uma questão do que eu quero, Madame.

Houve um silêncio longo. Vitória olhou para o chão. Enfim, ela ergueu o queixo, e uma expressão de desafio formou-se em seu rosto.

— Bom, acho que tudo isso é... uma... tempestade num copo d'água. Não vejo motivo para levar isso a sério, gratificando minha mãe. Sugiro, Lorde Melbourne — Vitória apenas chamava seu Primeiro-Ministro pelo nome completo quando estava brava com ele —, que paremos de fofocar e comecemos com as caixas.

Melbourne inclinou a cabeça.

— Como quiser, Majestade.

Vitória se sentou e abriu a caixa vermelha. Ela demorou dez minutos inteiros para convidar Melbourne para que se sentasse ao seu lado. Eles trabalharam no conteúdo das caixas de forma metódica, sem as brincadeiras e conversas usuais, e como resultado, realizaram muito, mas despediram-se insatisfeitos. Vitória não ofereceu a Melbourne, como de costume, uma taça de vinho Madeira, e ele voltou para o Parlamento mais cedo do que o normal.

Após sua partida, Vitória decidiu que não conseguiria aguentar ficar engaiolada no Palácio, e correu para o jardim com Dash em seus calcanhares. Por um momento, ela ficou parada com o rosto virado para a chuva, sentindo as gotas caírem em sua boca e correrem pela nuca. Ela encarou o céu cinzento e disse em voz alta:

— Não é minha culpa! — E então balançou a cabeça ante a sua própria loucura. Ao ouvir um ruído atrás dela, ela se virou e viu Lehzen.

— Majestade, por que você está no meio da chuva?

— Melbourne diz que Lady Flora está morrendo!

O rosto de Lehzen deixou claro para Vitória que Lehzen ouvira a mesma coisa. Mas ela fez um esforço para esconder seu conhecimento e maquiá-lo com seu sorriso brilhante de governanta.

— Sabemos que ela está doente, Majestade, mas eu soube de casos como o dela que se recuperaram. Se ela está morrendo, é porque ela perdeu a vontade de viver. — Percebendo que ela dissera, com precisão, a coisa errada, Lehzen se apressou em acrescentar. — Você sabe quão religiosa é Lady Flora. Creio que ela está com vontade de estar no paraíso.

Vitória ficou em silêncio e Lehzen, sabendo que cometera outro erro, disse em desespero:

— Se você ficar aqui na chuva, Majestade, vai pegar uma gripe, e então teremos duas inválidas no Palácio.

— Ela tocou o braço de Vitória, tentando guiá-la de volta para dentro, mas a Rainha a afastou.

— Deixe-me sozinha.

— Mas, Majestade, você está encharcada. Ao menos deixe-me buscar um guarda-chuva para você.

— Não quero nada de você, Lehzen — Vitória marchou para longe dos arbustos, deixando Lehzen para trás, encarando-a, balançando a cabeça.

A chuva continuou a cair. Os jornais começaram a falar do Livro de Jó. Os fazendeiros olhavam para suas plantações arruinadas. Nos clubes e nos corredores da Câmara dos Comuns, não havia ar fresco para soprar para longe os vapores de rumores que circulavam em torno da situação de Lady Flora.

As conversas ficavam cada vez mais agitadas conforme o clima permanecia úmido. Houve ultraje no White's, o clube favorecido pelos Tories.

— Hastings ficou a par de tudo através de uma carta que recebeu da irmã. A Rainha pediu a Sir James Clark que fizesse um exame.

— Exame em Lady Flora? Mas a mulher nasceu com um crucifixo na mão!

— Ainda assim, a Rainha acreditava que ela estivesse esperando uma criança.

— Deve ter sido uma Conceção Imaculada, como dizem os Papistas. Não há solteirona mais determinada no país do que Flora Hastings.

— Sir John Conroy deveria ser a outra parte culpável.

— Conroy! Mas seus interesses estão em outras partes, não?

O Duque de Cumberland, que em geral não gostava do White's, onde ele sentia que os membros não lhe tratavam com o respeito devido a um Príncipe de Sangue, achou o salão de cartas do clube muito mais agradável do que o normal. Ele tratava de ir lá todos os dias se deleitar com mais um detalhe do banquete que estava sendo o caso Hastings. Ele era cauteloso o suficiente, é claro, para comentar, mas o ângulo de sua sobrancelha e o suspiro que dava sempre que o nome de sua sobrinha era mencionado eram suficientes para informar aos ouvintes o que ele pensava do assunto.

Até mesmo no Brook's, onde os Whigs predominavam, não havia fugas das ondulações do escândalo. Quando Melbourne entrava pelo grande salão de estar, as conversas paravam, e membros, até mesmo companheiros ministros, baixavam o olhar para as cartas, ao invés de chamá-lo com um sorriso.

Se Melbourne sabia por que as conversas paravam quando ele passava, não dava sinal disso, seu ar de abatimento fatigado nada perturbado. Apenas seu mordomo sabia que ele ficava acordado a noite inteira na biblioteca da Dover House, a garrafa ao seu lado.

O único entretenimento que a chuva não poderia perturbar era o teatro. Vitória estava ansiosa para ver *La Sonnambula*, de Bellini. Ela amava muito a ópera, e Bellini em particular. Sentada no escuro do camarote real ouvindo a ópera era o único momento em que ela se permitia chorar em público.

Às vezes ela se imaginava no centro do palco, comandando a audiência com a pureza da sua voz. Como ela invejava *La Persiani*, sua cantora favorita. Não apenas por sua voz, mas pela capacidade de expressar emoções com perfeição.

Vitória aprendera desde cedo a controlar as emoções em público, a manter o rosto o mais liso e imperturbável, como o de uma de suas bonecas. Mas em certos momentos, poderia ser trabalho árduo. Às vezes, ao ir para cama, sentia os músculos das faces doerem com o esforço de manter a lousa em branco.

Mas ali ela poderia relaxar e deixar a música cumprir sua função. Ela conseguia sentir os pelos dos braços se erguendo conforme a diva no palco começava a cantar a famosa ária *sonâmbula*. Era um momento de aproveitamento puro, o primeiro que tivera desde a Coroação. Suas pálpebras flutuavam enquanto ela se permitia suspirar com prazer.

Então algo mudou. A música continuou, mas seu devaneio sonhador foi

quebrado. Ele estava aqui; ela soube antes mesmo de se virar para ver Melbourne parado ali, o rosto rígido.

— Temo perturbá-la, Madame, mas temo que isso não possa esperar.

O rosto dele estava muito próximo ao dela. Ela conseguia sentir o cheiro de água com limão e tabaco.

— Lady Flora?

— Sim, Madame. Temo que o fim se aproxima.

— Entendo.

Vitória se levantou e, com um olhar arrependido para o palco, caminhou para a porta do camarote. No corredor vermelho e dourado, ela disse:

— Você acha que eu deveria ir até ela? Melbourne assentiu com a cabeça.

— Creio que vá se arrepender se não for.

Vitória colocou a mão na parede de veludo vermelho.

— Estou com medo, Lorde M.

Vitória sentiu Melbourne tocar sua mão com a dele. O esfregar de sua pele a sacudiu com uma corrente de calor. Ela virou a cabeça para olhá-lo.

— Eu sei, Madame. Mas também sei da coragem que tem. — A voz de Melbourne era reconfortante.

— Muito bem. Devo ir hoje à noite?

— Creio que amanhã possa ser tarde demais, Madame.

Vitória conseguia ouvir o tenor se lançar em um dueto de amor conforme ela seguia Melbourne pelo corredor, à entrada onde uma carruagem aguardava.

Penge liderou o caminho para o quarto na ala norte onde Lady Flora estava à beira da morte. Vitória quisera trocar de roupa para retirar seu vestido de ópera, mas em resposta a um olhar de Melbourne, ela decidiu ir como estava. Conforme desciam o corredor, Vitória notou que o carpete vermelho sob seus pés ceder a um tecido droguet fino. Não havia fotos nas paredes. As velas nas arandelas assobiavam e pingavam; eram de sebo, não da cera de abelha sempre usada nos apartamentos reais.

Ante a porta do quarto, Vitória hesitou. Ela se virou para Melbourne:

— Você vem comigo? Melbourne balançou a cabeça.

— Existem coisas, Madame, que você deve fazer sozinha.

Vitória hesitou. Então colocou a mão na porta e empurrou para abri-la.

O cheiro a atingiu primeiro. Suor, febre, e alguma coisa que só poderia ser enfraquecimento. Ela quis colocar a mão sobre o rosto, mas se forçou a manter os braços nos lados do corpo. Demorou um momento até ver Lady Flora no cômodo, que apenas estava iluminado por uma vela.

A mulher definhante estava enrodilhada em uma pilha de roupas de cama no meio da cama, amarelada contra os lençóis brancos, e seus lábios começavam a se encolher para trás por cima dos dentes, como se a caveira já estivesse aparecendo sob a pele. Sua respiração era pesada e penosa. Vitória conseguia ouvir o ruído da exalação do outro lado do quarto. Enterrando as unhas nas palmas das mãos, Vitória avançou devagar para a cabeceira de Flora. A cabeça de Flora estava virada para a parede. Ela apertava uma Bíblia contra o peito.

A enfermeira que estivera sentada ali se levantou afobada, confusa, e fez uma reverência desajeitada. Vitória gesticulou para que partisse, e então, colocando seu sorriso mais brilhante, avançou para onde Flora podia vê-la.

— Boa noite, Lady Flora. Sinto muito em encontrá-la em má saúde.

Lady Flora virou a cabeça, e seus olhos cintilaram ante a visão de Vitória, mas ela não disse nada, apenas a respiração agonizante e trabalhosa.

Desencorajada, Vitória se encontrou falando alto.

— Há algo que possamos fazer por você? Um pouco de caldo de bife? Pêssegos, talvez? Os que crescem nas estufas de Windsor são uma verdadeira raridade. Acredito que poderiam recuperar-lhe a saúde.

Flora ergueu uma mão fraca como para dizer basta, e, com grande dificuldade, falou com algo que parecia desprezo:

— Já estou além dos pêssegos.

Vitória balançou a cabeça.

— Não diga isso, Lady Flora! Tenho certeza que com descanso e cuidado, você logo vai estar de pé outra vez.

Flora arfou.

— Estou indo a um lugar melhor — e ela apertou a Bíblia.

Houve um silêncio quebrado apenas pela respiração terrível de Flora. Enfim, Vitória não conseguiu aguentar mais:

— Errei com você, Lady Flora. Eu vim lhe pedir seu perdão. Flora bateu em sua Bíblia e disse:

— Apenas Deus pode perdoá-la. Vitória se inclinou um pouco para trás.

— Bom, eu pretendo pedir pelo perdão Dele também. — Ela engoliu em seco. — Acreditei em algo que não era verdade porque quis acreditar, e lhe cometi uma grande injustiça.

Flora fechou os olhos. Por um minuto longo e terrível, Vitória imaginou que ela não os abriria outra vez, mas então seus lábios de borda avermelhada se separaram:

— Seus súditos — Flora arfou — não são bonecas para brincar. — Ela encarou Vitória com grande intensidade. Erguendo a cabeça em um esforço agonizante, ela disse: — para ser uma Rainha, você tem de ser mais do que uma garotinha com uma coroa.

E então Flora recaiu sobre os travesseiros, exausta, um filete de saliva vazando do canto da boca.

Vitória sentiu as palavras de Flora queimarem sua testa. De forma impulsiva, ela pegou a mão da inválida e a pressionou contra seus lábios. A pele estava fria e sebosa, como se já pertencesse a um cadáver. Flora não se agitou, o único sinal de que estava ainda viva era o ritmo terrível da respiração entrecortada.

Vitória baixou a mão fria e se afastou rumo à porta. Melbourne a aguardava do lado de fora.

— Você não ficou ali muito tempo, Madame.

— Foi tempo suficiente — e Vitória se apressou, ultrapassando-o, pelo corredor, não querendo que ele visse as lágrimas que ameaçavam quebrar sua compostura.

Ela sentiu seus passos vindo atrás dela, e o ouviu dizer:

— Imagino que foi bastante perturbador, Madame, mas creio que deve saber que fez a coisa certa.

— Isso mal pode compensar pela forma que errei com ela — disse Vitória

entre lágrimas.

— Você cometeu um erro e se desculpou.

— Tenho sido tão tola — ela soluçou.

— Talvez, mas todos são capazes de loucura, até mesmo a Rainha.

— Queria poder acreditar em você, Lorde M.

— Você deve acreditar, Madame. Afinal de contas, sou mais velho e sábio que você.

Ele tocou seu cotovelo e caminhou com ela de volta a seus apartamentos, onde Lehzen aguardava por ela.

— Boa noite, Madame.

— Não conseguirei fechar os olhos — Vitória respondeu, mas sentiu uma exaustão grande tomar conta dela. Lehzen a tomou pelo braço.

— Não se preocupe, Majestade. Vou lhe fazer um negus com vinho do porto, água quente, tempero e açúcar, então você vai dormir como um bebê.

Vitória apoiou-se nela por um momento e cerrou os olhos. Quando os abriu outra vez, Melbourne havia partido.

Capítulo Vinte e um

Vitória acordou na manhã seguinte para ver o sol brilhar através das janelas. Ela saltou da cama, Dash em seus calcanhares, e olhou para o Parque. Ela sairia para cavalgar hoje. Então ela se lembrou dos eventos da noite anterior, e seu júbilo logo se evaporou com a luz do sol.

Ela se perguntou quanto tempo demoraria agora. Mesmo enquanto se repreendia por um pensamento tão pouco generoso, ela não conseguia deixar de lado a esperança de que a morte de Flora viesse logo. A espera era a pior parte.

Ela não precisou esperar muito. Vitória estava na sala matinal tocando um dueto com Harriet Sutherland quando as portas se abriram e a Duquesa precipitou-se por adentro, o rosto rígido em pesar.

— Minha pobre Flora está morta!

Os dedos de Vitória congelaram nas teclas. Ela ouviu o murmúrio de Harriet pedindo-lhe licença e o farfalhar de sua saia quando saía depressa do cômodo. Vitória se levantou. Ela fechou a tampa do piano com o máximo de cuidado possível.

— Oh, Mamãe, isso é terrível. A Duquesa espremeu os olhos.

— Você a levou à morte, Drina.

— Mas eu fui vê-la ontem à noite. Para me desculpar pelo meu... erro.

— Erro! Você enviou médicos para humilhar uma mulher no leito de morte!

— E eu disse que sentia muito. — Vitória tentava conter a nota de pânico fora da voz.

— Você acha que isso é suficiente, Drina? Dizer que sente muito, como uma menininha que quebrou um copo? De qualquer forma, não é para mim que você deve se desculpar, mas para Sir John. Você o acusou, e ele também é inocente.

Ante a menção do nome de Sir John, Vitória sentiu a raiva começando a crescer sob seus olhos. Tudo em que sua mãe conseguia pensar era em seu precioso Conroy.

— Daquele crime em particular, talvez. Mas ele é culpado de muito pior, Mamãe!

A cabeça da Duquesa se encaixou de volta, como se ela tivesse sido atingida.

— Do que está falando? Sir John sempre foi como um pai para você. E você pagou por sua gentileza com essa... essa difamação.

Vitória deu um passo à frente, possuída pelo desejo de tomar a mãe pelos ombros e chacoalhá-la.

— Gentileza? É isso que você chama? Trancar-me em Kensington como uma prisioneira, rindo de mim por causa de minha altura, minha voz, minha ignorância. E você ria com ele, Mamãe!

A Duquesa ergueu as mãos como se para afastar um soco.

— Drina, por favor.

Mas Vitória não iria, não poderia, parar.

— Desde que eu consigo me lembrar, Mamãe, você olhou para ele primeiro, depois para mim! — Sua voz ameaçava quebrar, mas Vitória manteve as lágrimas sob controle com a violência de sua fúria.

A Duquesa olhou para ela, aturdida.

— Wovon redest du? Do que você está falando? Acho que está fora de si, Drina.

Vitória sabia que não conseguiria segurar suas emoções por muito mais tempo. Ela pôs os ombros para trás, ergueu o queixo e disse com vagar e clareza, com o último resquício de dignidade que tinha.

— Esta audiência está terminada, Mamãe. Você tem minha permissão para se retirar.

As palavras ficaram no ar entre elas. Pensando que sua mãe poderia atravessá-las e tocá-la, Vitória se encontrou desejando sentir os braços da mãe em torno dela. A Duquesa palpitava, como se ressonasse uma corda invisível que as mantinha juntas. Mas então ela olhou para baixo e, devagar, como se sonâmbula, saiu do recinto.

Vitória chorou.

Capítulo Vinte e dois

Houve multidões enfileiradas na rota para o cortejo de Lady Flora: o tipo de multidões que em geral marcavam o falecimento de um chefe de estado ou um membro menor da família real, não o funeral da filha solteirona de um nobre Tory. Os homens tiravam seus chapéus e as mulheres baixavam a cabeça conforme o carro fúnebre passava, puxado por seis cavalos negros adornados com plumas que flutuavam na brisa.

Atrás do ataúde, vinha a linha de carruagens enviada por enlutados. Houve celebrações esfarrapadas quando a multidão reconheceu o elmo do Duque de Wellington, e um reconhecimento mais mudo ante a visão do brasão do Duque de Cumberland. Essa era uma multidão solene, ali reunida para expressar seus respeitos a uma mulher de quem mal haviam ouvido falar uma semana antes, mas cujo falecimento agora sentiam com maior profundidade.

Conforme a longa fila de carruagens enviada pela Grandeza Tory passava fazendo barulho, elevava-se um murmúrio de expectativa. A multidão esperava, e quando a última carruagem entrou no campo de visão, seus ocupantes receberam o que queriam. Uma vaia baixa começou a crescer em volume conforme a carruagem avançava diante da multidão. Não houve nenhum escárnio, nenhum grito — afinal de contas, essa era uma multidão em luto —, mas quando a carruagem enviada pela Rainha passava, o brasão real visível de forma clara na porta, não houve dúvida de como a aglomeração de pessoas via esse gesto atrasado de contrição.

Vitória permanecera no Palácio no dia do funeral. Ela tentara visitar a Duquesa em seus aposentos, mas esta mandara dizer que estava indisposta.

No dia seguinte, Vitória saiu para cavalgar no Parque com Melbourne e notou que os espectadores não acenaram e sorriam como faziam de costume. Quando ela observou isso, Melbourne balançou a cabeça.

— Ah, não se deve prestar atenção nas pessoas no Parque, Madame. Vamos apostar uma última corrida? Mas ao passar como um trovão por um grupo de homens, ela ouviu um deles gritar algo que parecia soar como “cegonha”. Isso a intrigou por todo o caminho de volta ao Palácio.

Ela esperava que Melbourne ficasse para o jantar, mas ele disse que tinha questões a resolver de volta na Câmara.

Naquela noite, deitada na cama, Vitória ouviu o vento se chocar com as janelas e pensou no grito que ouvira na manhã no Parque. Cegonha, bisonha, peçonha, e então o sangue lhe subiu ao rosto ao perceber que a palavra que os homens ousaram gritar fora “vergonha”. Ela ficou deitada no escuro com os olhos abertos. Talvez ela estivesse errada; talvez os homens estivessem discutindo entre si. Mas em seu coração, ela sabia que eles gritavam para ela, desprezando-a pelo que ela tinha feito.

No dia seguinte, Vitória notou que não havia nenhum jornal em sua sala de estar. Quando perguntou a Penge onde estavam, ele disse secamente que achava que ainda não haviam sido entregues. Vitória franziu a testa e decidiu encontrar Lehzen, que saberia o que estava acontecendo.

Ao descer pela Galeria de Retratos para o quarto de Lehzen, uma porta se abriu ao lado do retrato de Jorge III. Para o seu desalento, Sir John Conroy saiu à sua frente. Ela imóvel, perguntando-se se deveria dar meia-volta e andar no sentido oposto. Ela não vira Conroy, exceto à distância, desde a noite do Baile de Coroação. Seu longo rosto branco exibia um sorriso que pesava mais no sentimento de inquietação de Vitória. Ele carregava um papel na mão esquerda. Do ângulo que Vitória conseguia ver, parecia ser algum tipo de desenho.

Ela reconheceu sua presença com o aceno mais curto possível, e fez menção de caminhar ultrapassando-o. Mas Conroy, cujo sorriso persistia, deu um passo na frente dela.

— Bom dia... — ele pausou apenas por tempo bastante para soar insolente —, Madame.

Vitória não disse nada. Ela sabia de muita experiência que ele tinha algo a dizer, e a não ser que ela o empurrasse de forma literal para passar por ele, não havia maneira de evitar. Se pelo menos Lorde M tivesse vindo mais cedo. Conroy não ousaria dizer nada em sua presença.

Ainda com aquele sorriso odioso grudado em seus traços, Conroy estendeu o papel em suas mãos, usando a outra mão para mantê-lo reto para que ela pudesse ver com exatidão o que estava nele. Ela o olhou em silêncio. Era um cartum vulgar de uma mulher nua da cintura para baixo deitada na cama com as

pernas no ar. Espiando atrás delas havia três figuras, dois homens e uma mulher. Pelas costeletas, ela tinha certeza de que um dos homens era Lorde Melbourne; pelo perfil, ela adivinhou que o outro era Conroy. Atrás deles, a figura de uma garota pequena e roliça com um sorriso predatório estava na ponta dos pés tentando ver o que estava acontecendo. Dado o pequeno diadema pousado em sua cabeça, ela percebeu que a garota deveria retratar ela própria. Na legenda se lia *A Aflição de Lady Flora*.

Vitória desviou os olhos depressa e tentou manter o rosto o mais impassível que lhe era possível.

— A Imprensa pode ser tão cruel, Madame. — O sorriso de Conroy ficou ainda maior. — Devo deixar isso com você? Para que possa examinar quando quiser?

Reunindo cada vestígio de autocontrole que tinha, Vitória manteve o rosto impassível por completo conforme passava por Conroy. Ela não lhe daria a satisfação de vê-la vacilar.

Quando o mensageiro veio, Melbourne estava na biblioteca da Dover House lendo um dos sermões de São João Crisóstomo. Desde que se deparara com o santo capadócio durante o nadir de seu casamento com Caro, ele encontrava uma consolação perversa nas certezas de um homem que nunca tivera uma esposa infiel ou um partido indisciplinado para governar. O santo do século IV pregava contra a extravagância em todas as suas formas, implorando a seus seguidores que seguissem o exemplo de Cristo distribuindo suas recompensas entre os pobres. Houve uma frase que sempre o fizera sorrir: “Como você aguenta se aliviar em um penico de prata enquanto os pobres passam fome?”

Melbourne olhou para os painéis de nogueira magníficos em sua biblioteca, a tapeçaria de Salomão encontrando a Rainha de Sabá na parede oposta, e o retrato de Caro pintado por Thomas Lawrence pendurado sobre a lareira. Ele suspirou ante sua própria hipocrisia. Ele havia feito muito pouco para qualquer pessoa. Ele falhara em proteger a Rainha das consequências de sua própria insensatez ao lidar com Flora Hastings. A fofoca era de que ele era indulgente em demasia com sua monarca, e nesse caso, ele sabia que eles estavam certos. Ele devia ter insistido que Flora Hastings, a virgem do crucifixo, era a última pessoa do mundo capaz de ter uma relação ilícita, e que

aquele inescrupuloso do Conroy era calculista e autocentrado além da conta para arriscar um escândalo por seduzir a dama de companhia de sua amante. Mas Melbourne havia sido, como sempre, suscetível demais. Assim como ele afastara o olhar quando Caro se jogava em Byron em público, ele recuara de arriscar sua amizade com Vitória ao dizer a ela que estava errada.

Caro e Vitória eram semelhantes naquela necessidade impulsiva de se impor sem pensar nas consequências, e ele não conseguia resistir a nenhuma delas. Melbourne sorriu de esguelha ao se lembrar de como tentara confortar Vitória dizendo a ela que todos eram capazes de cometer erros, mas ele era o tolo que cometera o mesmo erro duas vezes. A Rainha era agora o centro de uma tempestade de escândalo e conjuntura, assim como Caroline havia sido. E ele fora malsucedido em prevenir isso nas duas vezes.

Melbourne tomou outro longo gole do cálice de conhaque ao lado dele. Ele tentou se concentrar nas convicções de seu mentor austero, mas daquela vez ele não encontrou conforto em concentrar a mente em uma tão diferente da sua própria.

O mordomo trouxe uma carta em uma salva de prata.

— Do Palácio, milorde.

Para sua surpresa, a nota não era da Rainha, mas de Emma Portman.

William,

A Rainha se trancou em seu quarto e se recusa a falar com qualquer pessoa. Mas ela irá, suspeito eu, falar com você. Há a Inspeção de Tropas na tarde de hoje e temo que ela não compareça. Por favor, venha.

Sua amiga, Emma

Melbourne terminou o conhaque em sua taça e se levantou, sentindo a dor nos ossos. Ao caminhar rumo à porta, ele vislumbrou a si mesmo no espelho. O rosto que olhou de volta para ele, não barbeado e amarrotado parecia o de um homem velho. Melbourne ajeitou os ombros e encolheu a barriga.

— Diga a Bugler para buscar uma tigela de água para barbear. Devo me preparar para ir ao Palácio.

O mordomo era muito bem treinado para sorrir naquele momento, mas houve uma leve contração em seus lábios e ele assentiu.

— Com certeza, milorde.

Os relógios batiam onze horas quando a carruagem de Melbourne entrava na avenida The Mall. As árvores junto da rota estavam decoradas com bandeiras, e os estandartes tinham sido levantados para espectadores da Parada da Cavalaria. Ele conseguia ver grupos de pessoas se alinhando na rota que a Rainha tomaria naquela tarde para inspecionar as tropas, mas, Melbourne notou com inquietação, não havia muitos gorros entre eles. Gorros eram a diferença entre súditos fiéis presentes para aplaudir sua Rainha e uma multidão lamurienta que poderia ser alugada por qualquer pessoa com bolsos fundos o suficiente.

Melbourne se perguntou se algum dos Tories iria de fato jogar tão baixo, e então pensou com pesar que talvez eles não precisassem. Após o funeral, Lorde Hastings havia publicado no The Times a carta de sua irmã que definia seu tratamento nas mãos da Rainha. Lady Flora havia pedido que a Rainha fosse tratada com o espírito de perdão cristão, pois ela era jovem demais para ser responsável por completo por sua insensatez juvenil, mas Melbourne duvidava que haveria muita simpatia por Vitória. Flora Hastings, severa e santimonial em vida, na morte se tornara um mártir sacrificado pelos caprichos de uma jovem Rainha maldosa. Enviar médicos para verificar se Flora era virgem era ruim o suficiente, mas humilhar uma mulher moribunda era, na mente do público, imperdoável.

É claro, iria passar, Melbourne pensou — no final, cada escândalo perdia seus traços picantes —, mas no momento as pessoas estavam se banquetando na carniça da reputação da jovem Rainha. Houve muitas conversas sobre sua juventude e inexperiência. Disseram a ele que Hastings a descrevera como uma pivetinha malévola; houve insinuações na imprensa Tory de que a Rainha não tinha sanidade mental, e que um Regente deveria ser apontado.

Melbourne temia que as pessoas vissem a mão do Duque de Cumberland por trás disso; nada satisfaria mais o Duque do que ser nomeado Regente enquanto sua sobrinha estava declarada insana. Mas as pessoas ainda se lembravam do que acontecera com o avô da Rainha, Jorge III, e havia a crença geral de que jovens mulheres solteiras eram suscetíveis à histeria, o que só poderia ser curado com casamento e maternidade.

Apesar de Melbourne refletir que ninguém que houvesse conhecido Vitória

duvidasse de sua sanidade, não havia maneira fácil de deixar isso claro aos súditos. Muitos deles estavam dispostos a acreditar que a Rainha estava louca. O importante agora era não alimentar o fogo. A Rainha devia proceder com normalidade.

Emma Portman aguardava por ele na entrada do Palácio.

— Ah, William, graças a Deus você está aqui! Todos nós tentamos falar com ela, mas ela trancou a porta e se recusa a sair. O único som que sai de seu quarto são os latidos de Dash. — Ela parou e colocou a mão no braço de Melbourne, sua expressão usual de desinteresse mundano transfigurada em alarme. — Você não acha, ou acha, que ela poderia ter feito algo... tolo? — Ela baixou a voz. — Fico pensando em Caro.

Melbourne franziu a testa. A Longa Galeria pela qual eles caminhavam tinha lacaios a postos em ambos os lados, e apesar de parecerem impassíveis, ele não tinha nenhuma dúvida de que ouviam cada palavra. Ele não queria que a fofoca dos servos alimentasse os rumores da instabilidade da Rainha. Caro, era evidente, tentara se matar diversas vezes, mas nesse respeito ele sabia que sua Soberana e sua falecida esposa não tinham nada em comum.

— Tenho certeza que a Rainha está apenas fatigada após o esforço das últimas semanas.

— Espero que esteja certo, William.

— É claro que estou certo — disse Melbourne com um toque de impaciência.

Ao subirem a escadaria para os Aposentos da Rainha, a Duquesa apareceu no patamar, acompanhada de Conroy. Ambos vestiam luto completo. Melbourne se curvou para a Duquesa e deu a Conroy o menor aceno com a cabeça possível.

— Suponho que você esteja a caminho de ver a Rainha, Lorde Melbourne. Bom, desejo-lhe sorte. — Conroy mostrou os dentes em seu sorriso mais terrível.

Os cachos da Duquesa se agitaram ao lado dele.

— Ela não queria me ver na manhã de hoje, sua própria mãe. Ela me deixou parada na porta como um cobrador.

Conroy continuou:

— Espero que sua... indisposição não dure. Seria uma pena tão grande se ela perdesse a inspeção. As pessoas poderiam pensar que há algo... errado.

A Duquesa interrompeu.

— Não foi para isso que eu a estou educando ao longo de todos esses anos. Para se esconder no quarto. Recusando até sua mãe. — Melbourne se notou surpreso ao ouvir uma nota de aflição real na voz da Duquesa.

Emma disse com suavidade:

— A Rainha recusou todos, Madame. Harriet e eu mesma, a Baronesa Lehzen, ninguém foi autorizado.

A Duquesa retrocedeu.

— Por que ela iria querer ver qualquer uma de vocês se ela não iria ver a própria mãe? — Então ela olhou para Melbourne, e um olhar de aversão atravessou seu rosto. — Mas suponho que ela irá vê-lo, seu precioso Lorde M.

Melbourne deu a ela um sorriso tão amplo quanto o de Conroy.

— Eu espero que sim com sinceridade, Madame. Mas suspeito que será a fome, mais do que a minha presença, que abrirá sua porta. Está chegando perto do meio-dia, e eu nunca soube de a Rainha pular uma refeição.

A Duquesa olhou para ele sem expressão e seguiu em frente, Conroy em seu cotovelo.

— Isso foi muito bem feito, William — Emma disse com aprovação. — Devia morder a língua por ter mencionado Lehzen. Elas se odeiam, é claro.

— Creio que a Duquesa está genuinamente preocupada com a própria filha. Conroy, é claro, é outra questão.

— Acho que nós dois sabemos o que ele quer — disse Emma — uma Rainha incapacitada com a Duquesa de Regente. Melbourne tremeu.

— Que ideia! Vá em frente, Lady Portman. É hora da Rainha se mostrar ao seu povo.

Na antessala do quarto de Vitória, as damas de companhia estavam reunidas em um grupo ansioso. Elas ficaram aliviadas ao verem Melbourne. Apenas Lehzen parecia menos do que satisfeita. Ela balançou a cabeça para

ele.

— É tudo um grande alarido por nada. Só nervos. Melbourne deu a ela uma reverência especial.

— Tenho certeza que tem razão, Baronesa. Você conhece a Rainha melhor do que qualquer um de nós, mas eu gostaria muito de tentar minha sorte, se você concordar.

Parecendo um pouco acalmada, Lehzen gesticulou para que fosse em frente. Melbourne bateu com firmeza nas portas duplas.

— Vossa Alteza, posso lhe dirigir a palavra? — Houve um momento longo, e então a porta se abriu. Lehzen bufou alto enquanto Melbourne passava pela porta e a fechava atrás de si.

Vitória tinha posto um xale de Paisley sobre a suavidade rendada de suas vestes de dormir. Seu cabelo estava solto, estendido por seus ombros. Ela parecia pálida, e seus olhos tinham sombras escuras sob eles. Ela também parecia muito jovem, mas havia um embotamento em seus olhos que ele não tinha visto antes. Ela foi se sentar no assento perto da janela com Dash ao seu lado.

— Sinto muito que está indisposta, Alteza. Mas creio que será revivida por seus regimentos. A Cavalaria da Casa em figura completa é uma linda visão para olhos cansados. — Vitória não disse nada. Sua mão acariciava a longa orelha sedosa de Dash de forma convulsiva. Melbourne deu um passo à frente. — Vamos lá, Madame. Você não vai querer deixar suas tropas esperando.

Vitória levantou os olhos para ele, sua voz baixa e inexpressiva.

— Não posso ir a lugar algum. Você viu isso? — Ela apontou para o cartum de A Aflição de Lady Flora que estava em sua penteadeira. — Como posso sair?

Melbourne deu uma olhada no desenho.

— Eu não o tinha visto, mas não faz diferença.

Vitória soltou a orelha de Dash, e o spaniel pulou com graça para o chão. Desta vez, quando a Rainha falou, sua voz tinha um pouco mais de espírito.

— Como você pode dizer isso? Sou o objeto de ridículo público. Melbourne riu.

— Se eu tivesse ficado no meu quarto cada vez que era zombado na imprensa, eu não teria visto a luz do dia nos últimos trinta anos. — Ele deu um passo mais próximo dela. — Quando eu aceitei Caro de volta, alguém, Gillray, creio, a desenhou como uma pastora me guiando como um carneiro em uma fita. Meu sobrenome era Lamb, carneiro, na época, e suponho que fosse irresistível. Causou-me dor na época, mas eu sobrevivi, como pode ver.

Ele sorriu para ela, incentivando-a a sorrir de volta, mas Vitória olhou para o chão. E então ela sussurrou tão baixo que ele mal podia ouvir.

— É tudo minha culpa. Tudo está arruinado.

Melbourne viu que tentativas de fazer Vitória rir para afastar sua depressão seriam vãs. A aflição de Vitória era mais do que orgulho ferido. Ela estava aflita com remorso. Ele gesticulou para o espaço no assento perto da janela, ao lado dela.

— Posso, Madame?

Diante de sua autorização, ele se sentou ao lado dela. Ele queria muito pôr o braço em torno de seus ombros, confortá-la, mas sabia que essa seria uma linha que ele não cruzaria. Já era contra todas as regras de protocolo que estar sozinho no quarto com ela. Tocá-la era equivalente à traição, e, é claro, havia todos os outros motivos pelos quais ele não deveria tocá-la da mesma maneira que tocaria outra mulher.

— Não posso seguir em frente, Lorde M, não mais. — As palavras eram de uma garotinha, mas havia um desespero por trás delas que era adulto.

Melbourne respirou fundo. Um cacho do cabelo de Vitória roçava em sua mão; ele desejou enroscá-lo em torno de seu dedo como uma vez fizera com...

— Creio que nunca lhe contei por que estava atrasado para o Baile de Coroação. — Vitória virou a cabeça para olhá-lo, surpresa. Melbourne continuou: — você sabia que eu tive um filho, Madame? Seu nome era Augustus, e aquele dia era seu aniversário. Suponho que ele era o que o mundo chama de fraco de espírito, mas eu o achava bastante inteligente.

Vitória virou o corpo inteiro para encará-lo agora. Melbourne sentiu seu olhar tão direto quanto a chama de uma vela.

— Depois da morte de Caro, ele começou a ter muito medo do escuro, e não conseguia ir para a cama exceto se eu estivesse lá segurando sua mão. —

Ele pausou, e Vitória se inclinou para frente como se temesse perder uma única palavra. — Sabe, creio que nunca fui tão feliz quanto naqueles momentos, assistindo ao meu pobre filho pegar no sono.

Melbourne obrigou-se a continuar.

— Quando ele morreu três anos atrás, pensei que não havia mais sentido em minha existência.

Os lábios de Vitória tremeram.

— Oh, Lorde M, como você pode dizer isso? Melbourne sorriu.

— Mas eu não me sinto mais dessa forma, Madame. Desde que me tornei seu Primeiro-Ministro e, espero, seu amigo, encontrei um motivo para seguir.

Os olhos azuis em frente aos dele cintilaram. Ele sentiu a pressão de sua pequena mão na dele, e o toque o esporeou.

— Agora você deve fazer o mesmo, Madame. Você deve sair lá fora e sorrir e acenar, e nunca deixar que saibam quão difícil é suportar. — Com grande esforço, Melbourne se levantou, largando-lhe a mão.

Vitória ficou em pé, mas seu rosto ainda estava um pé de distância do dele. Em voz baixa, quase um sussurro, ela disse:

— Obrigada, Lorde M. Farei meu melhor.

Melbourne deu a ela o que ele entendeu como um aceno paternal.

— Agora creio que eu deveria chamar suas damas, Madame. Você vai querer estar com a melhor aparência para a parada. E, se ousar dizer, o uniforme de vestido é bastante próprio.

Pela primeira vez naquele dia, Vitória sorriu.

Aquele foi o sorriso que ela manteve no rosto quando saiu cavalgando Monarch, sua égua branca favorita, pelo Marble Arch rumo à área da parada. Ela usava suas vestimentas de montaria, cortadas em estilo do uniforme de Windsor, que Melbourne mencionara. Como o uniforme masculino, era azul-marinho com guarnições vermelhas e botões dourados na frente, e havia um barrete que combinava com uma borda pontiaguda. Ela sabia que estava em sua melhor aparência.

Conforme cavalgava Monarch passando pelo Marble Arch, Vitória esperou pelos aplausos da multidão que sempre saudava sua aparência. Mas não estava

vindo. Por sorte, essa falta de entusiasmo foi disfarçada pela banda que a antecedia pela The Mall. A música era alta, ainda que nem sempre em ritmo ou afinação. Vitória manteve o olhar fixo nas plumas se agitando no capacete do soldado da guarda diretamente em sua frente. Apesar da música e do barulho dos cascos de cavalos, ela conseguia sentir o silêncio das multidões. Ela sabia sem olhar para os lados que não havia bandeiras acenando para ela, crianças sendo erguidas pelos pais para um vislumbre de sua Rainha.

Apesar da distância de The Mall para o Parade Ground ser pouco menos de um quilômetro, Vitória estava consciente de cada polegada. Suas faces doíam do esforço de manter o rosto composto conforme ela passava pelas pessoas que um dia a fizeram se sentir tão amada.

O Parade Ground estava alinhado com camarotes para os espectadores. À esquerda, estavam as esposas e filhas dos militares, à direita havia os políticos, e no meio, estava o Camarote Real. A Duquesa de Kent estava

sentada na fileira da frente com Conroy à sua esquerda e, para a grande surpresa de Vitória, o Duque de Cumberland à sua direita. Uma voz gritou:

— Vida longa à Duquesa de Kent — e a Duquesa, apesar de seu luto profundo, se permitiu um sorriso radiante. Conroy deu um pequeno aceno de cabeça, como se ele também estivesse sendo reconhecido pela multidão. Cumberland fixava os olhos à frente. Nenhuma multidão em Londres, nem mesmo uma que estivesse sendo apoiada por Tories proeminentes, era mercenária a ponto de aplaudir Cumberland.

Vitória deveria entrar no Parade Ground, a área para a parada, através de um arco cerimonial. Atrás dele, estava um pequeno toldo em que ela pararia Monarch para se recompor para a cerimônia em frente. A inspeção dos regimentos demoraria ao menos uma hora conforme as tropas se enfileirassem passando por ela. Normalmente, ela esperava com ansiedade ver todos seus soldados vestidos em seus ornamentos, mas hoje ela sabia que cada olho estaria observando-a e esperando que vacilasse. Ela também sabia que Melbourne tinha razão, que ela teria de encontrar a coragem para prosseguir assim como ele tinha feito.

Uma Rainha não poderia se esconder de seus súditos. E ainda assim hoje seria o maior teste. As multidões não tinham vindo celebrar sua Rainha, mas condená-la, e o que fazia isso tão mais difícil de suportar era que ela sabia

que merecia. Por um momento, ela hesitou — talvez ela pudesse dizer que se sentia prestes a desmaiar e voltar ao castelo —, mas então ouviu outro grito para a Duquesa de Kent. Só de imaginar o olhar de triunfo de Conroy, encheu-se de determinação.

Vitória respirou fundo e enfiou os calcanhares nos flancos de Monarch. Conforme ela passava pelo arco, um risco de luz do sol atravessou a multidão e refletiu nos escudos de metal dos homens da guarda, então ela foi ofuscada. Mas naquele momento de cegueira temporária, ela ouviu o sibilo baixo da multidão, que cresceu conforme ela cavalcou em frente da cavalaria.

Mantendo seu rosto o mais imóvel possível, Vitória guiou Monarch para o local em que ela reconheceria as saudações às tropas. Ela quis olhar para cima, ver Melbourne, no estande atrás dela, mas sabia que não poderia se dar esse luxo reconfortante. Os assobios da multidão eram agora ampliados em vaías de fato, e ela ouviu uma voz se separar de trás da multidão e gritar:

— E Flora Hastings?

Outra voz gritou o nome e então outra, até que Vitória achou que sua cabeça iria explodir. Mas ela não lhes daria a satisfação de mostrar como se sentia. Mordendo a parte de dentro das bochechas para não chorar, ela manteve o rosto em um sorriso impermeável. Apenas quando ouviu uma mulher gritar:

— Senhora Melbourne! — foi quando seu lábio tremeu.

Mas justo quando Vitória achava que não conseguiria aguentar mais, houve um rufar de tambores e a banda da cavalaria começou a tocar o hino nacional. As cordas familiares afogaram o barulho das pessoas, e Vitória ergueu a mão para saudar suas tropas. Conforme as colunas de soldados começavam a entrelaçar entre si como formigas vermelhas e pretas, Vitória ouviu as palavras fluírem pelo Palace Ground.

Deus salve nossa graciosa Rainha, Longa vida à nossa nobre Rainha, Deus salve a Rainha;

Envie a ela a vitória, Felicidade e glória,

Que tenha um reinado longo sobre nós. Deus salve a Rainha.

As vozes profundas da Cavalaria da Casa ressoaram pela praça. Vitória pensou em todos os monarcas que vieram antes dela. De alguma forma, eles tinham conseguido suportar; ela deveria fazer, ela faria o mesmo. Quando a

multidão começou no segundo verso, Vitória escutou as palavras como se nunca as tivesse ouvido antes.

Os melhores presentes;

Que sejam agradáveis para lhe dar. Que seu reinado seja longo;

Que defenda nossas leis e sempre nos dê motivo

de cantar com o coração e a voz. Deus salve a Rainha.

Seu braço doía por erguê-lo em saudação, mas ela não hesitaria agora. Conforme o Hino da Inglaterra chegava ao fim, ela decidia que faria tudo em seu poder para dar ao seu povo motivo para cantar com o Coração e Motivo no futuro. A admoestação sussurrada de Lady Flora voltou a ela:

— Para ser uma Rainha, você tem de ser mais do que uma garotinha com uma coroa.

Houve um silêncio após o canto. Em geral havia vivas e aplausos quando o hino terminava, mas hoje havia apenas o um-dois dos soldados marchando para preencher o vão. Vitória encarou em frente, sua mão ainda na têmpora.

Então de trás da multidão veio um grito. Era a voz de uma criança, rala e clara:

— Deus salve a Rainha Vitória!

Livro Dois

Capítulo Um

A fila de dignitários esperando para serem apresentados se estendia por todo o caminho até a antecâmara do Guild Hall. Deveria haver ao menos sessenta homens ali, pensou Vitória, enquanto tentava manter seu sorriso no lugar. Ela queria que a tiara que estava usando não fosse tão pesada. Ela a selecionara para impressionar os burgueses que estariam presentes no banquete do Lorde Mayor, o prefeito da cidade de Londres, mas agora se arrependia de sua escolha. Ela conseguia sentir a dor de cabeça começar a fazer pressão atrás de seus olhos.

O hálito do Lorde Mayor fez cócegas em seu ouvido.

— Acredito que conheça Sir Moses Montefiore, Madame. Vitória sorriu para o homem corpulento inclinado sobre sua mão.

— De fato conheço. Estou feliz de vê-lo outra vez, Sir Moses.

Ela estava contente em ver alguém que reconhecia. Sir Moses tinha sido feito cavaleiro em sua primeira investidura. Ele era o primeiro judeu a ter sido honrado dessa maneira, e Vitória sentia orgulho de ter estabelecido esse precedente.

— E como está Lady Montefiore? — Vitória se lembrou da alegria no rosto da esposa na cerimônia de investidura. De todas as suas obrigações, conferir títulos era um dos seus maiores prazeres. Era um papel que apenas ela poderia executar, e não poderia haver dúvida em relação à sua popularidade.

Sir Moses sorriu com prazer.

— Muito bem, Madame, mas ela estará ainda melhor quando eu lhe contar que você perguntou a respeito dela.

— Vou enviar-lhe um cartão para meu próximo baile.

O sorriso de Sir Moses ficou ainda maior.

— Ela não vai conseguir se aguentar, Madame. Você é muito gentil.

Vitória assentiu com a cabeça. Antes de mover para o próximo homem, ela olhou para Melbourne, parado ao seu outro lado, para ver se ele havia notado a interação. Melbourne sempre a encorajava a conversar fiado em ocasiões

como essas, e ela queria que ele visse que ela fazia progresso. Para sua surpresa, viu que ele não estava olhando para ela, mas consultando o relógio de bolso. Apesar de sua falta de atenção tê-la feito querer franzir a testa em vexação, Lorde Mayor murmurava outra apresentação, então ela não teve escolha exceto sorrir para o homem que agora estava parado em expectativa na frente dela, esperando para fazer a reverência que estivera praticando durante a manhã toda.

Só quando a Rainha foi levada para a pequena antecâmara onde ela aguardaria até todos os convidados estarem sentados para o Banquete para que pudesse fazer sua entrada gloriosa, ela conseguiu falar com Melbourne.

— Você tem um compromisso mais urgente, Lorde Melbourne? — Como ela raramente o chamava de qualquer coisa além de Lorde M, sua irritação era clara. Mas Melbourne não parecia tão cheio de remorso como Vitória esperava. Ele franziu o rosto ao guardar o relógio de bolso.

— Confesso, Madame, que estou distraído. Há um projeto de lei contra a escravidão sendo votado na Câmara dos Comuns no momento, e estou preocupado de que ele vá resultar contra meu governo.

Vitória estava confusa.

— Mas eu achava que a escravidão tinha sido abolida anos atrás. Eu me lembro de quando era criança e tinha uma xícara que tinha um pobre escravo em correntes em um lado e ele liberto no outro.

Melbourne parecia grave.

— O comércio de escravos foi banido, Madame, há muitos anos. Mas a escravidão em si permanece em alguns de nossos territórios, as ilhas do Caribe em particular. Os fazendeiros da Jamaica dizem que não conseguem fazer a colheita de suas safras sem escravos para cortar a cana de açúcar para eles. E os Tories decidiram apoiar sua causa na esperança de se livrar de meu governo.

Vitória começou a caminhar de um lado para o outro no recinto, seus passos ecoando em indignação.

— Mas como os Tories podem ser tão cruéis? Com certeza eles devem saber que sua causa é a mais justa? Não consigo acreditar que Wellington, o homem que lutou por liberdade em Waterloo, iria descer tão baixo.

Os lábios de Melbourne tremeram.

— Wellington é um político agora, e um Tory, e ele busca vantagem onde consegue. Os Tories acreditam que conseguem estabelecer uma maioria contra meu governo nessa questão: há muitos membros com interesses em açúcar, e assim Wellington e seus amigos vão usar isso para me derrubar.

Vitória parou de caminhar.

— Não há algo que eu possa fazer? Se eu apoiar sua causa em público, com certeza ninguém ousará discordar.

Melbourne pareceu pesaroso.

— Temo que não a ensinei bem como eu deveria, Madame. Você não tem poder em intervir em questões de governo. Você pode aconselhar, encorajar sem dúvida, e até mesmo advertir, mas nunca pode insistir.

Vitória olhou para Melbourne.

— Entendo. Mas então o que deve acontecer?

Antes que ele pudesse responder-lhe, a porta se abriu para admitir sua mãe e Conroy. Vitória não quisera nem que sua mãe comparecesse ao banquete, mas Melbourne lhe disse que era vital, depois da questão de Flora Hastings, que ela parecesse estar em boas relações com a Duquesa, em público, ao menos. Com relutância, Vitória concordara em convidar sua mãe, mas recusou compartilhar uma carruagem com ela. A presença de Conroy era a retaliação da Duquesa; se ela não pudesse ir na carruagem da filha, ela não tomaria outra sozinha.

A Duquesa tinha pontos de cor em cada bochecha. Aparecer em público sempre a empolgava.

— Tantos vivas das multidões quando minha carruagem passou, Drina! Foi muito gratificante. Conroy se curvou para Vitória.

— Creio que seja hora, Madame, que sua mãe tivesse um título que refletisse sua popularidade com o povo. Rainha-Mãe parece adequado. — Ele lhe lançou um sorriso que deixava bastante claro que sabia que as multidões não haviam celebrado a carruagem de Vitória com o mesmo entusiasmo.

Vitória se conteve. Ela olhou para Melbourne, mas ele olhava o chão.

— Não vejo motivo para mudar seu título, Mamãe. Afinal de contas, o

nome que você carrega pertenceu ao pobre Papai falecido.

Ela teve a satisfação de ver o sorriso de Conroy desaparecer, mas antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, o Lorde Mayor veio para levá-la para o Salão de Banquetes.

Ao assumir seu lugar no trono, ela olhou por instinto para Melbourne, mas ele não estava em lugar algum. Conroy notou o olhar ao passar atrás dela para assumir seu assento e disse:

— Se está procurando por Lorde Melbourne, temo que ficará desapontada. Um mensageiro chegou da Câmara e ele foi obrigado a retornar para lá. Pelo que entendo, é provável que seu governo caia. Esses são tempos incertos, Madame, tempos incertos — e outra vez ele sorriu, com prazer não dissimulado ante o pensamento da queda de Melbourne.

Sem se trair com um músculo que ela ouvira seu comentário, Vitória ficou sentada durante os discursos intermináveis que seguiram o banquete, em dúvida se Conroy poderia estar certo e, se sim, o que aconteceria.

Ao observar a ordem resplandecente em sua frente, os homens bem-sucedidos em suas vestes de corte complacentes em sua prosperidade, satisfeitos de estarem comendo na presença da Rainha, ela imaginou fazer tudo aquilo sem Melbourne ao seu lado, para lhe lançar um olhar reconfortante ou uma sobrelanceira erguida quando um discurso se tornava particularmente florido. Ela decidiu que Conroy estava tentando assustá-la. Os Whigs ainda eram populares no país, e com certeza o governo não cairia por apoiar a abolição da escravidão, o que deveria afinal de contas ser a atitude de todas as pessoas sãs de mente. Ainda assim, ela sentiu um puxão de medo ao lembrar do rosto distraído de Melbourne ao checar seu relógio de bolso. Então o Lorde Mayor se virou para propor o Brinde Leal, e ela foi forçada a colocar suas preocupações de lado e sorrir para a companhia reunida como sua soberana mais graciosa.

No dia seguinte, Melbourne enviou um aviso de que não poderia sair para cavalgar, então Vitória saiu para o Parque com seu cavalariaço e eguariço. Lorde Alfred era uma companhia fácil; sua família, que era composta de cortesãos fazia gerações, aprendera desde o berço a arte de falar com simpatia com monarcas a respeito de nada. Conforme ele seguia a conversa a respeito da caleche nova de Lady Lansdowne e a rivalidade entre as filhas gêmeas de

Lady Vesey pelo amor do filho mais novo de Fitzgerald, Vitória se permitiu com bastante alegria mergulhar em um mundo onde cocheiras novas e prospectos matrimoniais eram as únicas coisas que importavam.

À tarde, ela posou para seu retrato, usando suas vestes da Coroação. Hayter, o artista, a havia colocado em uma pose em que ela estava em pé e olhando por cima do ombro. Era uma postura difícil de manter, em particular porque a coroa, mesmo a réplica de grude e massa que ela usava, era muito pesada. Ao mexer a cabeça um pouco, ela ouviu Hayter limpar a garganta em desaprovação. Ela tentou se ajeitar e disse às suas damas, que estavam sentadas em um semicírculo em torno dela:

— Foi exatamente assim na Coroação. Eu estava preocupada o tempo todo que a coroa iria escorregar por cima do meu nariz. O evento me consumia tanto que senti que meu coração batia tão rápido que o Arcebispo conseguia vê-lo pular sob minhas roupas.

Hayter limpou a garganta de forma irritada outra vez. Harriet Sutherland olhou para o artista de forma indagadora.

— Suponho que eu possa falar? — Hayter assentiu com a cabeça, e a Duquesa continuou. — Ninguém jamais teria sabido disso, Madame. De onde eu estava, você parecia bastante tranquila. Melbourne disse que nunca tinha visto um monarca parecer tão sereno em sua Coroação.

— Ele disse mesmo? — disse Vitória, esquecendo-se que ela deveria estar em silêncio, e ouvindo outro pigarrear de Hayter. Emma Portman saltou para resgatá-la.

— Ah, sim, Madame, William disse o mesmo para mim. A sua foi a terceira Coroação que vi e de longe a mais satisfatória. Seu Tio Jorge teve uma cerimônia das mais magníficas, mas ele era tão gordo que mal conseguia se espremer em seu trono, e é claro que houve todas aquelas questões infelizes com sua esposa Rainha Caroline tentando ser admitida. Então a Coroação de seu Tio Guilherme foi uma situação muito precária: sem música para começar, e nada de bailes ou festas após, tão frustrante. Não, como William disse, você restaurou o esplendor da monarquia, Madame.

Vitória sorriu. Depois de falar com Melbourne, ela gostava acima de tudo de falar a respeito dele. Julgando pela frequência com a qual Harriet e Emma mencionavam o nome de Melbourne, elas apreciavam falar dele também.

— Mas me preocupo com Lorde M. Ele parece tão distraído no momento.

Desta vez, Hayter nem sequer fingiu mascarar sua irritação com um pigarro.

— Por favor, Madame.

Vitória retornou à sua pose de Rainha, mas Harriet levou o assunto a diante.

— Creio que ele está preocupado com a votação antiescravidão, Madame. Emma inclinou a cabeça para um lado e disse:

— É curioso; um ano atrás, William estaria se deleitando em soltar as rédeas de seu mandato. Ele sempre se queixava de quão tediosas as questões de governo eram, e o quanto ele preferiria ficar na biblioteca de sua casa no interior, Bocket Hall. Mas agora ele está bastante diferente. Você não acha, Harriet?

Harriet disse com ansiedade.

— Ah, sim, meu marido diz que nunca viu Melbourne tão envolvido. Ele parece ter recebido uma nova energia vital.

Emma assentiu com a cabeça,

— Há muito tempo não o vejo tão feliz. Não desde — ela pausou, incerta do que diria a seguir —, bom, não desde ele ser um homem muito mais jovem.

Vitória ouviu em silêncio alegre.

A uma milha de distância, na Câmara dos Lordes, Melbourne tentava se fazer ouvir sobre os clamores dos bancos da Oposição.

— E eu digo ao Nobre Lorde, escravidão em todas as suas formas é uma afronta contra a sociedade civilizada. Devo repetir à Casa que uma questão de princípio não pode ser colocada de lado apenas por ser inconveniente.

Houve urros de seus adeptos, mas eles foram perdidos nas zombarias e assobios dos Tories. Melbourne conseguia ver o Duque de Cumberland do outro lado da Casa, assentindo vigorosamente a cabeça, a cicatriz em sua bochecha mais lívida do que nunca. O Duque não tinha terras na Jamaica, mas estava apoiando os fazendeiros de açúcar porque, por ser um Ultra-Tory, de extrema direita, ele desejava ver o fim dos Whigs, que ele culpava por todos os males, da Lei de Reforma de 1832 até os problemas nas colheitas.

— Lorde Hastings. — O Lorde Chanceler assentiu com a cabeça para o falante do outro lado da Câmara. Hastings se levantou e começou a lamentar o

tratamento injusto dos fazendeiros de açúcar e os efeitos que a ruína de seus negócios teria na economia doméstica. Hastings tampouco tinha interesses no Caribe, mas ele também estava usando esse assunto contra Melbourne, a quem ele culpava como cúmplice no escândalo a respeito de sua irmã, Flora.

Melbourne se virou para Sutherland, que balançou a cabeça.

— Haverá uma votação na noite de hoje, e creio que será acirrada como uma maldição. Sutherland suspirou.

— Gente demais tem dinheiro nas plantações de açúcar. Eles não concordam com escravidão em casa, mas enquanto for vantagem para seus bolsos...

— O mundo sempre foi movido a interesse próprio, Sutherland. Você está na política há tempo suficiente para saber disso.

— Mas ainda assim. Até mesmo Wellington está apoiando a proposta. Eu pensava que ele fosse um homem de princípios.

— O Duque é um político.

— E um deve excluir o outro?

— Em minha experiência, Sutherland, não há princípio forte o suficiente para suplantar o desejo de um homem de se tornar Primeiro-Ministro.

— Você não vai abandonar esse projeto de lei para salvar seu ministério? Acredito que a Rainha iria sofrer. Melbourne baixou os olhos para as botas.

— Sim, creio que irá. Mas mesmo se eu conceder isso, haverá outra coisa. Os Tories querem poder e vão encontrar uma maneira de me tirar.

Sutherland sorriu.

— E você preferiria ser derrotado em um projeto de lei em que acredita? Você tem princípios, Melbourne, ainda que faça seu melhor para parecer um cínico.

— Todos os governos devem acabar mais cedo ou mais tarde.

Saindo da câmara, Melbourne pensou na Rainha, e sentiu o rosto desmoronar. Ela iria, como Sutherland disse, sofrer, mas então, ele pensou, assim como ele. Ele não se preocupava tanto com perder sua posição; estivera no cargo por cerca de sete anos e obtivera sua dose de poder. Ele não sentiria falta dos afagos e lisonjas sem fim que eram necessários para manter sua

coalizão heterogênea de Whigs aristocráticos e radicais inflamados juntos. Ele estava cansado de tentar explicar para homens bravos que o poder deve ser exercido com discrição.

Ele apreciara aquilo uma vez, é claro, a sensação de que o mundo inteiro olhava para ele, mas depois da morte de Augustus, sentira ser mais e mais difícil saborear o jogo em frente. Desde que Vitória chegara ao trono, no entanto, ele encontrou um novo propósito. Seu papel era educar a menina em uma Rainha crível: ela tinha todos os instintos corretos, ou a maior parte deles de qualquer forma, mas não tinha sido ensinada nas formas de governo. Ela não percebia quão delicado era o relacionamento entre o Monarca e o Parlamento, e que seu poder era uma fachada em que ela não poderia se apoiar. Ele se perguntou se a ensinara a entender que uma mudança de Primeiro-Ministro era uma parte inevitável da vida política. Se a votação fosse contra ele, ele descobriria.

No Palácio de Buckingham, Vitória e suas damas jogavam cartas na Sala de Estar Azul. Mas quando Vitória errou dois lances seguidos, Harriet sugeriu que talvez elas devessem tocar piano.

Vitória se levantou, e suas damas a seguiram. Ela começou a se mover pelo cômodo com inquietude.

— Eu me pergunto o que aconteceu com Lorde M. Ele em geral visita sem cerimônias após o jantar. Vocês acham, talvez, que ele sofreu um acidente? Acredito que ele tem um cavalo novo, e ele é bastante arisco.

Emma e Harriet trocaram olhares, e Emma disse:

— Creio ser mais provável que ele ficou preso na Câmara com o projeto de lei antiescravidão. Mas suspeito, Madame, que se o debate for prolongado, nós poderemos não o ver hoje à noite de qualquer modo.

Vitória foi até a janela com vista para The Mall. Nada que Harriet ou Emma pudessem dizer ou fazer a distraírem de olhar para a escuridão esperando por um vislumbre da carruagem de Melbourne.

Após o que pareceu uma eternidade para as damas de companhia de Vitória, elas ouviram o som de cavalos passando pelo Marble Arch.

— Essa é a carruagem dele agora — disse Vitória. — Viu? Eu disse que ele viria.

Enquanto passava pelo Arch, Melbourne viu a silhueta da pequena cabeça elegante na janela da sala de estar privada da Rainha. Ele sentiu a dor do que ele estava prestes a fazer comprimir seu peito. Saindo da carruagem, ele sentiu seus joelhos estalarem em protesto, cada parte de seu corpo resistindo ao que viria a seguir. Caminhando pela Galeria de Retratos a caminho dos aposentos privados da Rainha, ele se vislumbrou no espelho e notou que estava muito mais grisalho do que da última vez em que olhara.

Vitória estava esperando por ele na porta da sala de estar. Atrás dela, Harriet e Emma estavam em pé, lançando-lhe olhares interrogadores. Ele balançou a cabeça de forma imperceptível. Mas Vitória estava empolgada demais para notar.

— Oh, Lorde M, as outras haviam desistido de você, mas eu sabia que você viria. Tenho ansiado por falar com você o dia inteiro. Tantas coisas aconteceram. Eu recebi uma carta de Tio Leopoldo dizendo que ele virá visitar, e um pedido de Mamãe para aumentar seu estipêndio, e consegui fazer Dash ficar sentado e parado por tempo o suficiente para terminar meu retrato dele.

Melbourne olhou para o rosto ansioso, os olhos azuis brilhantes, e ele se forçou a sorrir.

— Isso é um feito em si mesmo, Madame. Se você pode persuadir Dash a ficar parado, então tenho certeza que nenhum feito de diplomacia envolvendo as cabeças coroadas da Europa estão além de você.

Vitória riu, mas não era seu estrondo normal desapegado; houve uma dureza nele que sugeria para Melbourne que ela também estava fazendo um papel.

— Eu me pergunto se as cabeças coroadas serão tão dóceis ao ganhar docinhos como meu queridinho Dashy?

— Todos são suscetíveis a algo, na minha experiência, Madame. Mas suspeito que pode ser mais fácil encontrar o desejo do coração de Dash do que é descobrir o do Rei Leopoldo.

Vitória riu outra vez.

— Na verdade, sei exatamente o que Tio Leopoldo quer: casar-me com meu primo Alberto o quanto antes. Ele acha que preciso de um marido para acalmar meus modos frívolos.

Melbourne viu Emma Portman olhando para ele sobre o ombro de Vitória. Ele sabia que elas esperavam que ele desse a notícia. Mas a Rainha seguiu falando, quase como se não quisesse lhe dar a chance de falar.

— Eu disse a ele que não tinha nenhuma intenção de me casar no presente, de fato, é provável que por ao menos mais uns três ou quatro anos. E, quando fizer, com certeza não será com um garoto como Alberto. Quando ele veio visitar três anos atrás, ele não tinha assuntos para conversar e começou a bocejar às nove e meia. — Ela ergueu os olhos para Melbourne. — Então você vê, Lorde M, nem sempre sou tão diplomática.

Melbourne aguardou para ver se ela pretendia dizer mais. Enfim, ele disse em uma voz baixa.

— Tenho algo a lhe dizer, Madame. Como você sabe, venho da Câmara. Temo dizer que o projeto de lei da Jamaica, banindo a escravidão naquela ilha, passou com apenas cinco votos de diferença. Como resultado — ele hesitou, descobrindo isso ser mais difícil do que antecipara—, decidi renunciar de meu ministério. — Sua voz afundou a quase um sussurro.

A voz de Vitória, em contraste, era clara como um sino.

— Renunciar? Mas por que você renunciaria, se o projeto de lei passou?

Melbourne suspirou.

— Os Tories, Madame, são como hienas. Uma vez que sentem uma fraqueza, eles vão afligir meu governo até destruí-lo por completo. Eu preferiria ir agora, em meus próprios termos.

Vitória olhou para ele sem expressão.

— Mas quem será Primeiro-Ministro?

Melbourne disse rápido:

— Isso depende de você, Madame. Como a Soberana, é seu trabalho nomear um novo Primeiro-Ministro. Eu sugeriria chamar o Duque de Wellington. Ele é o comandante-em-chefe dos Tories.

— Wellington? Mas ele é tão brusco, sempre falando comigo como se eu fosse um de seus oficiais menores. Melbourne sorriu.

— Duvido que ele vá querer ser Primeiro-Ministro outra vez, Madame. Imagino que ele recomendaria que se convocasse Sir Robert Peel; ele lidera

os Tories na Câmara dos Comuns e é o homem esperado.

Vitória começou a caminhar pelo recinto de forma distraída. Harriet, Emma e Melbourne a seguiram com os olhos.

— Mas eu não conheço Sir Robert Peel! Como eu posso ficar confortável com alguém que não conheço? — Ela parou de caminhar e se virou para ele. — Decidi não aceitar sua renúncia, Lorde M. — Ela inclinou a cabeça para um lado e sorriu da forma mais encantadora que conhecia.

Apesar de Melbourne entender a intenção por trás do sorriso e ser tocado por ele, ele perseverou.

— Temo, Madame, que você não pode me negar isso.

O sorriso de Vitória se tornou duro como aço.

— De verdade? Pensei que o Primeiro-Ministro estava a serviço da Coroa.

— De fato, Madame, mas devo lembrá-la que ainda tenho o direito de renunciar.

Vitória encontrou seus olhos e então disse, com uma nota na voz que fez Melbourne estremecer.

— Você pretende de verdade me abandonar?

Melbourne olhou para longe, incapaz de aguentar quão direto era o apelo em seu rosto. Ao falar, ele se encontrou falando para as mãos dela, que estavam apertadas juntas com força.

— Temo não ter escolha, Madame.

Vitória soltou as mãos e ajeitou as camadas do vestido.

— Entendo. Então creio que devo me retirar. Boa noite, Lorde Melbourne — e sem se virar para olhá-lo, ela saiu do quarto, Harriet e Emma a seguindo em fila. Emma lançou a ele um olhar de simpatia, como se soubesse o quanto essa conversa lhe custara. Mas, ele pensou, ninguém realmente poderia saber o dano que fora causado.

Capítulo Dois

A chuva derrubara todas as flores das cerejeiras nos jardins do Palácio, e elas sujaram os caminhos como confetes. Mas Vitória não notou as flores ou as poças d'água sob seus pés. Ela não ligava que chovia sem parar, que sua nova musselina cheia de raminhos rosados estava encharcada, ou que as tranças estavam grudando em seu rosto, ou que suas damas de companhia estavam se amontoando sob um guarda-chuva. Vitória usava seu guarda-chuva não para se proteger da chuva, mas para cortar uma abertura através das plantas nos arbustos. Havia algo satisfatório em ver as cabeças orgulhosas das tulipas caírem atrás dela após o ataque. Corte, corte, corte. Reduzindo as margens a uma cena de devastação, Vitória olhou em torno de si à procura de algo para destruir.

Harriet Sutherland se aproximou e disse com gentileza.

— Você não acha que deveríamos voltar para dentro, Madame? Está bastante úmido, e eu odiaria que você pegasse um resfriado.

— Vocês podem entrar se quiserem. Estou tão feliz de estar aqui quanto em qualquer outro lugar.

Harriet recuou para seu guarda-chuva. Vitória continuou a bramar pelos arbustos, lembrando-se de uma plantação de peônias perto das fontes que ela teria um prazer em particular de dizimar. Lorde Melbourne uma vez lhe dissera que a peônia era sua flor favorita.

Mas, ao se virar, ela ouviu outra voz atrás de si.

— Drina!

Vitória parou. Para sua surpresa, ela viu a Duquesa de Kent caminhando na direção dela, carregando um guarda-chuva.

Quando alcançou Vitória, ela colocou seu braço livre em torno de sua filha. Vitória se eriçou; ela mal tinha falado com a mãe, menos ainda a abraçado, desde a morte de Lady Flora, mas então ela sentiu o cheiro da água de lavanda que a Duquesa sempre usava. Por fim, Vitória se permitiu relaxar e descansar a cabeça no ombro da mãe.

— Minha pobre Drina. Vim assim que ouvi a respeito de Lorde Melbourne.

— Oh, Mamãe! O que é que vou fazer? Ele é o único que me entende. Vitória sentiu o coração de sua mãe bater sob sua face.

— Não é o único, Drina.

Vitória não disse nada, permitindo-se por uma única vez sentir o conforto da presença materna. Ela ergueu os olhos para a mãe e viu a ternura em seu rosto.

— Mas é tão difícil.

— Eu sei, Drina. Mas eu vou lhe ajudar, e talvez seja melhor ter alguém da família ao seu lado. Vitória sentiu as lágrimas virem aos seus olhos.

— As pessoas estão sempre dizendo que você é próxima demais de Lorde Melbourne. Agora elas vão ver que você é senhora de si mesma.

As lágrimas rolavam pelas faces de Vitória. A Duquesa baixou seu guarda-chuva e pôs os dois braços em torno da filha.

— Não se preocupe, Liebchen. Você não deve se preocupar tanto. Vou cuidar de você, você sabe disso. Apenas por um momento, pela primeira vez em anos, Vitória permitiu que ela se dissolvesse no abraço da mãe. Ela se sentia segura no círculo daqueles braços com cheiro de lavanda, voltando a ser a pequena Maiblume de sua mãe.

Naquela noite, Melbourne frequentou uma recepção na Holland House, mas não ficou muito. No caminho de volta de Kensington, Melbourne disse ao seu cocheiro que fizesse desvio pela Piccadilly Street, em vez de passar pelo Palácio de Buckingham. A carruagem entrava na Trafalgar Square, passando pela coluna ainda inacabada do Almirante Lorde Nelson, e Melbourne pensava no rosto de Vitória na noite anterior em que ela lhe perguntara se ele de fato pretendia abandoná-la. De súbito, a biblioteca na Dover House perdeu seu apelo, e ele se encontrou direcionando o cocheiro a descer uma certa rua lateral em Mayfair.

Melbourne não estivera no convento de freiras de Ma Fletcher por pelo menos um ano, então sua presença causou um alvoroço de empolgação. A própria Ma Fletcher estava virada em graça e tato, e quando ela bateu palmas, meia dúzia de garotas se apresentaram na sala de estar, despidas em diferentes níveis. Melbourne passou os olhos por elas e tentou não bocejar. Ele não

conseguia reunir de fato o entusiasmo requerido. Mas então ele notou que uma das garotas, uma pequena garota loira que não tinha mais de vinte anos, tinha uma expressão ansiosa no rosto que ele achou intrigante. Ele apontou para ela e foi recompensado com um sorriso brilhante de triunfo.

Ma Fletcher gesticulou para a garota.

— Essa é Lydia, milorde. Uma escolha muito popular.

Melbourne seguiu Lydia ao subir pelas escadas até um quarto grande no segundo andar. Tinha cheiro de cera de abelha e colônia, mas por baixo disso havia algo mais escuro — uma mistura de suor e desejo. Melbourne tirou o casaco, sentou-se na poltrona próxima ao fogo e soltou seu lenço de pescoço. Lydia se aproximou dele e deixou o manto que vestia cair por seus ombros nus. Ela veio e se sentou em seu colo, e ao colocar a mão na coxa dela, Melbourne se permitiu imaginar como seria a sensação de ter outra mulher jovem em seus braços. Lydia riu e começou a abrir os botões em seus calções. Melbourne olhou para a nuca nua dela e perguntou:

— Qual sua idade, Lydia? Lydia olhou para cima.

— Dezenove no próximo mês, sir.

— Que jovem você é. — Ele suspirou. — Suponho que eu deva parecer muito velho para você. Lydia balançou a cabeça com vigor.

— Oh, não, milorde. Há muitos que vêm que são muito mais velhos que você. E você tem todo o seu próprio cabelo, o que é mais do que posso dizer da maioria dos meus cavalheiros. — Ela passou seus dedos pelas melenas loiro-acinzentadas de Melbourne e sorriu de forma encorajadora.

Houve algo na inclinação da cabeça dela que o fez se inclinar para frente e perguntar:

— Diga-me, Lydia, quantos anos você acha que tenho?

O modo como seus olhos se nublaram em pânico antes de ela recuperar seu sorriso profissional foi suficiente para fazê-lo perceber que fora um erro perguntar.

— Oh, milorde, você com certeza não tem mais um dia de idade do que quarenta?

Com gentileza, Melbourne afastou a mão de Lydia da braguilha. Ele se

levantou e alcançou seu casaco. A garota soltou um pequeno lamento de desapontamento.

— Eu disse algo de errado, milorde? Não sou boa com idades, eu sei, mas você não parece velho, de maneira alguma. Você não virá e se deitará comigo? Prometo que não vai se arrepender.

Melbourne disse com delicadeza:

— Descobri que minha inclinação mudou. Mas não se preocupe, direi à Senhora Fletcher que não foi sua culpa. — Ele sentiu seu bolso na cintura e encontrou um soberano de ouro.

— Aqui — ele pressionou a moeda na mão dela. A expressão de deleite de Lydia disse a ele que conseguira aliviar seu delicado orgulho profissional.

Na carruagem a caminho de casa, Melbourne sorriu de sua própria insensatez. Ao chegar na Dover House, ele pediu conhaque. O mordomo retornou com a garrafa, e enquanto Melbourne tomava um longo gole, ele notou que os botões de sua braguilha ainda estavam desfeitos.

Capítulo Três

O relógio do Palácio bateu onze horas enquanto Vitória marchava para cima e para baixo no parquet embutido do Salão do Trono. O último badalar mal tinha se dissipado quando o Duque de Wellington foi anunciado. Vitória se virou e estendeu a mão, sorrindo o melhor que podia para o grande general. Ela o conhecia desde criança, mas sempre achara que sua estatura de vareta e modos bruscos eram alarmantes.

— Obrigada por vir, Duque. Tenho certeza que sabe por que eu o chamei aqui hoje. Gostaria que você formasse uma administração.

Wellington disse com cuidado.

— Estou honrado, Madame. Mas temo que devo declinar. Estou velho demais para servir como Primeiro-Ministro outra vez. Você deve chamar por Sir Robert Peel, que é o único homem que consegue comandar a Câmara neste momento.

Vitória bateu o pé.

— Mas eu não conheço Sir Robert Peel, e eu o conheço minha vida inteira, Duque!

Wellington moveu sua grande cabeça leonina de um lado para outro.

— Ainda assim, Madame, devo declinar.

Vitória tentou outro ataque, e disse com o máximo de força que conseguia reunir:

— Você vai de fato recusar um pedido de sua Soberana — ela pausou — e comandante? Wellington sorriu.

— Um bom soldado sabe quando recuar, Madame, e temo que essa é uma batalha que você não possa vencer.

Vitória suspirou.

— Você não está cooperando muito.

— Se posso ousar dizer, Madame, creio que perceberá que Sir Robert é um homem mais que capaz. Sei que está acostumada a lidar com Melbourne.

Apesar de Peel não ter os modos fáceis do Visconde, ele é o único homem que pode reunir apoio suficiente de ambos os lados para formar um governo que tem alguma chance de ser bem-sucedido. Você pode não o querer, mas o país precisa de Peel.

Vitória nada disse.

— Então lhe desejo um bom dia, Madame.

Wellington deu dois passos rígidos sem se virar de costas, e então se virou e saiu do recinto. Vitória retomou seu caminhar. Tudo que ela ouvira a respeito de Sir Robert Peel sugeria que ele não seria agradável de forma alguma. Emma Portman lhe contara que ele não tinha vício maior do que Cálculo e desaprovava valsas. Como se esperava que ela se sentisse à vontade com um homem que não tirava prazer na vida? Deveria haver algo que ela pudesse fazer.

Ela chamou o laçao e pediu que ele trouxesse sua escrivãzinha. Rabiscando uma mensagem para Melbourne pedindo que ele a visitasse o quanto antes, ela disse ao laçao que enviasse por mensageiro para a Dover House. Era claro que Melbourne iria se compadecer ao saber que ela tentara com Wellington e tinha sido malsucedida. Ele não seria tão cruel e indiferente a ponto de deixá-la nas mãos de Sir Robert Peel.

Mas conforme o dia prosseguiu sem sinais de Melbourne, Vitória experimentou um dos novos duetos de Schubert com Harriet Sutherland, mas por mais que tentasse, ela não conseguia encontrar o ritmo. Por fim ela desistiu e começou a caminhar de um lado para o outro na sala de música. Suas damas ficaram paradas em um semicírculo esperando que ela parasse.

— Não entendo o que pode ter acontecido com Lorde Melbourne. Envie uma carta hoje de manhã. Ele em geral vem de imediato.

Vitória viu Harriet e Emma trocarem olhares. Antes que ela pudesse lhes perguntar o que o olhar significava, a Duquesa de Kent entrou no recinto sem ser anunciada. Ela estava, de modo claro, em um estado de empolgação.

— Drina, acabei de ouvir sobre o que houve com Wellington. Que pena. Mas você não deve se preocupar, tenho um plano.

Vitória sorriu.

— Um plano, Mamãe?

A Duquesa caminhou até ela e tomou as mãos de Vitória dentro das suas.

— Sim, Liebes, falei com Sir John e pensamos que o melhor a fazer é mandar chamar Robert Peel. Vitória se separou da mãe ante a menção de Conroy.

— Entendo. Bom, eu lhe agradeço por sua preocupação, mas, como acontece, tenho meu próprio plano. — Ela se virou para Emma Portman. — Sua carruagem não tem identificações, não é verdade, Emma?

Emma assentiu, confusa.

— Faça a gentileza de mandar trazer. Lehzen, precisarei que venha comigo.

Lehzen se virou para a Rainha.

— Onde vamos, Majestade?

— Dover House.

A Duquesa inspirou com brusquidão.

— Mas, Drina, Lorde Melbourne renunciou. Uma Rainha não pode ir por aí perseguindo seu Primeiro-Ministro. Você quer mesmo outro escândalo?

Vitória a ignorou e caminhou para fora do cômodo, seguida por Lehzen.

— O que as pessoas vão pensar? — lamentou-se a Duquesa. Mas não houve resposta.

Melbourne se sentou em sua poltrona favorita na biblioteca. Não era, de forma alguma, a cadeira mais elegante em sua posse; o couro verde estava gasto e rachando em pontos, mas ela pertencera ao seu pai e nenhuma outra cadeira era tão confortável quanto. Ele pegou um volume de Gibbon, esperando se distrair lendo a respeito dos excessos da Roma Antiga. Mas as palavras se recusavam a se tornar inteligíveis. Ele seguiu pensando no recado do Palácio. Por favor, venha, ela escrevera, o quanto antes.

Ele sabia que deveria responder, explicar a ela que as coisas eram diferentes agora que não era mais seu Primeiro-Ministro. Ele não podia apenas ir ao Palácio; as pessoas imaginariam que ela o chamara para formar um governo. Seria errado que ele fosse até que ela tivesse indicado um novo Primeiro-Ministro. Mas enquanto pensava na carta que deveria escrever, também pensava no pequeno rosto de Vitória e nos seus olhos brilhantes, e não conseguia reunir a resolução de que precisava.

Um som perturbou seu devaneio. A porta se abriu atrás dele, e sem olhar para trás, ele bramiu:

— Pensei haver dito que não deveria ser perturbado.

Houve uma tosse, e então uma voz pequena, aguda e bastante familiar disse:

— Espero que me perdoe, Lorde M.

A Rainha estava ali em sua biblioteca. Melbourne pulou em pé, empurrando seu colete de forma frenética e arrumando seu lenço de pescoço em posição.

— Vossa Majestade. Perdoe-me, eu não estava esperando visitantes. Vitória sorriu. Ela apreciava bastante ver Melbourne pego de surpresa.

— Evidentemente.

Ela olhou para os entornos no quarto. Cada superfície estava coberta em pilhas de livros e papéis à deriva. Havia um prato com uma torta meio-comida na escrivaninha e uma garrafa vazia. Não era um cômodo apropriado para uma Rainha. Melbourne agradeceu a Deus por ter permanecido de botas.

— Você sempre fala de sua biblioteca, então estou feliz de enfim vê-la.

— Se eu soubesse que você estava a caminho, Madame... — Ele lhe fez uma pequena reverência.

— Como não respondeu a minha carta, pensei que deveria vir até você.

— Sozinha, Madame?

— Não, Lehzen está do lado de fora.

— Entendo. Mas o que estou fazendo? Por favor, venha se sentar.

Ele a levou até a poltrona em que ele estivera sentado, mas ela balançou a cabeça e tomou a oposta.

— Não irei privá-lo de sua cadeira favorita, Lorde M — ela disse, sorrindo.

Melbourne olhou para ela, e ante seu aceno com a cabeça, tomou seu lugar. Era uma sensação muito singular ver a Rainha sentada frente a ele quando cinco minutos atrás ele estivera imaginando sua presença.

— O que posso fazer por você, Madame?

— Vi o Duque de Wellington hoje pela manhã. Ele diz que está muito velho para ser Primeiro-Ministro e que eu deveria convocar Robert Peel. — Ela

inclinou a cabeça para o lado e olhou para ele de forma apelativa.

— Pensei que isso pudesse acontecer. Mas não há motivo para se alarmar. Sir Robert Peel não é um tipo tão ruim. Um pouco sério, quiçá, mas honesto e direto. Você não deve ter problema algum com ele. — Ele se forçou a lhe lançar um sorriso assegurador. — Você se lembra do dia de sua ascensão, Madame? Você estava brincando com suas bonecas, e eu me perguntei se uma garota tão jovem de fato poderia ser Rainha.

Vitória levantou o queixo.

— Eu não estava brincando com as bonecas. Você me perguntou sobre elas.

Melbourne quis rir de sua veemência.

— O importante é que assim que lhe ouvi falar, soube que você era uma Rainha em todos os sentidos, Madame. Tem sido o maior privilégio de minha vida servi-la, mas você vai se sair bem sem mim.

— Mas eu não quero!

Melbourne se inclinou na direção dela.

— Até mesmo Rainhas têm que fazer coisas de que não gostam. Vitória começou a fazer beijo.

— Parece-me que nunca devo fazer algo de que de fato goste. Por que você não pode simplesmente voltar? Você não perdeu uma votação ainda. Tenho certeza de que conseguiria lidar com isso.

Melbourne hesitou, e então, em uma voz bem diferente de seu tom em geral divertido, ele disse:

— Você sabe, Madame, que não acredito em muitas coisas. Mas há uma coisa em que de fato acredito, e essa é a constituição Britânica em toda a sua glória esfarrapada. Para mim, retornar sem o apoio da Câmara seria inconstitucional e nada — ele pausou, e sua voz ficou mais baixa —, nem mesmo minha devoção a você, irá me impedir de fazer meu dever.

Vitória o encarou de volta sem expressão.

— Entendo.

— Como eu disse, Peel não é um tipo ruim. Apenas lembre-se de que se ele sugerir alguma coisa com a qual você discordar, diga a ele que você precisa de tempo para considerar. Se em dúvida, sempre atrase.

Ela hesitou, então disse em seu tom usual:

— E você virá jantar hoje à noite, Lorde M? Para que eu possa lhe contar a respeito? Melbourne piscou. Isso era muito mais difícil do que ele sequer havia imaginado.

— Não na noite de hoje, Madame. Não até essa questão ser definida, e mesmo então, não posso estar com você com a constância que costumava ter.

Vitória se levantou e quando ele fez o mesmo, ela disse:

— Mas por que não? Você pode não ser meu Primeiro-Ministro, mas você ainda é, creio eu, meu amigo. Ela ergueu os olhos para ele ao dizer isso, e Melbourne sentiu a força de seu olhar claro e azul. Ele baixou os olhos e disse com o máximo de gentileza que podia.

— Creio que você deve entender por quê.

Ele pausou, e então acrescentou com um pouco mais de ênfase.

— O monarca não pode ser visto como alguém que favorece apenas um partido. Você deve jantar com Robert Peel.

Vitória virou a cabeça para longe dele. Ele viu, com uma pontada de dor, a orelha delicada contornada pela trança grossa. Mas ele devia continuar.

— Ele provavelmente irá pedir que faça algumas mudanças na residência. Harriet Sutherland e Emma Portman são casadas com ministros Whig. Sir Robert irá querer que você tenha algumas damas Tory em torno de si.

Vitória olhou de volta para ele, e ele conseguia ver que havia pontos vermelhos em suas faces.

— Damas Tory? Não, obrigada!

Desta vez, Melbourne afastou seu olhar.

— Lembre-se, Madame, de que eu pediria a mesma coisa na posição dele. Um Primeiro-Ministro não pode funcionar se ele sentir que não tem a confiança de sua monarca.

Para sua surpresa, Vitória não contestou, e um vislumbre de algo que ele não reconheceu passou pelo rosto dela. Ela ajustou suas saias com aquele hábil gesto rápido que tinha e disse com frescor:

— Não o perturbarei mais, Lorde Melbourne. Obrigada por seu conselho.

Na porta, ele viu Lehzen, que esperava no corredor, franzir a testa ao saírem. Em parte para a alegria dela, Melbourne disse:

— Você convocará Peel?

— Não se preocupe, Lorde Melbourne. Você pode não ser meu Primeiro-Ministro, mas eu ainda lhe ouço. Falarei com Peel diretamente.

— Uma decisão sábia, Madame.

Vitória não respondeu. Ela pôs o véu sobre o rosto, para que não fosse vista por nenhum transeunte, e entrou na carruagem, Lehzen se alvoroçando atrás dela. Ela não olhou para trás.

Vitória pensara com cuidado na localização de seu primeiro encontro com Sir Robert Peel. Ela sempre recebera Melbourne em sua sala de estar particular, mas isso era íntimo demais para o líder Tory. O Salão do Trono seria mais imponente, e por mais que ela visse Melbourne sozinha, ela decidiu que teria suas damas de companhia consigo. Ela não encontrara Peel antes, e era importante ter todo o apoio à sua disposição.

Às três horas, o horário em que Peel era esperado, ela estava olhando para projetos para a cunhagem monetária com suas damas. Os desenhos estavam expostos em uma mesa na frente dela, junto de um protótipo de uma nova coroa.

Vitória suspirou com exasperação ao examiná-los.

— Não tenho queixo nessa aqui, tenho dois queixos nessa outra. Como podem dizer que é uma reprodução correta quando nenhuma dessas imagens é igual? — Ela bateu o pé em mau humor.

Harriet pegou a moeda e a estendeu para ela, com seu sorriso mais brando.

— Mas olhe para a moeda em si, Madame. É mais convincente quando está em relevo, creio eu.

A batida de pé de Vitória se tornou um pisar forte.

— Mas eu pareço com um ganso usando uma coroa!

Antes que Harriet e Emma pudessem protestar, a porta se abriu e Penge anunciou Sir Robert Peel.

Vitória estendeu sua mão para Peel beijar. Como ele era alto de forma descomunal, ele teve que se inclinar no meio e ela viu um trecho de rosa no

topo da sua cabeça onde seu cabelo estava afinando. Isso lhe deu confiança.

— Boa tarde, Sir Robert. Eu estava apenas inspecionando os desenhos para as novas moedas. Não tenho certeza se estou satisfeita com elas. Diga-me, o que você acha disso?

Ela apontou para a moeda na mesa. Peel a pegou e a examinou com cuidado, sacando seu monóculo para que pudesse examinar cada detalhe. Enfim, e com grande deliberação, ele disse:

— Não vejo nada de errado com ela, Madame. De fato, eu diria que é de uma semelhança excelente.

Vitória não esperara gostar de Sir Robert Peel, e agora ela sabia que estivera correta.

— Uma semelhança excelente. De fato?

Sua voz era tão fria que Harriet e Emma olharam uma para a outra em alarme, mas Peel não pareceu sentir a froideur e seguiu no mesmo tom.

— Sim, Madame. A maioria das moedas é bruta nos detalhes, essa é precisa de modo formidável.

Vitória o encarou com desgosto. O perfil na moeda era bastante horrendo; estava fora de questão que sua imagem deveria ser imortalizada desta forma. Melbourne, é claro, teria visto isso de imediato. Ela balançou a cabeça.

— De qualquer forma, não vai servir.

Peel estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas Emma Portman lançou a ele um olhar de advertência, e ele permaneceu em silêncio. Vitória continuou.

— Mas você está aqui a negócios, Sir Robert.

Aliviado em estar em um terreno mais seguro, Peel assentiu com a cabeça, e então lançou um olhar para as damas de honra que ficaram atrás da Rainha como uma guarda pretoriana em anáguas. Ele engoliu em seco e disse:

— Talvez se eu pudesse ter uma audiência privada, Madame.

Vitória ergueu o queixo, considerando seu próximo passo. Ela decidiu que seria melhor conduzir essa parte da audiência a sós, então ela sinalizou com a cabeça em uma destituição arrependida e, em um farfalhar de seda, elas saíram do cômodo.

Tomando Dash no colo, que rosnava aos pés de Peel, Vitória se ajeitou em um sofá. Ela não convidou Peel para se sentar, o que o deixou pairando na frente dela como uma garça-real relutante. Após esperar por um momento, Vitória levantou uma sobrancelha e disse:

— Bem, Sir Robert?

Peel colocou o dedão no bolso de seu colete, um gesto que ele com frequência adotava ao se dirigir à Câmara dos Comuns.

— Estou aqui para lhe assegurar, Madame, que eu tenho apoio suficiente na Câmara para formar um governo.

Vitória inclinou a cabeça com o menor movimento possível, deixando bastante claro para Peel que ele poderia ter o apoio da Câmara, mas aqui no Palácio, as coisas eram diferentes. Peel, no entanto, tinha encarado mais audiências alarmantes do que com uma garota adolescente, mesmo se ela fosse a Soberana. Ele colocou o outro dedão no colete e encarou a Rainha como se fosse a líder da Oposição.

— Como você sabe, Madame, qualquer governo serve à vontade da Coroa.

Vitória brincou com a orelha de Dash.

— Eu de fato sei como a constituição funciona, Sir Robert. Peel tentou ignorar o ar glacial em seu tom.

— E, é claro, Madame, você sabe que é essencial que a Coroa — ele hesitou, lembrando-se que ele não estava, no final das contas, na câmara, e continuou em um tom menos retórico —, isso quer dizer, você mesma, deve aparentar estar acima de políticas de partidos e não favorecer nenhum lado sobre o outro.

Vitória ergueu a cabeça para olhar para ele, e ele tentou de tudo para não dar um passo para trás.

— Você veio me dar uma lição em governo, Sir Robert?

Peel respirou fundo e disse com ousadia.

— Há a questão da residência, Madame.

— Minha residência? — Vitória repetiu devagar.

Peel decidiu mergulhar e, no que ele imaginava ser sua voz mais razoável, ele disse:

— Duas de suas damas de companhia, Madame, são casadas com ministros de Melbourne, e todas as suas damas de honra são filhas de apoiadores Whigs. Se você pudesse substituir uma ou duas delas com damas que estão conectadas ao meu lado da Câmara, então não haveria perigo de você parecer favorecer um lado sobre o outro.

A Rainha se sentou de forma muito reta, e Peel notou Dash tensionar também, como se pronto para atacar um rato.

— Você quer que eu abra mão de minhas damas, minhas amigas mais próximas e queridas. O que vem depois, Sir Robert? Meus costureiros? As empregadas? Você quer me cercar de espiões?

A raiva na voz de Vitória surpreendeu Peel, que se explicou:

— Não é minha intenção privá-la de seus amigos, Madame, apenas pedir que seja amistosa com todos. Vitória removeu um cisco de poeira imaginário de suas saias.

— Eu não vou de forma alguma abrir mão de minhas damas, Sir Robert!

Peel falou sem pensar:

— O quê, nem mesmo uma?

Vitória olhou para ele por um segundo, e então:

— Creio que deixei minha posição clara. Boa tarde, Sir Robert.

Peel hesitou, perguntando-se se deveria dizer algo mais, mas pescou um lampejo de azul e percebeu que não fazia sentido. Ele começou a se virar antes de se lembrar que deveria sair do cômodo de frente para a Rainha. Ele deu alguns passos esquisitos, e então, quando a Rainha pareceu se ocupar com o cachorro, ele se virou e caminhou para longe o mais rápido que podia.

Vitória esperou até que Sir Robert estivesse fora de vista, ao menos fora de ouvido, e, tomando o focinho de Dash, ela disse de forma brincalhona:

— Nem Sir Robert Peel nem ninguém vai dizer para sua mamãe o que fazer.

E Dash, ouvindo o tom de aventura na voz da dona, abanou o rabo o mais rápido que podia.

Sir Robert não foi para casa diretamente. Ao invés disso, ele disse para seu cocheiro para parar na Apsley House, ou, como o Duque de Wellington gostava de chamá-la, Número Um Londres. Ele encontrou Wellington em sua

biblioteca. Pela cor em suas bochechas e modos levemente excêntricos, Peel suspeitava que ele o tinha acordado de uma soneca durante a tarde. Isso o fez se arrepender do impulso da visita, mas ele sentia que devia contar a alguém a respeito de sua audiência com a Rainha.

Wellington se virou para ele, seus olhos azuis pálidos analisando.

— Você veio diretamente do Palácio? Você gostaria de um pouco de chá? Não, pela sua expressão, você quer algo mais forte. — Ele gesticulou para o mordomo. — Conhaque e soda.

Então, para Peel:

— Imagino que sua audiência não foi bem-sucedida?

Peel tomou um gole da taça de conhaque que havia sido posta na frente dele.

— Ela me dispensou como um laçao pego roubando prata. Wellington ergueu uma sobrancelha.

— Parece que a Rainha tem o temperamento de seu avô. Mas ela não pode recusá-lo. Peel se sentou de forma pesada em uma das cadeiras de couro abotoadas.

— Temo que ela fez isso. Ela não vai mudar uma única dama.

Wellington soltou um som que era um misto de latido e bufar.

— Bobagem, homem, volte e ofereça a ela uma pessoa charmosa como Emily Anglesey. Tenho certeza que Sua Majestadezinha a colocaria no lugar da intrometida Emma Portman.

Peel esvaziou seu copo e disse com sentimento:

— Sinto muito, Duque, mas não posso formar um ministério baseado nos charmes de Lady Anglesey. Wellington lhe deu um tapinha no ombro, e conforme Peel erguia os olhos, ele sentia quão poderosa deveria ter sido a presença do Duque no campo de batalha.

— Não pode ou não vai? Nenhum estômago para brigar, hein? Você precisa conquistá-la como Melbourne faz.

Peel se levantou; era claro que aquela visita fora um erro. Ele disse, com rigidez:

— Temo não ter o modo fácil de Lorde Melbourne.

Wellington riu na sua cara ofendida.

— Ou o seu jeito com mulheres, Peel. Ela seria sua se você flertasse um pouco com ela.

Peel desejou estar em sua própria sala de estar com a simpatia de sua esposa. Seu trabalho era formar um governo, não alcovitar os caprichos de meninas de dezoito anos.

— Eu não havia percebido que flertar era um pré-requisito para ser Primeiro-Ministro, Duque. E agora, se você me dá licença, eu não o deterei mais.

Pela segunda vez naquele dia, Sir Robert Peel saiu de um cômodo sentindo ter sido maltratado.

Capítulo Quatro

Foi um jantar infeliz no Palácio naquela noite. Vitória se sentou em um dos opostos da mesa, e a Duquesa de Kent no outro, e como elas não estavam se falando, coube à residência manter alguma aparência de convivência. Lorde Alfred Paget contou uma longa história envolvente a respeito de suas tentativas de ensinar à sua cachorra, Mrs. Bumps, a jogar xadrez. Harriet e Emma tentaram enfeitar a anedota até que ela se tornasse quase um diálogo. Emma voluntariou que sua tia tinha um gato que jogava piquete, e Harriet confidenciou que havia um papagaio em Ragsby que era o responsável pelas pontuações no salão de bilhar. Em geral, esse era o tipo de conversa absurda em que Vitória se deliciava, e os cortesões olhavam para ela para ver se abriria um sorriso.

Mas a Rainha não pareceu se divertir, dissecando sua comida com a faca e garfo como se fossem espécimes de laboratório. A Duquesa, por outro lado, não fez nenhum esforço para seguir a conversa e comeu o máximo que podia em silêncio total.

Vitória olhou para sua mãe raspando o último bocado de quenelles de brochet de seu prato e suspirou. Se ao menos Lorde M estivesse aqui, ele encontraria uma maneira de deixar tudo fácil. Essa não era uma habilidade que Robert Peel tinha, julgando por sua performance naquela tarde. Ela não esperara ser encantada, mas ele não havia sido nem sequer civil. Dando passos largos e propondo tirar todas suas amigas; era quase como se ele tivesse se esquecido com quem estava falando. Como Melbourne podia a haver abandonado para lidar com um homem tão rude? Ela baixou sua faca e garfo com um barulho, e os lacaios surgiram e limparam os pratos, apesar dos protestos da Duquesa de que ela não havia terminado.

Após o jantar, Vitória se sentou olhando para o volume da revista de moda *La Mode Illustrée*. Ela gostava do novo corte de decote que alongava a clavícula e pescoço. Lorde M uma vez lhe dissera que ela tinha belos ombros. Convidando Harriet e Emma para se sentarem ao lado dela, ela lhes mostrou um dos vestidos que admirou em particular. Harriet, que era em geral considerada uma das mulheres mais bem vestidas de Londres, apontou para um

estilo que ela pensou que seria especialmente apropriado em Vitória, e elas passaram uma meia hora feliz passando páginas, discutindo passementeries, trançados, bordados, guarnições e afiações, além de a profundidade ideal de um babado de rendas.

Quando chegaram à última página, Emma olhou para Vitória:

— Eu sei, Madame, que terá de fazer algumas mudanças na casa agora que temos de ter uma nova administração, e creio que eu deveria ser a pessoa a sair. Harriet é muito mais bem-sucedida que eu, e creio que seu bom-gosto será inestimável para você, enquanto eu mal consigo tocar o piano e dificilmente sou uma líder de moda.

Harriet balançou a cabeça.

— Não, Emma, você tem sabedoria e experiência. Sutherland sempre diz que você é o melhor homem no Gabinete. Sem Lorde Melbourne, creio que a Rainha precisará de seu conselhos mais do que nunca.

— Você é muito gentil, Harriet, mas creio que a Rainha precisa de uma companhia mais jovem. Sou velha o suficiente para ser sua mãe.

Ambas as mulheres lançaram o olhar para a Duquesa de Kent, que estava em um sofá próximo do fogo, suas pálpebras despencando.

Vitória, que estivera ouvindo essa conversa em silêncio, ergueu os olhos.

— O que acontece é que vejo valor nas duas. Vocês não são apenas minhas damas, são também minhas amigas, e não tenho nenhuma intenção de perder qualquer uma de vocês.

Harriet e Emma trocaram olhares. Emma falou primeiro:

— Mas, Madame, é costumeiro que as damas da residência mudem quando o ministério muda.

— Mas isso é ridículo. Que direito Robert Peel tem de me dizer com quem tenho de fazer amizade?

Harriet disse com gentileza:

— Creio, Madame, que ele acharia difícil formar um governo se ele não é visto como alguém que tem seu apoio.

Vitória lançou às duas um sorriso de quem sabe as coisas:

— Precisamente.

Emma e Harriet trocaram olhares outra vez, surpresas com a reação de Vitória. Vitória se levantou e quando o recinto inteiro estava em pé, ela se dirigiu a elas duas.

— Então, vocês vejam, senhoras, que está fora de cogitação a renúncia de qualquer uma de vocês. Harriet fez uma reverência profunda, e Emma repetiu em seguida.

A Duquesa acordou de seu sonho e disse em tom de queixa:

— Mas aonde você vai, Drina? Quero falar com você. Você não deveria estar sempre agindo sozinha. É perigoso.

Vitória se virou para ela, seus olhos resplandecendo.

— Mas não estou agindo sozinha, Mamãe. Tenho minhas damas.

A Duquesa bufou.

— Você se esquece, Drina, que família deve vir antes de tudo. Vitória parou.

— Você de fato acredita nisso, Mamãe? Talvez você deva dizer ao Sir John Conroy! A Duquesa ergueu as mãos em desespero:

— Você é tão infantil, Drina. Sir John e eu só queremos servir aos seus interesses. Isso é tudo que eu sempre quis. — A Duquesa alcançou seu lenço e começou a dar batidinhas em torno dos olhos.

Vitória hesitou; sua mãe nunca chorava em público. Ela se virou e sentou ao lado dela.

— Sei, Mamãe, que está preocupada, mas não há necessidade. Aprendi a me virar sozinha.

— Creio, Drina, que isso seja uma questão de opinião. Você visitou a Dover House sozinha contra meu conselho, e agora acredito que você disse ao Sir Robert que se recusa a abrir mão de suas damas. — A Duquesa lançou um olhar furioso para Harriet e Emma, que estavam juntas do outro lado do recinto.

— Sim, Mamãe, eu disse. Mas eu não o fiz por um capricho. Sei o que estou fazendo.

— Você acha que sabe, mas Sir John diz que você está brincando com fogo. Este país precisa de um Primeiro-Ministro, e parece que você está impedindo que o país seja governado, então o país a culpará.

Vitória se levantou.

— Como você diz, Mamãe, sangue é mais grosso que água. Talvez você deva confiar no meu julgamento mais do que no de Sir John Conroy. — Dando as costas para a mãe, ela caminhou rápido para fora do cômodo, Emma e Harriet seguindo-a.

Na manhã seguinte, Emma Portman foi à Dover House em um horário que ela em geral considerava ser cedo demais para ser civilizado, mas as regras tinham de ser relaxadas em momentos como esse. O mordomo de Melbourne disse a ela que Sua Senhoria ainda estava na cama, mas Emma não prestou atenção e subiu as escadas diretamente para o quarto. O mordomo tentou protestar, mas o fogo nos olhos de Lady Portman dizia a ele que resistência era inútil.

Melbourne estava deitado na cama lendo o The Times quando Emma invadiu o quarto. Ele viu o rosto apologetico do mordomo e assentiu com a cabeça de que estava tudo bem. Emma sentou ao final de uma enorme cama de dossel com quatro colunas.

— De verdade, Emma, você poderia ter me dado algum aviso. Eu mal estou apresentável.

— O assunto não podia esperar, e estou velha demais para ficar chocada com seu queixo barbado ou com o ovo em suas vestes de dormir.

Melbourne olhou para baixo e viu que de fato havia um resto de gema de ovo solidificada na lapela de seu robe de Paisley.

— Bom, então, você deve me aceitar como estou, Emma. Mas qual é o assunto que não poderia esperar que eu a recebesse na biblioteca como uma senhora casada respeitável?

— A Rainha viu Peel ontem.

— Eu sei. Eu disse a ela que era o único rumo sensato.

Emma olhou para ele como se procurasse algo.

— Mas você sabia que ela lhe disse que não vai abrir mão de nenhuma de

suas damas? Melbourne suspirou.

— Não. Na verdade, eu disse a ela que ela teria de fazer mudanças na residência, ou Peel não sentiria que tem sua confiança.

— Eu vi Peel quando ele estava saindo. Seus olhos estavam vermelho-brilhantes, como se ela os tivesse socado!

Melbourne suspirou outra vez.

— Mas como Peel não conseguiu persuadi-la de que era do interesse dela fazer mudanças? Não seria correto para ela ser vista como a Rainha de apenas um partido.

Emma Portman riu.

— Você sabe perfeitamente bem por que ele não conseguiu persuadi-la. Ela não mudará suas damas porque ela quer tê-lo de volta, William.

Melbourne saiu da cama e tocou a sineta para seu valete.

— Essa decisão não cabe a ela — ele retrucou.

— Ainda assim, essa é sua intenção. — Emma ergueu uma sobrancelha. — Você não pode culpá-la, de verdade. Por que lidar com um turrão como Peel se ela pode ter seu charmoso Lorde M?

A porta se abriu e o mordomo entrou, seguido por um dos mensageiros reais que portava uma carta para Melbourne.

— Da Rainha, milorde.

Melbourne rasgou o envelope e franziu a testa.

— Você vê — disse Emma sorrindo —, aí está sua convocação.

Melbourne emitiu um som que para um homem menos urbano teria sido considerado um bufar.

— Espero que no último ano eu tenha ensinado à Rainha a diferença entre inclinação e dever. Emma caminhou até ele e lhe deu um beijo na face.

— Tenho certeza que era sua intenção, William. Mas você se esquece de que a Rainha também é uma garota jovem que gosta de conseguir o que quer.

Quase um quilômetro de distância, na rua de Saint James no White's Club, o reduto do partido Tory, o Duque de Cumberland estava atravessando a biblioteca. Se ele viu que alguns membros deram suas costas para ele, ele não

deu indicação de notar; ele estava muito empenhado em alcançar Wellington, que estava segurando a corte com uma trama da grandeza do partido Tory, incluindo Robert Peel, no fundo do recinto.

O Duque entrou caminhando no meio do grupo, seu cachecol lívido contra a bochecha, e sem cumprimentar ninguém, ele atacou:

— Será que é de fato verdade que o partido Tory, o partido de Burke e Pitt, foi derrotado pelo capricho de uma garota de dezoito anos? — Ele virou seus olhos azuis injetados de sangue para Peel, que deu um passo para trás.

— Não posso formar um governo, senhor — as vogais achatadas típicas de sotaques do Norte ficaram evidentes em sua voz —, sem o suporte da Soberana. — Ele voltou o encarar de Cumberland sem retroceder. Cumberland colocou o dedo na têmpora e se virou para Wellington.

— Você acha, Wellington, que seu comportamento é de todo racional? Fazer tanto alvoroço por causa de suas damas. Isso me lembra meu pai. Ele não era de todo racional no começo de sua... aflição triste.

Peel levantou uma sobrancelha.

— Você está dizendo que a Rainha não é de mente sã, sir?

— Estou dizendo que ela não é forte o suficiente para negócios de governo. O que ela precisa é de orientação. Quando meu pai estava doente, houve um Regente apontado. Por que nós não deveríamos fazer o mesmo?

Wellington se inclinou para trás contra a lareira e observou Cumberland com um olhar frio.

— Tenho certeza de que a Duquesa de Kent estaria pronta para intervir e, é claro, ela é muito popular. — A ênfase de Wellington era clara; a Duquesa tinha o tipo de apoio público que faltava a Cumberland.

Cumberland o encarou de volta com desgosto.

— Creio que a Duquesa não é capaz de ser Regente sem auxílio.

Wellington sorriu.

— Oh, tenho certeza que Sir John Conroy ficaria mais do que contente em aconselhá-la. Acredito que ele seja muito ambicioso.

A cor no rosto de Cumberland ficou mais escura.

— Uma pateta alemã e um saltimbanco irlandês, acho que isso não chegaria a bastar.

Peel falou de seu canto:

— Então quem você tinha em mente, sir? Wellington deu um passo na direção de Cumberland:

— Oh, acredito que o Duque acha que um Regente deve vir da família real Britânica, estou certo? Cumberland desenhou os lábios de volta em algo que se aproximava a um sorriso.

— Certo, Wellington. A Duquesa tem uma reivindicação como a mãe da Rainha, mas ela precisaria de um co-Regente de sangue real.

Wellington assentiu com a cabeça.

— Bom, vamos esperar que não chegue a isso. Outra Regência não seria bom para o país.

Cumberland tentou não mostrar sua irritação.

— Melhor uma Regência do que uma garota histérica no trono. Peel limpou a garganta.

— Eu não diria que a Rainha é histérica, Sir. De fato, ela me pareceu ser bastante calma. Cumberland virou a cabeça de forma brusca.

— Mas ela se comportou de maneira completamente sem razão, não foi?

Wellington sorriu.

— Ouso dizer que na mente da Rainha, seu comportamento é bastante racional. Imagino que ela pensa que, negando abrir mão de suas damas, ela conseguirá Melbourne de volta.

— Mas isso é inconstitucional — replicou Cumberland.

— Assim como trocar um monarca são por uma Regência, Vossa Alteza Real — disse Wellington com uma cortesia exagerada. Os lábios de Peel se contraíram.

— Algo deve ser feito — resmungou Cumberland, ignorando o insulto. Wellington assentiu com a cabeça.

— Sim, precisamos de um Primeiro-Ministro. Ela vai convocar Melbourne agora, mas eu me pergunto o que ele fará?

— O que quer que ela queira, é claro; o homem está enfeitiçado por ela — disse Cumberland.

— Talvez, mas até mesmo Melbourne pode evitar se tornar o segundo cachorrinho da Rainha — disse Wellington —, e o que quer que você pense de suas políticas, o homem conhece seu dever.

Peel olhou para Wellington, e então para Cumberland.

— Suas noções de política econômica são tristemente deficientes, mas ele é um homem de honra. Cumberland olhou para os dois de forma incrédula.

— Honra e dever de fato! Isso não é um romance de Sir Walter Scott. Melbourne é um homem e um político; ele fará o que quer que sirva aos seus próprios interesses.

O sorriso de Wellington não tremeu.

— Bom, isso permanece uma incógnita, mas por enquanto estamos em suas mãos.

Cumberland parecia prestes a censurá-los novamente, mas era evidente que pensou melhor a respeito. Fazendo uma curta reverência, ele se virou e os deixou, os membros do clube voando para longe dele como ovelhas assustadas.

Peel se virou para Wellington.

— Suponho que se a Rainha não ouvir a voz da razão... então em algum momento teremos que considerar a ideia de uma Regência.

Wellington estreitou os olhos.

— É possível, é claro, mas de uma coisa tenho certeza: as pessoas preferem ter a Polegarzinha no trono do que serem reinados pelo Duque de Cumberland. Metade desse país acha que ele matou seu valete, e a outra metade acha que ele é pai de uma criança com sua própria irmã. A pequena Vicky pode ser jovem e tola, mas ela não é um monstro. Ou pelo menos ainda não.

Capítulo Cinco

Vitória esperou por Melbourne em sua sala de estar privada. Ela abriu uma de suas caixas e tentou se concentrar em um papel a respeito da nomeação do Decano da Catedral de Lincoln, mas não conseguiu focar a atenção. Ela fechou a tampa da caixa vermelha de documentos oficiais e examinou seu reflexo no espelho na estante acima da lareira. Ela estava usando o vestido cor-de-rosa que Melbourne uma vez dissera que lhe caía bem, mas no espelho pensava que ele a deixava com um rosto descorado. Havia tempo para mudar de roupa?

Ela olhou para o relógio Boulle no console de malaquita; eram quase onze horas. Se ela mudasse de vestido agora, então Melbourne poderia chegar, e não queria deixá-lo esperando. Ela beliscou as bochechas com força e mordeu os lábios, tentando trazer um pouco de cor ao rosto, mas ainda estava pálida. Havia sido tão difícil dormir na noite anterior. Ela se perguntou se Lorde M notaria; ele era tão observador em geral.

Antes que o relógio houvesse terminado de bater onze horas, o laçaio abriu a porta para admitir Melbourne. Vitória viu de imediato que seu sorriso não era acalentador como ela esperava, mas não permitiu que seu próprio sorriso fraquejasse ao estender sua mão para ele.

— Querido Lorde M, não consigo expressar quão feliz estou em vê-lo. — Ela sorriu de forma conspiratória.

— Você não acha que arranjei as coisas de forma maravilhosa?

Melbourne disse sem expressão:

— Você esteve cheia de recursos, Madame.

— Sir Robert queria levar todas as minhas damas e trocá-las por espiãs Tories. Para seu grande alívio, ela viu os lábios de Melbourne estremecerem ao responder:

— Peel é um bom político e um homem de princípios, mas temo que ele nunca entendeu o sexo frágil. Ele olhou para Vitória e ela sustentou seu olhar. Então, em uma voz mais baixa, ela disse:

— Tenho sentido sua falta, Lorde M.

Melbourne ergueu uma sobrancelha.

— Foi apenas um dia e meio. — Ele deu um passo na direção dela e ela olhou para ele com ansiedade, mas ele falou com grande seriedade. — Vim aqui dizer a você, Madame, que não seria de seu interesse que eu retornasse como Primeiro-Ministro.

Vitória teve de repetir as palavras na própria cabeça antes que pudesse entender seu significado, e então disse, surpresa:

— Não é de meu interesse? Mas é tudo o que desejo no mundo.

Melbourne baixou a cabeça e continuou na mesma voz grave.

— Você me lisonjeia, Madame. Mas não posso permitir que prejudique a posição da Coroa por minha causa.

Vitória sentiu que sua cabeça explodiria. Nunca lhe havia ocorrido que Melbourne poderia não voltar uma vez que ela houvesse lidado com Peel. E agora ele estava falando como se ela fosse uma criança recalcitrante ao invés de sua Soberana.

Ela ergueu o queixo.

— Não pode me permitir, Lorde Melbourne? Melbourne continuou:

— Peel estava dentro de seus direitos ao lhe pedir mudanças na residência. Afinal de contas, suas damas são as que eu indiquei.

Vitória sentiu o estômago contrair-se, e sua respiração ficou entrecortada.

— Mas minhas damas são minhas amigas. Se eu as perder assim como você, então não terei ninguém. Será como Kensington com Mamãe e Sir John outra vez. Não acho que poderia aguentar. — Ela sentiu lágrimas vindo aos seus olhos e mordeu o lábio. — Sir Robert Peel não entende isso, mas creio que você deve entender, Lorde M.

Melbourne suspirou, seu belo rosto batalhando para manter a compostura. Vitória pensava que ele devia ceder, mas quando ele falou, foi outra vez naquela voz odiável.

— Sinto muito, mas se eu concordar em formar um governo agora, você sairá perdendo, Madame. Críticos, e eu tenho muitos, dirão que eu a manipulei, uma jovem mulher impressionável, para minha própria vantagem política.

Vitória disse com fervor:

— Mas isso não é verdade. Não sou um pedaço de argila para ser moldada por qualquer mão.

Ele olhou para ela então, e disse devagar e com cuidado:

— Não, você não é mais uma criança, e esse é o motivo pelo qual você deve tentar entender que não importa de quem você gosta ou deixa de gostar.

Vitória se conteve; como ele não poderia entender que ela precisava do apoio dele, não uma lição nos deveres de Soberana?

— É claro que importa! Sou a Rainha — e conforme ela dizia essas palavras, ela o viu balançar a cabeça.

— Vitó... — então ele se interrompeu —, Vossa Majestade, com certeza você entende o que está em risco aqui?

Vitória pôs os ombros para trás e, com o máximo de força que ela conseguia reunir, disse:

— Lorde Melbourne! Você está esquecendo de si mesmo!

Mas o rosto de Melbourne não se alterou. Em geral tão móvel, ele parecia de granito. Seus modos gentis e expressivos agora estavam duros, e sua boca em perpétuo sorriso estava disposta em uma linha austera. Vitória sentia como se o coração fosse partir; ela confiara nele por completo e agora ele estava lhe dizendo que não faria a única coisa no mundo que ela queria.

Enfim, ela disse em voz pequena:

— Você não quer ser meu Primeiro-Ministro?

Quando ele falou, era como se as palavras estivessem sendo espremidas para fora dele:

— Não nessas circunstâncias, Madame. A relação entre a Coroa e o Parlamento é sagrada, e eu não vou permitir que você a ponha em risco.

E antes que ela pudesse responder, Melbourne disse em uma voz grave:

— Você deve me dar licença, Madame — e sem esperar por sua permissão, ele deu as costas para ela e caminhou rápido para fora do cômodo.

Conroy estava a caminho do Palácio de seus alojamentos em Bruton Street, quando um mensageiro se apresentou com uma carta pedindo que

comparecesse na residência Cumberland. A mente acomodática de Conroy começou a calibrar os pontos em que os interesses da Duquesa e os de Cumberland poderiam coincidir, e tomou o rumo do Palácio de Saint James, onde o Duque tinha aposentos, com um sentimento de antecipação. Com Melbourne fora do caminho e Cumberland como aliado, poderia haver muitas possibilidades para avanço.

Cumberland o recebeu no arsenal, um cômodo em que cada centímetro de parede estava coberto de armas. Uma flecha de luz caía em uma fileira de espadas montadas e refletia pelo resto da exposição, ofuscando Conroy temporariamente.

Cumberland estava em pé sob um machado de prata, parecendo ser um homem que não iria vacilar ante a execução. Conforme Conroy era anunciado, o Duque estava cheirando um grande bocado de rapé e prosseguiu a espirrar de forma violenta. Quando as explosões foram concluídas, ele espremeu os olhos para seu visitante.

— Aí você está, Conroy — disse ele.

Conroy notou a impaciência na voz do outro homem e disse com suavidade:

— Vim assim que recebi sua mensagem, sir. Apesar de dever confessar que fiquei um pouco surpreso ao recebê-la. Sou, como você sabe, muito próximo da Duquesa de Kent, com quem você nem sempre esteve em termos amistosos.

Cumberland espirrou outra vez.

— As coisas mudaram, Conroy. — O Duque deu alguns passos em direção ao seu visitante e disse em um sussurro teatral: — Estou preocupado com minha sobrinha. Parece-me que ela tirou uma licença da voz da razão — ele pausou e então deu um revirar de olhos piedoso —, como meu pobre pai.

Conroy baixou seus olhos, enquanto tentava sondar a intenção do Duque. A Rainha era de uma disposição nervosa, propensa à histeria como todas mulheres jovens, mas questionar sua sanidade, comparando-a ao maluco Rei Jorge III, era prematuro. Mas como era claro que aquilo era um prelúdio para algo mais, ele assentiu com a cabeça em gravidade.

— Acredito que esteja certo, senhor. Ela teve uma disposição nervosa desde que era uma criança. É possível que o esforço de sua posição tenha desordenado seus sentidos.

— Exato! — Um lado da boca de Cumberland se ergueu em concordância.
— Pensei que você pudesse concordar comigo. Papai costumava falar sozinho e gritar para nada em particular. A minha sobrinha faz algo desse tipo?

Conroy retribuiu o sorriso do Duque.

— O comportamento da Rainha com certeza tem sido... errático. Houve os assuntos de Hastings e agora essa questão de suas damas. Você sabia que ela de fato foi à Dover House para ter um tête-à-tête com Melbourne?

— Tal comportamento não é apropriado em uma monarca — disse o Duque, balançando a cabeça. — É claro, ninguém quer acreditar que a cabeça que usa a coroa é menos do que são, mas se esse é o caso, então não devemos nos esquivar de nossa tarefa.

Conroy se inclinou, de acordo.

— Não, de fato, sir. — Ele esperou o Duque continuar, perguntando-se quais cartas ele pretendia jogar.

O Duque acenou uma mão.

— Tenho certeza que a Duquesa deve estar muito preocupada com o bem-estar de sua filha. Preocupo-me, é claro, com o país. Pode ser que entre nós, possamos chegar a algum acordo.

Conroy ergueu os olhos:

— A respeito de uma Regência, sir?

Cumberland concordou com a cabeça.

— É claro, como sua mãe, a Duquesa é a escolha óbvia. Mas não creio que o Parlamento vá querer outra mulher no comando, em especial por ela ser uma estrangeira. Se a Duquesa tivesse um co-Regente, da família real britânica — ele deu outro de seus sorrisos invertidos —, creio que não poderia haver objeção possível.

Conroy sorriu de volta.

— Sinto confiança de que a Duquesa concordaria, sir.

— No entanto, precisaremos de evidência. Você imaginaria que seu comportamento recente seria suficiente, mas Wellington e Peel são malditamente cautelosos.

— Evidência?

— Alguma indicação de que o estado de mente da Rainha está desordenado.

— Entendo, sir.

— Bom. — O Duque tirou sua caixa de rapé outra vez e lançou uma porção na mão e então colocou no nariz. Três fungadelas depois, ele olhou para Conroy como se estivesse surpreso em descobrir que ele ainda estava ali. — Bom, creio que isso é tudo que eu desejava dizer. Você pode nos deixar.

Conroy caminhou em silêncio para fora do recinto. A arrogância do Duque era insuportável. Se Conroy havia duvidado dos rumores que Cumberland era um assassino, ele agora os achava críveis por completo. Dispensando-o como se fosse um servo, mais do que um aliado inestimável. Se ao menos ele estivesse em posição de agir sozinho, mas Conroy sabia que para a Duquesa ter qualquer esperança de obter o poder e influência que eram dela (e dele, naturalmente) de forma justa, eles precisavam da ajuda de Cumberland.

É claro que, quando chegasse às vias de fato, Conroy não tinha intenção alguma de apoiar uma co-Regência. A Duquesa já tinha um conselheiro, mas o Duque era a única pessoa no momento que poderia trazer a questão de Regência a ela. Esse exercício de lógica fez Conroy se sentir mais calmo, e depois da travessia pela The Mall até o Palácio de Buckingham e os aposentos da Duquesa, sua serenidade foi restaurada.

Ele encontrou a Duquesa analisando suas contas com sua ama de roupas Frau Drexler. Quando ele entrou, ela estava suspirando.

— Oh, Sir John, você sabia que Madame Rachel, minha costureira de vestidos, não me dá mais crédito? Em breve serei forçada a me vestir em trapos. Não é certo que a mãe da Rainha seja humilhada de tal maneira.

Conroy sorriu.

— Ah, não creio que vá ter que se preocupar com suas contas no futuro, Duquesa. Tenho algumas notícias que acho que vão lhe interessar muito.

Ele olhou para Drexler, e a Duquesa dispensou a ama com um aceno.

Conroy se sentou no sofá, ao lado da Duquesa. Ele sentou um pouco mais perto talvez do que era apropriado por completo, mas ele sabia que a Duquesa

era uma mulher que respondia à proximidade física. O mais próximo que ele ficasse dela, mais poder ele tinha.

— Acabei de voltar de uma visita ao Duque de Cumberland.

A Duquesa se virou para ele em surpresa.

— Cumberland! Mas por quê? Ele é meu inimigo.

Conroy colocou uma mão forte na da Duquesa, que estava em uma luva de renda.

— Isso pode ter sido verdade no passado, mas agora acredito que vocês têm mais em comum do que você percebe.

A Duquesa ergueu os olhos azuis líquidos para os dele.

— Mas o que eu posso ter em comum com aquele homem terrível?

— O Duque está preocupado, assim como nós, a respeito da Rainha. Ele acredita que o esforço de sua posição está forçando demais sua razão.

A Duquesa balançou a cabeça.

— Não, não, Drina pode ser cabeça-dura e voluntariosa, mas ela não é louca.

Conroy tomou a mão sob a dele e a apertou.

— Não maluca, exatamente, mas... — ele pausando, procurando pela palavra certa — sobrecarregada. O Duque sente, e concordo com ele, que o que ela necessita é de um período de silêncio e isolamento em que ela possa retomar suas forças.

A mão da Duquesa tremeu na dele.

— Silêncio e isolamento?

— Sim. É claro que para isso acontecer, um Regente teria de ser nomeado para cuidar dos negócios de governo.

A Duquesa olhou para baixo, mirando a mão que agarrava a dela.

— Uma Regência. É pelo que sempre esperei, poder guiar minha filha ao invés de ser sempre trancada do lado de fora. Mas não entendo por que esse... Cumberland iria querer isso.

— Ele imagina que você precisa de um co-Regente.

Os cachinhos loiros se balançaram.

— Não, Sir John, isso não pode ser. Não posso trair minha filha para ajudar aquele homem. Conroy se censurou por ter ido tão rápido.

— Acho que a única pessoa que estaria ajudando, Madame, seria sua filha. Creio que ela no momento está em perigo de perder toda a credibilidade com o público. Um período de reflexão, longe da influência perniciosa de Lorde Melbourne só poderia ser benéfico. E, é claro, se você é a Regente quando ela estiver recuperada por completo, você poderá entregar o trono de volta. Se fosse deixado para o Duque — ele pausou e olhou nos olhos da Duquesa cheio de significado —, bom, vamos apenas dizer que o Duque deseja muito o trono, e duvido que ele fosse desistir dele uma vez que o obtivesse.

Ele segurou a mão forte e agora entrelaçava seus dedos nos dela. Sentindo que ela precisava de mais reafirmação, ele continuou:

— Um curto período como Regente seria suficiente para mostrar à sua filha e de fato ao país, o que lhe é devido como a Rainha-Mãe. Você receberia o respeito que merece, e, é claro, todos os vestidos de que precisa.

A Duquesa afastou sua mão.

— Você acha que quero fazer isso por causa de alguns vestidos?

Conroy maquiou uma expressão de contrição profunda e estendeu sua mão em súplica. Depois de um momento longo, a Duquesa deu a ele a dela de novo.

— Creio que você apenas agiria nos melhores interesses de sua filha, Duquesa. Mas me daria grande prazer vê-la vestida como é próprio de sua postura. Uma mulher como você deve ser resplandecente. — Ao dizer isso, ele tomou a mão em luva de renda e a beijou.

A Duquesa deu um suspiro longo.

— Devo falar com Drina. Ela deve entender o que vai acontecer se ela não for sensata.

A voz de Conroy era grave e urgente:

— Com todo o respeito, Madame, você não deve mencionar nosso plano à sua filha. Creio que ela não entenderia que nossos motivos são totalmente desinteressados, e creio que poderia usar isso contra você. Muito melhor não dizer nada e estar preparada para agir, caso haja algum outro sinal de

instabilidade mental.

A Duquesa se levantou, e Conroy a imitou.

— Não confio em Cumberland, Sir John.

Conroy ficou parado na frente dela e segurou seus ombros com as mãos.

— Não, Madame, tampouco eu. Mas é melhor, creio eu, agir com ele, do que deixar que aja sozinho. Essa é a única forma de podermos proteger os interesses da Rainha.

A Duquesa olhou para ele, seu rosto nublado com indecisão. Conroy pressionou.

— Diga-me, Duquesa, que você sabe que estou certo.

Ele apertou mais ainda suas mãos em seus ombros até ela assentir com a cabeça, e então dizer com uma voz trêmula:

— Vamos protegê-la juntos.

Julgando que se havia feito entender, Conroy soltou sua força da Duquesa e fez uma reverência profunda antes de sair. Uma vez saído dos aposentos, ele ficou em pé apoiando a testa contra um pilar de mármore, a pedra fria contra sua pele aquecida.

Capítulo Seis

Uma semana se passara desde que Melbourne renunciara como Primeiro-Ministro, e o país ainda estava sem um governo. Espalhou-se que a Rainha se negara a abrir mão de suas damas para Sir Robert Peel, e conversas a respeito do que ficou conhecido como a Crise dos Aposentos Reais, a Crise do Quarto de Dormir, preenchia os clubes e corredores. Peel escrevera para a Vitória no dia seguinte à entrevista para dizer a ela que sem sua cooperação na questão da residência ele seria incapaz de formar uma administração. Ela respondeu que não abriria mão de suas amigas. Vitória apreciou escrever aquela carta, mas não houvera notícias de Melbourne desde seu último encontro desastroso. Ela tinha certeza de que Melbourne aplaudiria seu estratagema, mas em vez disso, eles haviam brigado e agora ela estava só.

Naquela tarde, ela ficou a sós com Emma Portman e perguntou se ela sabia por que Melbourne não vinha ao Palácio.

Emma parecia envergonhada.

— Imagino, Madame, que ele está esperando que você escolha o seu Primeiro-Ministro. Ele não quer ser visto como intruso.

Vitória balançou a cabeça em descrença.

— Mas o que vou fazer? Peel não vai formar um governo a menos que eu ceda às suas demandas ultrajantes, e Lorde M, que deve saber o quanto conto com você e Harriet e todas as minhas damas por apoio, diz que devo fazer como Peel deseja. Ele foi bastante brusco comigo na última vez em que nos encontramos, e não sei nada dele desde então. Amanhã é meu aniversário. — O rosto de Vitória se contraiu. — Você acha que ele virá para minha celebração? Eu não a aproveitarei de outra forma.

— Não posso dizer, Madame. Mas suspeito que ele não virá ao Palácio até que um Primeiro-Ministro tenha sido nomeado.

Naquela noite, Vitória ficou deitada na cama ouvindo as badaladas do relógio em seu quarto conforme elas avisavam o passar de cada um quarto de hora. Em geral ela pegava no sono assim que colocava a cabeça no travesseiro, mas naquela noite, ela não conseguia fazer sua mente se acalmar.

Ela não podia acreditar que Melbourne poderia ser tão duro de coração. Ela sentia raiva e desamparo ao mesmo tempo. Sem ele ao seu lado, todos os pequenos prazeres de ser Rainha eram negados a ela. Ela se sentia ansiosa em trabalhar nas caixas pela manhã com ele ao seu lado, mas sem ele para explicar e iluminar, os nomes eram apenas nomes e os papéis, apenas tarefas.

Imaginar como seria passar pelos compromissos com Sir Robert Peel a fez estremecer. Peel, ela sentia, era um homem que não associava diversão ou prazer a performance da obrigação pública. De seu encontro breve, ela sabia que ele lhe daria lições ao invés de tentar educá-la sem fazê-la se sentir estúpida, como Melbourne fazia. Peel não iria, pensava ela, se importar com seus sentimentos. E, além disso, ele era um grande carão desajeitado em forma de homem. Ele não era um homem com quem ela algum dia gostaria de dançar.

As badaladas soaram outra vez: dez, onze, doze. Meia-noite. Agora era oficialmente seu aniversário. Dezenove anos de idade. Vitória decidiu que não podia mais ficar na cama. Ela se levantou, colocou seu roupão e pantufas. Ela pensou em acordar Lehzen, que dormia no quarto ao lado, mas sabia que a Baronesa faria alarido e reclamaria com ela por ficar andando por aí de camisola. E, além disso, ela não podia falar com Lehzen a respeito de Lorde Melbourne.

Ela acendeu a vela ao lado da cama e ousou andar pelo longo corredor, Dash tamborilando as patinhas junto dela. Era uma lua cheia e ao entrar na Galeria de Retratos, os rostos de seus ancestrais reais brilharam na luz prateada. Ela olhou para o retrato de Elizabeth I, cuja boca estava estabelecida em uma linha fina. No passado, Vitória se perguntara por que Isabel tinha escolhido ser pintada com uma aparência tão enfadonha, mas naquela noite ela pensou entender. Isabel, uma mulher em si sem um marido, não se preocupava com ser amada; ela queria ser respeitada, até mesmo temida.

À direita de Isabel estava Carlos I com sua família. Lorde Melbourne gostava muito daquela imagem; ele disse que o pintor havia feito um trabalho esplêndido em mostrar como um homem poderia ser magnífico e tolo ao mesmo tempo.

— Olhe para a posição teimosa de sua boca — ele dizia; — essa é a única

qualidade imperdoável em um Rei. A Monarquia é de forma fundamental absurda, e é tolo o Soberano que se esquece disso. — Vitória viu com desconfiança aquela observação, e Melbourne riu dela. — Você crê que estou sendo desrespeitoso, Madame? Quiçá esteja. Não há alguém que apoie mais uma monarquia constitucional do que eu, mas a estrutura apenas aguenta se nenhum dos lados se apoiar nela em demasia. — Vitória olhou para a inclinação carrancuda dos lábios de Carlos. Ela esperava que seu retrato, o das vestes da Coroação, não revelasse nela uma qualidade que não lhe fizesse justiça.

Houve um latido de Dash, e o spaniel saiu correndo pelo corredor atrás de alguma presa invisível. Vitória esperou que não fosse um rato; ela tinha horror a ratos desde que um havia corrido em seu rosto em uma noite em que ela dormia no Palácio de Kensington. Ela acordou gritando de horror. Mamãe se recusou a acreditar que tal coisa poderia haver acontecido, mas Vitória ainda sentia as garras minúsculas raspando ao caminhar sobre seu peito e o terrível deslizar suave da cauda. Desde então, ela insistia que Dash dormisse em uma almofada aos pés da cama. Ela preferia ser perturbada com suas fungadas e roncos do que com aquela debandada rápida terrível.

Dash estava arranhando o lambril sob o retrato em tamanho natural do avô dela Jorge III. Vitória tinha uma antipatia particular por essa imagem já que Conroy lhe dissera que ela tinha o olhar de seu avô. Como o Rei nessa imagem tinha olhos azuis bulbosos e uma expressão de confusão aturdida, ela não levava aquele comentário como um elogio. Ela de súbito se sentiu cansada e, entendera que poderia enfim pegar no sono, se abaixou para pegar Dash, que ela sabia que não iria embora a não ser se fosse levado à força.

Dash não iria abandonar sua presa sem brigar. Tentando levá-lo para longe do rodapé, Vitória parou quando uma voz atrás dela disse:

— Mas, Drina, o que você está fazendo aqui? Sozinha no meio da noite?

Ela olhou ao redor e viu sua mãe, cujo cabelo estava preso em papелotes que a faziam parecer um porco-espinho. Seu rosto, iluminado pela vela que carregava, estava cheio de sombras.

— Não consegui dormir, Mamãe.

— Mas você não deveria estar caminhando por aí no meio da noite de camisola. Você vai pegar um resfriado, e se os serviçais a vissem aí, poderia

haver algumas fofocas. Talvez você esteja sentindo falta de minha companhia em seu quarto. Você costumava dormir tão bem quando estava na cama ao lado da minha.

— Ela colocou seu braço em torno de Vitória e apertou seu ombro.

— Não posso esperar dormir tão bem agora que sou Rainha, Mamãe. Tenho tantas responsabilidades.

A Duquesa ergueu a vela até o rosto de Vitória, como se buscasse algo nele.

— Espero que não sejam demais para você, Liebchen. Creio que é difícil ser tão jovem e ter tantas preocupações.

— Não tão jovem assim, Mamãe. Já passa da meia-noite, então tenho dezenove anos.

A Duquesa sorriu e beijou a filha na bochecha.

— Mas você não deve pegar um resfriado no seu aniversário. Deixe-me levá-la de volta para seu quarto, e ficarei com você até que pegue no sono. Não creio que vá se preocupar se sua mãe estiver lá.

Vitória se virou para seguir a Duquesa quando, com o canto do olho, viu um movimento rápido e um lampejo de algo rosado, e soltou um pequeno grito de terror.

— Você viu aquilo, Mamãe? Acho que era um camundongo, ou até um rato.

Como se confirmando suas palavras, Dash começou a choramingar e latir, seu focinho pressionado contra o rodapé. A Duquesa disse:

— Você está tremendo, Drina. Você não pode estar com tanto medo de um ratinho.

— Mas você sabe quanto os odeio, Mamãe. Desde que aquele rato caminhou no meu rosto.

— Aquilo nunca aconteceu, Drina. Foi só sua imaginação.

A Duquesa levou a mão ao rosto da filha.

— Você não pode começar a falar com sombras, Drina. Ou as pessoas vão sussurrar a respeito de você. — Ela olhou para cima, mirando o rosto branco de Jorge III brilhando sobre elas na luz do luar. — Elas se lembram de seu avô.

Vitória olhou para ela em confusão.

— Meu avô? O que você está dizendo, Mamãe?

A Duquesa balançou a cabeça.

— Não se trata do que eu estou dizendo, Drina. Mas talvez você precise de algum descanso no silêncio. Vitória ergueu os olhos outra vez para o rosto bovino de seu avô, e o que sua mãe queria dizer começou a fazer sentido para ela. A Duquesa prosseguia com fervor passionai:

— Mas você não deve se preocupar. Eu a protegerei, Drina. Não vou deixar que a tirem de mim.

Vitória estremeceu, mas dessa vez foi com raiva, não medo. Ao falar, todos os traços de seus tremores anteriores tinham sumido.

— Houve uma época, Mamãe, em que eu precisava de sua proteção, mas ao invés disso, você permitiu que Sir John fizesse de você a criatura dele.

A vela na mão da Duquesa tremeu, lançando sombras discordantes pelo cômodo. Ao falar, a fúria em seu tom era equivalente à da filha.

— Sir John ao menos se importa com minha existência. Você me banuiu de seus afetos.

A resposta de Vitória foi imediata.

— E de quem é a culpa disso, Mamãe?

A Duquesa a encarou antes de sair andando para longe com rapidez, seus papalotes em alvoroço.

Vitória a observou partir e, virando as costas para seus ancestrais, começou a caminhar de volta para o quarto. Seu rosto ainda estava quente no ponto onde sua mãe a havia tocado.

A manhã seguinte era clara e bonita. Nas cozinhas do Palácio, o Senhor Francatelli, o chefe confeitiro da Rainha, estava dando os toques finais em seu bolo de aniversário. Ele vinha trabalhando nele fazia semanas, cozinhando as camadas de bolo de frutas com frutas secas e nozes com um mês de antecedência e as mergulhando em conhaque para que ficassem da cor de madeira de mogno. Então ele colocou cobertura em cada camada e fez as colunas para apoiar uma fileira sobre a outra. Agora ele trabalhava na pièce de résistance, um modelo da Rainha com seu cachorrinho Dash, executados em

açúcar.

No Salão do Trono, a esposa do vigário da Igreja de Santa Margarida em Westminster tentava manter seus jovens pupilos em ordem enquanto esperavam para cantar o hino nacional. Seu marido se deliciara em voluntariar a turma dela da Escola Dominical para cantar no aniversário da Rainha, mas, ela pensou arrependida, ele nunca tivera de manter alunos de sete e oito anos em silêncio em um Palácio. As crianças davam gritinhos de alegria quando Francatelli passava com um carrinho que levava o bolo de aniversário.

— Esse é o maior bolo do mundo, eu acho.

— Aposto que é maior que a Rainha em pessoa.

— Olha lá em cima, você pode ver a Rainha brincando com o cachorrinho!

A esposa do vigário se moveu com a agilidade, nascida de muita experiência, para interceptar uma mão pequena e bastante encardida prestes a fazer carinho na cabeça do spaniel de açúcar.

— Você saia daí, Daniel.

Os lacaios começaram a abrir as portas duplas, e a esposa do vigário fez gestos para que seus jovens pupilos entrassem em fila sob um estandarte em que se lia Feliz Aniversário, Vossa Alteza.

— Nós cantamos agora, Senhora Wilkins?

— Não, essa é a mãe da Rainha, a Duquesa de Kent.

— Quem é aquele homem com ela? É o marido dela?

— Não, criança, o marido dela está morto. Aquele, acredito, é Sir John Conroy.

— Ele parece ser marido dela.

— Você é um garoto impertinente, Daniel Taylor. Por favor, mantenha suas opiniões para si.

Um silêncio tomou conta do recinto conforme os lacaios da porta sinalizavam que o grupo da Rainha estava descendo pela Galeria de Retratos. A Senhora Wilkins olhou para seus pupilos e conforme Vitória entrava no cômodo, menor do que a esposa do vigário imaginou possível, ela assentiu para que comesçassem a cantar.

Deus salve nossa graciosa Rainha!

Longa vida à nossa nobre Rainha!

Deus salve a Rainha!

Envie a ela a vitória, felicidade e glória.

Que tenha um reinado longo sobre nós,

Deus salve a Rainha.

As crianças estavam, mais do que de costume, desafinadas, mas a Rainha sorriu e aplaudiu ao final do verso. A Senhora Wilkins fez um gesto para Eliza, a menor cantora do coral, para apresentar um buquê de violetas. A Rainha enterrou seu rosto nas flores e disse:

— Elas têm um cheiro incrível. Que saudação de aniversário encantadora.

As crianças, até mesmo Daniel, brilharam com orgulho. Então, sob o sinal da Baronesa Lehzen, a Senhora Wilkins fez gestos para as crianças fazerem suas reverências e inclinações e seguirem-na.

Quando estavam abrigados em segurança nas cozinhas do Palácio comendo as coberturas que haviam sido dadas a eles pela Baronesa, Daniel perguntou:

— A Rainha tem um marido, Senhora Wilkins?

— Ainda não.

— É por isso que ela está tão triste? — disse Eliza.

— A Rainha não está triste — zombou Daniel.

— Ela está sim. Eu vi lágrimas nos olhos dela quando dei as flores. Lágrimas de verdade.

— É provável que estivesse chorando porque tinha que olhar para as suas fuças feias.

Conforme a Senhora Wilkins intervinha para separar as duas crianças e confortar Eliza, que era uma criança de aparência simples, ela pensou no pequeno rosto arrasado da Rainha e desejou que ela também pudesse ser confortada com tanta facilidade.

Na vastidão decorada com dourado da Sala do Trono, Vitória tentou admirar seu bolo de aniversário magnífico. Ela não conseguiu evitar exclamar com encanto quando um banquinho foi trazido para que ela pudesse apreciar a

estatuetas dela com Dash sentados na última camada do bolo. A representação era tão precisa que ela conseguia enxergar as tranças em pingente em torno de seus ouvidos, e a pequena coroa na coleira de Dash.

Era de fato engenhoso e tocante. Por instinto, Vitória se virou para apontar a Ordem da Jarreteira açucarada para Lorde M, que com certeza apreciaria tal coisa, apenas para se lembrar com um aperto no estômago que ele não estava ali. Ela esperara na janela por uma hora na manhã daquele dia, esperando por um vislumbre de sua carruagem, mas não havia sinal dele.

— Posso oferecer minhas congratulações em seu aniversário, Madame? — Conroy estava fazendo uma reverência para ela. — O primeiro de muitos como Rainha, eu espero. — Ao dizer isso, ele deu um sorriso de cera, e Vitória ouviu a ameaça oculta sob suas palavras. Ela se perguntou por que ele estava ali; Mamãe deveria saber que ela não apreciaria sua presença. Ela olhou para sua mãe para mostrar seu desagrado, mas a mãe olhava pela janela.

Vitória se afastou dele sem responder, e Harriet se apressou em preencher o silêncio desconcertante:

— Arrumei todos os seus presentes nessa mesa, Madame. Há uma adaga cheia de joias aqui do Xá da Pérsia, e a caixa de música de prata mais engenhosa vinda da Corporation of Birmingham, que mostra você sentada em seu trono e acenando enquanto toca Rule Britannia. Deixe-me fazê-la funcionar.

Vitória encarou de forma apática conforme sua Doppelgänger, sua pequena dublê mecânica, sacudia sua mão minúscula para cima e para baixo.

— Muito engenhoso. — Ela se virou para Lehzen. — Por favor, trate de agradecer-lhes por mim.

Ela pegou a adaga cravejada com joias, que tinha um rubi do tamanho do olho de Dash no punho, e refletiu que tinha um Palácio cheio de armas que ela não tinha autorização para usar.

Emma Portman entrou agitada, carregando um envelope embrulhado em papel marrom e um barbante que ela pousou nas mãos de Vitória.

— Do Lorde Melbourne, Madame.

Vitória se sentou para abrir o embrulho. Ele não se esquecera de seu aniversário no final das contas. Sob a camada de envoltórios, havia uma caixa

de madeira com uma chapa de latão no topo que dizia: Presenteado à Vossa Majestade Rainha Vitória na ocasião de seu décimo-nono aniversário por seu servo devotado Lorde Melbourne.

Com rapidez, ela abriu a caixa. Dentro, descansando em uma cama de veludo azul, havia um tubo de latão. Ela o pegou e viu que tinha um ocular em um dos lados.

— Oh, Madame — disse Emma —, acredito que seja um telescópio. Que típico de William escolher um presente tão incomum. — Sua voz era encorajadora, como se soubesse que Vitória precisava ser convencida.

Vitória pegou o telescópio e o aproximou do olho. Ela não conseguia ver na-da, mas então Emma se aproximou e lhe mostrou como estender o instrumento.

— Você tem que o abrir assim, Madame, para poder ver alguma coisa. Tente agora.

Vitória colocou o olho no vidro outra vez e o mirou no teto. Ela conseguiu distinguir a mão rugosa de um querubim segurando uma lira; ela até mesmo conseguia ver a poeira que pousava à deriva na cornija. Ao baixar o instrumento, viu uma boca que exprimia fúria. Baixando o telescópio, ela descobriu que a boca pertencia à sua mãe.

— Oh, Madame, veja, há aqui um cartão de Lorde Melbourne. — Harriet pôs a carta na mão dela.

O coração de Vitória começou a martelar em seu peito ao ver a letra familiar. Ela rompeu o selo e viu com uma pontada de desapontamento que a carta tinha apenas duas linhas.

Para ajudá-la a ver as coisas de forma diferente, Madame. Sou, como sempre, seu servo leal e obediente, Melbourne.

Vitória deixou a carta escorregar ao chão, onde Dash a pegou como um troféu e correu com ela pelo recinto, latindo alvoroçado.

— E aqui está meu presente, Drina. — Vitória ergueu os olhos para ver sua mãe estendendo um pacote. Ela não sorria.

— Obrigada, Mamãe.

— Não é muito, eu sei, mas não tenho recursos ilimitados à minha

disposição.

Ao escutar a amargura na voz da mãe, Vitória disse com o máximo de leveza que podia:

— Não preciso de presentes caros, Mamãe. É a intenção que conta.

Ela rasgou o papel para revelar um livro. Era uma edição de Rei Lear encapada em couro vermelho marroquino.

— Shakespeare, Mamãe?

— Por que você não o abre? Marquei uma passagem que creio que você deveria ler.

Vitória olhou para o livro em suas mãos. Ela sentiu a força do olhar de sua mãe e a presença de Conroy parado atrás dela. Ela se forçou a abrir o livro devagar, tentando fazer suas mãos não tremerem.

O livro abriu em um ponto específico com facilidade, e ela viu que duas linhas haviam sido sublinhadas em tinta vermelha ...que mais doloroso que o dente de uma serpente é ter um filho mal-agradecido!

— Por que você não lê as linhas, Drina? — disse sua mãe, com a voz cheia de significado.

Vitória fechou o livro com estrondo. Ela se levantou e estava prestes a caminhar para longe quando viu um movimento súbito aos seus pés. A princípio ela pensou que fosse Dash, mas então houve um lampejo rosado e um grande rato marrom correu sobre seu pé.

Seus gritos foram tão altos que mais tarde os serviçais afirmaram que os brilhantes no lustre tremeram. Ela tentou parar, mas continuou sentindo aquele movimento súbito sobre seu peito do pé. Nenhum lugar era seguro.

Lehzen estava atrás dela agora.

— Não se preocupe, Majestade, Dash o pegou agora. Olhe, ele está com ele na boca.

Mas Vitória gritou ainda mais alto. Então ela colocou o braço para trás o máximo que o corpete permitia e lançou o volume de Rei Lear pela janela com vista para a varanda com toda sua força. O vidro quebrou com o impacto. Vitória parou de gritar e começou a rir, balançando para frente e para trás em seus saltos, o barulho ficando cada vez mais alto ao ver Dash trotando pelo

recinto segurando o rato entre os dentes.

Um par de mãos fortes agarrou seus ombros e a manteve imóvel. Ela ergueu os olhos e viu Conroy olhando para ela e sorrindo. Aquele sorriso pareceu uma faixa em torno de seu coração.

— Você está fora de si, Madame. Parece que a empolgação do dia foi demasiada para você. Baronesa, creio que deve levar a Rainha para se deitar. Mandarei chamar Sir James.

Vitória tentou falar, mas as palavras não saíam. Sua voz estava rouca por causa dos gritos, então ela balançou a cabeça com o máximo de força que conseguia.

— De fato, Madame, devo insistir. Você está sob tensão; os cuidados do cargo são claramente demasiados para você. Um período de descanso e isolamento é o que você precisa. É uma sorte você estar entre amigos aqui, mas pense na reputação da monarquia se outra pessoa visse um desses episódios. — Conroy falou com firmeza e calma, como se estivesse restaurando a ordem após um período de anarquia.

— Você não concorda, Duquesa, que sua filha precisa de um momento de retiro silencioso? — Conroy se virou para a mãe de Vitória.

— Minha filha precisa de cuidados, creio eu.

Vitória queria protestar, mas ao invés disso, ela descobriu que estava chorando. Lehzen apertou o cotovelo dela com força.

— Venha comigo, Majestade, é melhor assim.

Vitória percebeu o tom de lealdade na voz de Lehzen. Sabendo que a Baronesa ao menos nunca a trairia, ela permitiu que sua governanta a levasse para fora do cômodo.

Lehzen a ajudou a tirar o corpete, e Vitória se deitou na cama e pegou no sono de imediato. Quando ela acordou, viu Lehzen se inclinando sobre ela e, ao lado dela, Sir James Clark, que lambia os lábios nervosamente.

— Acredito que esteja cansada em excesso, Madame. — Ele tomou seu pulso e fez uma carinha enquanto ouvia o pulso.

Vitória virou a cabeça para longe dele e viu sua mãe parada do outro lado da cama com Conroy ao lado dela, seu rosto uma máscara de preocupação.

complacente. Um grande sentimento de exaustão tomou conta dela. Quão fácil seria fechar seus olhos e esperar que fossem embora. Mas quando ela viu que Conroy tinha a mão no cotovelo de sua mãe como se ela fosse uma marionete, uma onda de raiva a fez se sentar na vertical.

— De fato, Madame, seu pulso está bastante irregular. Creio que um período de descanso completo é essencial.

Vitória respirou fundo e desvencilhou o braço do médico. Olhando para Conroy, ela disse o mais alto que pôde:

— Isso está fora de questão, Sir James. Não há absolutamente nada de errado comigo.

— Mas, Madame, esses episódios de comportamento histérico ocorrem com frequência. A Baronesa me diz que você tem um compromisso no Palácio de Westminster na tarde de hoje. Com certeza seria mais sábio cancelá-lo?

— Seria tão infeliz — disse Conroy —, se você se encontrasse... indisposta em tal companhia. Creio que deve haver uma grande reunião de nobres e Membros do Parlamento para ver seu retrato ser revelado.

Vitória fechou o punho no lençol e se sentou da forma mais reta que podia.

— Acredito que me fiz clara. Vi um rato, foi só isso. Vocês todos têm minha permissão para saírem. Exceto você, Lehzen. Gostaria de lhe falar a respeito dos arranjos para a revelação.

Sir James Clark estava prestes a protestar, mas Conroy colocou a mão no braço dele.

— Devemos fazer como a Rainha diz, Sir James. É evidente que ela acredita estar bastante bem. — Ele acompanhou o doutor e a Duquesa para fora do quarto.

Quando tinham partido, Lehzen estava prestes a falar, mas Vitória ergueu a mão para impedi-la.

— Não, Lehzen, não ficarei na cama. Eu mal tive um choque. O... presente de Mamãe, e então o rato, foi tudo inquietante, não mais que isso.

— Mas, Majestade, você parece cansada. Acho que seria bom para você descansar.

Vitória ergueu os olhos para o rosto preocupado da governanta.

— Descansarei agora, Lehzen, mas devo ir à cerimônia na tarde de hoje. Do contrário, haverá fofocas a respeito de mim, e já houve demais disso. Você sabe o que Lorde M diz: um monarca deve ser visto para que creiam nele.

Lehzen recuou ante a menção de Melbourne, mas assentiu com a cabeça.

— Entendo, Majestade.

— Além disso, quem quer passar o aniversário na cama?

Lehzen colocou a mão sobre a boca.

— Oh, Majestade, estava quase esquecendo. Tenho algo para você. — Tateando em suas saias, ela puxou um pequeno pacote e o colocou na mão de Vitória.

Dentro, havia uma miniatura esmaltada de uma garota jovem com longo cabelo vermelho. Vitória olhou para ela e a reconheceu como Elizabeth I. Claramente pintada mais cedo do que o retrato na galeria, essa era a imagem de uma garota que ainda não havia endurecido dentro da monarquia. O rosto estava cansado, mas os olhos eram suaves. Ela olhava para longe como se buscasse alguém em quem confiar, mas a posição de sua boca, a saliência de seu queixo sugeria que ela sabia que seria desapontada.

Vitória sorriu:

— Rainha Elizabeth. Obrigada, Lehzen. Gostei muito do presente.

— Ela foi uma grande Rainha, Majestade. Ninguém pensava que ela seria capaz de reinar sozinha, mas ela trouxe paz e prosperidade ao reino.

Vitória olhou para Lehzen.

— A Rainha Virgem. Você acha, Lehzen, que eu deveria seguir o exemplo dela?

A governanta parecia confusa, mas então ergueu seus olhos para a Rainha.

— Creio, Majestade, que há algumas mulheres que sempre precisam de um homem, mas creio que não é necessário para uma Rainha.

— Não acho que Conroy concordaria com você!

Lehzen sorriu.

— Não, Majestade.

Vitória se inclinou para a frente e tomou sua mão.

— Mas até mesmo uma Rainha precisa de amigos, Lehzen.

Conroy não perdeu tempo para enviar uma mensagem para o Palácio de Saint James e recebeu uma resposta pedindo que viesse encontrar o Duque de Cumberland o mais cedo que pudesse. Ele partiu de imediato, antes que a Duquesa de Kent pudesse lhe perguntar onde estava indo.

Dessa vez o Duque não tinha sua caixa de rapé, e ficou em pé quando Conroy foi anunciado.

— Fiquei perturbado com a sua mensagem, Conroy. Histeria, você diz, por um rato? Conroy concordou com a cabeça.

— Temo que era possível ouvi-la por todo Palácio. Mandeí buscar Sir James Clark de imediato, naturalmente.

Cumberland passou o dedo sobre a cicatriz em sua bochecha.

— Havia de fato um rato, ou poderia ter sido uma alucinação? Meu pai, você sabe, costumava ver um cão vermelho. — Ele olhou para Conroy com esperança.

Conroy balançou a cabeça.

— Acredito que havia um rato, sir, mas a reação da Rainha foi extrema. Sir James acredita que ela sofre de histeria.

Cumberland pressionou os lábios.

— Então é nosso dever triste levantar a questão a respeito do estado de sua razão. Creio que Wellington e Peel terão de concordar comigo quando souberem desse episódio. Este país ainda está sem ministério, e minha sobrinha está transtornada por um rato.

Ele disse suas últimas palavras com gosto. Conroy conseguia ver que o Duque já estava tomando poder, e acrescentou com rapidez:

— A Duquesa não quer que nenhum dano seja causado à sua filha.

Cumberland lançou-lhe um olhar rápido, irritado pela lembrança da aliança. Ele acenou com a mão em um gesto de altivez real.

— De fato. A Duquesa e eu tomaremos conta dela juntos. Conroy fez uma reverência.

— A Duquesa ficará segura ao ouvir isso, sir. Cumberland o fitou.

— Não há um momento a perder. — Ele sacou seu relógio de bolso. — Devo ir ao clube White's; ousou dizer que Wellington estará lá essa hora. — Cumberland pegou seu chapéu da mesa e rumou à porta.

Conroy percebeu que estava sendo dispensado.

— A Duquesa precisará ser informada de todos os... fatos, sir.

Cumberland olhou em torno de si, surpreso de encontrar Conroy ainda ali.

— Certamente.

Havia uma pilha de vestidos sobre a chaise longue no quarto de vestir de Vitória. Ela pretendia usar o de seda rosa, mas quando o vestiu, descobriu que não serviria. Apesar de Lehzen haver protestado que era bastante lisonjeiro, Vitória declarou que era uma cor odiosa e que ela se parecia com um talo de ruibarbo. Então mandou chamar Harriet Sutherland, que sugeriu o brocado creme, mas Vitória achou que ele a fazia parecer um bolinho. Agora vestindo um de seda azul, ela estava se mirando no espelho, com Harriet, Emma e Lehzen esperando que ela falasse. Vitória conseguia ver pela expressão em seus rostos que ela estava sendo irracional, mas nenhuma delas sabia o que era entrar em um recinto cheio de estranhos que a observavam.

— Esse vestido me faz parecer uma... uma flor de esporas bravas!

— Uma flor gloriosa, sempre achei, Madame — disse Harriet com uma pequena reverência.

— Mas quero parecer uma Rainha!

— Você é a Rainha, Madame — disse Emma. — Como você poderia se parecer com qualquer outra coisa? Vitória estava prestes a responder quando um dos pajens entrou, parecendo sem fôlego.

— Com licença, Madame, mas o Duque de Wellington está aqui. Ele está requerendo uma audiência. Vitória notou o olhar de surpresa nos rostos de suas damas.

— Entendo. Diga a ele que estarei com ele de imediato.

O pajem partiu, e Vitória se virou para Emma:

— Você acha que ele mudou de ideia a respeito de formar um ministério, Emma? Emma considerou isso.

— Eu ficaria surpresa, Madame. O Duque não é um homem que muda de

ideia.

— Bom, espero que ele não esteja aqui para me persuadir a ceder àquele Peel horrendo e me cercar de harpias Tories.

Emma sorriu.

— O Duque é corajoso, mas não é imprudente, Madame.

A senhora Jenkins entrou no recinto segurando a faixa azul da Ordem da Jarreteira. Ela estava prestes a colocá-la de lado quando Vitória disse:

— Obrigada, Jenkins, vou usá-la agora.

Jenkins ajustou a faixa no braço de Vitória para que ficasse segura. Vitória respirou fundo.

— Sinto como se estivesse entrando no campo de batalha. Lehzen pegou a miniatura de Elizabeth e entregou a ela.

— Talvez você devesse ficar com isso, Majestade, para lembrá-la do que é possível. Vitória assentiu com a cabeça e a colocou no bolso.

Wellington esperava por ela no Salão do Trono. Conforme ele se inclinava sobre sua mão, ela conseguia ver que ele examinava seu rosto com cuidado, como se buscasse por algo.

Consciente de que o Duque era ao menos trinta centímetros mais alto que ela, Vitória se sentou e pediu que ele fizesse o mesmo. Houve uma pausa momentânea, e então Wellington falou:

— Vim perguntar a respeito de sua saúde, Madame. Vitória olhou para ele surpresa.

— Estou muito bem, obrigada. O Duque concordou e sorriu.

— Estou contente de ouvir isso, Madame. Ouvi relatórios no Clube de um... incidente na celebração de seu aniversário, e estava preocupado.

Vitória apertou os olhos.

— Mas estou em perfeita saúde, Duque, como pode ver.

Wellington pôs as mãos nos joelhos em um gesto que anunciava que ele estava prestes a fazer negócios.

— Então você deve estar ciente de que este é o momento para chamar alguém para formar um governo, Madame. Sei que Peel não é encantador como

Melbourne, mas ele é sólido o suficiente.

Vitória ergueu o queixo.

— Se você diz que Sir Robert é sólido, então devo acreditar em você. Mas não abrirei mão de minhas damas. Elas não são apenas minhas amigas; são minhas aliadas. — Ela pausou e olhou para ele de forma direta.

— Você foi um soldado, Duque. Você gostaria de ir à batalha sozinho?

Wellington se moveu no assento.

— Eu não estava ciente de que você estava batalhando em uma guerra, Madame.

Vitória não sorriu de volta. Sentada um pouco mais ereta, ela sentiu a forma da miniatura em seu bolso.

— Isso é porque você não é uma mulher jovem, Duque, e ninguém, suspeito, diz a você o que fazer. Mas tenho que provar meu valor a cada dia e não posso fazer isso sozinha.

O Duque considerou isso, e o plano escarpado de seu rosto irrompeu em um sorriso amplo que fez seu rosto inteiro se acender. Se Vitória houvesse sido um soldado, ela o teria seguido para uma batalha de bom grado.

— Então, Madame, eu não a culpo por ficar com suas armas.

Vitória se sentiu aliviada, mas o Duque continuou.

— E ainda assim, seu maior aliado, Visconde Melbourne, não está ao seu lado? Vitória olhou para o chão e balançou a cabeça.

— Ele e eu não estamos... de acordo.

— Isso é ruim. Parece, Madame, que você precisa de um novo plano de ataque.

Vitória esperou que ele continuasse, mas ele tomou sua bengala e olhou para ela esperando permissão para partir.

Ela se levantou e ele a imitou. Inclinando-se, ele disse:

— Como você sabe, conheci seu pai, Madame. Mas devo lhe dizer que creio que preferia ter você ao meu lado no campo de batalha.

Ele lhe fez uma reverência e partiu.

Vitória levou a mão ao rosto. Estava fervendo de quente.

As carruagens estavam enfileiradas por todo o caminho de Whitehall. Melbourne colocou a cabeça para fora da janela e, vendo que não havia movimento, decidiu sair e caminhar. Ele não pretendia ir à revelação do retrato, mas havia recebido uma mensagem de Wellington pedindo que ele o encontrasse ali, e sabia que seria grosseiro recusar. Wellington sem dúvida iria querer que ele usasse sua influência sobre a Rainha para persuadi-la a fazer algumas mudanças nas damas. Ele teria de explicar que sua influência sobre a Rainha não chegava a tanto.

Era importante que Wellington entendesse que a teimosia da Rainha não era obra sua, mas algo próprio dela. A ironia era que todos pensavam que ele a havia encorajado a resistir a Peel. Sutherland, Portman, Lorde John Russell todos o haviam chamado, perguntando quando ele formaria uma nova administração, e quando ele lhes disse que não tinha planos para retornar como Primeiro-Ministro, todos pareceram desconcertados.

Conforme caminhava por Whitehall, ele viu que o motivo para o atraso era um rebanho de ovelhas que estava sendo dirigido para o meio da estrada por um pastor usando um guarda-pó. O pastor parecia bastante despreocupado com o caos que havia criado. Melbourne olhou para o rosto avermelhado do pastor e seus modos desapressados e o invejou por sua independência.

Melbourne pensara que se sentiria igualmente animado com sua decisão, que haveria amparo em fazer a coisa certa, mas na verdade, nem mesmo São Crisóstomo tinha amenizado a sensação de perda. O dia anterior fora o primeiro desde que a Rainha subira ao trono em que não haviam se encontrado ou comunicado por cartas. Ele sabia que haveria uma perda, não era Primeiro-Ministro afinal de contas, mas não havia antecipado quanto se importava com o silêncio em seu escritório, o tique-taque implacável do relógio marcando as horas que não eram mais pontuadas com caixas vermelhas ou cavalgadas na Rotten Row ou com uma voz pequena e clara chamando por Lorde M.

Melbourne ouvia as conversas a sua volta transformando-se em sussurros conforme subia os degraus para Westminster Hall. Uma voz dizia:

— Gritando como uma alma penada, é o que parece. Teve que ser segurada por seis lacaios — mas parou quando Melbourne entrou no campo de visão.

Do lado de dentro, ele viu que o Salão estava lotado de nobres e Membros do Parlamento que vieram para a revelação do retrato da Rainha, mas também

para avaliar para que lado sopraria o vento político. Ele viu o Duque de Sutherland parado junto de Lorde John Russell e Lorde Durham, e conseguia deduzir de suas expressões furtivas que estiveram falando dele. Para se distrair, ele olhou para cima para os imensos suportes de madeira sob o teto. Eles estavam ali desde o tempo da Dinastia Plantageneta e sobreviveram ao grande incêndio de 1834 que queimou o resto do edifício do Parlamento. Algumas pessoas naquela noite ficariam muito felizes em ver o edifício inteiro destruído, mas Melbourne havia ordenado que se preservasse o Salão. Sua preocupação e uma bem-vinda mudança na direção do vento resultaram em que, fora algumas marcas de queimaduras, o teto que Carlos I olhou quando estava sendo julgado, havia sido preservado. Ao final do Salão, em um estrado de madeira com o cavalete coberto por uma peça de veludo vermelho, estava o retrato de Hayter da Rainha em suas vestes da Coroação. A pintura, encomendada pelo Parlamento, ficaria pendurada nos novos edifícios quando eles fossem enfim construídos.

Melbourne se perguntou se a Rainha sabia da história do Salão. Talvez a fizesse pensar com mais seriedade a respeito das consequências de seu comportamento. O país não podia funcionar sem um governo. Ele podia, por outro lado, como dez anos de interregno haviam mostrado, sobreviver sem um monarca.

Ele sentiu uma mão em seu ombro e se virou para ver a cara de falcão do Duque de Wellington.

— Eu enfim o encontrei — disse o Duque.

— Talvez devamos ir a algum lugar mais reservado? — Melbourne gesticulou para uma área atrás do retrato onde haveria mais privacidade.

Conforme caminhavam até lá, Wellington disse com vivacidade:

— Você manobrou com muita inteligência, Melbourne. Nossa pequena Rainha é tamanha apoiadora Whig que não vai entregar uma única touca ao meu partido. Eu me pergunto como ela consegue ser tão teimosa?

Melbourne esperou até que estivessem em segurança atrás do estrado para dizer:

— Aconselhei a Rainha a fazer alguns ajustes entre suas damas, Duque.

Para sua grande surpresa, o outro homem deu um pequeno latido em forma

de riso.

— E ela tampouco o ouve? Mulheres.

Então Wellington se aproximou um pouco mais e disse em voz ainda mais baixa:

— Bom, se ela não o está ouvindo, quem está dizendo a ela o que fazer? Cumberland crê que ela está ouvindo vozes na cabeça, como seu avô.

— O Rei antigo? Mas ele era maluco — disse Melbourne, surpreso.

Wellington deu batidinhas no nariz com o dedo.

— Precisamente. — E, então, em uma voz ainda mais baixa, disse: — E o que é pior, Cumberland está agitando para o projeto de lei de Regência.

O coração de Melbourne deu um solavanco, mas ele manteve o olhar estável.

— Eu o asseguro, Duque, que a Rainha é tão sã quanto qualquer um neste recinto. A única voz que está ouvindo é a sua própria.

Para seu grande alívio, o outro homem deu um vivaz aceno com a cabeça em concordância.

— Aceitarei sua garantia, Melbourne. Mas quanto mais a questão de suas damas prosseguir, bom, não fica bem. Se a Rainha não está bem da cabeça, então algo deve ser feito.

— O que você quer dizer? — disse Melbourne, em uma voz mais alta do que pretendia.

Várias pessoas ao redor olharam para eles.

Wellington colocou o dedo nos lábios e olhou para Melbourne com firmeza.

— Se a Rainha não indicar um Primeiro-Ministro, então o Parlamento terá que indicar um Regente. Precisamos de alguém sensato na base das coisas.

Melbourne mal conseguia acreditar que Wellington, de todas as pessoas, iria dar crédito a uma sugestão tão absurda.

— Você não fala sério, Duque.

Wellington balançou a cabeça e lançou um olhar perspicaz a Melbourne:

— Talvez não. — E então, inclinando-se para frente e apontando um dedo para o peito de Melbourne: — Mas não sou eu o homem que vai abafar esses

rumores, Melbourne.

Melbourne olhou para os olhos azuis cintilantes do soldado e percebeu que estava recebendo uma ordem. Houve uma mudança nos sons ao redor deles, e cabeças começaram a se virar na direção das portas do

Salão. O grupo real estava chegando. Wellington deu a Melbourne um aceno de cabeça e tomou seu rumo para onde os Tories mais antigos estavam em pé. Conforme o grupo se ajustava para acomodá-lo, Melbourne viu que Cumberland estava falando com urgência com Sir Robert Peel.

A grande porta se abriu, e Melbourne viu Vitória em silhueta contra o sol da tarde. Sua pequena estatura o surpreendeu, e ao mesmo tempo havia algo de especial na inclinação resoluta de sua cabeça e na forma decidida como avançava pela câmara, flanqueada, e esse é o termo exato para a situação, por suas damas.

A Rainha parou ao pé do estrado onde foi cumprimentada por James Abercrombie, o Presidente da Câmara dos Comuns. Ele era o tipo de escocês que nunca usava duas palavras quando podia usar vinte. Limpando a garganta com muito cuidado, ele iniciou seu discurso.

— Gostaria de estender as boas-vindas a essa a mãe dos Paramentos à Vossa Alteza na ocasião da apresentação deste retrato de Vossa Majestade para a nação, por George Hayter, membro da Academia Real. Eu poderia lhe pedir que fizesse a honra de descortinar esse tributo pictórico diante desta audiência de seus súditos mais leais e devotados?

Ao proferir a última frase, diversas cabeças giraram para olhar para Cumberland, que não parecia nem leal nem devotado. Houve um sussurro conforme a Rainha subia os degraus para o estrado. Ela ficou parada ao lado do cavalete coberto, analisando a multidão como se procurasse por alguém. Então ela colocou a mão na corda dourada que desceria o tecido de veludo da frente da foto. Alguém havia calculado mal as alturas relativas do cavalete e da monarca, então a Rainha tinha que ficar na ponta dos pés e estender os braços para alcançar a corda. Ela parecia frágil e um pouco absurda. Melbourne viu Cumberland erguer uma sobrancelha e olhar em torno para seus vizinhos enquanto a Rainha tentava e falhava em dar um puxão na corda para descobrir a pintura.

Seu rosto se ruborizava com o esforço, e ela franziu a testa, frustrada. Ela

deu um pulinho, como se esperasse que, puxando o cordão com todo o seu peso, ela mais cedo ou mais tarde haveria de ceder. Melbourne ouviu um risinho atrás dele, e ao olhar, viu que rostos por todos os lados estavam com dificuldade de conter o entretenimento. Ele viu Vitória ajustando os pequenos ombros para fazer outra tentativa, e antes que ele tivesse tempo de pensar a respeito do que estava fazendo, ele se viu ao lado dela dizendo:

— Posso ser de algum auxílio, Madame?

Vitória virou a cabeça e seu rosto desabrochou em um sorriso que Melbourne achou que lembraria por toda a vida.

— Eu ficaria agradecida demais. Parece que não consigo lidar sem auxílio. Melbourne alcançou e tirou o cordão das mãos dela.

— Então terei prazer em servi-la, Madame.

Suas mãos se tocaram e Vitória olhou para ele com curiosidade.

— Você está dizendo que... — ela parou de falar, a esperança brilhando em seus olhos.

— Digo que se Vossa Majestade me fizer a honra de me pedir que forme um governo, eu consideraria um privilégio aceitar.

Ele conseguia ver que Vitória não estava de fato escutando suas palavras, mas examinando seu rosto em busca de significado. Ele sorriu para ela e naquele momento puxou o tecido que cobria o retrato.

Houve um sobressalto da audiência, mas se foi pelo esplendor do retrato ou pelo espetáculo da Rainha parada ao lado de seu Primeiro-Ministro anterior, era difícil dizer.

Na pintura, Vitória olhava por cima do ombro para o mundo. Hayter havia redimensionado a coroa, para que em vez de se empoleirar de forma precária, ela se ajustasse à cabeça de Vitória como se tivesse sido feita para ela. Seu cabelo estava em tranças em torno de suas orelhas, e as cores brilhantes das vestes de estado e o estandarte real atrás de seu trono davam à pintura um ar mítico, como se ela não fosse apenas a Rainha, mas o próprio símbolo da Soberania.

Vitória ergueu os olhos para Melbourne.

— Você gostou, Lorde M?

Fazia menos de uma semana que ela o havia chamado por esse nome, mas Melbourne sentiu uma elevação tola em seu coração.

— Nenhuma pintura de fato pode lhe fazer justiça, Madame. Ela lhe retribui o sorriso.

— É melhor do que aqueles cartuns horríveis em que me desenham como um bolinho.

— Confio que ninguém mais vai desenhá-la como um bolinho, Madame. Ao menos enquanto eu for Primeiro-Ministro.

Vitória riu.

— Então espero que você permaneça no cargo por todo o tempo que eu for Rainha.

Abercrombie apareceu ao lado da Rainha.

— Se você nos fizer a graça de permitir que eu lhe apresente alguns dos membros que subscreveram ao retrato.

Vitória lançou o olhar a Melbourne.

— Sim, de fato. Acredito que terminei de falar com o — e ela pausou e sorriu — Primeiro-Ministro.

— Acredito que sim, Madame.

Os olhos de Abercrombie se arregalaram conforme ele conduzia a Rainha para a fila de Membros do Parlamento que esperavam para serem apresentados. Melbourne a seguiu alguns passos atrás, sabendo que essa seria a forma mais rápida de sinalizar aos seus companheiros que ele decidira retornar ao governo. Conforme a Rainha atravessava a fila de homens, reconhecendo suas saudações com seu pequeno sorriso rápido, ela de tempos em tempos olhava por cima do ombro para Melbourne como se para se assegurar que ele ainda estava ali.

No outro extremo do recinto, Cumberland, que estava parado ao lado do Duque de Wellington, passava o dedo sobre a cicatriz em sua bochecha de forma convulsiva, conforme assistia à sua sobrinha avançar pela linha receptora, sua pequena figura diminuída pela floresta de homens ao seu redor.

— E essa é a ungida pelo Senhor. Os franceses sabiam o que estavam fazendo ao adotar a Lei Sálica. Wellington se permitiu um sorriso.

— Mulheres podem ser um estorvo infernal, mas o povo gosta de ter uma Rainha jovem. Faz o país se sentir jovial, você não sabia?

— Ninguém quer uma Rainha que perdeu a razão.

— Oh, acho que a Rainha parece ser sã o suficiente. Olhe como ela fez Melbourne voltar. Creio que não há dúvida que ela vai manter a cabeça no lugar.

Cumberland ouviu algo no tom do Duque que o fez se virar.

— Eu me pergunto se Robert Peel concorda com você, Duque. Perdeu a chance de se tornar Primeiro-Ministro porque a Rainha não iria abrir mão de uma única anágua.

— Sir Robert sabe que logo estaremos no comando — Wellington levantou uma sobancelha para Cumberland —, mas nas circunstâncias certas.

Vitória estava quase paralela a eles no outro lado do recinto. Ao ver Wellington, ela lançou um olhar para Melbourne e então de volta ao Duque e sorriu. Um sorriso que foi correspondido.

Cumberland, que viu essa troca, decidiu que não fazia sentido permanecer. Ele marchou para fora do Salão sem se despedir, seu dedo ainda roçando a marca da cicatriz em sua bochecha.

Melbourne jantou no Palácio naquela noite, e a residência pôde terminar sua comida sem interrupções enquanto a Rainha ouvia encantada as histórias da corte nos tempos de Jorge III. Após o jantar, a Rainha tocou um dueto com Harriet Sutherland.

Melbourne estava apenas prestando meia atenção à música; ele estava olhando para a pequena cabeça da Rainha e observando a maneira como ela sugava as bochechas quando encontrava uma passagem difícil.

— A Rainha parece muito feliz na noite de hoje — disse Emma Portman. Ele não a notara atrás dele. Melbourne respondeu sem tirar seus olhos de Vitória.

— Tão jovem, mas com tantas responsabilidades. Ela não deveria ter de aguentá-las sozinha.

Naquele momento, Vitória olhou por cima do teclado e, vendo Melbourne olhando para ela, sorriu para ele, mostrando seus pequenos dentes brancos.

Emma observou a troca, então disse devagar:

— Você sabe que seus dias estão contados, não sabe, William? Melbourne ainda olhava a Rainha ao responder:

— É claro. Todo Primeiro-Ministro sabe disso.

— Não, não quero dizer isso. Ela é muito jovem, como você diz, mas um dia ela vai se casar, e então...

— E então ela prestará atenção em seu marido, não em mim — disse Melbourne. — Sim, Emma, eu sei. Emma sabia que não deveria dizer mais.

A música parou, e Vitória se levantou e caminhou até eles.

— Você gostaria de jogar cartas, Lorde M? Senti falta de nossas partidas de piquete.

Melbourne baixou os olhos para ela e sorriu.

— Eu também, Madame. Eu também.

Livro Três

Capítulo Um

— Há uma carta para você, Majestade, de Bruxelas. — Lehzen tirou a carta do bolso. Vitória suspirou.

— Não quero lê-la agora, Lehzen. Hoje não.

Lehzen colocou a carta na penteadeira e se retirou. Skerrett removia os grampos do cabelo de Vitória do penteado rebuscado que Vitória usara para a Abertura do Parlamento. Vitória lançou um olhar hostil à carta. Aquele dia havia sido exaustivo; ela fora observada da manhã até aquele momento. Foi levada para o Parlamento em uma carruagem de vidro, acenando e sorrindo para as multidões por todo o tempo, quer eles acenassem de volta ou não, e então no Parlamento, estivera sob o escrutínio de todos aqueles homens cinzentos, como ela chamava os membros da Câmara dos Lordes e dos Comuns de si para si. O pior fora ler o discurso que definia os planos do governo para a próxima sessão parlamentar. Era sempre muito longo e com muitas expressões incômodas.

Ela se queixara para Lorde M que era como ler o tipo de sermão que a fazia dormir quando ela ia à igreja, mas Melbourne riu e disse que ninguém poderia dormir enquanto ela falava ou seriam presos por traição. Mas nem mesmo Lorde M podia entender o esforço de manter sua voz serena enquanto lia o discurso diante daquele público. Sempre que ela erguia os olhos da página, como Lorde M a encorajara a fazer, via algum nobre de cara vermelha fazendo uma concha em torno da orelha em uma pantomima de surdez, ou algum Membro do Parlamento cadavérico sorrindo porque considerava sua pronúncia esquisita. Ela nunca erguia os olhos para a direita, onde ela sabia que o Duque de Cumberland estava sentado, aguardando, esperançoso que ela cometesse algum erro. Poucas vezes na vida ela desejara ter nascido homem, mas a provação daquele dia a fez desejar ter uma voz de barítono que pudesse ser ouvida sem a menor dificuldade.

A certa altura, percebendo que estava rouca, ela quis tomar um gole de água. No entanto, sabendo que todos esperavam algum sinal de fraqueza, ela engoliu em seco e continuou, permitindo-se erguer os olhos e vislumbrar o sorriso encorajador de Melbourne ao final da frase.

Tudo o que ela queria fazer naquele momento era cair na cama, fechar os olhos e pegar no sono, mas a carta ainda estava sobre a penteadeira. Era de seu Tio Leopoldo, irmão de sua mãe, que cinco anos antes tivera a oportunidade de se tornar Rei da Bélgica. Antes de Vitória nascer, ele fora casado com a Princesa Carlota, a herdeira do trono inglês, que morreu de parto junto com o bebê. Ser Rei da Bélgica era um tipo de consolo por não ser o marido da Rainha da Inglaterra, mas não o suficiente, e então Tio Leopoldo havia decidido que ser o tio da Rainha da Inglaterra era uma responsabilidade grave que ele deveria assumir quer sua sobrinha quisesse ou não. Ele lhe escrevia ao menos uma vez por semana com conselhos sobre como deveria se comportar como Rainha. Se ela não respondesse de imediato, ele escrevia outra vez com censuras, lembrando-a de que ele era a única pessoa que lhe ofereceria conselhos sem outros motivos, porque “Minha cara sobrinha, escrevo-lhe não como um tio para uma sobrinha, mas como um Soberano a outro. Então você faria bem em ouvir o que digo e lembrar-se de que seu bem-estar é minha única preocupação. ”

Apesar de Vitória desejar escrever em resposta que o bem-estar de seus súditos deveria ser a única preocupação dele, ela não tinha coragem para isso. Ela se perguntava o que estaria escrito em sua carta; a última havia sido uma lição a respeito de sua recusa em abrir mão de suas damas de honra para Sir Robert Peel. “O dever de um monarca constitucional é colocar o dever público antes do exercício de inclinações pessoais. Sei que você é apegada a suas damas e, é claro, ao estimável Lorde Melbourne, mas você deve perceber que com tamanha demonstração flagrante de apego pessoal você se torna vulnerável a acusações de parcialidade e viés. A Rainha da Inglaterra deve ser vista como acima das manobras de partidos, e presidir para não interferir. Se você não percebe a insensatez de seu comportamento, então seu povo pode cessar em reverenciá-la como uma monarca, e começar a se perguntar por que estão sendo governados por uma garotinha imprudente”.

Ela rasgou aquela carta e se sentou para escrever ao seu tio que nunca mais gostaria de saber dele. Mas mesmo enquanto a pena arranhava o papel de forma furiosa, ela sabia que esta era uma carta que ela jamais enviaria.

No dia seguinte, ela decidiu que a melhor vingança era escrever com tamanha brandura que Leopoldo seria forçado a se perguntar se ela havia lido seus insultos. Então ela lhe escrevera uma carta longa e verborrágica pedindo

notícias de seus primos de Coburgo e contando-lhe em detalhes excruciantes todas as suas reuniões eclesiásticas. Como Rei dos Belgas, Leopoldo se tornara um Católico, e a satisfação que Vitória sentia em lembrá-lo de sua posição como Senhora Suprema da Igreja da Inglaterra não era pouca.

— Isso é tudo, Madame? — Skerrett estava atrás dela. — Você gostaria que eu montasse seus papelotes?

— Não, pode ir — e a jovem serviçal fez uma reverência e deixou o cômodo.

Pegando a carta, Vitória se deitou na cama. Quando seu momento de repouso foi interrompido por Dash, ela puxou o cão para cima e passou os dedos por seu pelo macio e encaracolado.

— Sobre o que vai ser a lição do Tio Leopoldo dessa vez, Dash? Ele não iria gostar se eu lhe escrevesse dizendo-lhe como devia gerenciar suas relações internacionais. Sou tão soberana quanto ele, na verdade muito mais, pois meu país existiu por mil anos, e o dele, só cinco.

Dash olhou para ela em adoração, sua longa cauda abanando. Vitória o beijou no focinho.

— Se todo mundo pudesse ser como você, Dash, quão fácil minha vida seria.

Dash lambeu a mão dela em concordância. Enfim Vitória pegou a carta e quebrou o selo para abri-la. Para sua surpresa, não era a longa missiva de costume, mas uma nota breve que a informava que ele a visitaria na semana seguinte, porque gostaria de falar com ela a respeito de seu primo, Alberto. Vitória jogou a carta para o outro lado do quarto, o que fez Dash latir assustado.

A porta interconectada se abriu, e Lehzen apareceu em seu robe de chambre, cabelo em papelotes, o imenso rosto mostrando muita preocupação.

— Há algo de errado, Majestade? Você está se sentindo mal?

— Sim! Algo está muito errado! Meu Tio Leopoldo anunciou que está vindo para cá para falar comigo sobre Alberto. Como ele ousa! Não tenho nenhuma intenção de me casar tão cedo, e quando me casar, não será com um maricas como Alberto.

Lehzen assentiu com a cabeça.

— Creio que seu primo Alberto de fato não é um partido para você.

— Você se lembra quando ele veio com Ernesto alguns anos atrás? Quando havia dança, ele se punha a bocejar e dizia que estava cansado demais para participar. Imagine alguém cansado demais para dançar! E ele era tão monótono, sempre me perguntando quantos acres há no Windsor Great Park e se eu já visitara a Casa da Moeda Real. Ernesto não é tão ruim; ao menos ele sorri de vez em quando e gosta de dançar, mas Alberto é um bebê. Quer dizer, ele é só três meses mais novo que eu, mas poderiam ser muito bem três anos.

— Quando o Rei Leopoldo chega? — perguntou Lehzen.

— Semana que vem. Não entendo como ele pode sequer imaginar que eu ficarei feliz em recebê-lo. Suponho que ele já tenha escrito para Mamãe, e ela lhe contou que ele será bem-vindo. Imagino que essa dupla andou planejando essa visita juntos. Mas não vou tolerar. Ninguém escolherá meu marido por mim.

— Não, Majestade. Deve ser sua escolha.

— Tio Leopoldo não se importa se eu e Alberto somos compatíveis; ele quer garantir que os Coburgos estejam no trono de todos os países na Europa. Isso o faz se sentir como um Imperador em vez de o Rei de um país que nem sequer existia cinco anos atrás. Quem são os Coburgo, afinal? Só uma família principesca menor que se casou bem.

Lehzen tossiu:

— Sua mãe é uma Coburgo, Majestade.

— Sim, mas meu pai é de uma linhagem real que remonta a Guilherme I, o Conquistador.

— Tenho certeza de que o Rei entenderá quando você disser a ele que não tem planos de se casar no momento.

Vitória riu.

— Ele vai inclinar a cabeça para o lado e dizer — Vitória assumiu um pesado sotaque alemão: — Ah, minha pequena Maiblume, isso é porque você é uma garota pequena que não entende como o mundo funciona. É por isso que precisa ouvir os mais velhos.

Ela suspirou.

— Tio Leopoldo e Mamãe ainda acham que podem me controlar, mas ninguém vai me dizer o que fazer, nem eles nem ninguém.

Ela soou tão feroz ao dizer isso que Dash rosnou solidário, o que fez as duas mulheres rirem. Lehzen colocou a mão na de Vitória, um gesto que ela só se permitia quando as duas estavam a sós.

— Por favor, não se preocupe, Majestade. Ninguém pode obrigá-la a fazer qualquer coisa com a qual não concorde. Não mais.

— Não — concordou Vitória. — Não mais.

Na manhã seguinte, quando Melbourne veio para examinar as caixas, Vitória tinha a miniatura de Elizabeth que Lehzen lhe havia dado próxima do tinteiro.

Melbourne a notou de imediato e, olhando para Vitória em busca de permissão, ele a pegou para examiná-la.

— Isso é algo adorável. Que mulher impressionante foi sua predecessora.

— Eu me pergunto como era sua voz. Acho tão difícil elevar a minha o bastante para ser ouvida. Melbourne olhou para ela:

— Tenho certeza que as pessoas a ouviam porque ela era a Rainha, assim como ouvem você.

— Você não acha que minha voz é delicada demais para uma Rainha? Achei que as pessoas pareciam muito enfadadas ontem, Tio Cumberland em especial.

— Seu Tio Cumberland tem a aparência enfadada desde que eu o conheci. Se outros pareciam insatisfeitos, é porque não gostam das minhas resoluções, não da maneira em que são anunciadas. Em minha opinião, Madame, você tem uma voz muito bonita, e não poderia haver nada mais digno do que o modo como você se conduziu ontem. De fato, se ousar dizer, você teve uma atitude muito mais ativa do que seu finado tio, que só conseguia pronunciar o discurso se consumisse grandes quantidades de rapé. Acredito que os pontos mais delicados de nossas resoluções se perdiam nas explosões resultantes.

Vitória riu.

— Você sempre diz a coisa certa, Lorde M.

— Garanto-lhe, Madame, que os Tories não concordam comigo. Mas você parece apática na manhã de hoje. Há algo errado?

— Estou sendo atormentada por tios. Primeiro tenho Tio Cumberland me encarando como uma gárgula, e agora meu Tio Leopoldo escreveu que está vindo para ficar.

Melbourne sorriu.

— Quão encantada você parece em relação a essa perspectiva, Madame.

— Ele quer que me case com meu Primo Alberto.

Melbourne olhou para a miniatura em suas mãos.

— Acredito que não se saiu muito bem com seu primo na última vez que o encontrou.

— De fato, não.

— Nem todas as Rainhas se casam, Madame. — Melbourne colocou a miniatura da Rainha Virgem de volta na escrivaninha.

Vitória olhou para ela, e então para Melbourne.

— Você acha que ela se sentia solitária?

Melbourne pausou, e então respondeu:

— Creio que ela encontrou... companheiros. Vitória lançou um olhar para ele.

— Bom, não tenho intenção de me casar no momento. — Ela prosseguiu: — Não vi tantos casamentos felizes.

Melbourne suspirou.

— Nem eu, Madame, nem eu.

Ao ver a dor em seu rosto, Vitória percebeu que falara com leviandade, enquanto ele falara com o coração. Antes que ela pudesse dizer algo mais, Lehzen apareceu na porta, parecendo pedir desculpas, mas determinada.

— Perdoe-me, Majestade, por interromper, mas há um mensageiro da Câmara que diz que precisa falar com Lorde Melbourne de imediato.

Vitória viu uma expressão de alarme perpassar o rosto de Melbourne, logo substituída por seu meio-sorriso usual. Ele fez uma reverência pesarosa.

— Perdoe-me, Madame, mas creio que devo atender isso. — Ele começou a se afastar dela.

— É claro. — Vitória assentiu, mas então, antes que pudesse se conter, acrescentou: — Lorde M, você retornará?

Melbourne se virou e olhou de volta para ela.

— Sim, Madame.

Vitória assentiu com a cabeça e o viu partir.

Ela foi lembrada de que Lehzen ainda estava no recinto quando a Baronesa fez um ruído que parecia um misto de suspiro e expressão de censura.

Vitória se dirigiu a ela de forma direta.

— Há algo errado, Lehzen?

Lehzen hesitou, e então deixou sair de uma vez:

— Ele não será seu Primeiro-Ministro para sempre, Majestade.

— Você imagina que eu não esteja ciente disso, Baronesa? Lehzen colocou uma mão na parede em busca de apoio.

— Não, Majestade, mas às vezes me preocupo de que esteja despreparada. Você confia tanto nele e ele nem sempre pode estar aqui.

— De fato — o tom de Vitória era gélido.

A mulher mais velha inclinou a cabeça. E então disse, em uma voz mais baixa:

— Cuidei de você, Majestade, desde que era uma garotinha. Tem sido minha vocação. Então você deve me perdoar se às vezes me preocupo com você além de minha posição. Quando se trata de você, eu me esqueço de tudo exceto de sua felicidade. — Ao final desse discurso, a voz dela estava tão apagada que Vitória se esforçou para entender as palavras. Quando terminou, Lehzen fez menção de ir embora.

— Espere!

Lehzen parou, e Vitória foi até ela e tomou sua mão.

— Sei o quanto se preocupa comigo, Lehzen, e sou grata, mas tenho que fazer do meu próprio jeito.

Capítulo Dois

Leopoldo I, Rei dos Belgas, era um homem de bochechas rubras e uma opinião ainda mais intensa a respeito de seus próprios talentos. Quando jovem, ele havia sido extremamente atraente e fizera virar a cabeça do melhor partido da Europa, Carlota, a Princesa de Gales, a única filha de Jorge IV e herdeira ao trono inglês. Seu pai buscou um esposo mais ilustre do que o desprovido filho mais novo de um ducado alemão obscuro, mas nem mesmo ele conseguia negar que Leopoldo formava uma figura arrojada em seu uniforme hussardo.

No final das contas, a enfatuação de Carlota e o glamour de Leopoldo venceram, e Jorge consentiu o casamento. Sua filha herdara muito da obstinação da mãe, e o quanto antes tivesse um marido para mantê-la sob controle, melhor. Leopoldo e Carlota, que estiveram apaixonados de forma genuína, ficaram encantados quando Carlota descobriu que estava esperando uma criança pouco tempo depois de seu casamento.

Leopoldo pensara tanto naquela criança e em como ela selaria o lugar dos Coburgos no coração do poder europeu para sempre. Mas conforme a gravidez progrediu e Carlota ficou mais gorda e com menos ar, os médicos começaram a lançar olhares graves e usar seus instrumentos de tortura: as sanguessugas, copos para ventosaterapia. Leopoldo implorou à sua esposa para que os mandasse embora, mas ela sentia que deveria ouvi-los porque estava carregando o herdeiro do trono inglês. Quando os médicos disseram que ela estava ficando gorda demais, ela até mesmo parou de comer as marrons glacés que ela amava acima de qualquer coisa. Mas, como Leopoldo soubera desde sempre, todos os médicos e suas ladainhas não poderiam salvar seu filho, que nasceu grande e bonito, mas morto, ou sua esposa, que foi consumida por uma febre que a matou no dia seguinte.

Leopoldo ficou de luto por sua esposa de uma forma bastante sincera, mas ele também ficara de luto pela perda dos sonhos que vieram com seu casamento. No ano que se seguiu, conforme os irmãos solteiros de Jorge IV se atropelavam para encontrar esposas para garantir a sucessão, ele viu que ainda poderia haver uma oportunidade, ainda que pequena, para os Coburgos

encontrarem um caminho para o trono inglês. Ele sugerira ao seu cunhado, Eduardo, Duque de Kent, que como seus outros irmãos estava revirando a Europa à procura de uma princesa protestante adequada, que ele poderia querer dar atenção à irmã viúva de Leopoldo, Maria Vitória Luísa. Ela era bela, fértil — ela dera ao seu primeiro marido duas crianças —, e ao contrário de algumas mulheres jovens com cara de cavalo em oferta de Brunsvique ou Mecklemburgo Strelitz, tinha um pouco de experiência em como agradar um marido. Saltando ante a sugestão, Edward abandonou Madame de Saint-Laurent, sua amante nos últimos vinte e cinco anos, na Nova Escócia, para navegar para a Alemanha, onde ele cortejou e ganhou Maria Vitória Luísa em menos de uma semana.

É claro que a aliança estava longe de ser ideal. O irmão mais velho de Eduardo, Guilherme, o Duque de Clarence, também havia se casado, e seus filhos receberiam precedência na linha de sucessão. Mas como Leopoldo escrevera à sua irmã: “Essa Princesa Adelaide não tem sua experiência com homens, minha cara irmã, ou sua habilidade evidente nesta área.” Maria Vitória Luísa pagou a fé que ele lhe tinha ficando grávida poucos meses depois do casamento.

Eles estavam vivendo na casa de Maria Vitória Luísa em Amorbach, já que as dívidas do Duque indicavam que ele não disporia de dinheiro para sustentar uma esposa em Londres, mas Leopoldo havia insistido que sua irmã retornasse à Inglaterra para o parto. “De outra forma, não verão a criança como inglesa. Mas se certifique de trazer uma parteira alemã consigo. Os médicos ingleses não passam de açougueiros.” Seguindo o conselho do seu irmão, Maria Vitória embarcou na jornada difícil através da Europa quando estava com sete meses de gravidez, com seu marido, sua prataria, um papagaio, e Frau Siebold, a parteira. Houve momentos em que pareceu que o futuro herdeiro do trono da Inglaterra poderia nascer em uma carruagem post-chaise contratada em alguma parte rural da Normandia, mas a Duquesa se segurou até que o grupo real chegou à Inglaterra, onde ela deu à luz uma pequena, mas saudável garotinha.

Leopoldo estivera, é claro, presente para o batismo na Capela de Saint James, onde houvera uma disputa indecorosa a respeito de como a criança deveria ser chamada. Seu pai quisera lhe dar um nome real como Elizabeth, ou Maria, e Carlota como um segundo nome, mas o Rei, que se ressentia da ideia de que a cria de seu detestado irmão mais novo poderia um dia se tornar

Rainha, vetara a ideia. Então houvera muita ruminação em torno da fonte, com nomes sendo sugeridos pelos pais e rejeitados pelo monarca petulante. Enfim, foi alcançado o acordo em chamar a bebê de Alexandrina em homenagem ao padrinho, Imperador Alexandre I da Rússia. Então houve a questão de um segundo nome. Os olhos azuis aguados e malevolentes do Rei se fixaram em sua cunhada, e ele disse com desdém:

— Use um dos nomes da mãe.

Mais confusão se seguiu já que o nome Maria Luísa soava muito católico, e então eles se decidiram por “Viktoria”, que foi anglicizado como Victoria, Vitória. Era um nome que soava engraçado, e com o qual o Arcebispo que conduzia a cerimônia teve dificuldade. Mais tarde, no entanto, o Duque de Kent caminhou para cima e para baixo na capela segurando a bebê em seus braços, cantando:

— Alexandrina Vitória, Alexandrina Vitória — e dizendo para qualquer um que ouvisse: — acho que é um som muito triunfante. Vitória é um nome muito apropriado para a filha de um soldado, você não acha?

Leopoldo concordara, é claro, apesar de pensar que havia lutado em Waterloo, enquanto o Duque de Kent passara os últimos vinte anos comandando uma guarnição na Nova Escócia sob a ameaça de nada mais sério do que invernos imoderados. Ainda assim, Leopoldo estivera contente que um nome do seu lado da família havia sido incluído.

Fora uma surpresa quando sua sobrinha decidiu se chamar de Vitória em sua ascensão. Ele a reprovou por não o consultar. “Você acredita que escolher um nome que é tão pouco familiar aos seus súditos é sábio, minha querida sobrinha?” Mas agora ele pensava que talvez ela estivesse certa. Fazia algum sentido escolher um nome que a distanciasse de seus predecessores de Hanover. Com toda sua estranheza, o nome Vitória soava como o começo de uma nova era triunfante.

Ainda assim, pensou Leopoldo, conforme sua carruagem começava a subir a The Mall, a jovem Rainha ainda não havia se coberto em glória. O caso Flora Hastings revelara uma falha chocante de senso e propriedade, seguida pelos negócios infelizes com Peel a respeito da composição da residência real, e acima de tudo, sua ligação irracional ao Lorde Melbourne. Leopoldo não tinha nenhuma mágoa em relação a Melbourne de forma pessoal, mas sua

influência sobre Vitória não era saudável. Sua sobrinha, é claro, nunca aceitaria ter qualquer coisa em comum com sua mãe, mas deveria ser dito que ambas eram escravas de homens poderosos.

O que Drina — Leopoldo se corrigiu mentalmente, o que Vitória — necessitava era um marido para controlar sua impulsividade juvenil. Desde que sua pobre cunhada, Luísa, a esposa de seu irmão Duque Ernesto, havia dado à luz um filho três meses depois do nascimento de Vitória, Leopoldo pensara que não poderia haver par melhor do que o formado por sua sobrinha e seu sobrinho, o jovem Alberto. Conforme Alberto crescera, provando ser um Coburgo de verdade com sua seriedade, sua diligência e ambição, Leopoldo se tornou mais e mais convencido da felicidade de seu plano.

Quando ele trouxera seus sobrinhos três anos antes, frustrou-se porque Vitória não simpatizara com Alberto, que tinha sido tomado por timidez. Mas rapazes e moças cresciam tão rápido. Alberto deixara para trás seu desajeitamento adolescente e, embora não fosse um sedutor talentoso como seu irmão mais velho, ele era com certeza bonito.

Ao conhecer Alberto, muitas pessoas haviam comentado com Leopoldo a respeito da semelhança entre o sobrinho e seu tio, o que Leopoldo sempre reconhecia com um sorriso. Não havia nada para sugerir que Alberto e ele eram qualquer coisa além de sobrinho e tio. E de fato era bastante possível que a relação dos dois não fosse mais próxima que isso.

A pobre Luísa, sua cunhada, tão infeliz com o irmão dele, Ernesto, o Duque de Coburgo, havia sido muito gentil com ele durante seu primeiro luto terrível. Ambos se confortaram um ao outro o melhor que podiam, e quando Alberto nasceu nove meses depois, Leopoldo havia tomado um interesse vivo em seu futuro. Quando Luísa, enfim incapaz de aguentar a dissolução de Ernesto, fugira com seu eguariço, Leopoldo não encontrou coragem para culpá-la. De forma pública, é claro, ele havia lastimado seu comportamento, mas também havia escrito em segredo para prometer que manteria um olho nos dois filhos que ela deveria saber que nunca mais veria. Ela não respondera a sua carta. Mas Leopoldo mantivera sua palavra, certificando-se de que a educação de Alberto fosse digna de um futuro ocupante do trono britânico.

Seis anos atrás, quando se tornara claro após o último aborto espontâneo de Rainha Adelaide que não havia nada para impedir Vitória de se tornar a

próxima Rainha da Inglaterra, Leopoldo havia encorajado uma correspondência entre os jovens primos (certificando-se de receber cópias da correspondência). Esse relacionamento epistolar havia sido irregular, mas conforme Leopoldo não perdia nenhuma oportunidade de lembrar ambos os envolvidos, era o começo de uma grande aliança. Ao fato angustiante de que a correspondência de Vitória havia se tornado ainda mais desatenta desde que ela subira ao trono, ele atribuía à distração oferecida por Lorde Melbourne. Era hora para os dois primos se reencontrarem. Ele não tinha nenhuma dúvida que, uma vez que ele tivesse a oportunidade de falar com Vitória em pessoa, ela veria que sua sugestão era o único curso sensato.

Com seu casamento, o triunfo dos Coburgos estaria completo. Ele era agora Rei da Bélgica; havia outro sobrinho casado com a Rainha de Portugal; e ele não tinha dúvidas de que sua família seria em breve proeminente nas cortes da Europa, graças aos seus charmes pessoais, fertilidade comprovada e ambição imperturbável.

Leopoldo se permitiu um sorrisinho ao passarem pelo Marble Arch. Antes de desmontar da carruagem, ele tirou um espelho pequeno que sempre mantinha no bolso de seu colete e examinou o ângulo de seu topete. Apenas quando o Rei dos Belgas estava certo de que sua peruca estava no lugar de forma segura e apropriada, ele pisou no degrau da carruagem para saudar sua sobrinha.

Mas Vitória, ele ficou descontente ao ver, não o estava esperando nos degraus. Em vez disso, ele foi saudado pela Baronesa Lehzen, que compensou a ausência de sua ama com uma reverência gratificadamente profunda.

— Bem-vindo ao Palácio de Buckingham, Vossa Majestade.

— Estou encantado em vê-la aqui, Baronesa, mas devo confessar que esperava minha sobrinha. Lehzen baixou o olhar.

— A Rainha teve muitas questões oficiais com as quais lidar na manhã de hoje, mas ela espera que você vá encontrá-lo essa tarde.

— Que questões poderiam haver que seriam mais importantes do que saudar seu tio, que atravessou a Europa de forma bastante incômoda para vê-la?

— Tenho certeza, sir, que se a Rainha houvesse recebido mais notícia de

suas intenções, ela teria arranjado seus afazeres de acordo.

Leopoldo olhou para ela e sorriu.

— Você é um modelo de lealdade, Baronesa. É respeitável que não reconheça a falta de consideração de minha sobrinha.

A Baronesa balançou a cabeça.

— Majestade não deixa nada estorvar suas tarefas.

— Nem mesmo Lorde Melbourne? Lehzen franziu os lábios.

— Se você me seguir, sir, vou lhe mostrar seus aposentos.

Às três da tarde, Leopoldo desceu a escadaria com tapetes vermelhos em seu caminho para o Salão do Trono, onde lhe haviam dito que Vitória o receberia. Ele notou com aprovação que o lugar estava em bom estado de reparos; as cornijas haviam sido recém-douradas e os lustres estavam livres de cera. Ele havia tomado um interesse proprietário no Palácio desde que andara por seus corredores imaginando-o como seu lar um dia.

Enquanto era anunciado pelo mordomo, Leopoldo lançou um olhar em torno. A pequena figura de Vitória estava evidente no meio do recinto, flanqueada por suas damas. Parados um pouco fora do centro à direita, ele viu sua irmã e a figura alta de Conroy.

Ele caminhou até sua sobrinha e com um sorriso brilhante a beijou nas faces, a saudação de um monarca a outro. Então ele ficou parado e se permitiu olhá-la de cima a baixo.

— Que afortunado, Vitória, que você herdou sua postura excelente do lado Coburgo da família. Sua falta de polegadas não pôde ser evitada, mas uma Rainha pequena com ombros caídos seria uma tragédia nacional.

Vitória deu um sorriso duro.

— Bem-vindo ao Palácio de Buckingham, Tio Leopoldo.

Leopoldo deu um suspiro extravagante e afastou com a mão uma lágrima ou, melhor dizendo, a intenção de uma lágrima.

— Perdoe-me. Estar aqui me faz pensar em minha pobre falecida Carlota. Se ela estivesse viva, esse teria sido meu lar.

Vitória fez um pequeno movimento impaciente.

— Sei disso, Tio Leopoldo. Afinal de contas, como poderia não saber?

Ela olhou para Leopoldo com firmeza, até que sua mãe rompeu o impasse ao se apressar para abraçar seu irmão.

— Querido Leopoldo, estou tão feliz em vê-lo. — Aproximando a cabeça de seu ouvido, ela sussurrou em alemão: — Você vai falar com ela a respeito de Alberto?

Vitória bateu o pé e disse em inglês:

— Por que Tio Leopoldo deve falar comigo a respeito de Alberto, Mamãe? Ele sofreu um acidente? Leopoldo se separou do abraço de sua irmã. Ele sabia que para seu plano ter qualquer possibilidade de sucesso, era essencial que não envolvesse a mãe de Vitória.

— Ao contrário, Alberto terminou seus estudos e é um jovem muito admirável. Você não poderia esperar por um marido melhor. — Ele sorriu vencedor para sua sobrinha, que não sorriu de volta.

— Então ele deve ter mudado desde a última vez que o vi. Ele não sorriu, não dançou e pegou no sono às nove e meia.

— Quando vocês se encontraram pela última vez, três anos atrás, acredito que você ainda brincava de bonecas. É possível que as pessoas mudem, Vitória. Sei que na sua idade isso parece impossível, mas é por isso que você precisa de cabeças mais sábias ao seu redor.

Vitória começou a se mover rumo à porta, suas damas formando uma falange de seda atrás dela. Ela disse sobre o ombro:

— Creio que vou me sair bem.

O sorriso de Leopoldo não fraquejou.

— É claro que você tem o excelente e devotado Lorde Melbourne. Mas ele não estará ao seu lado para sempre, minha querida sobrinha.

A Duquesa concordou com a cabeça, os cachinhos loiros tremendo.

— Toda mulher precisa de um marido, Drina. Até mesmo uma Rainha.

Leopoldo seguiu Vitória conforme ela caminhava rumo à porta, forçando-a a ir mais devagar.

— E se, Deus não permita, você fosse se reunir com o Deus Todo-Poderoso

amanhã, então o seu terrível Tio Cumberland, seria o Rei.

Vitória ergueu o queixo em desafio.

— Creio que no tempo de minha predecessora Isabel, uma Rainha que nunca se casou, por sinal, a mera menção da morte de um monarca era um ato de traição.

Leopoldo sorriu. Vendo nos pontos de cor nas suas bochechas que ele havia retribuído a grosseria anterior em não o saudar quando chegara, ele fez uma pequena reverência.

— Apenas aponto os fatos.

Vitória apressou-se em sair, dizendo:

— Você deve me dar licença. Tenho questões de governo para tratar. Mas tenho certeza que você e Mamãe terão muito para dizer um ao outro.

Leopoldo não conseguia evitar admirar o porte elegante da pequena cabeça de sua sobrinha conforme ela se distanciava. Ela tinha, ele percebia com surpresa, uma dignidade que transformava a garota impetuosa e desinformada em uma Rainha crível. Ela teria de ser gerenciada, é claro, mas Leopoldo, que fizera do estudo da realeza o trabalho de sua vida, estava impressionado.

O clima foi quebrado por sua irmã, que estava radiante em ter uma nova audiência simpática às suas queixas contra sua filha. Ela disse em uma torrente de alemão e inglês:

— Você vê quão impossível ela é? Ela não escuta ninguém exceto seu precioso Lorde M. Ela me ignora por completo. Depois de tudo que fiz por ela. Você sabe, Leopoldo, às vezes creio que eu deveria voltar para Amorbach e viver em paz e isolamento, em vez de passar todo meu tempo me preocupando com uma garota que não tem respeito algum pela família.

Leopoldo viu Conroy, que estava parado perto da janela, vacilar ante a menção da Duquesa de Amorbach. Ele tinha certeza que o conselheiro de sua irmã não tinha intenção nenhuma de passar o resto de sua carreira em um remanso alemão.

— Minha cara irmã, você não deve se alarmar. Agora que estou aqui, tenho certeza que Vitória entenderá quais são suas obrigações.

— Não quando ela está sempre com Lorde Melbourne — disse sua irmã,

balançando a cabeça. — Você sabe que ela se recusa a me definir como a Rainha-Mãe ou me dar dinheiro suficiente para que eu possa me vestir como a mãe de uma Rainha? É tudo obra daquele cruel Lorde Melbourne. Antes dele se pôr entre nós, éramos tão próximas. Antes de ele surgir, ela me ouvia... e a Sir John.

Conroy assentiu para as palavras da Duquesa.

— A Rainha precisa de um marido para guiá-la, senhor. A Duquesa e eu fizemos de tudo em nosso poder para orientá-la, mas ela não será governada. Casamento é a única maneira de dobrá-la.

— E Alberto é um garoto tão bom. Ele se certificará de que Vitória entende o que se deve à mãe dela.

Havia momentos, pensou Leopoldo, em que aliados eram mais perigosos que inimigos. Ele percebeu que talvez a única maneira de garantir que Vitória se casasse com Alberto seria se a Duquesa e Conroy se opusessem a ele de forma veemente. Ele podia ver que Conroy, que havia sido frustrado em suas esperanças de exercer poder através de Vitória, ainda esperava fazê-lo através do marido. Essas esperanças, é claro, estavam mal colocadas, afinal a única pessoa que estaria influenciando Alberto, quando ele viesse a se casar com Vitória, seria o próprio Leopoldo.

Ele guardou esses pensamentos para si, mas assentiu e disse:

— Estou aqui, é claro, para promover essa união, mas agora me parece que devemos proceder com cautela. Se, como você diz, Sir John, Vitória não se fará governada, então é melhor sugerir e aliciar do que comandar. Isso, suspeito, é como Lorde Melbourne consegue controlá-la. Creio que seria sensato fazermos o mesmo.

A Duquesa pôs a mão em seu braço.

— Oh, estou feliz que você está aqui, Leopoldo. Você é sempre tão sensato.

Leopoldo notou o franzir de testa de Conroy ante as palavras da Duquesa.

— Se vocês me dão licença, Madame, sir. — Conroy fez uma reverência abrupta e deixou o recinto.

Depois que ele partiu, Leopoldo pensou em sua irmã. Apesar de saber que ela era controlada por Conroy, ele se perguntou se poderia convencê-la das

vantagens em se separar dele, se isso levasse ao casamento de Vitória e

Alberto. Mas nem sempre se podia confiar que mulheres, até mesmo mulheres Coburgo, agiriam no seu próprio interesse pessoal.

— Eu me pergunto, minha cara irmã, se talvez você devesse considerar se separar de Sir John. Temo que Vitória nunca lhe dará o respeito devido enquanto ele permanecer ao seu lado.

— O que você quer dizer, Leopoldo? — O lábio superior da Duquesa, bastante cheio, começou a tremer.

— Creio que em algum momento você terá de escolher entre seu... companheiro e sua filha. Você não pode ter os dois.

Lágrimas surgiram nos olhos da Duquesa.

— Mas, Leopoldo, ele é tudo para mim. Não posso viver sem ele.

Leopoldo suspirou.

— Então, minha querida, talvez você deva pensar em retornar para Coburgo. A Duquesa cobriu o rosto com as mãos, e seus ombros começaram a tremer.

— Ela é tão ingrata. Estou tão solitária, uma pobre viúva duas vezes. Sir John é meu único conforto; sem ele, não terei nada. Ele é a única pessoa que me nota.

Leopoldo colocou um braço em torno dela.

— Entendo o quão difícil é ficar sozinha, Liebes, e consigo ver que Sir John é uma pessoa muito atenciosa. Você pode ter alguma felicidade em Coburgo com ele ao seu lado. Se você deseja partir, então farei tudo em meu poder para ajudá-la.

A Duquesa olhou para ele, aturdida.

— Você acha que eu deveria voltar para Coburgo com Sir John?

— Pode ser melhor do que permanecer aqui para ser trivializada por Vitória. Você exporá este plano para Conroy?

Pela expressão de seu rosto, Leopoldo sabia que havia plantado a primeira semente de dúvida na mente de sua irmã.

— Não sei se Sir John gostaria de deixar a Inglaterra. Ele tem tantos

interesses aqui.

— Mas claro que nenhum interesse poderia competir com garantir sua felicidade, minha cara irmã. Não se ele é devotado a você como você diz.

A Duquesa balançou a cabeça.

— Não é algo sobre o qual já tenhamos falado. Mas por que eu deveria me exilar afinal de contas? Garanti meu lugar aqui na Inglaterra como a Rainha-Mãe.

— É claro que garantiu, minha querida. Mas se Vitória continuar a se obstinar, é uma hipótese a se considerar. Talvez você deva discuti-la com Sir John.

Leopoldo viu sua irmã morder o lábio.

— Talvez — ela disse, mas ela não encontrou os olhos do irmão.

— Minha cara irmã, devemos falar de coisas mais agradáveis. Creio que vamos à ópera amanhã, e entendo que deve haver um bal masqué na Syon House.

A Duquesa foi distraída, como ele previra, por sua fala a respeito de festas.

— De fato. Os bailes da Duquesa de Richmond são famosos. Serei uma colombina e Sir John será arlequim. E você, Leopoldo?

— Decidi comparecer como o Imperador Augusto. Encontrei uma coroa de louros bastante bela.

Vitória não era a única pessoa que não estava radiante com a visita do Rei dos Belgas. Quando Ernesto, Duque de Cumberland, viu a notícia da visita de Rei Leopoldo na seção de Circular da Corte no jornal, ele fez um ruído que fez sua esposa erguer os olhos assustada, temendo algum tipo de apoplexia. A Duquesa era uma princesa alemã poucos anos mais jovem do que seu marido, que mesmo assim fora viúva duas vezes. Havia boatos de que as mortes rápidas de seus dois primeiros maridos estavam relacionadas às suas escolhas maritais, mas os rumores não impediram o Duque de desposá-la vinte anos atrás. Eles tinham um filho, que para sua tristeza mútua, havia começado a perder a visão aos dez anos de idade, e agora era cego por completo.

A Duquesa não conseguia evitar sentir que seu filho, mesmo com suas limitações, seria um monarca muito mais apropriado do que a Rainha presente.

Ela fora, é claro, a confidente de seu marido em todas as suas tentativas de se tornar Regente, e se queixava com ele todos os dias a respeito da injustiça de um sistema no qual uma garota tola poderia tomar o trono na frente de um homem com experiência. Mas como ela continuava a lembrá-lo, o Duque ainda era o Herdeiro Presumido do trono. Se alguma coisa acontecesse com Vitória — e jovens garotas, até mesmo as irritantemente robustas como a Rainha, poderiam estar vulneráveis de forma inesperada —, Ernesto seria o Rei não apenas de Hanover, mas da Grã-Bretanha também.

— Mas qual é o problema, querido?

— Aquele charlatão Leopoldo está hospedado no Palácio. Rei dos Belgas, de fato. O que é a Bélgica, eu gostaria de saber... um país inventado que não existia cinco minutos atrás. Eu me lembro de quando ele era um oficial da cavalaria sem um centavo no bolso, lançando olhares para Carlota de Gales.

— Ele se saiu bem, então.

O Duque bufou.

— Ele se casou bem, como todos aqueles Coburgos. É claro que é por isso que ele está aqui. Frederica pareceu confusa.

— Leopoldo veio aqui para arranjar uma união entre Vitória e um dos garotos de Coburgo. Ele está determinado a manter o trono inglês na família.

A Duquesa olhou para seu marido, que estava caminhando para cima e para baixo na sala de estar, sua cicatriz pálida contra suas bochechas rosadas. Ela se solidarizava com sua frustração, apesar de haver momentos em que ela pensava que seria bastante feliz indo para Hanover e vivendo seus dias em paz como Rei e Rainha. Por haver passado a parte inicial de sua vida tentando mudar suas circunstâncias, ela agora via as vantagens em se satisfazer com o que era possível. Era verdade que Hanover não poderia se comparar à Bretanha em tamanho ou riqueza, mas em seu coração, Frederica sentia que era melhor ser o Rei de algum lugar do que estar sempre vivendo em expectativa. Ela nunca diria isso para seu marido, no entanto. Ela se lançava para outro lado em busca de alguma outra maneira de canalizar sua raiva.

— Bom, se Leopoldo está propondo uma união, talvez você também deva encontrar um marido para Vitória. O Duque se virou para olhar para a esposa, então inclinou a cabeça na direção da sala de música, onde o filho deles

tocava piano. Ele tocava bastante bem de ouvido, e se você o ouvisse, nunca saberia que era cego.

— Você não quer dizer...? — ele disse, erguendo uma sobrancelha.

— Não, acho que nosso pobre garoto será bastante feliz em sucedê-lo como Rei de Hanover. Estava pensando em seu sobrinho.

— Jorge, de Cambridge? — Para seu alívio, Frederica viu que seu marido havia parado de andar e estava no meio do cômodo com um dedo roçando a cicatriz na bochecha, um sinal de que estava se concentrando.

— Sim. Ele é um rapaz apresentável, mas não muito inteligente. Tenho certeza que você poderia... dirigi-lo. Cumberland parou e sorriu para a esposa.

— Quanta sorte tenho de ter me casado com você, minha querida. Você é sempre tão engenhosa. Meu irmão me deve uma fortuna, mas se seu filho se casar com a Rainha, eu posso receber meu dinheiro de volta com juros. E seria uma coisa boa manter o trono na família real britânica.

— De fato. Você deveria chamar Jorge e fazê-lo saber da oportunidade que se apresenta.

— Estou surpreso que ele já não tenha pensado nisso. Mas suponho que ele assemelha-se ao meu irmão Adolfo, que nunca foi muito brilhante.

— Você foi abençoado com o cérebro na sua família, meu amor.

Cumberland tomou a mão de sua esposa.

— E em você encontrei minha igual.

Capítulo Três

— Por que a cara triste, Lorde M? — Vitória se inclinou na escrivaninha em sua sala de estar privada, onde ela e Melbourne estavam envolvidos na análise das caixas vermelhas. Como Melbourne não respondeu de imediato, ela prosseguiu: — Estou tão feliz em vê-lo. Você não consegue imaginar quão cansativo meu Tio Leopoldo está sendo. Melbourne ergueu os olhos do papel que lia.

— Sob o risco de soar impertinente a respeito de um membro da sua família, devo dizer que me lembro dele como alguém vão e egoísta.

Vitória riu.

— Nada mudou. Ele usa uma peruca agora, e planeja me casar com meu primo Alberto.

— Não creio que casamento entre primos de primeiro grau seja sábio, Madame.

Vitória lhe lançou um olhar aguçado.

— Se é com isso que você se preocupa, Lorde M, então não tem motivo para estar alarmado. Eu disse a ele que nunca aconteceria!

Melbourne pausou e então se levantou, dizendo:

— Se pareço preocupado, Madame, não é por causa de seu Tio Leopoldo. Temo que houve um levante em Gales por um grupo, um grupo de rufiões, que se chamam de Cartistas.

Vitória veio a ficar em pé ao lado dele.

— Que nome curioso.

Melbourne suspirou.

— Chamam-se assim porque escreveram uma carta exigindo sufrágio universal, eleições anuais, voto secreto, e até mesmo pagamento para Membros do Parlamento. Suas ideias são impossíveis, é claro, mas eles têm muito apoio entre certa classe.

Vitória parecia confusa.

— Mas suas ideias são tão extremas. Você sempre me disse que os britânicos não são um povo revolucionário.

Melbourne balançou a cabeça.

— Como você sabe, Madame, houve uma colheita ruim neste ano e no anterior. Quando as pessoas têm fome, elas começam a gostar de radicais.

Vitória assentiu com a cabeça.

— Entendo. Mas esses... cartistas são perigosos?

Melbourne olhou para a janela. Ele conseguia ver o Marble Arch e, mais além, a expansão em linhas de bandeira da The Mall. Para a esquerda, estavam os quadrados estuques de magnólias e os terraços da Belgravia de Thomas Cubbit, que estava rivalizando Mayfair como o endereço mais elegante de Londres. Mas se ele virasse sua cabeça para a direita e olhasse para as grades que circundavam o palácio, ele conseguia ver os tetos rachados das espeluncas de Pimlico. Se abrisse a janela, ele acreditava que o cheiro de pobreza chegaria até mesmo dentro do palácio. É claro que a Rainha estava segura ali, cercada como estava em todos os momentos pela Cavalaria da Residência, mas, ainda assim, era salutar se lembrar de quão próximos eles estavam, mesmo ali, das forças da agitação.

Quando se virou para Vitória, ele se certificou de que a expressão em seu rosto era de segurança.

— Oh, não, Madame, os revoltosos em Newport estavam armados apenas com forquilhas e foices. As tropas de lá os despacharam sem dificuldade. Os líderes foram trazidos para cá e serão julgados por traição. Se os fizermos de exemplo agora, isso impedirá outros no futuro.

Ele capturou o olhar de Vitória.

— Não há motivo para você se preocupar. Esse é o meu trabalho. Sua segurança é a única coisa que perturba minha paz de pensamento.

Ele deveria a haver encarado com intensidade demais, pois Vitória corou e disse com vivacidade:

— Você virá à ópera hoje à noite? La Persiani cantará Lucia di Lammermoor. Sei que você prefere Mozart, mas não creio que poderei aguentar uma noite com Tio Leopoldo sozinha. — Ela sorriu. Melbourne

declinou.

— Não creio que minha presença seja necessária. Você se esquece que o Grão-Duque também estará lá. Lembro-me de que você gostou bastante da companhia dele no Baile da Coroação.

Vitória olhou para as mãos.

— O Grão-Duque é um dançarino excelente e pode ser uma companhia agradável, mas — ela ergueu seus olhos azuis pálidos para os dele — ele não é nenhum substituto para você, Lorde M.

Melbourne viu o apelo em seus olhos e se perguntou se ela entendia quão coquete estava sendo. Ela era tão jovem e inocente comparada às mulheres com as quais ele sempre se cercara, mas havia uma franqueza em seu olhar que era perturbadora. Ele tinha de se lembrar que ela não fazia ideia do que estava fazendo.

Ele se curvou e deu a ela seu sorriso mais educado.

— Você me lisonjeia, Madame, e como todos os homens, sou suscetível aos galanteios.

— Talvez eu devesse tentar isso com Tio Leopoldo!

— Eu deveria ter dito, todos os homens além de seu Tio Leopoldo.

O som da gargalhada deliciada e argêntea de Vitória ficou com Melbourne pelo resto do dia.

Vitória tomou um cuidado especial com sua toilette para a ópera. Depois de discutir de forma extensiva com Skerrett, elas decidiram montar seu cabelo em uma grinalda de tranças, um estilo que deixava seu pescoço mais longo ao se estender do decote baixo de seu vestido.

— Creio que hoje à noite usarei o colar de diamantes da Rainha Carlota.

— Sim, Madame, irei buscá-lo de imediato. — Jenkins saiu, chacoalhando o molho de chaves em torno da cintura, e voltou com a caixa de couro verde desbotado, que ela pôs em frente a Vitória. Ao abri-la, ambas as mulheres arfaram em surpresa conforme os diamantes brilhavam sob a luz de velas.

— Sim, eu definitivamente usarei isso — disse Vitória, e ela entregou o colar a Jenkins para que ela o colocasse em seu pescoço.

Skerrett, que voltou para o cômodo carregando as flores para o cabelo de

Vitória, deu um gritinho de surpresa ao ver o colar.

— Parece que seu pescoço está em chamas, Madame.

Vitória olhou para si mesma no espelho com satisfação. O colar de fato parecia ter uma fornalha interna. Conforme Skerrett ajustava a tiara que combinava com o colar em sua cabeça, Vitória sentia-se satisfeita com sua aparência.

Ela ficou contente quando Melbourne lhe havia dito que o Grão-Duque Alexandre, havendo terminado seu Grande Tour pela Europa, havia decidido voltar à Inglaterra antes de retornar para São Petersburgo. Ele era um dançarino excelente, e suas conversas eram encantadoras. Mas seu reaparecimento agora era fortuito; ele seria um escudo útil contra Tio Leopoldo. Naquela noite, por exemplo, ela havia convidado o Grão-Duque para se juntar a ela no Camarote Real, sabendo que, visto que a Bélgica não tinha nenhuma aliança formal com a Rússia, seria impossível para Tio Leopoldo se juntar a eles.

Tio Leopoldo não ficou feliz quando ela disse que por motivos diplomáticos ela precisaria compartilhar o Camarote Real com o Grão-Duque.

— Mas você pode se sentar com Mamãe, Tio Leopoldo. Sei que vocês têm muito a discutir.

Ele retrucou dizendo que mostrar tamanha benevolência ao Grão-Duque poderia ser mal interpretado, mas Vitória se adiantou a ele.

— Oh, não se preocupe com isso. Lorde M estará lá também. Ele se certificará de que não haja um incidente diplomático.

Leopoldo comprimiu os lábios, mas não disse mais nada.

A orquestra do Her Majesty's Theatre tocou Deus Salve a Rainha e então o hino nacional russo quando Vitória entrou no Camarote Real com o Grão-Duque. Quando o hino chegou ao final, a Rainha e o Grão-Duque se sentaram. Foi possível observar que eles nem sequer olharam por cima de seus ombros para ver se as cadeiras estavam na posição correta. Reais desde nascença, eles apenas assumiram que elas estariam no lugar.

Her Majesty's Theatre, O Teatro de Sua Majestade a Rainha, que havia sido His Majesty's Theatre, O Teatro de Sua Majestade o Rei, até Vitória subir ao trono, estava lotado. A versão de Donizetti de *The Bride of Lammermoor*,

originalmente o livro de Sir Walter Scott, já era um sucesso, mas naquela noite a audiência estava interessada no espetáculo fora do palco, assim como dentro dele.

Havia o Camarote Real, onde a Rainha se sentava ao lado do Grão-Duque da Rússia, cujas ordens encrustadas em diamantes reluziam com tanto brilho quanto o colar de Vitória. Atrás das duas pessoas de importância estava o Primeiro-Ministro e Lady Portman, condenada pelo protocolo a ficar em pé durante todo o tempo.

Do outro lado do círculo real havia o camarote onde estavam o Rei dos Belgas e sua irmã, a Duquesa de Kent. Houvera uma série de vivas quando eles tomaram seus lugares, uma celebração que foi reivindicada como um tributo justo para si por ambos. Mas Sir John Conroy, que estava em pé, como sempre, logo atrás da Duquesa, não tinha dúvida em relação a quem pertenciam as saudações.

Não houve nenhum viva para o Duque de Cumberland conforme ele entrava em seu camarote acompanhado por sua esposa e seu sobrinho, Príncipe Jorge de Cambridge. O Príncipe tinha os olhos azuis bojudos e queixo incerto da casa de Hanover. Ele vestia seu uniforme e parecia preferir estar na bagunça de seu regimento do que na ópera.

Quando a ouverture chegou ao final, e La Persiani chegou ao palco para cantar sua primeira ária, havia tantos binóculos focados no Camarote Real quanto havia na diva.

O Duque de Cumberland estava deleitado em ver que Leopoldo não estava no Camarote Real, mas ficou muito menos contente ao ver o Grão-Duque sentado ao lado de sua sobrinha. Ele seria czar de todas as Rússias um dia, então ele não era um competidor sério pela mão de Vitória, mas ele era exótico de uma maneira que Cumberland temia que seu sobrinho Jorge não era.

— A Rainha está ficando muito próxima do russo, Jorge. Creio que você deveria ir lá e saudá-la, antes que ela sente no colo dele.

Jorge deu um suspiro fundo.

— Sob a condição de eu não ter que ficar para o segundo Ato. Eu já ouvi pessoas cantando melhor no refeitório militar.

Talvez a única pessoa assistindo ao palco com a atenção que a performance

de La Persiani merecia fosse a Rainha em pessoa. Conforme Lucia cantava seu amor eterno a Edgardo, lágrimas vieram aos olhos de Vitória e uma desceu por sua pequena face branca.

O Grão-Duque, que estivera observando o perfil de Vitória com atenção, puxou um lenço de proporções imperiais e o ofereceu a ela. Ela o aceitou com um sorriso.

— Obrigada. Eu estou muito emocionada.

O Grão-Duque se inclinou na direção dela e disse em uma voz baixa:

— Nós não temos tantas oportunidades de chorar, você e eu. Vitória assentiu com a cabeça.

— Você está certo, é claro. Suponho que é por isso que amo tanto a ópera.

— Você tem uma alma russa.

— Ou inglesa.

Naquele momento, a música cresceu conforme Lucia alcançava o final da ária e colapsou no palco em uma síncope. Sua performance foi desperdiçada na audiência, que estava assistindo ao herdeiro do trono russo sorrir para sua Rainha.

No intervalo, o Príncipe Jorge se apresentou no Camarote Real. Vitória olhou para ele surpresa.

— Eu não sabia que você gostava de ópera, Jorge.

O rosto leitoso de Jorge corou enquanto ele tinha dificuldade de responder. Enfim, ele disse:

— Suponho que seja um interesse recente, Prima Vitória. Ela sorriu.

— Então eu devo insistir que você me acompanhe na próxima vez que eu vier. Vitória sorriu para o Grão-Duque.

— Posso apresentar meu primo, o Príncipe Jorge de Cambridge?

Jorge fez uma reverência adequada, mas não servil. O Grão-Duque assentiu com a cabeça e disse:

— Tive a honra de inspecionar o regimento do Príncipe. Que uniformes magníficos.

Seu tom implicava que os uniformes eram as únicas coisas que eram

magníficas. Conforme o insulto implicado fazia efeito sobre Jorge, sua cor ficou ainda mais intensa. Ele queria dizer que ao menos os homens dele formavam uma força de luta disciplinada, não um bando de cossacos bêbados, mas teve que se contentar em lançar um olhar penetrante ao russo impertinente.

— Lucia não é fantástica? — Vitória perguntou ao seu primo. — A cena da loucura fez você querer chorar? Jorge estava aliviado de ouvir uma pergunta que ele podia responder com verdade:

— Com certeza fez.

Ele ficou em pé ali por alguns minutos mais, sentindo por todo o tempo os olhos de Cumberland nele, mas então a música começou outra vez e ele pediu suas licenças e saiu.

Leopoldo assistira ao diálogo inteiro através de seus binóculos de teatro. Ele entendeu de imediato o que Cumberland pretendia ao trazer o Príncipe Jorge. Apesar de saber que ele era indiscutivelmente inferior a Alberto em termos de aparência ou intelecto, ele estava, ainda assim, aliviado de ver que Vitória não deixou entrever nenhum tipo de empolgação ao vê-lo. Ela parecia gostar bastante da companhia do Grão-Duque, mas Leopoldo contentou-se em considerar a presença dele como um flerte inofensivo. O casamento de dois Soberanos era uma impossibilidade prática e diplomática. A última vez que isso havia sido tentado, entre Maria I da Inglaterra e Filipe II da Espanha, não foi bem-sucedido para nenhum dos envolvidos.

Após a partida de Jorge, a atenção de Leopoldo se voltou para o palco, onde um balé muito agradável estava tomando lugar. Mas a apreciação de Leopoldo das panturrilhas bem formadas das dançarinas foi interrompida pela Duquesa, que estava olhando para a filha pelos seus binóculos.

— Olhe para Drina. Creio que ela está flertando com o Grão-Duque. É muito inapropriado.

— Minha querida Maria Luísa, não se alarme. O Grão-Duque é só uma distração inofensiva. Nem mesmo Vitória é tão tola a ponto de imaginar que poderia haver qualquer coisa mais entre eles do que flertes.

A Duquesa suspirou.

— Espero que esteja certo, irmão. Mas ela é capaz de todo tipo de tolice.
— Conroy fez um ruído de aprovação.

Leopoldo virou seu olhar do palco para o Camarote Real. O rosto de Vitória flutuou para dentro do campo de visão, muito ampliada, e ele viu, para sua surpresa e alarme, que havia uma expressão em seu rosto que se parecia muito com a suavidade que uma pessoa esperaria de uma mulher apaixonada. Mas para quem ela estava olhando? Quando Leopoldo inclinou seus binóculos para seguir seu olhar, o belo rosto de Lorde Melbourne inundou a imagem. Melbourne estava, Leopoldo notou, retornando o olhar de Vitória com afeto igual.

Leopoldo baixou os binóculos de teatro. Sua irmã estava certa; era claro que Vitória era capaz de todo tipo de tolice. Ela poderia com seriedade imaginar que Melbourne poderia ser algo para ela além de um Primeiro-Ministro? Não, era impossível: nem mesmo Vitória poderia ser tão iludida. Mas ele sabia o que havia visto e isso o incomodava de forma profunda. Ele decidiu não mencionar à sua irmã. A única coisa calculada para provocar Vitória a ponto de fazer algo tolo a ponto do irrevogável seria uma intervenção de sua mãe. Não, ele deveria falar com Vitória. E após decidir seu curso de ação, Leopoldo voltou sua atenção novamente para o palco, onde, para sua frustração, as dançarinas haviam sido substituídas por um coral de escoceses serranos robustos cantando em italiano.

O grupo da Rainha, é claro, foi o primeiro a deixar o teatro. O Grão-Duque acompanhou Vitória ao descer pela escadaria até a entrada na avenida Haymarket, onde sua carruagem a aguardava. Ao sair, ela ficou gratificada em ouvir alguns vivas da multidão que se reunira do lado de fora.

O Grão-Duque se virou para ela e sorriu.

— Seu povo a ama, Vitória.

— Creio que gostam de ver sua Rainha. Tenho certeza de que você é recebido com o mesmo entusiasmo na Rússia.

— Quiçá. Mas seu povo é livre para celebrar como quiser, enquanto o meu não é. Os vivas de servos não são os mesmos dos de cidadãos.

Vitória viu que os olhos do Grão-Duque estavam nublados quando ele se inclinou sobre sua mão para beijá-la.

— Boa noite, Alexandre — ela se sentiu constrangida em usar seu nome, mas ele a havia chamado de Vitória.

O Grão-Duque clicou seus saltos em despedida.

Conforme entrava na carruagem, ela ouviu um ruído e sentiu Dash pulando, beijando suas mãos.

— Oh, meu querido Dashy, que surpresa adorável!

Ela pegou seu cachorro no colo e o abraçou. A bela cabeça loira de Lorde Alfred Page, seu eguaço, apareceu na janela da carruagem.

— Espero que não esteja ofendida, Madame. Mas ele estava procurando por você no Palácio, então tomei a liberdade de trazê-lo comigo para encontrá-la.

— Quanta atenção de sua parte, Lorde Alfred. Não posso imaginar um companheiro mais encantador para a viagem de volta. Dash ama ouvir a respeito da ópera, não é mesmo, Dashy? — E o cachorrinho se retorceu em alegria conforme ela coçava sua barriga.

— Espero que não rejeite um passageiro humano, Vitória. — Ela ergueu os olhos e, para sua irritação, viu seu Tio Leopoldo. Sem esperar por sua resposta, o Rei dos Belgas passou rudemente por Lorde Alfred e se sentou na frente dela.

Vitória se encolheu para trás para seu lado da carruagem, agarrando Dash em seus braços. Ela estava cansada, e a última coisa que queria era um tête-à-tête obrigatório com seu tio. Mas não havia nada que ela pudesse fazer, a não ser que pedisse aos soldados para removê-lo, o que causaria um incidente diplomático. Esse pensamento a fez sorrir e ela pegou a orelha de Dash e sussurrou em seu ouvido:

— Você não sabe quão feliz sua Mamãe está em vê-lo, Dashy.

Leopoldo tirou um fósforo do bolso e acendeu a vela ao lado de seu acento. Ela iluminou seu rosto de baixo, fazendo-o parecer quase demoníaco.

— Minha querida sobrinha, você sabe que sempre tentei ser um pai para você. Vitória brincou com a orelha do cão.

— Você com certeza me escreveu com frequência suficiente. Não é mesmo, Dash? Leopoldo suspirou.

— Por favor, fale comigo e não com seu cão. Tenho algo importante para lhe dizer. Vitória ergueu o rosto do cão ao lado do seu.

— E nós estamos ouvindo. Leopoldo ignorou a tenacidade.

— Você diz que não quer se casar com Alberto, mas eu lhe perguntaria se você pretende se casar com outra pessoa.

Vitória olhou para ele e disse com frieza:

— Não tenho nenhum plano de me casar com ninguém no momento.

Leopoldo colocou a mão na cabeça para conferir a posição de sua peruca.

— Você não, espero eu, imagina que seu Lorde M poderia algum dia ser mais do que seu Primeiro-Ministro?

Dash ganiu quando Vitória puxou sua orelha em fúria.

— Não vou dignificar essa sugestão com uma resposta.

— Então, de um Soberano para outro, eu lhe aconselharia a ser cuidadosa — disse Leopoldo.

Vitória respondeu, a voz cheia de irritação:

— E de uma Soberana a outro, eu devo lhe aconselhar que não interfira.

— Talvez você seja jovem demais para entender quão perigosa é sua situação. O país está em um estado volátil. Estou muito preocupado com a perturbação em Gales. Todos os movimentos revolucionários começam assim, com descontentamento popular.

— Lorde Melbourne diz que não tenho nada com que me preocupar pelos Cartistas. Ele diz que houve uma colheita ruim, e quando as pessoas têm fome, elas começam a gostar de radicais.

— Seu Lorde Melbourne não é infalível, Vitória. Temo que até mesmo a coroa inglesa seja vulnerável. Vitória soltou um ruído entre um bufar e uma risada. Mas Leopoldo seguiu impassível, tirando alguns fósforos do seu bolso e riscando um deles na frente dela, revelando o rosto amuado da jovem.

— Você crê que sua monarquia resplandece com luz, Vitória, mas tudo o que é necessário é um vento soprar da direção errada. Case-se com Alberto e comece uma família da qual seus súditos possam se orgulhar. Do contrário... — Leopoldo assoprou o fósforo e o apagou.

Vitória agarrou Dash com muito mais força e não disse nada pelo resto da viagem misericordiosamente curta.

Capítulo Quatro

Os tios de Vitória não estavam sozinhos em seu interesse aguçado pelo seu status matrimonial. Em salas de estar em todos os lados do país, havia uma sensação de que a jovem Rainha bem-apessoada em idade para casamento deveria estar à procura de um marido. No clube Brook's, o bastião dos valores Whig, havia muitas conversas a respeito do dever da Rainha em prover um herdeiro para o trono mais em sintonia com os tempos do que o Duque de Cumberland. Do outro lado da rua, no White's, o reduto Tory, havia um sentimento de igual força de que a Rainha deveria se casar porque era a única maneira de reduzir a influência perniciosa de Lorde Melbourne.

Mas enquanto era consenso que a Rainha deveria se casar, não havia concordância a respeito de quem poderia ser o marido ideal. No corredor dos criados no Palácio de Buckingham, havia muita especulação a respeito do tema. De fato, Penge, o mordomo da Rainha, chegara ao ponto de estabelecer uma série de apostas a respeito dos possíveis competidores e concorrentes, arriscando sua moedinha de seis centavos no Príncipe Jorge. Havendo trabalhado de forma breve na residência da Princesa Carlota quando ela fora casada ao então Príncipe Leopoldo, ele não tinha nenhum desejo de trabalhar para outro príncipe Coburgo. Os Coburgos eram, em sua opinião mordaz, “os piores tipos de estrangeiros.”

Quando ele foi pressionado pela Senhora Jenkins para explicar as suas objeções, ele mencionou que o Rei dos Belgas somente havia se queixado da umidade dos lençóis na cama, mas também sido malsucedido em compreender o nível de gastos devido ao pessoal do Palácio.

— Os Coburgos são saltimbancos avarentos comedores de salsicha que não têm lugar nenhum no trono britânico. O que precisamos é de um noivo britânico.

A senhora Jenkins, que havia visto o cuidado com o qual a Rainha havia se vestido para sua noite na ópera, estava inclinada a apoiar a candidatura do Grão-Duque.

— Um rapaz tão bonito, que casal adorável formariam.

Penge dissera que uma união entre a Rainha e o herdeiro ao trono russo era uma impossibilidade diplomática, mas ele estava preparado para tomar seu dinheiro caso ela fosse tola o bastante para apostá-lo. A senhora Jenkins, que gostava de acreditar que o amor superava tudo, persistia em apoiar seu candidato.

O chef, senhor Francatelli, que não tinha nenhum amor pelo senhor Penge, decidiu apoiar o Príncipe Alberto de Saxe-Coburgo-Gota; e Brodie, o mensageiro, declarou que se tivesse uma moeda, ele a apostaria em Lorde Alfred Paget, pois ele estava sempre rindo com a Rainha. Penge e a senhora Jenkins ergueram suas sobrancelhas ante a escolha de Brodie, mas nenhum dos dois se sentiu obrigado a afirmar que Lorde Alfred não era do tipo que se casava. A senhorita Skerrett, a assistente de guarda-roupa júnior, disse que ela não tinha uma moeda para apostar nas perspectivas matrimoniais da Rainha, mas lhe parecia que o único homem com o qual ela se importava era Lorde Melbourne. E nisso, a assistente de guarda-roupa júnior estava em perfeito acordo com Leopoldo, Rei dos belgas.

Na manhã seguinte após seu encontro com Leopoldo, Vitória estava apenas enormemente aliviada de estar no parque cavalgando como de costume com Melbourne ao seu lado. Apesar de amar a ópera e achar o Grão-Duque um companheiro agradável, ela se sentia de todo mais confortável cavalgando por Rotten Row com seu Primeiro-Ministro. Ela havia ido encontrá-lo como sempre atrás da Apsley House, a casa do Duque de Wellington, na esquina do Park. Mas Melbourne, de forma inesperada, não estava lá e a deixara esperando por cinco minutos inteiros.

Quando ele chegou, estava empoeirado e cheio de desculpas.

— Perdoe-me, Madame. Recebi uma mensagem justo quando me preparava para sair e tive de agir de imediato.

Vitória sorriu para ele.

— Deve ter sido importante. Não creio que eu algum dia o vi tão desalinhado.

Melbourne olhou com pesar para suas roupas empoeiradas.

— Não quis deixá-la esperando.

Ele olhou para ela com preocupação.

— Eu me pergunto se é sábio para você abrir os asilos de pobres amanhã, Madame. É um espaço aberto e creio que haverá uma multidão. Creio que pode não ser de todo seguro.

Vitória se virou para ele surpresa.

— Mas devo ir. Esses asilos são dedicados à memória do meu pai. Seria desrespeitoso não comparecer. E em relação à segurança, bom, você sempre me diz que uma Rainha deve ser vista para ser acreditada.

Melbourne balançou a cabeça.

— Em geral creio que isso seja verdade, mas acabei de ouvir que os rebeldes de Newport foram sentenciados à morte, e temo que possa haver repercussões.

Vitória olhou para seu Primeiro-Ministro.

— Essa parece uma punição muito dura. É necessário executá-los? Creio que não feriram ninguém. De fato, creio que os únicos mortos estavam entre os próprios Cartistas.

— Melhor que alguns poucos morram agora, Madame, do que uma insurreição armada mais tarde.

— Mas você crê que pode chegar a isso? — perguntou Vitória.

— Sim, Madame, eu creio.

— Entendo. Ainda assim, vou comparecer à cerimônia.

— Muito bem, Madame.

Eles cavalgaram lado a lado em silêncio por alguns minutos. Enfim, Vitória não conseguiu aguentar mais.

— O que você achou de Lucia? Nunca falei com você a respeito. Melbourne deu de ombros.

— Não era Mozart, Madame. — Então, virando a cabeça para ela, perguntou: — E você? Como passou a noite? Você pareceu bem cuidada.

Vitória sorriu, contente de que haviam passado dos Cartistas de Newport.

— O Grão-Duque é divertido, ousa dizer. É agradável falar com alguém que entende os cuidados da minha posição. Mas ele é muito estrangeiro para me sentir à vontade por completo, creio eu.

— E que tal o Príncipe Jorge de Cambridge? Ele foi muito atencioso, creio. Vitória fez uma careta.

— Nós nunca nos demos bem quando crianças. Ele costumava dizer que garotas não tinham negócio algum sendo Rainhas.

— E o que você respondia? — perguntou Melbourne.

— Eu dizia que quando fosse Rainha, eu o mandaria para a Torre como todos os traidores!

Melbourne riu.

— Muito bem! E o que você acha dele agora que ele cresceu?

— Bom, ele não é tão baixo ou tão gorducho quanto antes, mas não sei se suas opiniões sobre a conveniência de mulheres para o trono mudaram muito.

— Oh? — Melbourne puxou suas rédeas e a cabeça de seu cavalo para encarar Vitória. — Isso não é bom, pois creio que ele gostaria de se candidatar para sua mão.

— Jorge gostaria de ser meu marido? — Vitória olhou para ele surpresa.

Melbourne assentiu com a cabeça.

— Creio que sim, Madame. E, é claro, um casamento inglês seria muito popular no país. Vitória ergueu seus olhos azuis e olhou diretamente para ele.

— Um casamento inglês?

— Seria muito bem-visto, Madame.

Vitória irradiou alegria para ele.

— Então terei isso em mente, Lorde M.

O pai de Vitória, o finado Duque de Kent, tinha sido distinguido, até mesmo entre os filhos famosamente devassos de Jorge III, por sua extravagância. Ele passara a maior parte de sua vida adulta no exterior, no Canadá, em parte por causa de sua carreira militar, mas principalmente porque queria escapar de seus muitos credores.

Em sua ascensão ao trono, Vitória se surpreendera ao descobrir que muitos dos débitos de seu pai permaneciam por pagar. Como houvera uma concessão de dinheiro feita pelo Parlamento para a Duquesa com aquele propósito expresso após a morte do Duque, Vitória estava mortificada de forma dupla.

Ela declarara que pagaria os débitos excepcionais de seu pai de imediato, ainda que isso significasse que ela e sua mãe teriam de abrir mão de novas vestes. Melbourne havia rido e dito que não acreditava que tanta dificuldade seria necessária, e observou que ela era muito frugal em comparação com seus predecessores no trono.

Após saldar as dívidas, Vitória pensou que era hora de fazer algo mais positivo para honrar a memória de seu pai. Seu pai, ela acreditava sem muita evidência, fora caridoso em seus impulsos, e ela queria fazer algo que tornasse patente a sua generosidade. Sua mãe havia sido inútil, sugerindo que a coisa que mais haveria agradado seu pai seria ver sua viúva estabelecida de forma apropriada.

— Ele sempre gostava que eu me vestisse com elegância, Vitória. Ele sempre me comprava belas vestes. — Vitória respondera que ela pensava que poderia haver um tributo mais permanente à generosidade de seu pai do que uma sombrinha nova.

Ela havia, é claro, consultado Lorde M, que a aconselhou a fazer algo filantrópico.

— Há estátuas de seus tios por todos os lados de Londres, e apesar de elas decorarem o horizonte, elas são de pouco uso prático. — Vitória havia escutado, como fazia com tudo que Lorde Melbourne dizia, com atenção, e começou a procurar um projeto adequado.

Harriet Sutherland, cuja família encarava a filantropia com muita seriedade, a havia orientado no sentido de um projeto para construir asilos de pobres para o alívio dos miseráveis na paróquia de Camberwell.

— Há velhos ali, Madame, vivendo em condições de imensa pobreza, após trabalharem diligentemente suas vidas inteiras. Pensar que podem viver de forma tão miserável apenas a uma milha de distância do Palácio. — Ao visitar a paróquia com a Duquesa de forma incógnita, Vitória ficara assustada com as condições que encontrava ali. Apesar de não ousar sair da carruagem por medo de ser reconhecida, ela viu crianças em trapos pedindo dinheiro nas ruas e uma velha em um vestido negro empoeirado que uma vez fora de boa qualidade sentada no pavimento com um pequeno pacote ao seu lado e um papagaio numa gaiola.

Ela pediu ao laçao que perguntasse pela situação da mulher e descobriu

que ela havia sido a empregada de uma senhora que perdera seu lugar por conta da idade. Sem filhos ou pensão, a mulher não tinha como sustentar a si mesma ou o papagaio. Vitória fora movida pelo papagaio, sua plumagem empoeirada, mas com olhos amarelos brilhantes. Ela se sentiu muito indignada com os empregadores anteriores da senhora. Como eles podiam jogá-la nas ruas daquela forma? Harriet disse a ela que aquilo era bastante comum.

— Nem todos que têm servos, Madame, foram criados para entender que há uma obrigação entre ambos os lados.

Vitória quis aliviar a situação da mulher de imediato, e como nunca carregava dinheiro, foi obrigada a pedir que Harriet lhe emprestasse um pouco. Harriet opinou que a mulher estaria melhor se fosse levada ao Palácio, onde poderia receber uma refeição e algum direcionamento a respeito do futuro.

O drama da Senhora Hadlow, a empregada (o “senhora” era um honorífico), convencera Vitória a construir asilos para pobres onde os miseráveis respeitáveis pudessem viver o resto de seus dias em paz. Ela havia contribuído com a maior parte dos fundos para o projeto sob a condição de que eles se chamassem Asilos de Pobres Duque de Kent. A senhora Hadlow e seu papagaio estariam entre os primeiros inquilinos.

Os edifícios haviam sido construídos da forma mais bela, pensava Vitória, conforme sua carruagem parava diante da pequena praça. Os edifícios baixos de dois andares com suas portas da frente vermelhas e seus belos jardins pareciam a epítome do conforto distinto, um contraste notável com a imundície que ela havia visto ali antes. Os tetos e grades estavam decorados com bandeiras e estandartes, e uma banda de música começou a tocar o hino nacional conforme os lacaios de Vitória puxavam os degraus da carruagem.

No meio da praça havia um plinto com uma dedicatória à memória de seu pai coberto em um tecido de veludo. Vitória deveria fazer um discurso curto antes de dedicar a obra e declarar os asilos como abertos. Ela não queria que a cerimônia fosse muito pomposa, mas a visita de seu tio a obrigava a convidá-lo, e Melbourne, para deixar a cerimônia mais divertida, sugeriu que convidassem também o Grão-Duque. Ela achou que era uma excelente ideia, mas ficou menos animada quando soube que o Duque de Cumberland estava mortalmente ofendido por não ter sido convidado. Ela não tinha intenção

alguma de incluí-lo, mas Melbourne disse que excluí-lo causaria um escândalo desnecessário, e ele tinha certeza de que ela não queria fazer qualquer coisa que empanasse a cerimônia de homenagem à memória de seu pai. Então Vitória, ciente do que acontecera da última vez que ela ignorou o conselho de seu Primeiro-Ministro, compadeceu-se e convidou os Cumberlands e o resto da família de seu pai.

Foi um tanto alvoroçada que ela desceu da carruagem. Sentadas nas arquibancadas em torno do pedestal estavam todas as pessoas que lhe causavam aflição: sua mãe, Conroy, os Cumberlands, que haviam trazido o Príncipe Jorge e Sir Robert Peel. De certa forma, ela não havia antecipado que o que começou como um tributo ao seu pai havia de alguma forma se tornado um teste de sua autoridade. Esse sentimento de alarme foi exacerbado pela presença de uma fila de soldados do regime da residência separando o grupo real da multidão reunida na rua. Vitória sentia como se estivesse sendo escrutinizada de todos os ângulos. Ela olhou em torno de si. Havia apenas um rosto, ela percebeu, que queria ver, mas não havia sinal dele. Ela se forçou a sorrir para o administrador dos asilos, que estava sendo apresentado a ela por Harriet Sutherland.

Então ela o pressentiu parando exatamente atrás dela, e sentiu uma pequena onda de alívio perpassar-lhe o corpo.

— Perdoe-me, Madame, por não estar aqui quando você chegou, mas as multidões são tantas que minha carruagem mal conseguiu chegar até aqui.

Vitória se virou e sorriu.

— Eu lhe perdoo, Lorde M. Mas você pode me dizer por que há tantos soldados? Sei que meu pai era um militar, mas creio que destrói o caráter pacífico do evento.

Melbourne olhou para ela.

— Conforme mencionei antes, temo que possa haver alguma perturbação dos Cartistas, Madame.

Vitória olhou ao longe para a multidão e balançou a cabeça.

— Mas os Cartistas usam toucas, Lorde M? Porque há uma grande quantidade delas hoje aqui. Agora foi a vez de Melbourne sorrir.

— Na verdade, Madame, alguns Cartistas de fato acreditam que mulheres

devem votar. Vitória riu.

— Agora você está fazendo piada.

— Não, Madame, eu lhe garanto que falo com total honestidade.

Vitória gesticulou para um grupo de crianças agitando bandeiras.

— E eles darão o direito para crianças também?

— Não, Madame. Não creio que os Cartistas vão tão longe.

A Rainha seguiu Melbourne até o estrado ao lado da coluna. Havia um tumulto pequeno conforme o Grão-

Duque e o Príncipe Jorge rivalizaram pela posição mais próxima dela. Jorge, que havia tomado um desgosto do príncipe russo não apenas por percebê-lo como um rival possível para os afetos de Vitória, mas também porque o uniforme do Grão-Duque era muito mais magnífico do que o seu, disse com o que ele imaginava ser altivez gélida:

— Temos sorte, sir, que seu pai o Imperador pode abrir mão de você para comparecer à abertura de um asilo de pobres.

O Grão-Duque, que não percebia Jorge como um rival de maneira alguma, disse:

— Meu pai e eu somos grandes admiradores das instituições britânicas, de sua Rainha em particular.

Jorge se moveu para ficar em pé na frente dele, mas descobriu que o russo bloqueava seu caminho. Eles ficaram em pé próximos a ponto do desconforto, nenhum deles pronto para ceder.

Observando esse pequeno contratempo, Melbourne se permitiu um pequeno sorriso, então espiou para ver se Vitória havia notado a rivalidade entre seus dois admiradores. Mas ela estava olhando para a obra e mordendo o lábio, um sinal, ele sabia, de que ela estava nervosa. Ela disse em voz baixa:

— Devo começar, Lorde M?

— Se você se sente pronta, Madame.

Ela deu um passo para mais perto do estrado e viu que a mão que carregava o pedaço de papel em que escrevera seu discurso tremia. Em uma voz alta e levemente trêmula, ela começou:

— Nunca conheci meu pai, mas sei que ele acreditava em caridade cristã acima de todas as coisas. Melbourne ouviu o Duque de Cumberland murmurar para a esposa:

— A única caridade em que vi meu finado irmão envolvido foi em sustentar a amante que descartou quando se casou. E nem mesmo isso durou muito.

Melbourne se virou para ver se a Duquesa de Kent havia ouvido essa observação, mas por sorte ela estava acompanhada por seu irmão e Sir John Conroy e ocupada demais com suas companhias para prestar atenção ao cunhado. A Rainha estava longe demais para ouvir qualquer coisa que seu tio dissesse.

— Então me dá imenso prazer dedicar esses asilos de pobres à sua memória.

Ao som de aplausos da arquibancada e da multidão, a pequena figura da Rainha caminhou até o plinto para descerrar a placa em memória de seu pai. O Grão-Duque e o Príncipe Jorge se moveram ao mesmo tempo, os dois, com a ideia de ajudar a Rainha. Eles ficaram parados ali, ao lado da coluna, Jorge lançando olhares furiosos ao Grão-Duque, o russo fingindo que o príncipe inglês não existia.

Quando Vitória viu a situação, fez de tudo para não sorrir.

— Muito obrigada, mas creio que consigo lidar sem ajuda.

Ela os encarou por tempo o suficiente para que ambos os homens se afastassem um pouco, então deu um passo à frente e puxou a corda que removia o tecido de veludo. Para seu alívio, ela saiu sem impedimentos, revelando uma placa com o inconfundível perfil da Casa Hanover do Duque de Kent. Vitória se virou e olhou para a multidão.

— E agora tenho o maior prazer em declarar esses asilos de pobres, para o alívio dos miseráveis e velhos dessa paróquia, abertos.

Houve outra rodada de aplausos da multidão e alguns vivas de Deus Salve a Rainha, mas houve também um som mais estridente e áspero. A Rainha o ouviu e estava se virando para Melbourne quando uma pedra aterrissou com um grande choque na coluna, quase acertando a Rainha. E então o ruído da multidão se solidificou em um canto de: “Justiça para os Cartistas de Newport! Justiça para os Cartistas de Newport!”

Vitória sentiu a mão de Melbourne em seu braço, empurrando-a para trás dele, e por um momento na agitação, ela descansou sua face contra o pano grosso e de boa qualidade de seu casaco e pôs os braços em torno da cintura dele. Apesar do barulho e da confusão, o ar acre de pânico em toda a sua volta, apesar da lã áspera contra sua pele, Vitória sentia como se houvesse sido envolvida no cashmere mais fino, isolada por completo do caos em torno de si. Isso, ela pensou, era a sensação de segurança.

Então, um tiro soou por cima da multidão, e Vitória foi tirada de seu devaneio num susto. Ela disse com urgência:

— Lorde M, não deixe que atirem. Lembre-se das toucas.

Melbourne se virou para ela, seus olhos verdes brilhantes e árdentes, mas ao ver o rosto dela, ele suavizou.

— Não se preocupe, Madame, não deixarei ninguém ser ferido. Mas você deve retornar ao Palácio de imediato.

— Não quero deixá-lo. Você é a única pessoa que...

Suas palavras foram perdidas em outra salva de tiros. Melbourne olhou por cima da cabeça da Rainha e viu o Príncipe Jorge à esquerda com a mão na espada abrindo caminho rumo à multidão como um cavaleiro errante, e o Grão-Duque parecendo marcial em igual maneira à direita. Nenhum dos dois servia para o que ele tinha em mente, então foi com um suspiro de alívio que ele viu o rosto belo e imperturbável de Albert Paget. Ele o chamou com urgência.

— Lorde Alfred, creio que a Rainha esteja partindo. Você pode acompanhar a Rainha e a Duquesa de volta para o Palácio?

Lorde Alfred, com habilidades forjadas em sua experiência no campo de reuniões diplomáticas e não na fumaça da batalha, conseguiu pastorear a Vitória relutante com o mero poder de sugestão rumo à carruagem, simultaneamente coletando a Duquesa, transmitindo a ela com um mero frisson da sobrancelha que em um momento de perturbação como aquele o lugar dela era ao lado da filha.

Vitória permitiu ser colocada na carruagem sem protestar, mas conforme ela se recostou na janela e viu Melbourne falar com o oficial encarregado das tropas, seu rosto vivo com preocupação, ela sentiu a dor de deixá-lo de forma

tão aguda que seus olhos se encheram de lágrimas.

Ao ver isso, sua mãe colocou a mão no rosto da filha.

— Não tenha medo, Liebes. Nenhum dano será causado a você. Eu garanto.

Mas Vitória virou o rosto para longe, olhando de volta pelo vidro para ter uma última visão dele. Ele estava parado no meio da multidão com o oficial comandante. Ela desejou que ele se virasse, e quando ele ergueu a cabeça, pareceu que olhava diretamente para ela. Mas então a carruagem avançou por entre a multidão, e ele desapareceu de sua vista. Vitória recostou-se no assento de couro abotoado e fechou os olhos.

Melbourne viu a carruagem afastar-se e pensou haver vislumbrado o pequeno rosto branco da Rainha na janela. Sentindo-se inundado de alívio ao ver que ela partia, ele se virou para o Capitão e disse com mais convicção do que antes:

— Você deve dispersar a multidão de forma pacífica. Certifique-se de que seus homens apenas atirem no ar. Não quero que ninguém seja ferido. Você me entende, Capitão?

O Capitão assentiu com relutância. Ele pensava que Lorde Melbourne não era um soldado; se ele tivesse sido, ele saberia que quanto mais pessoas fossem feridas naquele momento, o menos provável seria que tais coisas acontecessem outra vez.

Melbourne estava procurando por Emma Portman, querendo se certificar de que ela estaria com a Rainha durante o resto do dia, quando ouviu uma voz atrás de si.

— Lorde Melbourne, posso trocar uma palavra? — Melbourne reconheceu o inglês esfarrapado do Rei dos Belgas. Ele tentou controlar a irritação.

— Pode esperar, sir? Estou um pouco preocupado neste momento. — Ele gesticulou para a mêlée na frente deles. O Príncipe Jorge e o Grão-Duque estavam parados com as espadas em punho, e era pouco claro se eles estavam prontos para batalhar com a multidão ou entre si.

Leopoldo balançou a cabeça.

— Creio que não.

Melbourne suspirou e observou Leopoldo com resignação cansada.

— Entendo. Então, sir, estou ao seu serviço.

Leopoldo gesticulou para que Melbourne o seguisse para um local atrás da coluna onde eles não poderiam ser entreouvistos, por menos provável que aquilo parecesse dado o tumulto geral. Mas o Rei, Melbourne pensou, não perderia uma oportunidade de se diferenciar.

O Rei se inclinou para frente de forma que sua boca estivesse muito próxima do ouvido de Melbourne.

— Gostaria de lhe falar a respeito de minha sobrinha.

Melbourne deu um passo para trás preparando-se para reagir contra o outro homem.

— De fato?

Leopoldo lhe lançou um sorriso que sugeria que ambos eram homens do mundo.

— Você deve concordar, creio eu, que o quanto antes ela se casar, melhor. Seu reinado até agora foi perturbado. Um marido e filhos iriam estabilizar a frivolidade dela.

Ele olhou para os dois príncipes. Leopoldo seguiu seu olhar.

— Eu não poderia concordar mais. E não poderia haver melhor escolha do que seu Primo Alberto. Ele é um jovem rapaz sério e eu me envolvi muito em sua educação. — Ele virou seu rosto para Melbourne. — E é claro que ele é de idade adequada.

O rosto de Melbourne não se moveu.

— Creio que a Rainha não se deu bem com ele na última vez que se encontraram.

Leopoldo sorriu para a tolice de sua sobrinha.

— Ela era jovem demais para ter uma opinião. Vitória vai mudar de ideia, mas apenas, creio eu, se ela entender que tal casamento é de seu maior interesse. — Em um tom um pouco mais baixo: — creio, milorde, que você poderia persuadi-la disso.

O outro homem deu um sorriso sem graça.

— Não sou um mágico, sir. A Rainha tende a ouvir apenas o que ela já

pensa.

Leopoldo inclinou a cabeça para o lado e disse de forma astuta:

— Vamos lá, Lorde Melbourne, você é modesto demais. Eu vi a maneira como minha sobrinha olha para você. — Ele piscou devagar como se para sugerir as artimanhas de flerte da Rainha coquete.

Melbourne disse da maneira mais neutra que poderia:

— Creio, sir, que você superestima minha influência.

— Se você diz, Lorde Melbourne. Mas tenho certeza que, após refletir, um homem de sua — ele pausou — experiência vai entender o que precisa ser feito.

Outra saraivada de tiros poupou Melbourne de ter de responder. Ele deu ao Rei o mais breve dos acenos de cabeça.

— Você vai ter de me dar licença, sir — e ele partiu no sentido da multidão crescente.

Leopoldo o viu partir. Ele havia alcançado seu objetivo. Melbourne agora sabia que sua relação com Vitória estava sob escrutínio.

Capítulo Cinco

Na manhã seguinte, Vitória esperou por Melbourne como de costume em sua sala de estar, a pilha de caixas vermelhas na frente dela. Ela havia se vestido para a entrevista com cuidado, vestindo seu novo vestido de musselina estampada e o cabelo em tranças em torno da orelha da forma que Lorde M uma vez lhe dissera que ficava charmoso. Os eventos do dia anterior foram confusos, tão enigmáticos de fato, que ela havia ido dormir sem jantar. Mas então no meio da noite ela acordou e, sentindo-se irrequieta, saiu da cama.

Havia uma lua cheia, e os jardins do Palácio estavam banhados em luz prateada. Ela viu um animal, talvez um coelho, correr através do gramado até o lago. No Palácio, às vezes era difícil se lembrar que ela estava bem no meio de Londres. E ainda assim os asilos de pobres ficavam menos de duas milhas de onde ela estava agora. Foi um alívio ouvir que ninguém havia se ferido naquela tarde; ela estava contente de que Melbourne a escutara.

Ela havia esperado ouvir dele à noite, mas, para sua surpresa, ele não deu notícias após o jantar nem sequer mandou um bilhete. De certa forma, ela ficou aliviada porque precisava de tempo para examinar seus sentimentos; ela ainda conseguia sentir o arranhar áspero da lã de seu casaco contra seu rosto. Aquele contato, por mais apressado e acidental que houvesse sido, a havia tocado de uma maneira que ela não poderia explicar. Era como se ela houvesse descoberto algo que não sabia que procurava.

Conforme ela seguia pelo quarto, a lua estava tão brilhante que não precisava de uma vela. Ela viu a caixa contendo o telescópio que Melbourne lhe havia dado de aniversário. Ela abriu a caixa e puxou o instrumento, estendendo-o até seu comprimento máximo. Ajoelhada no assento da janela, ela o colocou contra o olho e tentou encontrar a lua. Enfim, as lentes revelaram as paisagens lunares, e ela observou admirada as sombras que ela revelava.

Não fora de forma alguma o presente que ela esperava de Lorde M em seu aniversário, mas agora ela pensava que entendia seu significado. Ele estava sugerindo a ela que ela deveria tentar olhar para as coisas de outro jeito, ver a vida e questões de uma perspectiva diversa. É claro, na época, ele queria que ela aceitasse que ele não mais podia ser seu Primeiro-Ministro, mas ele viera

a entender que seu lugar era ao lado dela. Agora, conforme ela olhava pela lente do telescópio, pensava que talvez fosse o momento de olhar para Melbourne de outro ângulo.

Ele era seu amigo, conselheiro e confidente, mas se perguntou se ele poderia ser algo a mais. O corpo dela soubera de imediato — o contato súbito havia sido eletrizante —, mas sua mente tinha que reconhecer essa nova perspectiva. Se ela de fato fosse se casar, poderia haver um marido mais adequado ou desejável do que o homem que já preenchia seus pensamentos? Seria uma escolha pouco ortodoxa, ela sabia, que iria gerar algum protesto. Tio Leopoldo não aprovaria, mas com certeza seria melhor que ela se casasse com um homem que amava do que entrar em um casamento de conveniência calculado.

Havia o Ato de Casamento Real, que tornava impossível que um membro da família real se casasse sem o consentimento da Soberana, mas ela era a Soberana. Ela sabia, é claro, que haveria objeções de seus tios, e talvez daqueles Tories brutais, mas, no final das contas, quem poderia impedi-la?

Seria difícil, ela pensou, virando o ocular de cobre do telescópio, contar a ele de sua decisão. Ela se perguntou se ele poderia quem sabe imaginar, já que ele era sempre tão perspicaz, mas mesmo que imaginasse — e aqui ela agarrou o telescópio com muita força — qualquer proposta teria de vir dela. Um Soberano sempre tinha de ser a pessoa a fazer o pedido de casamento.

Ela suspirou e tentou imaginar como diria. A única maneira seria ficar em pé bastante próxima dele para que ela pudesse sentir seu calor, mas não tivesse de encontrar seus olhos. Ela não pensava que poderia dizer o que devia sob o escrutínio daquele olhar verde. Mas ela devia fazê-lo, e sem demora. Ela se lembrou da citação que Lorde M sempre usava quando queria fazer algo: “Há uma maré nos casos dos homens a qual, levando à inundação...”

Ela a levaria à inundação.

Quando a porta para sua sala de estar se abriu assim que o relógio bateu nove horas, ela ergueu os olhos com um sorriso, mas ao invés de seu Primeiro-ministro, ela viu Emma Portman, que parecia muitíssimo apreensiva.

— Emma? Eu esperava por Lorde M.

— Eu sei, Madame, e é por isso que vim lhe dizer que ele partiu para Brocket Hall.

— Brocket Hall? Por que ele iria para lá agora? Emma Portman baixou os olhos.

— Não tenho certeza, Madame. Talvez ele sentisse a necessidade de um pouco de ar do interior.

— Mas ele sempre me diz que acha que não há nada mais estimulante que uma caminhada pela Saint Jame's. Emma deu um sorriso que não alcançou seus olhos.

— Temo que até mesmo Lorde Melbourne possa ser inconsistente, Madame.

Vitória se levantou de súbito, derrubando a pilha de caixas no chão. Emma começou a se inclinar para pegá-las, mas Vitória estendeu a mão para impedi-la.

— Não se importe com essas. Sua carruagem está aqui, Emma? Emma assentiu devagar com a cabeça, seu rosto apreensivo.

— Eu gostaria de tomá-la emprestada, se puder. Ou quem sabe eu gostaria que fizéssemos uma excursão juntas.

Emma olhou para a Rainha e fez uma pergunta cuja resposta ela já sabia:

— E para onde vamos, Madame?

— Para Brocket Hall. Tenho algo de grande importância para dizer para Lorde M.

Emma Portman respirou fundo.

— É uma viagem considerável, Madame. Talvez seja melhor enviar um mensageiro. Tenho certeza que William retornaria à cidade imediatamente.

Mas Vitória, que estava caminhando para cima e para baixo, disse:

— Não, não pode esperar. Há uma maré, Emma, nos casos dos homens a qual, levando à inundação, nos encabeça à fortuna.

— Não posso discutir com Shakespeare, Madame.

— Bom. Mas devemos ir de imediato. E devemos ir incógnitas,   claro.

—   claro — disse Emma Portman, sua voz ecoando a de sua madame com

uma queda mortal. Se Vitória notava sua falta de entusiasmo, ela não dava sinais disso, e já avançava pelo corredor com seus passos rápidos e leves.

A jornada até Brocket Hall, que ficava no condado de Hertfordshire, durou menos de duas horas. Vitória insistiu em ir diretamente para lá, sem parar. Ela se sentou na ponta do assento da carruagem, brincando com seu véu e ensaiando em sua cabeça o discurso que faria a Lorde Melbourne. De vez em quando ela olhava para Emma e fazia observações sobre o clima ou o cenário, mas estava claro que sua cabeça estava cheia demais de seus pensamentos para permitir conversas ordinárias.

Enfim, para o grande alívio de Emma, a carruagem se virou para o caminho delineado com olmos que levava a Brocket Hall, uma mansão Palladiana com uma fachada de pedra de Portland.

— Ali, Madame, se você olhar para fora do meu lado da carruagem, você vai ter seu primeiro vislumbre da casa. Creio que foi construída durante o reinado de seu tataravô Jorge II, e é considerada um dos exemplos mais belos do período.

Vitória espiou pela janela, mas ela não viera para ver a casa.

— Você conheceu a esposa de Lorde M, Emma?

— Caro? Sim, é claro. Ela é, era, um tipo de prima.

— Como ela era? Ela era muito bonita?

— Bonita? Não, eu não diria isso. Mas ela era vívida além do normal. Se ela estava em um recinto, era impossível olhar para qualquer outra pessoa.

— Entendo. Mas ela era uma pessoa imoral, não era?

Emma sorriu.

— Por causa de seu imbróglio com Byron? Eu não a chamaria de imoral. Creio que era irresponsável, mas creio que ele a deslumbrava, e ela não tinha força para resistir.

— Você soa como se achasse que ela não era culpada!

— Eu sentia pena dela, Madame. Se você a houvesse visto após o final da *mésalliance*, você entenderia. Foi como se todas as faíscas nela houvessem sido apagadas. Ele era um homem terrível, muito atraente, mas sem coração. Ele descartou a pobre Caro como se ela fosse lanugem de cardo.

— Mas ela rompeu seus votos de casamento, Emma. Como você pode sentir pena de uma mulher que faz isso?

Emma relanceou o pequeno rosto de Vitória e viu os pontos de cor em suas faces, os olhos azuis brilhantes, a boca impaciente.

— Ela não terá sido a primeira mulher casada a fazer isso, Madame, nem a última.

— Bom, eu acredito que seu comportamento era chocante. Eu nunca entendi por que Lorde Melbourne a aceitou de volta depois de ela o tratar de forma tão vergonhosa.

— Eu nunca o admirei mais, Madame. Sua mãe, seus amigos, o partido inteiro tentou convencê-lo de se divorciar dela, mas ele não quis saber de nada. Ele disse que não a abandonaria na hora que ela mais precisava. E ele cuidou dela pelo resto de sua vida, apesar, temo eu, de ela estar na maior parte do tempo fora de si.

Vitória balançou a cabeça.

— Ela não o merecia.

Emma, por sua vez, balançou a cabeça.

— No começo, ela era muito amável, e então... bom, creio que William se achou culpado. A carruagem começou a reduzir a velocidade conforme chegava à casa.

Emma olhou para a Rainha.

— Se você me permitir, irei na frente, Madame. Conheço o mordomo aqui e posso avisá-lo para que seja discreto.

Vitória baixou o grosso véu preto sobre seu rosto.

— Você acha que alguém vai me reconhecer usando isso?

Emma tentou não sorrir.

Hedges, o mordomo, descia os degraus conforme o cocheiro abria a porta, seu rosto enrugado de preocupação. Ao ver Emma, ele fez uma reverência profunda.

— Sinto muito, milady, meu mestre não me disse que você estava a caminho.

— Está tudo bem, Hedges, ele não sabia.

O rosto de Hedges agora estava ainda mais contorcido de preocupação.

— Hesito em dizer isso, Madame, mas como é uma amiga tão antiga e confiada da família, devo lhe dizer que temo que não encontrará Vossa Senhoria no melhor de seus humores. Ele chegou ontem à noite sem aviso e estava com um comportamento bastante incomum.

— Obrigada, Hedges, irei me preparar para o pior. — Ela baixou a voz. — Trouxe comigo uma visitante, uma visitante bastante distinta, para ver Lorde Melbourne. — O mordomo parecia confuso, mas quando espiou para a pequena figura velada na carruagem, um brilho de compreensão começou a atravessar os traços em seu rosto.

— Entendo, Vossa Senhoria.

— Ela está aqui incógnita, está entendido?

Hedges assentiu com a cabeça.

— Perfeitamente, milady.

— Bom. Agora é melhor que você diga ao seu mestre que ele tem visitas.

— Ele está no jardim, Vossa Senhoria. Creio que ele desceu pelo bosque pelo lago, o lugar que ele chama de espeluncas. — Ele acompanhou isso com um levantar de sobrancelhas, como se ele não fosse responsável pela sua localização.

Emma assentiu com a cabeça.

— Obrigada, Hedges. Creio que vamos caminhar até lá para encontrá-lo.

Incapaz de esperar mais um momento, Vitória desceu da carruagem.

— Está tudo bem? Ele está aqui, não está?

Emma a tomou pelo braço e seguiu um pouco pelo caminho com ela, para que estivessem longe o suficiente para não serem ouvidas.

— Sim, Madame, William está aqui. O mordomo diz que ele está lá. — Ela apontou para o bosque do outro lado do lago, que estava bifurcado por uma ponte de pedras cinzentas.

Vitória seguiu seu olhar.

— Então devo ir encontrá-lo.

— Você gostaria que eu fosse primeiro e dissesse que você está aqui? Ele pode não estar pronto para você. Vitória riu.

— Oh, Emma, Lorde M e eu não temos cerimônias um com o outro. Ora, ele com frequência vem ao Palácio sem ser anunciado. Por que isso deveria ser de todo diferente?

— Muito bem, Madame.

Vitória começou a descer pelo caminho de cascalho que levava até a ponta, mas quando Emma se pôs a segui-la, ela se virou e disse:

— Creio, Emma, que você pode preferir ficar na casa. — Quando parecia que a mulher mais velha poderia protestar, Vitória disse com alguma firmeza: — Creio que consigo me conduzir sozinha.

— Se você tem certeza, Madame.

— Muita certeza.

Emma assistiu à pequena figura no véu escuro volumoso caminhar com leveza descendo a encosta e atravessando a ponte para o outro lado. Quando ela se virou, Hedges estava parado ao seu lado. Eles trocaram olhares, reconhecendo a cena à sua frente, e então a Lady se reafirmou.

— Creio que tenho sede depois de minha jornada. Você poderia pedir que me preparassem um pouco de chá?

— Certamente, milady.

Vitória o viu primeiro, o verde-escuro de seu casaco contra a pedra cinzenta do assento. Ele tinha seu rosto virado para longe dela, olhando para um aglomerado de carvalhos cujos galhos de franjas verdes estavam salpicados com as formas negras das gralhas. Ele estava sentado em perfeita imobilidade, sua cabeça descansando contra a pedra, até que as gralhas, sentindo a aproximação da Rainha, começaram a rodar e circular assustadas, seus pios altos ecoando pela água do lago. Melbourne se levantou devagar, seus ombros expressando a relutância em ser perturbado. Mas quando ele distinguiu a figura inconfundível caminhando na direção dele, sua postura se tornou alerta e atento.

Ele esperou até que ela estivesse um pouco mais próxima antes de lhe fazer um aceno. Ele não falou até Vitória estar em frente a ele e erguer seu véu, no

que ele disse:

— Então é você, Madame. Eu não tinha certeza. Vitória ergueu os olhos para ele:

— O mordomo disse que era um dos seus lugares favoritos.

Melbourne se virou e gesticulou para as árvores atrás dele, onde os pássaros gritavam em protesto pela intrusa.

— Venho pelas gralhas, Madame. Elas são animais sociáveis. Um encontro como esses é chamado de um parlamento. Mas elas são de todo mais civilizadas que seus equivalentes humanos.

Eles ficaram parados ouvindo aos gritos terríveis dos pássaros. Vitória mordeu o lábio e então disse:

— Sinto muito perturbá-lo, Lorde M, mas eu precisava falar com você.

Melbourne fez uma reverência pequena a ela.

— Bocket Hall está honrado com sua presença, Madame.

— Vim aqui com Emma Portman. Incógnita, é claro.

Os lábios de Melbourne estremeceram.

— É claro, Madame. Mas sua presença não pode ser disfarçada por inteiro.

Vitória levantou a mão para apertar seu véu, que estava ondeando atrás dela sob o vento. As gralhas responderam ao gesto dela com um turbilhão de grãos.

— Veja, Lorde M, ontem... ontem eu percebi algo.

O olhar de Melbourne se manteve firme. Ele esperou que ela prosseguisse, e quando ela hesitou, ele disse em voz baixa:

— Sim, Madame?

Vitória falou com rapidez, como se precisasse se livrar das palavras antes que elas queimassem sua boca.

— Creio que talvez agora eu esteja lhe falando como uma mulher e não como a Rainha.

Ela hesitou outra vez, mas Melbourne continuou a olhar para ela até ela estar pronta para prosseguir.

— No começo, eu pensava que você era o pai que eu nunca tive, mas agora eu sei como me sinto — ela olhou para cima. — Eu sei que você é o único companheiro que eu poderia querer.

Conforme ela disse isso, uma seção de luz quebrou das nuvens acima deles e brilhou de forma direta no rosto de Melbourne, ele precisou afastar o rosto por um momento. E então, conforme o sol voltava para trás das nuvens, ele encarou Vitória e tomou uma das mãos dela na dele. Mesmo através de sua luva branca de criança ela sentia o toque de sua mão como se fosse uma brasa, queimando a palma de sua mão.

Com sua outra mão, mas nunca tirando seus olhos de Vitória, ele gesticulou para os pássaros atrás dele.

— Você sabia, Madame, que gralhas se acasalam para toda a vida? Todo o ano eles cortejam um ao outro conforme constroem o ninho, renovando essas civilidades pequenas que fazem um casamento brilhar. Nós poderíamos aprender muito com elas.

Vitória ouvia suas palavras, mas tudo que ela conseguia sentir era a mão que segurava a dela com firmeza. Melbourne hesitou ao olhar para o rosto virado para cima, mas então continuou:

— Se eu tivesse observado as gralhas com mais atenção, talvez minha esposa tivesse se sentido mais amada. Vitória disse com indignação:

— Ela nunca deveria tê-lo deixado! Eu nunca faria tal coisa.

Melbourne engoliu em seco e então disse com grande seriedade:

— Não. Creio que quando você der seu coração, será sem nenhuma hesitação. — E então, em uma voz mais baixa: — Mas você não pode dá-lo para mim.

Vitória quase riu. Ele não entendeu o que ela havia vindo ali para lhe dizer?

— Creio, Lorde M, que você já o tenha. — Ela ergueu o rosto o mais próximo do dele quanto a diferença em suas alturas permitia. Apesar de ela saber que ele não iria querer tirar vantagem de uma Rainha, com certeza se ela deixasse claro que ela não se importaria de maneira alguma se ele a beijasse, então talvez pudesse superar seus escrúpulos. Ela fechou seus olhos, esperando. Mas ao invés de se inclinar para frente, ela sentiu a mão dele soltar a sua.

Quando ela abriu os olhos, viu linhas entre o nariz e a boca dele que ela nunca havia notado antes. Ele falava com determinação:

— Não, minha querida, você deve mantê-lo intacto para outra pessoa.

Ele olhou de volta para as gralhas como se elas pudessem ter uma mensagem para ele e, então, virando-se, disse com clareza terrível:

— Não sirvo mais para isso, entende. — Ele tentou sorrir. — Como uma gralha, eu me acasalei para toda a vida.

Vitória demorou um momento para entender o que ele havia dito, um momento para compreender que tudo que ela pensara, esperara, fora em vão. Ela havia se enganado; ele não era afeiçoado a ela, mas à memória da esposa que o traía.

Ela sabia que devia partir antes que as lágrimas viessem. Com uma voz que era o mais digna que ela podia, ela disse:

— Entendo. Então sinto muito em perturbá-lo, Lorde Melbourne. — Ela puxou o véu sobre seu rosto e caminhou, e então correu, para longe dele o mais rápido que ela conseguia, os grasnados das gralhas cobrindo o som de seu choro.

Da sala de estar em Brocket Hall, Emma Portman observou a figura pequena da Rainha cruzando a ponte. Da maneira como ela estava andando de forma diagonal pelo caminho como se não pudesse ver em frente, era claro para Emma que a Rainha estava chorando.

Ela tocou a sineta e pediu a Hedges que trouxesse a carruagem para a frente, pois elas partiriam de imediato. Hedges assentiu com a cabeça, mas antes de desaparecer, ele disse com uma tristeza que demonstrava muito afeto:

— Meu mestre não teve a felicidade que merece, milady.

— Não. Mas ele serviu bem ao seu país, creio eu.

O mordomo fez uma reverência com sua cabeça grisalha e foi buscar a carruagem. Emma Portman esperou pela sua Rainha.

Vitória subiu a encosta e entrou na carruagem. Ela não ergueu o véu. Ela viu Emma entrar na carruagem ao seu lado, mas não conseguia encontrar as palavras para falar. O que ela poderia dizer? Que o único homem que ela um dia amou, que ela amaria, a havia rejeitado porque preferia a memória da

esposa morta, uma mulher que o havia tratado de forma vergonhosa.

Vitória se sentiu roubada daquele momento de claridade que sentira quando se recostou em Melbourne no asilo de pobres. Ela não estivera segura no final das contas; ele não gostava dela no final das contas, apenas da adúltera e perversa Caroline, que o humilhara, enquanto ela, Vitória, não lhe havia feito nada além de mostrar amor e afeto. Pensar em quanto ela odiava Caroline e no monstro que ela deveria ter sido a fez se sentir um pouco melhor. Era mais fácil culpar a esposa morta do que o marido que permanecia fiel à sua memória. Com que rapidez tudo tinha ido de esperança para desespero. Ela pensou em como ele havia sorrido para ela quando ela ergueu o véu e então a emoção de felicidade pura que ela sentiu quando ele tomou sua mão, não como seu Primeiro-Ministro, mas como um amante. Ela pensava que seu rosto iria romper no meio de tanto sorriso, mas então ele começou a falar de gralhas, e apesar de ele ainda tomar sua mão como um amante, suas palavras a empurraram para longe. Sua única chance de felicidade perdida para sempre. Ela não sabia como poderia aguentar. O único consolo era que ninguém além deles dois algum dia saberia o que havia acontecido entre eles.

Em um minuto, quando ela tinha recuperado a compostura, ela diria algo a Emma que deixaria claro que ela viera ali consultar Melbourne sobre uma questão de estado. Mas aquilo a fez pensar nas caixas vermelhas e nos momentos felizes de todas aquelas manhãs examinando papéis, de todas as piadas que faziam a respeito de decanos rurais, do dia em que recebera uma zebra do Emir de Mascate. Foram dias tão felizes, mas agora eram coisa do passado. Ela se perguntou se algum dia conseguiria encarar Melbourne outra vez. Como ela poderia falar com ele como costumava? Tudo estava arruinado. As lágrimas começaram a rolar pelas suas bochechas, e ela sentiu Emma lhe lançar um olhar rápido. Vitória virou a cabeça para longe. Ela não queria que Emma a visse chorar. Ela fechou os olhos, tentando fingir que nada disso estava acontecendo, e que ela ainda era a garota que ela havia sido na viagem de ida para Bocket Hall.

Um objeto liso de metal foi colocado em sua mão.

— Posso sugerir um gole de conhaque, Madame? Descobri que é muito eficaz ante sofrimentos causados por... enjoos de viagem.

Vitória ergueu o frasco para seus lábios e sentiu o líquido ardente queimar

garganta abaixo. Ela tossiu com o choque, mas conforme o queimar inicial começou a se aveludar em um calor mais generalizado, ela o levou à boca outra vez.

Depois de seu terceiro gole, ela sentiu que podia dizer:

— Obrigada, Emma, o conhaque é de ajuda imensa.

— Sempre tenho um pouco comigo quando viajo, no caso de necessidade — mentiu Emma. Hedges havia pressionado o frasco em sua mão quando elas partiam.

Conforme Vitória sentia a maré quente atravessar seu corpo, a tristeza inicial começou a desaparecer, para ser substituída por uma onda esmagadora de cansaço. Dentro de um minuto ela havia pegado no sono, a cabeça caindo no ombro de Emma.

Para o alívio de Emma, Vitória dormiu por todo o caminho até o Palácio. Quando a carruagem passou pelo Marble Arch, Emma viu Lehzen parada na porta, seu rosto tenso de preocupação. Conforme a carruagem parava, Vitória acordou em um arranque. Com um baque triste, Emma viu o rosto da jovem Rainha se contorcer conforme se lembrava do que lhe acontecera. Ela sinalizou para Lehzen vir ajudar. Antes que Vitória tivesse uma chance de falar, Emma disse:

— A Rainha está bastante exausta da viagem. Ela precisa ir direto para a cama. Com um pouco de bebida negus, talvez.

Conforme Vitória descia da carruagem, ela quase se atirou nos braços de Lehzen. Emma viu no rosto da governanta a simpatia, mas também um pequeno lampejo de triunfo.

Capítulo Seis

Leopoldo se certificava de ser informado de tudo que acontecia no Palácio, então as notícias da excursão de Vitória para Bocket Hall chegaram a ele antes do jantar de seu valete, que havia sido informado por Brodie, o mensageiro. Leopoldo, portanto, não estava surpreso, mas de fato bastante aliviado quando sua sobrinha não apareceu naquela noite. Era agradável comer uma refeição em que ele poderia terminar cada prato em paz, e ele sentia que a decisão de Vitória de ficar em seu quarto sugeria que sua missão, qualquer que fosse, não fora bem-sucedida.

Na manhã seguinte, ele encontrou sua irmã caminhando nos jardins. Ela parecia preocupada.

— Você sabe aonde Vitória foi ontem? Ninguém me diz, e agora ela está em seu quarto se recusando a ver qualquer pessoa.

Leopoldo olhou para a irmã. Ele decidiu não lhe contar a respeito de Bocket Hall. Se a visita não havia sido bem-sucedida para Vitória, então a Duquesa com certeza diria algo insensível, e Leopoldo não queria que a rixa entre mãe e filha se estendesse mais ainda.

— Por que não vamos vê-la juntos? Custa a crer que ela vai se recusar a ver nós dois. É importante, creio, que falemos com ela a respeito de Alberto. É hora de ele vir para a Inglaterra.

— Querido Alberto, um garoto tão bom. Ele me lembra tanto você naquela idade.

Leopoldo sorriu.

— Sim, creio que Alberto se saiu muito bem. Ele é um Coburgo verdadeiro.

Eles encontraram Vitória deitada em uma espreguiçadeira em sua sala de estar, agarrada a Dash como uma garrafa de água quente. Lehzen tentou impedi-los de entrar, mas a Duquesa apenas a empurrou e entrou na sala de estar, seguida por Leopoldo.

— Aonde você foi ontem, Drina? Ninguém sabia me dizer onde você

estava. Eu estava tão preocupada, pensei que algo havia acontecido.

Vitória não olhou para eles. Quando ela falou, sua voz estava fria, sem emoção ou expressão.

— Não importa, Mamãe.

Leopoldo aproximou-se da espreguiçadeira para encará-la. Ele olhou para seus olhos inchados e disse com gentileza:

— Aonde quer que tenha ido, parece que não ficou feliz.

Vitória virou o rosto para longe. Leopoldo continuou com suavidade:

— Eu me pergunto se essa é uma boa hora para falar da visita de seus primos de Coburgo.

Vitória não disse nada, mas Dash deu um latido, como se estivesse sendo apertado com força demais.

— Não? Nesse caso, vou me dedicar a preparar-me para o baile da Duquesa de Richmond. Estou bastante contente com minha fantasia. Por favor, não me pergunte o que estarei vestindo; quero que seja uma surpresa deliciosa.

Dash, que naquele momento tinha começado a associar Leopoldo com o tratamento cruel e incomum nas mãos de sua ama, começou a latir para o Rei dos Belgas, e Leopoldo decidiu sair. Ele tinha uma carta para escrever que deveria ser enviada de imediato.

A Duquesa se aproximou para se ajoelhar em frente a Vitória e colocou sua mão no rosto úmido de lágrimas.

— Minha querida Drina, por que está tão melancólica? Creio que seja porque está sozinha. Por favor, convide o querido Alberto para uma visita; ele seria um companheiro tão bom para você.

O lábio inferior de Vitória começou a tremer, mas mordendo-o com força, ela pegou uma almofada e a atirou para o outro lado do cômodo, onde derrubou uma harpa pequena num canto, fazendo com que caísse no chão com um estrondo de cordas chacoalhando.

Vitória olhou com selvageria para a mãe.

— Não quero um garoto estúpido como Alberto, Mamãe! Nem ninguém mais. — Ela se levantou e foi para o quarto, batendo a porta atrás de si.

Sua mãe ficou perplexa, perguntando-se se deveria bater à porta e pedir para entrar, mas então viu Lehzen a observar e decidiu que não queria se humilhar na frente da governanta.

— Drina está fora de si hoje, Baronesa. Ela estaria muito mais feliz se tivesse um marido, creio eu, e crianças para amar.

Lehzen disse:

— Tenho certeza que tem razão, Madame, mas é claro que você se lembra que não sou uma especialista nessas questões.

Quando a Duquesa partiu, Lehzen bateu com gentileza à porta do quarto.

— Você pode sair agora, Majestade; todos foram embora.

Nenhuma resposta veio do outro lado da porta. Apenas quando Dash desistiu de perseguir Leopoldo e começou a choramingar e arranhar para ser autorizado a entrar, a porta foi aberta, mas apenas o cão foi admitido.

Ainda assim, Lehzen continuou em pé junto da porta. Parecia ser a única coisa que ela poderia fazer para proteger sua ama. O sentimento foi confirmado quando alguns minutos depois ela viu Conroy avançando pelo corredor em direção a ela.

Quando ele a viu, ele lhe deu seu sorriso mais opaco.

— Ah, Baronesa, você está de guarda? Para o caso de seu fardo desaparecer de novo? Ou ter ido para Bocket Hall desacompanhada, mas é claro que você sabia disso.

Lehzen não foi rápida o suficiente para esconder sua surpresa de que Conroy estava tão bem informado. Vitória não lhe havia dito que estivera em Bocket Hall, mas ela tinha suas suspeitas. Ela estava surpresa, no entanto, que Conroy o soubesse. Ela só podia imaginar que ele pagara dos servos.

— Não sou mais a governanta da Rainha, Sir John.

Conroy assentiu com a cabeça.

— Ou sua confidente, parece. Não somos nada além de brinquedos de príncipes, Baronesa, prontos para descarte ao seu bel prazer.

Havia uma nota um tanto melancólica em sua voz que fez Lehzen virar-se para olhá-lo.

— Você não deveria se preocupar, Sir John. Não creio que a Duquesa o descartará.

Sir John balançou a cabeça.

— Eu tinha tantas esperanças de trazer um pouco de rigor à monarquia. Mas em vez disso, permitiram que a “Rainha Vitória” — a voz dele pingava desdém — abusasse da boa vontade do país em uma série de episódios sórdidos. E perseguir Melbourne até Bocket Hall é mais um erro vergonhoso.

A Baronesa se virou para Conroy.

— Você não tem nenhum direito de falar da Rainha desta maneira.

— Mas por que não? Como você, eu cuido dela desde que era uma garotinha. Quero que ela seja uma grande Rainha, não uma vergonha para seu país. — Ele olhou para a porta e suspirou. — A única esperança agora é que ela se case com um homem que a possa controlar. — E com isso, Conroy tratou de se afastar sem esperar pela resposta de Lehzen.

Conroy ficou seriamente perturbado pelas notícias de que a Rainha visitara Bocket Hall. Ele conseguia apenas imaginar o porquê de ela abandonar o protocolo e decoro para visitar seu Primeiro-Ministro incógnita em sua casa do interior. Apesar de ele haver observado com desânimo sua paixãoite crescente por Melbourne, nunca lhe havia ocorrido que ela poderia considerá-lo como um marido em potencial. Com certeza até mesmo uma Rainha de dezenove anos conseguiria não ser tão tola a ponto de imaginar que poderia se casar com um cinquentão roué e notório libertino para lhe transmitir uma coroa. Isso sem mencionar que ele era seu Primeiro-Ministro e seu subordinado.

Não poderia haver marido mais inadequado na Europa inteira, um fato que era óbvio para todos exceto quiçá para a própria Rainha. Vitória de fato precisava era se casar com um príncipe como Alberto de Saxe-Coburgo-Gota. O príncipe era um rapaz sério que escutaria conselhos de sua tia, a Duquesa, e, ele pensava, do conselheiro de sua tia. Graças a Melbourne, era tarde demais para influenciar Vitória de forma direta, mas Conroy via um vislumbre de esperança na forma complacente do Príncipe Alberto.

Em primeiro lugar, no entanto, ela deveria ser convencida a se casar com ele. Esse era o objetivo da visita de Leopoldo, é claro, mas até o momento

tudo que ele parecia ter alcançado era dirigir Vitória para os braços de Lorde Melbourne.

Conroy se perguntava como o Primeiro-Ministro havia reagido à visita da Rainha. Alguns homens não teriam hesitado em tirar vantagem da situação, mas por mais que ele desgostasse de Melbourne, Conroy não acreditava que ele fosse um desses homens. Conroy não gostaria de mais nada além de poder julgar Melbourne, mas seu comportamento em relação à Crise dos Aposentos Reais demonstrava que, em crises, ele sempre colocaria seu país na frente de sua inclinação pessoal.

Ainda assim, se Vitória o havia pedido em casamento e ele recusado, sua posição agora seria das mais esquisitas. De fato, a única coisa para aliviar a vergonha seria que o governo Whig caísse ou, ainda mais provável, a Rainha se casasse. Conroy sorriu para si mesmo. Se Melbourne decidisse que estava nos melhores interesses da Rainha que ela se casasse, então um casamento parecia bastante provável.

A questão era para qual dos vários candidatos à mão da Rainha Melbourne daria preferência? Ele não apoiaria o Grão-Duque russo, pois a perspectiva de um casamento entre dois Soberanos não apelaria às suas sensibilidades políticas. Não serviria sempre à Rússia e à Grã-Bretanha que fossem aliadas, e eles não poderiam ser algo mais além disso se seus monarcas fossem esposo e esposa. Era provável que Melbourne fosse favorecer um par inglês, mas as oportunidades estavam limitadas a seus primos de primeiro grau: o filho cego de Cumberland e o Príncipe Jorge de Cambridge. A cegueira significava que o filho de Cumberland não era apropriado, uma opinião claramente compartilhada pelo próprio pai, cuja proteção ao Príncipe Jorge não tinha passado despercebida a Conroy. Mas Jorge era um garoto tão baço, e, além disso, tinha sido ouvido nos clubes resmungando que não queria se casar com a anã real. Conroy se perguntava se Melbourne havia escutado esses rumores, e se nesse caso seria sábio alertá-lo para a inaptidão de Jorge como noivo.

Dadas as relações menos que cordiais entre ele mesmo e Melbourne, Conroy decidiu ver o que aconteceria no baile naquela noite. Jorge estaria ali, e se houvesse qualquer sinal de Vitória o favorecer, Conroy interviria. Mas ele duvidava que seria necessário. Vitória era uma garota tola, mas não tola o suficiente para não poder ver que o Príncipe Jorge era um pateta de primeira

classe.

Pela primeira vez desde que Melbourne havia retornado como Primeiro-Ministro, Conroy começou a se sentir esperançoso outra vez. Melbourne chegaria a ver as vantagens da união da Rainha com Alberto, e uma vez realizado o casamento, Conroy estaria numa condição privilegiada para orientar o noivo ante as dificuldades de sua posição. É claro que Leopoldo tinha uma grande influência no Príncipe Alberto, mas ele teria de retornar à Bélgica mais cedo ou mais tarde. Havia muito para fazer, e ainda poderia haver uma forma de fazê-lo.

Ele encontrou a Duquesa em seus aposentos experimentando suas vestes para o baile. Ela estava vestida como uma personagem de *Commedia dell'arte*, com uma capa negra, um chapéu de tricórnio e uma máscara dourada que cobria a maior parte de seu rosto. Ao vê-lo, ela baixou a máscara e sorriu com prazer.

— O que você acha de minha fantasia?

— Creio que está esplêndida, exceto pela máscara. É uma vergonha cobrir um rosto tão encantador quanto o seu.

A Duquesa riu com alegria.

— Você está sendo tolo, Sir John. Ninguém quer olhar para mim.

— Perdoe-me, mas você está errada a respeito disso. Eu, por exemplo, quero olhar para você, e muito.

A Duquesa estendeu o pescoço com prazer ante aquele elogio, como uma gata.

— Você está sendo absurdo, Sir John, mas não posso dizer que não é agradável ser notada.

— Como alguém poderia fazer outra coisa?

A Duquesa agitou a cabeça.

— Minha filha mal sabe que existo.

Conroy tomou sua mão e olhou em seus olhos.

— Isso mudará quando Vitória se casar com Alberto. Ele a fará entender quanta sorte ela tem de ter tal mãe.

— Mas ela diz que nunca vai se casar com Alberto, ou com ninguém mais.

— Moças jovens com frequência dizem coisas em que não acreditam.

— Talvez. Mas como tem tamanha tendresse pelo seu Lorde Melbourne, creio que será difícil para ela sentir afeto por outra pessoa.

— Moças jovens são conhecidas por mudar de ideia, Madame.

— Espero que sim.

— Eu também. Meu maior desejo é que você tome seu lugar legítimo como a Rainha-Mãe.

A Duquesa suspirou.

— Oh, Sir John, o que eu faria sem você?

Skerrett pegou a longa peruca vermelha e a ajustou na cabeça de Vitória.

— O que você acha, Madame?

Vitória olhou para cima e se observou no espelho. O cabelo vermelho não lhe caía bem por completo, mas o que isso importava agora? Ela decidira algum tempo atrás ir ao baile da Duquesa de Richmond fantasiada como Rainha Elizabeth, mas agora, ela pensava, havia uma presciência melancólica em sua escolha. Parecia que ela também seria uma rainha virgem, incapaz de encontrar um homem pelo qual se interessasse o suficiente para se casar e que correspondesse aos seus sentimentos.

— Creio que parece muito apropriado.

Ela não queria ir ao baile de maneira alguma. Ela estivera escrevendo uma mensagem à Duquesa para dizer que não se sentia bem, quando Lehzen lhe disse que o Grão-Duque iria, o que a fez pensar que não comparecer poderia causar um incidente diplomático. Além disso, o Grão-Duque era um excelente dançarino. Não tão bom quanto Melbourne, é claro, mas ela nunca dançaria com ele outra vez.

Skerrett prendeu a peruca no lugar, então estendeu o vestido com a estrutura de apoio tão pesada e tão dura que conseguia ficar em pé sozinho. Vitória entrou no vestido, e a modista começou a fechar os ganchos na parte de trás. Quando terminou, Vitória estava surpresa com o peso de sua fantasia. Ela percebeu que havia algo bastante militar no corpete rígido encrustado de joias e no peso da saia. Era mais uma armadura do que um vestido de baile, e o

pensamento lhe dava conforto.

Skerrett lhe entregou um longo colar de pérolas com um pingente de rubis, que tinham contra o corpete cheio de joias como uma espada. Por um breve momento, Vitória pensou em quão esplêndido seria carregar uma arma: saber que uma pessoa poderia resolver as coisas não com palavras, mas com feitos. Ela se lembrou do discurso de Elizabeth em Tilbury, o discurso em que ela falou a respeito de ter o corpo de uma mulher frágil, mas o coração e a mente de um rei. Ela se imaginou dizendo essas palavras sentada em um palafrém em frente a suas tropas.

A porta se abriu e um laçao entrou, carregando um corsage de orquídeas em uma bandeja de prata.

— Com os cumprimentos de Lorde Melbourne, Vossa Majestade.

Vitória olhou incrédula para as flores brancas cerosas. Lorde M lhe estava enviando flores depois do que havia se passado entre eles?

— Você gostaria que eu as pusesse em você, Madame? Vitória balançou a cabeça.

— Não. Não creio que usarei flores na noite de hoje. Elas não combinam com minha fantasia,

— Nesse caso, Madame, vou sair e buscar a coroa.

Vitória ficou em pé sozinha olhando para si mesma no espelho. Ela agora tinha de lidar com a possibilidade de que Melbourne estivesse ali naquela noite. Ela imaginara que ele se manteria à distância, mas as flores sugeriam o contrário. Como ela poderia encará-lo? Mas talvez fosse melhor vê-lo junto de uma multidão, onde eles não teriam de falar um com o outro, do que encará-lo pela primeira vez quando examinassem as caixas vermelhas.

Em sua penteadeira estava a miniatura de Elizabeth que Lehzen lhe dera. Vitória a pegou e comprimiu a boca na mesma linha dura da mulher retratada. Ela estava tão mergulhada em sua personificação que não notou Emma Portman entrar atrás dela.

— Quão esplêndida está, Madame.

Vitória se virou. Emma, vestida como Diana, a Deusa da Caça, carregava um arco e uma aljava de flechas com pontas de ouro.

— Você acha mesmo?

— Sim, Madame. Apesar de estar talvez um pouco austera. Vitória descontraiu o rosto.

— Estava tentando me parecer com este retrato. Ela não parece muito feliz.

— Creio que o pintor não captou sua expressão verdadeira. Segundo todos os relatos, ela tinha um grande senso de humor.

Emma viu as flores pousadas na mesa.

— Que flores belas. Oh, aqui há uma orquídea. De onde vieram?

Vitória não olhou para Emma ao responder:

— Bocket Hall. Emma arfou.

— Mas eu pensei que William havia fechado as estufas depois que Caro... Ele deve tê-las aberto outra vez para você.

Vitória voltou-se para olhar para Emma e disse devagar:

— Não creio que ele faria alguma coisa por mim.

Emma balançou a cabeça.

— Você sabe o quão difícil é cuidar de uma orquídea? Você o julga mal, Madame.

— Lorde Melbourne só se importa com a memória de sua esposa.

Houve uma pausa e então Emma disse com gentileza:

— É isso o que ele lhe disse, Madame?

Vitória assentiu com a cabeça. Ela achava que não conseguiria falar.

Emma hesitou; ela sabia que poderia ser mais político deixar a Rainha crer na ficção de Melbourne, mas ao ver a infelicidade no rosto da outra mulher, não pôde se conter.

— Então é nisso que ele quer que você acredite. Mas essas flores, Madame, bem... creio que não são um sinal de indiferença. — Ela suspirou.

Vitória se virou de costas, e Emma escapuliu do cômodo.

As orquídeas brilhavam sob a luz de velas. Vitória ergueu o corsage e olhou para as flores exóticas. Emma dissera que ele as cultivava especialmente para ela. Ela encontrou o broche sob o buquê e prendeu o

corsage ao seu corpete.

Skerrett entrou com a réplica do diadema de Elizabeth.

— Está pronta, Madame? A carruagem aguarda. Vitória olhou para o diadema posto sobre sua peruca.

— A Rainha Elizabeth está pronta.

O baile na Syon House deveria ser o mais magnífico da estação. As pedras cor de mel da casa estavam iluminadas por fileiras de lanternas chinesas que também pontuavam os jardins que levavam até o rio Tâmis. Descendo pelos jardins havia centuriões romanos com deusas clássicas, Madame de Pompadour com Luís XV, bobos da corte com jovens escravas circassianas, cavaleiros medievais com Titânia, Rainha das Fadas. Todos os tipos de monarquia — francesa, romana, egípcia — estavam representados, exceto, é claro, a inglesa; como a Rainha era esperada, seria traição tipo *lèse-majesté* vir como um de seus ancestrais.

Vestida de Circe, a feiticeira que havia enganado Odisseu, a Duquesa de Richmond estava em pé no topo da escadaria grande que desembocava no salão de baile, para cumprimentar os convidados. Seu marido, o Duque, estava vestido como um Guarda da Torre de Londres; ele não quisera vestir uma veste chique de forma alguma, mas sua esposa insistiu, e essa fantasia era inglesa, ao menos.

Leopoldo viera como Imperador Augusto, uma fantasia que ele supunha refletir bem o status. Ele só desejava que uma coroa de louros ainda fizesse parte das vestimentas modernas. Afinal, ela refletia muito bem o seu perfil. Seu prazer foi estragado apenas momentaneamente quando viu que o Duque de Cumberland também viera como o primeiro imperador romano; mas seu frisson de desprazer logo se tornou satisfação ao ver quão mais belas as suas pernas ficavam em uma toga. As de Cumberland eram gambitos descarnados, e se um homem quisesse mostrar suas pernas na idade deles, era essencial ter panturrilhas em forma. Junto a Cumberland, vinha sua esposa, vestida de Lady Macbeth, completa com punhal, e Príncipe Jorge, que veio como Cavaleiro da Távola Redonda.

Olhando em torno à procura da irmã, Leopoldo a viu do outro lado do recinto com Conroy. Os dois haviam vindo como personagens da *Commedia dell'arte* veneziana e portavam máscaras: a dela, dourada, a dele, negra.

Leopoldo suspirou. Era pouco sábio de sua irmã declarar sua aliança a Conroy de uma forma tão pública, mas tanto mãe quanto filha tinham, infelizmente, a tendência de, como os ingleses costumavam dizer, expor seus sentimentos em demasia.

Os convidados se dispersavam pelo salão de baile, vazando pelas portas francesas para os jardins abaixo. A orquestra tocava no fundo, mas as danças não poderiam iniciar até que a Rainha chegasse para abrir o baile. Um grande número de ninfas e pastores de cabras torciam para que ela não se atrasasse.

Houve uma onda de empolgação com a chegada do Grão-Duque. Ele e seus convidados estavam vestidos como cossacos, em camisas brancas abertas no pescoço e calças volumosas enfiadas em botas altas vermelhas. Ao redor de suas cinturas eles vestiam faixas com muitos bordados, de cujos punhos de prata gravados apontavam punhais. Nas cabeças, vestiam gorros tipo chapka, ou chapéus de astracã. Conforme o grupo de cossacos andava de forma emproada pelo recinto, havia uma empolgação entre as ninfas e um certo sentimento, da parte dos bobos da corte e dos arlequins, de terem sofrido um golpe baixo. Roupas chiques eram aceitáveis sob a premissa de que todo mundo se parecesse um tanto ridículo, mas as fantasias russas apenas realçavam seu glamour nativo. Príncipe Jorge de Cambridge, vestido de Sir Lancelot, sentia ter escolhido uma fantasia aceitável para um oficial da guarda, mas agora se arrependia da cota de malha tricotada e de sua couraça desconfortável e lançava olhares cobiçosos para as botas vermelhas dos cossacos. Conforme o Grão-Duque e sua comitiva passavam, ele fez uma reverência quase inadequada, mas descobriu que a cota de malha prendia os pelos do pescoço, e passou um momento desconfortável tentando erguer a cabeça. Cumberland, que estava parado atrás dele, deu-lhe um cutucão entre as escápulas que foi dolorosíssimo e rosnou em seu ouvido:

— Essa é uma grande oportunidade de encantar sua prima. Em minha juventude, eu sempre notava que moças eram mais receptivas quando dançavam. Carpe diem, Jorge. Carpe diem. Você deve ser o mais atencioso que puder.

Jorge tentou afastar da mente o pensamento de um jovem Cumberland sendo atencioso com as damas, e resmungou:

— Vou estar junto dela como uma maldita lapa, tio, mas tudo depende dela.

O que eu posso fazer, ela é a Rainha e tem que tomar uma atitude. Não posso abordá-la como faria com uma mulher comum. — Ao dizer isso, seus olhos fugiram para uma ninfa de olhar núbil que ele julgou que sorria para ele do outro lado do salão de baile. Cumberland disse com aspereza:

— Bobagem! Coração fraco nunca ganhou uma bela moça, garoto. Ela é uma garota de dezenove anos e você é Sir Galahad.

Jorge olhou para seu tio, cuja vantagem de altura em relação a ele era irritante, e disse:

— Sir Lancelot, na verdade. Cumberland deu de ombros:

— Não ligo para quem é desde que troque olhares com ela e não com aquela ninfa detestável!

O champanhe e as taças de tinto circulavam de forma livre, o que apenas exacerbava sua ansiedade: onde estava a Rainha? Um rumor circulava que ela estava indisposta; a empregada da dama de alguém ouvira isso do cocheiro de Lady Portman, e a tensão no ar, em especial entre as ninfas, era palpável.

Mas então o recinto entrou em silêncio e o relógio podia ser ouvido soando onze horas. Vitória, vestida como Gloriana, aparecia na entrada com Emma Portman e Lehzen, que vieram como donzelas do Reno, atrás dela. A Duquesa a cumprimentou com uma medida, sua fantasia diáfana de Circe revelando uma boa parte da coxa. O Duque quase deixara cair seu báculo em surpresa; ele não havia visto tanto da coxa de sua esposa em anos.

— Bem-vinda à Syon House, Vossa Alteza — disse a Duquesa, muito emocionada com a presença de realeza em seu baile para perceber que suas pernas estavam sendo exibidas aos convidados. Vitória, que havia notado, teve pena dela.

— Estou muito feliz de estar aqui. E, Duquesa, que fantasia encantadora. Posso apalpar o material: seria seda? — Inclinando-se para frente para tocar a seda plissada, ela arrumou as camadas da saia de forma hábil para cobrir as pernas da Duquesa.

— Eu a mandei trançar em Veneza, Madame.

— O drapejado está tão lindo.

A Duquesa sorriu com prazer e esperou que sua arquirrival Lady Tavistock

tivesse ouvido a conversa; ela estava ansiosa para contar a respeito da conversa mais tarde. Emma Portman sorriu para Lehzen. Era reconfortante ver que sua líder era capaz de se portar com tamanho tato, uma qualidade que na opinião de Emma não poderia ser superestimada.

Antes que Vitória pudesse dar um passo na escadaria que descia para o salão de baile, Leopoldo se pôs ao seu lado. Como ele era, em sua opinião, o único outro monarca reinante presente, o Grão-Duque sendo apenas o herdeiro ao trono, ele queria garantir seu direito de conduzi-la ao baile, de preferência a Cumberland, que, como Rei de Hanover poderia imaginar ser detentor do mesmo privilégio. Ele chegou ali bem a tempo e lançou um pequeno olhar de triunfo ao tio paterno da Rainha ao tomar a mão de Vitória e levá-la para a dança.

— Você está esplêndida, Vitória. Creio que está vestida como uma de suas antecessoras reais.

— Elizabeth Tudor, a Rainha Virgem.

Leopoldo estremeceu de leve ante a ênfase de Vitória, mas ela continuou a encará-lo com seus olhos azuis gélidos.

— Creio que tenho muito que aprender com Elizabeth. Ela não se permitia ser controlada por ninguém.

— De fato. Mas eu a prefiro como Rainha Vitória, minha querida sobrinha.

Eles continuaram a dançar em silêncio, e então Leopoldo notou as flores presas ao corpete de Vitória.

— Que flores exóticas. Não creio ter visto uma flor como essa antes.

— Elas se chamam orquídeas, tio. Elas vêm do Oriente e são extremamente difíceis de cultivar.

Leopoldo olhou para as flores, e então para o rosto de sua sobrinha, percebendo algo em seu tom que o perturbou.

— Mas de onde vêm suas orquídeas, Vitória? Não creio que tenham vindo do Oriente.

— Não, essas orquídeas foram criadas nas estufas de Bocket Hall. — Vitória olhou por cima do ombro de seu tio como se estivesse buscando por alguém.

Leopoldo não disse nada; ele sabia por quem sua sobrinha buscava, mas se garantiu que a carta que enviara naquela manhã a Coburgo em breve resolveria aquela situação.

Conforme a música se encerrava, Leopoldo acompanhou Vitória para fora da pista de dança, onde ela foi de imediato abordada pelo Grão-Duque na esquerda e pelo Príncipe Jorge na direita. Jorge, que imaginava que Lancelot teria apreciado beber champanhe, estava com os pés ainda um pouco instáveis, mas ainda assim conseguiu aproximar-se da Rainha antes.

— Prima Vitória! Ou devo dizer Prima Elizabeth? Posso convidá-la para esta dança? — Ele tentou fazer uma reverência lenta e, supunha ele, cavalheiresca.

Antes que Vitória pudesse responder, o Grão-Duque estava ao lado dele beijando a mão estendida de Vitória.

— Poderia um cossaco dançar com a Rainha?

Vitória olhou para seus dois pretendentes. Ela não tinha vontade de dançar com nenhum deles, mas o Grão-Duque era sem dúvida dos males, o menor. George era desastrado em seus melhores momentos, e ela pensava que seus próprios pés não sobreviveriam à armadura dele.

Ela fingiu consultar o cartão com a programação de danças, o programme du bal, e então sorriu aos dois homens:

— Entendo que cossacos podem ser perigosos se contrariados, então dançarei com você primeiro e depois com você, Sir Galahad.

Jorge parecia amuado:

— Na verdade, sou Sir Lancelot.

Vitória não o ouviu conforme era levada para a pista de dança pelo Grão-Duque, que estava dançando muito melhor do que ela se lembrava. Ele a lançava em um giro complicado quando ela viu com o canto do olho a figura cuja chegada ela vinha esperando com uma mistura de empolgação e pavor. Melbourne viera como um cortesão elisabetano, o Conde de Leicester, vestido de gibão e calça apertada. Ele sabia que ela estaria no baile vestida de Gloriana, então essa escolha de fantasia fez seu coração se apertar. Ela tropeçou um pouco, e o Grão-Duque estendeu a mão para ampará-la.

— Talvez meus modos cossacos sejam muito duros para você.

— De maneira alguma. Foi minha culpa; eu me distraí. O Grão-Duque sorriu, exibindo os dentes brancos.

— Distrair-se? Enquanto dança com um cossaco? Espero que tenha sido por seu Sir Galahad; eu sentiria grande prazer em usar meu amigo aqui para vingar minha honra. — Ele deu um tapinha no punhal em seu cinto.

Vitória riu com deleite exagerado, sabendo que Melbourne estaria assistindo.

— Apesar de me dar grande prazer vê-lo desafiar meu Primo Jorge, devo lembrá-lo que duelar neste país é ilegal.

— Isso é muito ruim. Creio que seu primo se beneficiaria de um encontro com um cossaco.

— Tenho certeza que sim.

Então o Grão-Duque inclinou-se para frente e disse com uma voz mais gentil:

— Se não é seu primo que a distrai de mim, então deve ser outra pessoa. Não vejo ninguém mais aqui que seja um candidato adequado à sua mão. — Ao ver a expressão no rosto de Vitória, ele acrescentou: — Mas talvez ele seja um candidato inadequado. Vitória corou sentindo-se confusa.

— Sinto muito em envergonhá-la. Mas não podemos amar a quem queremos, eu e você. Ou ao menos podemos amar, mas não podemos nos casar.

— Creio que jamais me casarei.

— Não? Talvez tenha razão. É melhor reinar sozinha do que se casar sem amor. — O Grão-Duque baixou os olhos para ela e suspirou. — Mas você, creio, tem uma escolha enquanto eu não.

Vitória viu uma sombra cruzar seu rosto.

— Ninguém pode forçá-lo a fazer alguma coisa.

— Você não conhece meu pai, seu estimado padrinho. Ele tem ideias muito definidas a respeito de meu casamento. Meus desejos não lhe importam nem um pouco. — Ele lançou a Vitória um olhar que pretendia transmitir a possibilidade de ela ter sido um de seus desejos.

Vitória sorriu e estava prestes a dizer algo quando a música parou. Conversas privadas se tornaram impossíveis quando o Príncipe Jorge, incitado à ação por seu tio, se aproximou para reclamar seu prêmio.

— Creio que essa seja minha dança.

Vitória lançou um olhar para onde Melbourne conversava com Emma Portman. Satisfeita de que ele olhava para ela, ela tomou a mão estendida de Jorge com um sorriso radioso.

Emma viu a manobra da Rainha e disse a Melbourne:

— Espero que a Rainha Elizabeth tenha guardado uma dança para o Conde de Leicester. Eles eram devotados um ao outro, creio eu.

Melbourne lhe olhou torto.

— Você está muito bem informada, Emma, como sempre. Mas não creio que a Rainha tenha tempo para dançar com um velho.

— Ah, creio que ela poderia conceder-lhe uma dança, pelo bem do Conde de Leicester.

— Tenho dúvidas... — Melbourne olhou para onde Vitória dançava com Jorge, um sorriso radiante no rosto.

— Que belas flores ela está usando, William. Elas devem ser de um admirador.

— Sim, Emma, suponho que sim.

Os pés de Vitória estavam esmagados ao final de sua dança com Jorge. Ele havia pisado neles em cada rodopio, e parecia ignorar o fato de que seus pés estavam revestidos de armadura. Sua conversa havia sido igualmente desajeitada.

— O baile está muito esplêndido, não? — Vitória havia perguntado, pensando que deveria dizer alguma coisa.

Jorge franziu a testa e pisou em seu pé outra vez.

— Sim. Uma mostra toleravelmente boa, suponho, mas se você de fato quer ver algo esplêndido, você deveria ir a um de nossos bailes do regimento. Eles são algo impressionante.

— Mesmo?

— Sim. De fato, seria muito bom se você viesse ao próximo. Meu regimento ficaria ansioso para dançar com a Rainha.

— Não tenho certeza se posso prometer dançar com todos eles — disse Vitória, estremeando quando ele pisou em seu pé mais uma vez.

— Ah, você não teria de dançar com os oficiais subalternos. Eles não esperariam isso.

Vitória ergueu uma sobrancelha.

— Mesmo? — ela repetiu.

Jorge não ouviu o tom de advertência em sua voz e seguiu com alegria descrevendo os esplendores de seu regimento, e como ela representaria uma vantagem incrível para sua posição entre seus colegas oficiais.

Quando a música parou, Vitória viu, para seu horror, que Jorge estava prestes a guiá-la para a próxima dança.

— Você deve me dar licença, Jorge, creio que vou ficar sentada durante esta.

— Então permita-me acompanhá-la.

— Não é necessário. Não quando há tantas ninfas esperando poder dançar com Sir Galahad.

— Na verdade, Vitória, sou Sir Lancelot.

Vitória sorriu e tomou seu caminho para a sala de descanso. Lehzen chegou ao seu lado de imediato.

— Você está bem, Majestade?

— Apesar de meus pés, que podem nunca mais se recuperar da dança com o Príncipe Jorge.

No cômodo de Descanso, ela olhou para si mesma no espelho e arrumou a peruca. Havia cor em seu rosto após as danças. Ela olhou para os galhos de flores no seu peito; as pétalas das orquídeas pareciam frias e intocadas. Ela se perguntou se falaria com Melbourne naquela noite. Ela decidiu que se ele a abordasse, não o ignoraria, mas não faria nada ela mesma. Ela não olharia para ele, muito menos sorriria. As coisas não poderiam ser como haviam sido.

Ao sair do cômodo de Descanso, com Lehzen caminhando atrás dela, ela

viu Cumberland e Jorge parados de costas para ela.

— Por que você não está com ela, Jorge? Cada momento é precioso. Você não quer ser o homem mais poderoso no país? — Cumberland apontava seu dedo para Jorge. Mas Jorge, que havia obviamente passado o intervalo desde sua última dança se refrescando com um copo de tinto, oscilou de leve e disse:

— Não serve de nada, tio. Mesmo que eu fosse o marido de Vitória, eu nunca seria o mestre na casa. Não quero passar o resto da minha vida como parceiro de dança de uma anã.

Lehzen, que também estava escutando essa troca, soltou uma exclamação de repugnância, o que fez com que ambos os homens se virassem. Vitória teve a satisfação de ver seus rostos congelarem enquanto registravam a presença dela. Ela passou por eles caminhando sem olhá-los, e conforme ela os deixava para trás, ela ouviu Cumberland dizer em fúria:

— Sir Lancelot, de fato!

Vitória viu Lorde Alfred Paget do outro lado do salão de baile tomando o rumo na direção dela, mas antes que ele a alcançasse, ela ouviu a voz que estava esperando.

— Você me daria a honra, Madame?

— Temo que prometi essa dança para Lorde Alfred.

— Espero que haja um espaço em sua programação, para mim.

Vitória fingiu outra vez consultar seu programme du bal. Alfred de imediato viu que ele estava de trop e fez uma pequena reverência para Vitória.

— Se me dá licença, Madame, dessa dança. Creio que nossa anfitriã precisa de minha ajuda. Espero que Lorde Melbourne tome meu lugar.

Melbourne olhou para Vitória e ela, temia que a voz lhe faltasse, apenas assentiu com a cabeça.

Eles dançaram em silêncio por um minuto ou dois. Melbourne conseguia sentir Vitória tremer através da carapaça pesada de seu vestido. Enfim, ele disse:

— Vejo que não lhe faltaram parceiros, Madame. Eu a vi dançar com o Príncipe Jorge. Espero que ele tenha sido atencioso o suficiente.

— Creio que ele quer dançar com a Rainha, mas não necessariamente

comigo — disse Vitória. — Eu o entreouvi dizer ao Tio Cumberland que não queria passar o resto da vida como companheiro de dança de uma anã.

— Então ele é um tolo maior do que eu imaginava que fosse — disse Melbourne com raiva. Ele olhou para Vitória com mais proximidade. — Você não pode ser insultada por um homem de inteligência tão limitada.

— Talvez ele estivesse apenas dizendo a verdade como a via.

Melbourne balançou a cabeça.

— Ele é um idiota, e você não deve prestar atenção a ele, Madame.

— Você crê que ele é um idiota porque não escolhe ser meu marido? — disse Vitória, erguendo os olhos para Melbourne com desafio na mirada.

Melbourne não respondeu, mas quando a dança os fez se afastar, ele viu as flores presas ao seu vestido. Vitória corou com o olhar dele.

— Elas são muito belas. As flores.

Melbourne colocou sua mão um pouco mais longe ao redor de sua cintura.

— Então elas são merecedoras de você.

Vitória ouviu algo na voz dele que o fez se virar em confusão.

— Eu não sabia se dançaria com você na noite de hoje. Melbourne a olhou com atenção.

— Espero que a Rainha Elizabeth não deserte seu Leicester. Vitória ergueu uma sobrancelha.

— Leicester era seu companheiro?

Melbourne travou o olhar no dela.

— Ele era. Ele teve uma esposa primeiro, mas ela faleceu.

Vitória não afastou o olhar, apesar de a conversa lhe ser quase insuportável. O que ele queria dizer?

— Mas apesar de ele ser livre, eles nunca se casaram? — perguntou ela.

Melbourne pausou conforme faziam a volta numa esquina na pista de dança, e então em uma voz mais baixa, disse:

— Creio que ele e a Rainha sabiam que não estavam em posição de se casar. Por mais forte que fosse sua inclinação.

Vitória ergueu o olhar para seus olhos verdes melancólicos.

— A inclinação deles era muito forte? — ela disse com suavidade. Melbourne respondeu quase em sussurro.

— Sim. Creio que era.

Vitória sentiu seu coração inundar com alívio. Ele estava lhe dizendo que de fato se importava com ela, mas então ela suspirou porque ele também lhe dizia que nunca poderiam se casar. Ela não baixaria a guarda outra vez. Ela ergueu o queixo:

— Elizabeth foi uma grande Rainha. Quero aprender com seu exemplo. Melbourne assentiu com a cabeça, satisfeito que ela entendia.

— Ela teve um reinado longo e glorioso, Madame. Sem interferências. A música parou, e Melbourne soltou Vitória com uma reverência.

— E agora devo deixá-lo, meu Lorde Leicester — disse Vitória. — Prometi ao Grão-Duque deixá-lo me conduzir para o jantar.

Melbourne sorriu:

— Não posso ficar no caminho de um cossaco.

Após o jantar, Vitória dançou uma polca com Lorde Alfred, que tinha tanta leveza nos pés quanto facilidade na conversa. Eles saíram da pista rindo e sem fôlego, e antes que ela visse o que estava fazendo, Vitória se encontrou parada em frente a uma figura alta toda em negro exceto por sua máscara branca. Ele afastou a máscara do rosto e Vitória viu que era Conroy.

Ele abriu um sorriso, e com um floreio cortês ele estendeu a mão:

— Posso guiá-la em sua próxima dança, Madame?

Vitória hesitou, mas então pousou as pontas de seus dedos enluvados na mão dele.

Não era uma valsa, pelo que Vitória se sentia grata, mas um minueto, o que queria dizer que eles nem sempre tinham de estar em proximidade grande. Quando eles ficaram em pé, em oposição um ao outro no ápice do conjunto, Conroy disse:

— Eu me sinto honrado que dance comigo, Madame. Vitória viu conforme passavam um pelo outro na diagonal:

— Gostaria de entender o que minha mãe vê em você, Sir John. Conroy disse com voz plana:

— Creio que ela valorize minha companhia. Ela é viúva há muito tempo e, é claro, como sua mãe, ela não estava em posição para se casar outra vez.

Vitória cruzou para o outro lado do grupo de pessoas:

— Entendo.

Ao se aproximarem para passar sob a fileira de dançarinos, Conroy disse:

— Mas para você é diferente. O país necessita de um herdeiro ao trono e você precisa de um marido para controlar seu comportamento.

Ambos olhavam para frente e Vitória disse com firmeza, sem olhar ao redor:

— Mesmo, Sir John, e quem você recomendaria para me manter sob controle?

Eles se abaixaram sob os braços estendidos do casal na frente deles e, ao se erguerem, Conroy disse:

— Sua mãe crê que você ficaria feliz com seu Primo Alberto.

— E o que você acha, Sir John? — Vitória disse ao se afastar dele. Ao se reunirem, Conroy respondeu:

— Creio que é um rapaz sério, que entende os deveres de um monarca moderno. Ele não vai ser atingido por sentimentos ou loucura. E tenho certeza que entenderá o valor da experiência.

Vitória, que vinha tentando entender os motivos de Conroy ao recomendar um par com Alberto, começou a discernir seu plano.

— Entendo. E suponho que você imagine que ele irá precisar de um conselheiro.

Conroy deu um meio-sorriso ao se aproximar dela para formar um arco.

— Quem sabe, Madame? Afinal de contas, tenho alguma experiência nessas questões. Vitória baixou os braços e disse com voz baixa, porém com distinção:

— No momento, não tenho nenhuma pretensão de me casar, Sir John. Mas se tivesse, não seria com ninguém que escolhesse ser aconselhado por você.

Você pode ter minha mãe no bolso, mas você nunca, nunca, me terá.

Para sua surpresa, Conroy sorriu.

— Como você sabe, Madame, passei os últimos dezenove anos servindo sua mãe, mas talvez agora seja o momento de retornar à Irlanda. Tenho uma propriedade lá que foi muito negligenciada.

— Isso parece ser um plano excelente, Sir John. — Ela deu as costas para ele e se afastou da pista de dança. Mas Conroy não seria dispensado com tanta facilidade.

— Para fazer isso, eu precisaria de algumas garantias. Seria de todo mais confortável se eu pudesse retornar à minha terra natal com um prêmio de reconhecimento pelo serviço fiel que prestei à Coroa.

Vitória olhou para ele com desgosto:

— Esse tipo de recompensa envolveria um título, Sir John?

— Uma baronia poderia, creio eu, refletir o trabalho que tenho feito em seu nome e o de sua mãe. Mas, é claro, tal título teria de ser acompanhado com um estipêndio que permita que eu me mantenha de uma maneira que não trouxesse desgraça ao meu status.

Vitória assentiu com a cabeça. Apesar de parecer errado conceder qualquer coisa a Conroy, o pensamento de nunca ter de vê-lo outra vez valia qualquer valor de nobreza irlandesa. Ora, se ela soubesse que o preço dele era tão baixo, haveria sugerido isso no dia em que se tornou Rainha.

— Tenho certeza que podemos chegar a algum acordo, isto é, se você puder me garantir que sua aposentadoria será... permanente.

Agora era a vez de Conroy assentir com a cabeça, mas ele ainda tinha algo a dizer.

— Sabe, Madame, creio que minha partida será muito difícil para a Duquesa. Creio que sem mim, ela ficará solitária. Talvez se você lhe desse a atenção que merece...

Vitória ergueu a mão para sinalizar que escutara mais do que o suficiente.

— Sei como cuidar de minha mãe, Sir John. — Ela deu as costas para ele outra vez e caminhou para dentro do salão de jantar, espalhando ninfas e pastores no caminho.

A Duquesa, que observara a cena do lado do salão de baile, seguiu uma rota até Conroy.

— Você estava dançando com Drina! Eu não podia crer em meus olhos, mas agora ela caminha para longe de você. O que está havendo, querido Sir John? Ela o deixou bravo? Ela não sabe o quanto você faz por ela.

Conroy baixou os olhos para o rosto ansioso da Duquesa e sentiu a ânsia de o apaziguar na voz dela. Sua partida seria muito difícil para ela, ele sabia. E poderia haver momentos, ele pensou, em que sentiria sua falta, daquele jeito que ela tinha de erguer os olhos para ele e agitar as mãos. Sim, ele sentiria falta de sua devoção, mas até mesmo a sensação de ser adorado não poderia compensar uma vida sem poder. Conroy preferiria ir para casa, na Irlanda, enobrecido e rico, e se tornar o homem grande lá, do que permanecer aqui assistindo às oportunidades que deveriam ter sido dele esmagadas por aquela menina ignorante. Ele sabia agora que as coisas nunca melhorariam para ele ali. Mesmo se ela se casasse com Alberto, ela o impediria de exercer o tipo de influência que poderia trazer tanto benefício à monarquia. Ela era teimosa demais para algum dia mudar de ideia.

Não, ele voltaria à Irlanda e se tornaria um homem respeitável em um lugar onde essas coisas ainda importavam. Ele se perguntou se deveria dizer à Duquesa a respeito de sua decisão, mas conforme ele olhava nas profundezas de seus olhos azuis líquidos e sentia o toque de borboleta de sua mão no seu braço, ele pensou que talvez devesse esperar. Poderia ser melhor se certificar de que Vitória cumpriria suas promessas antes de engatilhar uma cena dolorosa. Sim, ele esperaria. Esse baile estava tão esplêndido que parecia tolo não o apreciar; não haveria tantas ocasiões como aquela em Ballymeena.

— Não há nada com o que se preocupar, Duquesa. A Rainha e eu tivemos uma conversa muito útil. Creio que clareou o ar entre nós. E agora eu gostaria de perguntar à mulher mais bela no recinto se ela me daria a grande honra de dançar comigo. — Ele estendeu a mão para a Duquesa, que a tomou com um sorriso que fez até mesmo as dobradiças enferrujadas do coração de Conroy se moverem.

Leopoldo, que observara a conversa de Conroy com Vitória com interesse, estava desapontado com a expressão de rendimento no rosto de sua irmã conforme ela era guiada pelo recinto por Conroy. Era hora de Conroy exercer

seu charme em outras partes. Seu olhar descansava com maior felicidade em sua sobrinha, que dançava com Alfred Paget. Pelo que Leopoldo havia visto de Lorde Alfred, ele não acreditava que sua sobrinha estava em algum perigo de sucumbir aos charmes desse companheiro de dança em particular. Mas onde estava Melbourne? Leopoldo o viu inclinando-se em um pilar, vestido como um cortesão elisabetano, uma fantasia que, Leopoldo notou com algum ressentimento, mostrava suas pernas em sua vantagem. Devagar, para que Melbourne não reconhecesse sua intenção e decidisse se afastar, Leopoldo rodeou pela pista de dança até se encontrar atrás do Primeiro-Ministro.

— Boa noite, Lorde Melbourne.

Melbourne se virou e tentou, não de forma muito bem-sucedida, disfarçar seu desgosto de ser abordado pelo Rei dos Belgas.

— Vossa Majestade.

Leopoldo deu um passo para um pouco mais perto e disse:

— Creio que minha sobrinha fez uma visita improvisada a Brocket Hall. Melbourne se virou para ele:

— Você é muito bem informado, senhor. Leopoldo sorriu.

— Observei que isso pareceu deixá-la um tanto desapontada. Talvez algo no clima de lá não funcionou com ela.

Melbourne olhou por cima dos dançarinos e disse em uma voz sem expressão:

— Não saberia dizer, senhor.

— Você deveria saber, Lorde Melbourne, que escrevi para meus sobrinhos Alberto e Ernesto na manhã de hoje. Eles estarão aqui em uma semana.

Isso fez Melbourne se virar, enfim sacudido a ponto de sair de sua neutralidade cansada:

— Sem a permissão da Rainha?

Leopoldo deu de ombros:

— São primos dela. Não creio que precisem de um convite oficial. E na minha opinião, o quanto antes vierem, melhor. — Ele colocou uma mão na cabeça para ajustar a coroa de louros. — Porque, como tenho certeza que sabe, Lorde Melbourne, a cabeça de uma jovem moça pode mudar de ideia

com muita facilidade.

Capítulo Sete

Vitória acordou na manhã seguinte com uma sensação que não conseguia identificar. Em geral, após um baile, ela ficaria na cama até o horário do almoço, mas naquele dia ela quase pulou da cama. Havia tantas coisas a fazer. Conforme ela caminhava pelo quarto com Dash em seus calcanhares, ela percebeu que a nuvem que pairava sobre ela desde sua visita a Brocket Hall tinha sumido. Os acontecimentos da noite anterior lhe haviam dado um novo sentimento de esperança. A conversa com Lorde M a respeito de Elizabeth e o Conde de Leicester a fizeram sentir que havia algum espaço para ela em seu coração independente do que ele pudesse dizer sobre sua esposa morta. Talvez eles não pudessem se casar, e Vitória reconhecia para si mesma pela primeira vez que, talvez, isso não fosse com exatidão o que ela queria. Um casamento seria muito difícil politicamente e, de uma maneira que ela não sabia muito bem explicar para si mesma, muito esquisito. Era suficiente, ela pensou, saber que ele se importava com ela da maneira que ela se importava com ele.

Ele havia dito que seria seu “companheiro”, assim como Leicester havia sido de Elizabeth. Isso havia sido um acordo que havia funcionado para a única grande Rainha da Grã-Bretanha até aquele momento, e Vitória não via motivos para fazer as coisas de um modo diferente. Leopoldo e sua mãe estavam sempre lhe dizendo que ela precisava se casar, mas ela acreditava que não precisava fazer nada do gênero. Ela seria outra Elizabeth, respondendo apenas a si mesma. Ela olhou no espelho ao dizer isso e estava satisfeita com o rosto que via ali. Resolução era o sentimento com o qual ela despertara; hoje ela faria o que queria. Sua primeira ação seria se livrar de Conroy. O que quer que ela tivesse de dar a ele para fazê-lo partir valeria a pena se significasse que nunca mais precisaria ser lembrada da tristeza de seus anos iniciais no Palácio de Kensington. E uma vez que tivesse feito isso, ela diria a Leopoldo que não tinha nenhuma intenção de se casar, com Alberto ou qualquer outra pessoa, e sugeriria que era a hora de ele retornar à Bélgica. Vitória sorriu para si mesma no espelho.

Ela tocou a sineta e depois de um minuto as costureiras entraram. Skerrett, a mais jovem, parecia um pouco nervosa.

— Sinto muito, Madame, que não estávamos aqui mais cedo. Para ser honesta, não pensávamos que você estaria desperta tão cedo depois de uma noite que acabou tão tarde.

— Não importa. Creio que vou usar as listras verdes hoje.

— Sim, Madame. — Skerrett foi buscar o vestido enquanto Jenkins trazia os itens de lavar.

Quando Jenkins colocou a bacia no chão na frente dela, Vitória notou que os olhos da responsável por sua vestimenta estavam vermelhos. Ela parecia ter estado chorando. Jenkins começou a colocar a água quente no recipiente por cima das mãos de Vitória, mas de súbito o ar foi preenchido pelo estalido de um tiro de rifle e Jenkins largou o jarro com um grito.

Vitória, um pouco alarmada com o ruído e agora bastante molhada, foi até a janela para ver o que havia acontecido, e viu um guarda sendo repreendido por seu oficial superior no pátio do Palácio.

— Oh, é apenas um soldado que atirou seu rifle por acidente. Nada com que se preocupar. — Ela se virou e viu Jenkins agachada no chão soluçando, a cabeça nas mãos, e Skerrett com o braço em torno dela tentando confortá-la. Vitória olhou para ela com surpresa; Jenkins era dificilmente o tipo de mulher que ela esperava ter histeria sob o som de tiros.

— Senhora Jenkins, creio que está indisposta. Você tem minha permissão para se retirar.

Skerrett guiou Jenkins ainda em soluços para fora do quarto e voltou alguns minutos depois. Em resposta ao olhar de dúvida de Vitória, ela disse:

— Você deve desculpá-la, Madame. Ela está triste por conta da execução dos Cartistas de Newport, Madame. Dizem por aí que eles morrerão uma morte de traidores. A senhora Jenkins é daquela região e creio que tem sentimentos muito fortes em relação a isso.

Vitória olhou para a garota em sua frente.

— Há muitas pessoas que se sentem como a senhora Jenkins? A respeito dos Cartistas de Newport?

Skerrett olhou para o chão antes de responder. Então ela ergueu a cabeça e disse:

— A punição por traição, Madame, é ser enforcado até estar quase morto e então ser cortado ao meio enquanto ainda estiver vivo. Não é que a senhora Jenkins apoie os Cartistas, Madame, mas ela crê que o que quer que tenham feito, não merecem morrer dessa forma. — Skerrett torceu as mãos e continuou com hesitação: — Perdoe-me, Madame, mas concordo com ela. E não creio que sou a única a pensar assim.

Vitória acenou a mão para ela.

— Está tudo bem, Skerrett, pedi a sua opinião e você me deu. E você tem razão, é uma maneira terrível de morrer.

Em pé na sua sala de estar esperando pela chegada de Melbourne para sua audiência, Vitória pensou a respeito da conversa com Skerrett. Havia uma imagem no Castelo de Windsor de um herege sendo estripado sob o reinado de Maria da Escócia — ou teria sido de Elizabeth? — que ela costumava ver em suas visitas raras ao tio, o Rei Guilherme, quando era garotinha. Ela passara por ela muitas vezes sem de fato olhá-la até que um dia lhe ocorreu que a tira de coisas pálidas e grumosas não eram salsichas, como ela supunha tolamente, mas os intestinos do pobre mártir. Ela lembrou de se sentir contente de viver em um tempo menos bárbaro.

Agora parecia que sua suposição estivera errada. Aqueles homens de Newport, que até mesmo Lorde Melbourne dissera que haviam sido motivados mais por fome do que por crueldade, deveriam encontrar seu fim desta maneira particularmente horrível. Ela sentia algo formigar nas pálpebras, e um soluço a atravessou. Não era certo que qualquer pessoa morresse de maneira tão horrível. E toda a emoção que havia turbado dentro dela nos últimos dias redemoinharam e se fixaram no destino dos homens galeses encarando a morte horrível. Ela se sentiu tonta de pena e teve de se segurar ao peitoril da janela em busca de apoio.

Ela se lembrou do que Flora Hastings lhe dissera naquela noite terrível no seu leito de morte:

— Para ser uma Rainha, você tem de ser mais do que uma garotinha com uma coroa. Seus súditos não são bonecas para brincar.

Na época, Vitória havia tentado apagar tais palavras da memória, mas agora elas pareciam ter um significado novo. Seus súditos eram sua responsabilidade; ela não poderia aceitar seus vivos e também não ouvir seus

gritos de dor. Ela deveria fazer algo.

Foi neste estado que Melbourne a encontrou alguns minutos depois: pálida e tremendo. Ele viu de imediato e se apressou na direção dela, esquecendo nesta ansiedade de fazer reverências.

— O que houve, Madame? Você está se sentindo mal?

Vitória balançou a cabeça, e então disse, com esforço:

— Quando os cartistas de Newport serão executados?

Melbourne tentou esconder sua surpresa; ele conseguia pensar em muitas razões para as lágrimas de Vitória, mas o destino dos Cartistas não era uma delas.

— Na próxima sexta-feira, Madame. Vitória respirou fundo:

— E eles serão enforcados, abatidos e esquartejados?

— Essa é a punição para traição, Madame. — Mas, ao ver seu rosto, Melbourne acrescentou: — Creio que há bispos organizando uma petição por misericórdia.

Vitória ergueu a cabeça com um movimento decisivo e rápido.

— Então eu gostaria de assiná-la! — Ela deu um passo na direção dele. — Tal punição não é civilizada. Melbourne disse calmamente:

— Creio que não entenda a gravidade do crime, Madame.

— De fato entendo — ela replicou, a cor subindo ao seu rosto de uma maneira que Melbourne não conseguia evitar de admirar. — Mas creio que você não entende o extremo rigor da punição. Tais coisas podem ter sido necessárias no reinado de Elizabeth — ela pausou e se aprumou em sua atitude mais real —, mas gostaria que meu reinado fosse misericordioso.

Melbourne pensou que havia algo magnífico nela; ele nunca havia visto Vitória tão apaixonada por algo que não a afetasse de forma direta. Ela estava errada, é claro; esses Cartistas deveriam ser tratados com a maior e mais pública severidade para deter todos os outros famintos que acreditavam que podiam preencher os estômagos com ideais altos e lemas esplêndidos, mas não conseguia evitar admirar seu espírito. Então ele sorriu um pouco ao dizer:

— Eles devem saber, Madame, que como Rainha, você pode comutar suas sentenças.

Ela hesitou antes de responder, e Melbourne viu que ela precisava de certo esclarecimento.

— Perdoe-me, Madame, não me fiz claro. A Coroa tem o direito de comutar uma sentença, de fazê-la menos severa. Então você pode decidir que ao invés de serem executados como traidores, esses homens sejam exilados para a Austrália, para uma colônia penal, o que alguns poderiam ver como uma punição menor. — Ele não conseguiu evitar fazer o gracejo ao final, mas Vitória não sorriu. Ao invés, ela disse com bastante firmeza:

— Então eu gostaria de exercer meu direito. Quero que suas sentenças sejam comutadas — Vitória fez essa palavra nova e agradável rolar pela boca — de execução para exílio.

— Você tem certeza, Madame? — Melbourne disse em um protesto simbólico, apesar de já saber a resposta.

— Bastante certeza. — E pela primeira vez desde que a conversa começara, Vitória sorriu. Melbourne gesticulou em direção às caixas.

— Vamos tratar disso, Madame?

Vitória balançou a cabeça de leve e com decisão:

— Não. Creio que esses homens na prisão devem saber de seus destinos o quanto antes. Ficar em uma cela imaginando essa morte horrível — ela tremeu —, não consigo pensar em nada pior.

— Sua compaixão é respeitável, Madame, apesar de eu não conseguir evitar pensar que esses homens merecem o tormento. Mas se você quer que eu cumpra seus desejos de imediato, eu farei já — Ele fez um aceno de cabeça formal para indicar que estava agindo sob ordens, e não vontade própria.

— Antes de você ir, há mais uma coisa que eu gostaria que fizesse para mim. Sir John Conroy me pediu para lhe dar um título irlandês com uma pensão, e estou propensa a fazer isso.

— Tem certeza, Madame?

— Sim. Ele crê que é hora de se aposentar lá nas suas terras na Irlanda.

Melbourne olhou para ela com surpresa e respeito. Será que ela de fato havia engenhado uma maneira de se livrar de Conroy?

— Creio que um título irlandês com uma pensão de, digamos, mil libras por

ano, poderia ser um prêmio bastante adequado por todos os anos de serviço de Sir John à Coroa — Melbourne disse. Vitória assentiu com a cabeça.

— Meus pensamentos exatos, apesar de eu imaginar que poderia ser mais seguro se fossem duas mil libras.

Eu não desejaria que ele ficasse sem dinheiro e sentisse necessidade de retornar à corte.

— Não, de fato. Isso nunca seria bom. Vitória se inclinou para frente e sorriu.

— Quero que o “afastamento” de Sir John Conroy seja permanente.

Depois que Melbourne partiu, Vitória chamou Dash e saiu aos jardins. Conforme ela descia os degraus, Lehzen a alcançou e estendeu um xale.

— Está frio hoje, Majestade; você não deveria sair sem isso. Se você esperar um momento, vou pegar minha touca e lhe acompanho.

— Não, obrigada, Lehzen, prefiro caminhar sozinha na manhã de hoje. Gostaria de falar com minha mãe. Lehzen assentiu com relutância.

— Como desejar, Majestade. Creio que vi a Duquesa caminhar com Sir John Conroy rumo ao lago cerca de dez minutos atrás.

Vitória sorriu.

— Obrigada, Lehzen — e ela tomou o xale. — Vamos, Dash! — Ela desceu pela rota rumo ao lago, o cachorro nos seus calcanhares.

Ela viu sua mãe e Conroy parados perto da casa de verão no outro lado do lago. Suas cabeças estavam próximas, o rosto da Duquesa inclinado na direção de Conroy como um girassol encarando o sol. A visão da abjeção de sua mãe trouxe a decisão de Vitória ao seu cume, e ela quase correu pela rota para onde eles estavam parados, abordando-os por trás, para que não a vissem chegar.

— Bom dia, Mamãe. — A Duquesa e Sir John se afastaram de imediato, surpresos por sua aparição súbita. Vitória saudou Conroy com um aceno brevíssimo.

— Que sorte encontrá-lo aqui com Mamãe, Sir John.

A Duquesa olhava para sua filha com atenção aturdida.

— Você parece bem, Vitória.

— Sim, Mamãe, eu me sinto bem. — Ela pausou, e então disse: — Estou contente em encontrá-los juntos porque eu queria lhes dizer em pessoa, Sir John, que decidi conceder seu pedido.

A Duquesa moveu a cabeça com lentidão agonizada de Vitória para Conroy.

— Qual pedido?

Um músculo no canto do olho de Conroy começou a se torcer, mas antes que ele pudesse responder, Vitória disse com alegria mal dissimulada:

— Ele não lhe disse, Mamãe? Vou dar a Sir John um título irlandês e uma pensão de duas mil libras ao ano, para que ele possa se aposentar em suas terras na Irlanda com conforto.

A Duquesa estava imóvel, os cachinhos dourados fixos. Enfim ela disse, mirando de forma direta em Conroy:

— Você me deixaria por... — ela hesitou, e então com um clamor que fez Vitória se encolher — por algum dinheiro?

Conroy nada disse, mas olhou para o chão. Vitória se virou para ele.

— Você não mudou de ideia, não é, Sir John?

Conroy permaneceu parado como uma pedra antes de balançar a cabeça com vagar, como se fosse feita de gelo.

— Bom. Fico contente que esteja resolvido.

Vitória estava prestes a partir quando viu o rosto devastado de sua mãe e parou.

— Decidi aumentar seu estipêndio, Mamãe. Já é momento de você ter algumas roupas novas. Você deveria se vestir de acordo com sua posição de Rainha-Mãe.

A Duquesa não deu nenhum sinal de havê-la ouvido; ela ainda estava encarando Conroy como se tentasse gravar cada detalhe de seu rosto na memória. Vitória, levemente surpresa com sua própria ousadia, começou a se afastar.

— Vamos, Dash.

Quando a Rainha e seu cachorro estavam fora de vista, Conroy falou, sua

mirada ainda fixa no chão.

— Você deve entender que não tive escolha. Não há nada para mim aqui. A Duquesa irrompeu de sua imobilidade congelada:

— Nada? Depois de dezenove anos, você me chama de nada?

Conroy ergueu a cabeça e tentou esboçar um sorriso.

— Você sabe que se eu for, ela será mais gentil com você. A Duquesa balançou a cabeça em descrença, gritando:

— Você sabe quantas vezes Drina me pediu que o dispensasse? Teria sido tão fácil. Mas eu não fiz isso. Eu disse a ela que não conseguiria viver sem você. Mas você pode simplesmente caminhar para longe de mim como se eu não existisse.

Conroy tentou tomar a mão da Duquesa, mas ela a puxou para longe dele em fúria. Isso era ainda mais doloroso do que ele imaginara. Ele esperara conseguir dar as notícias do seu próprio jeito, mas Vitória estava determinada a tornar isso o mais brutal possível. Havia lágrimas nos olhos da Duquesa, e ele viu as linhas que sua infelicidade havia formado em torno de seus olhos e boca. Por um momento, ele viu a mulher velha que ela seria dali a pouco tempo.

— Acredite em mim, não tenho vontade de deixá-la. Mas sua filha não será controlada, Madame, e devo usar meus talentos em outro lugar.

Em um gesto que ele sabia que era a única resposta correta para a dor dela e para sua traição, ele se ajoelhou em frente a ela. Tomando sua mão fria na dele, ele a pressionou em seus lábios e disse em um grito rouco:

— Por favor, perdoe-me!

Erguendo-se outra vez, ele caminhou para longe dela, dando a volta no lago e chegando ao Palácio. Ele não olhou em torno, mas sentiu a mirada da Duquesa nas suas costas a cada passo.

Capítulo Oito

O Grão-Duque esperava por Vitória no Portão de Roehampton no Richmond Park. Ele lhe enviara uma nota na manhã daquele dia perguntando se poderiam partir em uma cavalgada juntos em algum lugar em que pudessem de fato galopar.

— Sua Rotten Row é um lugar para admirar damas em suas belas vestes, mas hoje não estou interessado em moda.

Após encontrar sua mãe e Conroy, Vitória sabia com exatidão o que o russo queria dizer. Ela também queria galopar com tanta velocidade a ponto de o mundo recuar e nada mais importar além da tira fina de chão na frente da cabeça do cavalo. Então ela sugeriu Richmond Park, com suas árvores antigas e rebanhos de cervos, onde eles poderiam deixar seus cavalos correrem sem o medo de esbarrar em uma carruagem ou derrubar uma babá com crianças.

Conforme o cavaleiro a ajudava a montar Monarch, ela viu que o rosto do Grão-Duque estava imóvel, sua boca mais rígida do que ela jamais havia visto. Era claro que ele não estava em humor para conversas, então tomando as rédeas, ela disse:

— Uma volta pelo parque?

O Grão-Duque assentiu e Vitória bateu os calcanhares na lateral de Monarch. Encantada em ter uma cabeça de vantagem, a égua partiu em um cortante, o Grão-Duque em seus calcanhares. Eles competiram ao redor do parque, assustando os cervos e fazendo os faisões que faziam ninhos nas árvores saírem voando aos grasnidos pelo ar, abaixando-se conforme passavam pelos galhos de grandes carvalhos e berrando em alegria conforme corriam ladeira abaixo rumo às duas lagoas que bifurcavam o parque.

Rindo e sem fôlego, eles pararam seus cavalos em concordância. O Grão-Duque desceu de sua montaria em um movimento fácil, e antes que seu cavaleiro pudesse ajudá-la, ele estava colocando Vitória no chão. Ela notou que a rigidez em seu rosto tinha se desfeito.

— Obrigado por me trazer aqui, Vitória. Eu estava precisando muito de uma cavalgada como essa. Vitória sorriu:

— Minha antecessora, Elizabeth, costumava caçar cervos neste parque.

— A Rainha que nunca se casou.

— Mas cujo reinado foi longo e glorioso.

— Tenho certeza. Uma grande Rainha é a superior de qualquer homem — e seu rosto foi iluminado por seu sorriso. Então ele se virou para seu eguariço, que estava se demorando a uma distância respeitosa, e estalou os dedos. O homem surgiu com um pequeno pacote e o colocou na mão estendida do Grão-Duque.

— Tenho algo para você, Vitória. Um pequeno símbolo de nossa amizade.

Era uma caixa de rapé esmaltada em azul com bordas de ouro. Na tampa da caixa, as letras V e A em diamantes estavam entrelaçadas para formar uma monograma gracioso, quase simétrico em seus altos e baixos.

Vitória arfou em sobressalto.

— É tão lindo. E esse monograma? — Ela ergueu os olhos para ele. O Grão-Duque assentiu com a cabeça.

— V e A, para Vitória e Alexandre. Não é correto, talvez, mas espero que me perdoe. — Ele colocou a caixa em sua mão e fechou os dedos dela em torno da caixa com os dele.

— V e A. As letras se encaixam muito bem, não é mesmo?

O Grão-Duque assentiu e, então, soltando a mão dela, disse:

— O czar, meu pai, ordenou que eu retornasse a Petersburgo.

— Ele está doente? — perguntou Vitória. O Grão-Duque balançou a cabeça.

— Ele está em saúde perfeita, mas teme que vá morrer a qualquer momento, então decidiu que devo me casar. — Ele olhou para Vitória e suspirou.

— Meu pai escolheu uma princesa dinamarquesa. Esqueci seu nome. Ele diz que ela gosta muito de arenque.

— Ele deu de ombros e esboçou meio-sorriso.

Vitória foi tocada por seu suspiro. Apesar de ambos saberem que qualquer aliança entre eles poderia ser apenas diplomática, ele estava atuando no papel

de um amante desapontado. E apesar de ela saber que era um fingimento, ela gostava dele pela presunção. Ela inclinou a cabeça para um lado e sorriu.

— Tenho certeza que ela será encantadora. Talvez escorregadia como um peixe, mas encantadora.

O Grão-Duque tomou a mão dela e, ao olhá-la nos olhos, ela ecoou as palavras que ele lhe dissera no baile.

— Mas não podemos amar a quem queremos, eu e você — e dessa vez ela suspirou também. Ela ouviu uma gralha grasnir com pesar atrás de si e se lembrou de Melbourne tomando sua mão em Bocket Hall. Alexandre lançou-lhe um olhar de melancolia através de seus longos cílios. Ele imaginava, é claro, que ela pensava nele.

— Se as coisas fossem diferentes...

Ele se inclinou na direção dela, claramente esperando por um beijo de despedida, mas Vitória conseguiu desviar dele e disse alegre e radiosa:

— Tenho certeza de que você e a devoradora de arenque serão muito felizes. Alexandre abriu os braços num gesto largo.

— Cumprirei minha tarefa, casarei com ela, terei muitos filhos e um dia escolherei suas esposas. Vitória riu.

— Espero que escolha com sabedoria.

— Talvez você venha a ter uma filha que virá governar a Rússia com meu filho.

— Você se esquece que decidi não me casar.

O Grão-Duque balançou a cabeça.

— Não, não me esqueço, mas não creio que uma mulher como você viveria sem um marido. Sinto muito que ele não será um russo. — Ele levou a mão de Vitória aos seus lábios e a beijou.

A Duquesa não desceu para o jantar naquela noite, e quando Vitória enviou Lehzen para descobrir a respeito de sua saúde, a Baronesa foi enviada de volta sem uma mensagem. Vitória sentiu um nó se formar no fundo de seu estômago. Ela sabia bastante bem que deveria ter ido aos aposentos de sua mãe ela mesma, mas não foi capaz de reunir a coragem. Por mais que Vitória odiasse Conroy, ela sabia o quanto ele significava para sua mãe. Por mais que

ela nunca pudesse condenar o apego de sua mãe, desde aquele dia em Brocket Hall, ela imaginava que conseguia quicá entender a força daquele sentimento.

Na manhã seguinte ela pediu a Skerrett que mostrasse a ela que rendas tinha. Skerrett trouxe um armário com gavetas que preencheram o ar com o odor de cedro ao abrirem. Vitória passou pelas golas delicadas, e véus de tule até chegar a uma peça de xale trançada com tanta fineza que, ao balançá-la, ela brilhou como geada. Ela ouviu um arfar de surpresa de Skerrett.

— É linda, não é?

— É a coisa mais linda que já vi, Madame.

Vitória colocou o xale sob seu braço e, antes que sua decisão enfraquecesse, partiu para a ala norte.

Ela encontrou sua mãe sentada no sofá encarando o vazio. Ela estava vestida, como de costume, em negro, mas seus cachos loiros estavam pendurados com desleixo. Ao ver a desolação de sua mãe, Vitória sentiu o nó em seu estômago apertar.

Quando ela se sentou no sofá ao lado da mãe, a Duquesa não reconheceu sua presença, mas manteve aquele olhar vítreo terrível. Vitória se perguntou se havia feito a coisa certa ao vir, mas por mais que quisesse partir, sabia que deveria fazer algo para consertar aquilo.

Inclinando-se por cima, ela pousou o xale nas mãos inertes de sua mãe. A Duquesa não se moveu. Vitória desdobrou o xale e o estendeu sobre o colo da mãe.

— Isto é para você, Mamãe. A renda é feita em um convento em Bruges. Olhe quão delicado é. — Ela o estendeu na frente do rosto congelado da mãe e o balançou para que tremesse como uma teia de aranha na brisa.

Um minuto se passou, mas para Vitória, pareceu uma hora, e então sua mãe enfim virou a cabeça. Fixando a filha com aquele olhar vazio, ela falou com uma voz grave desnuda de toda emoção.

— Você o mandou para longe, Drina.

Vitória deixou as rendas caírem no colo da mãe.

— Não, Mamãe — ela disse com leveza —, ele queria ir. — Tomando a mão da mãe, ela continuou: — Mas sei que você sente com sua perda e,

acredite em mim, Mamãe, eu entendo.

Ela baixou os olhos para a mão da mãe e viu o anel de casamento dourado sob a articulação do anelar.

— Como você pode entender? Você é apenas uma criança; como você pode saber o que uma mulher sente?

— A voz da Duquesa se quebrou na menção da palavra “mulher” e seus olhos, que estiveram secos, se encheram com lágrimas.

Vitória sentiu o nó no fundo do estômago se desdobrar e as palavras saíram antes que ela as pudesse filtrar.

— Não, Mamãe. Você está errada. Sei sim como é difícil perder alguém com quem nos importamos.

Sua mãe ouviu a nota de desespero na voz da filha e viu além de sua própria tristeza. Olhando no fundo dos olhos azuis pálidos da filha, da mesma cor que os dela, ela entendia. E, limpando as próprias lágrimas, ela colocou a mão na face corada de Vitória e a acariciou com ternura infinita. — Nenhum homem abriria mão de você, Drina, a não ser que soubesse que é seu dever.

Ante essa gentileza inesperada, a resolução de Vitória enfim se quebrou e ela se atirou nos braços da mãe em uma tempestade de soluços.

— Ah, Mamãe... Creio que nunca serei feliz.

A Duquesa passou os braços em torno do corpo trêmulo da filha e a apertou.

— Você ainda é jovem, Liebes. Você vai encontrar um lugar para colocar o coração, eu lhe garanto. Conforme os soluços de Vitória começavam a se acalmar no soluço ocasional, a Duquesa ergueu o queixo da filha para que encarasse o seu próprio.

— Nós duas perdemos algo, Drina. Mas — e seus olhos estavam quentes de amor —, hoje encontrei algo também. — Vitória olhou para ela em perplexidade selvagem. — Encontrei seu Schokoladenseite. Seu lado de chocolate, doce. E pensei que o havia perdido para sempre.

Vitória ouviu o pedido de perdão na voz de sua mãe e pousou a cabeça no colo da Duquesa. Enquanto a mão de sua mãe acariciava seu cabelo, ela fechou os olhos e inalou o cheiro de lavanda.

Leopoldo, que viera aos aposentos da Duquesa contar-lhe que Alberto e Ernesto já estavam a caminho da Inglaterra, viu essa imagem da porta e foi embora na ponta dos pés. Ele sabia, é claro, que Conroy fora banido e se sentia grato por isso, mas ele se preocupava que uma rixa permanente entre a mãe e a filha pudesse ameaçar as chances de Alberto com Vitória. A visão de sua sobrinha deitada no colo da mãe como uma Pietà moderna era a mais encorajadora, a mais encorajante de fato. Se Vitória pudesse ser reconciliada com a mãe, então Alberto não seria rejeitado como um pretendente apenas por ser um Coburgo.

No caso da Duquesa, ela sentiria falta de Conroy, mas se reconquistasse o afeto da filha, então essa perda seria um preço que valeria a pena pagar, ele supunha. E com o tempo, sua irmã chegaria a ver que Conroy apenas ficara ao seu lado pela promessa de poder; uma vez que vira que nunca seria mais do que Controlador da Residência da Duquesa de Kent, desistiu. Era ruim que a Duquesa não pudesse encontrar outro homem para entretê-la, mas a mãe da Rainha, como a esposa de César, deve estar acima de repreensão. Ele pensou em sua própria *chère amie*, guardada longe em uma vila em Saint John's Wood, e pensou em quão melhor essas coisas se ajustavam quando se era um homem. Ao descer pelo corredor longo de volta para seus aposentos, ele teve uma visão de si mesmo no espelho e se sentiu contente ao ver que sua peruca estava pousada no ângulo precisamente correto.

Capítulo Nove

No quebra-mar em Oostende, dois rapazes tremiam sob o vento fresco de novembro. Ambos eram altos e belos e havia uma clara semelhança de família em suas testas amplas e lábios de formação delicada, mas enquanto um tinha os ombros largos e movimentos presunçosos de um soldado, o outro, apesar de ser um átimo mais alto, não tinha nada da liberdade descuidada de seu irmão; ele se movia com cuidado como se calculasse quanto esforço cada passo lhe custaria. Enquanto ele olhava com apreensão para o oceano agitado, virou-se para seu irmão e disse em um inglês com forte sotaque:

— Parece que o mar estará muito bravo para navegarmos hoje. Seu irmão lhe deu uma palmada no ombro.

— Bobagem, Alberto, os navios comerciais para a Inglaterra navegam em condições muito piores que essas.

— Então ele olhou de perto o rosto branco de seu irmão e disse: — você vai se sentir melhor quando estiver lá, sabe. Qual é aquela frase de Shakespeare que você sempre cita para mim, “há uma maré nos casos dos homens a qual, levando à inundação...”

— “Nos encabeça à fortuna.” — Alberto terminou a citação, como seu irmão sabia que ele faria. — Mas, Ernesto, não sei se esse é o destino certo para mim. Vitória não é séria. Ela apenas se preocupa com danças e bebidas. Duvido que sejamos apropriados.

Ernesto sorriu.

— E daí que ela é uma moça jovem que gosta de se divertir. Creio que seja uma coisa boa. As levianas são as mais divertidas. E, além disso, Vitória é encantadora, pequena e... — ele desenhou uma forma curvilínea com os braços.

Alberto olhou para ele:

— Talvez você devesse se casar com ela, então, Ernesto.

— Não creio que Tio Leopoldo gostaria disso de forma alguma. — Ernesto pressionou os lábios em uma imitação tolerável do Rei dos Belgas. — “É o

destino de Alberto se casar com Vitória. ”

— Mas suponho que ela não pense que é seu destino se casar comigo. Ela não pareceu gostar muito de mim da última vez que nos encontramos.

Ernesto olhou para seu irmão de cima abaixo em uma paródia de apreciação, analisando os olhos azul-escuros de Alberto, seu perfil nobre, as pernas longas em suas botas com topo vermelho.

— Você mudou muito nos últimos três anos, Alberto. Você não as nota, mas as garotas em Coburgo olham para você de uma maneira que, se eu não soubesse que você é o homem mais sério de toda a cristandade, me deixaria bastante enciumado. Ela pode ser uma Rainha, mas ela também é uma jovem moça, e creio que ficará bastante feliz ao vê-lo.

— Mas eu não gostaria de ser exibido para a aprovação dela como uma figura de cera, Ernesto!

— Ah, não seja tão sensível. Você quer passar o resto de sua vida em Coburgo observando meu mau comportamento ou você quer ser o Rei da Inglaterra?

Alberto balançou a cabeça.

— Mesmo que me case com ela, eu apenas seria o marido da Rainha da Inglaterra.

Ernesto deu de ombros:

— Bom, se você chegar com uma cara dessas você não vai se casar com ninguém. Lembre-se, Alberto, mulheres gostam de encanto, não de palestras. Ao vê-la, você deve sorrir e lhe fazer pequenos elogios. Haverá tempo suficiente para contar a respeito das glórias da arquitetura italiana e das maravilhas da drenagem da Babilônia quando estiverem na lua de mel.

Alberto balançou a cabeça outra vez.

— Mas não posso ser quem não sou, Ernesto. Não posso fingir.

Ernesto ergueu as mãos para cima em desespero fingido.

— Então, meu querido irmãozinho, sugiro que voltemos para Coburgo e você pode se casar com Frau Muller, a viúva do prefeito, que tem uma excelente biblioteca e um lago de carpas bem-estocado. Ler e pescar, o que mais um homem poderia querer? Sei que ela gosta de você, e viúvas, bem...

Alberto olhou para o mar cinza.

— Você acha tudo tão fácil, Ernesto. Mas para mim isso é difícil.

Ernesto pousou a mão no ombro de seu irmão e disse em um tom diferente:

— Meu irmão querido, você é um homem de grande valor. É por isso que Vitória será sortuda de tê-lo como marido. Não pode ser fácil ser tão jovem e ter tanta responsabilidade. Ela precisa de alguém como você para ajudá-la...

Alberto olhou para seu irmão e sorriu pela primeira vez. Ernesto achava que, sem dúvida, Vitória, por mais voluntariosa que houvesse se tornado, não seria capaz de resistir a um dos sorrisos de seu irmão. Por mais raros que fossem, os sorrisos de Alberto transformavam seu rosto com um brilho infantil que fazia quem o recebia sentir como se o sol tivesse saído em um dia nublado. Se ao menos Alberto pudesse sorrir para Vitória, tudo ficaria bem.

Uma onda imensa quebrou sobre o quebra-mar, e os respingos de água borrifaram em seus rostos. Alberto os limpou enquanto olhava para as balsas sacolejando com precariedade no mar tempestuoso.

— Mas, primeiro, precisamos chegar lá — ele disse.

No Palácio de Buckingham, Vitória se divertia enquanto esperava pela visita matinal de Melbourne, copiando um dos retratos de Elizabeth que ficava pendurado na Galeria de Retratos. Elizabeth parecia um pouco mais jovem nessa pintura do que parecia na miniatura que Lehzen lhe havia dado, mais jovem e mais vulnerável. Se ela fosse Elizabeth, Vitória pensou, ela não teria colocado esse retrato em exibição: ela o mostrava não como Gloriana, a Rainha pintada, mas como a mulher por trás do título. Seria possível, ela se perguntou enquanto pintava os cachos castanho-avermelhados de Elizabeth, ser as duas coisas? Uma pessoa poderia ser uma monarca e uma mulher? Nenhuma das Rainhas que vieram antes dela no trono haviam sido abençoadas com uma família. Maria Tudor se casara muito tarde e teve uma gravidez, mas nenhuma criança. Elizabeth, é claro, não havia se casado, e as Rainhas Consortes — Maria e Ana — ambas haviam se casado, mas nenhuma delas havia conseguido ter uma criança que vivesse mais tempo que elas. Maria Stuart, Rainha dos Escoceses, havia se casado três vezes e tinha um filho, mas seu reinado não poderia haver terminado de forma mais desastrosa. O conhecimento de Vitória de história não era exaustivo, mas lhe parecia que apenas Elizabeth I de Castela havia conseguido ser uma Rainha bem-sucedida

e uma esposa e mãe; e é claro que ela se casara com o Rei vizinho. Mesmo se Vitória houvesse sido tentada a encorajar os avanços do Grão-Duque, a ideia de governar Inglaterra e Rússia de forma conjunta era geograficamente impossível.

Não, se ela olhasse para as Rainhas do passado, apenas Elizabeth era de fato admirada, e ela havia reinado sozinha. É claro que Carlota, a prima morta cuja morte havia posto a sua própria existência em risco, havia sido casada com Tio Leopoldo, mas foi o casamento que a matou. Casamento era um negócio arriscado.

Vitória começou a colorir as pérolas no corpete de Elizabeth.

Ela estava evitando as golas em pregas que, com seu complicado padrão de renda, pareciam bastante difíceis de copiar.

Ela ouviu uma tosse e, virando-se, viu Melbourne parado atrás dela.

— Pensei que gostaria de saber que os Cartistas de Newport estão a caminho da Austrália, Madame.

— Estou tão contente, Lorde M.

Melbourne aproximou-se de uma cadeira atrás dela, e ela gesticulou para que se sentasse.

— Apesar de que se esses homens lamentáveis se sentirão gratos ao chegarem lá, bom, isso ninguém tem como saber.

— Suas famílias ficarão contentes, creio eu — disse Vitória.

— Talvez — e então, percebendo que estava sendo excessivamente cínico, Melbourne se levantou e inspecionou o rascunho de Vitória. — Elizabeth se tornou uma de suas predileções, Madame.

Vitória se virou para encará-lo.

— Decidi seguir seu exemplo e reinar sozinha. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Com companheiros, talvez — e ela sorriu. Se Elizabeth poderia ter Leicester, então com certeza ela poderia ter Melbourne.

Mas Melbourne não retribuiu seu sorriso:

— Mesmo, Madame? Você disse isso aos seus primos Coburgo? Ouço que devem chegar a qualquer momento.

Vitória se levantou, brandindo o pincel como uma espada:

— Meus primos Coburgo, Alberto e Ernesto? Mas eu não os convidei.

Melbourne evitou o pincel.

— De qualquer forma, Madame, eles estão a caminho.

Vitória começou a caminhar para cima e para baixo sob as pinturas.

— Tio Leopoldo deve ter mandado trazê-los, contra minha vontade. Por que ele não entende que estou bastante contente como estou agora?

Ela olhou para Melbourne em busca de concordância, mas ele desviou o olhar.

— Não serei seu Primeiro-Ministro para sempre, Madame.

Vitória parou na frente dele, forçando-o a mirá-la.

— Não diga isso, Lorde M.

Com relutância, Lorde Melbourne encontrou seu olhar azul indignado.

— Mas devo. Se os Tories não me vencerem, minhas enfermidades vencerão. Vitória riu, aliviada de que estava brincando afinal de contas.

— Enfermidades! Você sempre diz que doença é para pessoas com nada melhor para fazer. Melbourne não se juntou a ela no riso. Ele balançou a cabeça, então disse com urgência:

— Deixe que os Coburgos venham, Madame. Talvez o Príncipe Alberto a surpreenda. Vitória olhou para ele horrorizada. Essa não era a resposta pela qual ela esperava.

— Mas você me disse que o público não aprovaria um noivo alemão.

Um músculo tremeu no canto da boca de Melbourne.

— Tenho certeza de que poderão ser maridos admiráveis. Vitória se sentou subitamente e, em uma voz muito baixa, disse:

— Mas não quero que as coisas mudem.

Melbourne olhou para ela com uma expressão quase severa.

— Eu sei, Madame. Mas creio que não será feliz sozinha — ele a tocou com bastante leveza no ombro —, até mesmo com companheiros. Você precisa de um marido para amá-la e apreciá-la. Vitória tremeu quando a mão dele

descansou em seu ombro.

— Mas não há ninguém com quem me importe — ela choramingou, seus olhos dizendo algo bastante diferente. Melbourne deu um sorriso retorcido.

— Perdoe-me, Madame, mas creio que não procurou de fato.

Vitória colocou as mãos em frente aos olhos como se não quisesse ver o que estava na frente dela. Então deu um grande suspiro e disse através da mão:

— Eu era tão feliz... antes.

— Creio que a felicidade sempre pode ser retomada na tranquilidade, Madame — disse Melbourne. Vitória baixou as mãos e ergueu os olhos para ele, seus olhos azuis pálidos buscando seu rosto.

— Você era feliz também?

Quando Melbourne falou, era a voz não do Primeiro-Ministro urbano, mas de um homem de idade avançada que encara a perda da única coisa que ainda é capaz de trazer-lhe alegria.

— Você sabe que eu era, Madame.

O silêncio que seguiu era grosso com o peso de todos os sentimentos não-ditos. Melbourne viu que o lábio de Vitória tremia, e teve que apertar suas próprias mãos para que elas não a alcançassem e ele a tomasse em seus braços. Ele pensou que se ela estivesse prestes a chorar agora ele não seria capaz de resistir à tentação de enxugar aquelas lágrimas com beijos. Ele forçou as unhas nas palmas das mãos e disse a si mesmo que a única maneira através da qual ele poderia servir sua Rainha era encontrar-lhe um marido que a fizesse feliz.

Com um sorriso corajoso que quase partiu o coração de Melbourne, Vitória ergueu seu queixo e disse:

— Mas não vou me casar apenas para agradá-lo, Lorde M. Melbourne tentou responder ao sorriso dela com um próprio.

— Não, de fato, Madame, você deve agradecer a si mesma.

E então ele tomou a mão dela, sua pequena mão branca, e a beijou.

Livro Quatro

Capítulo Um

Alberto conseguia ouvir a música descendo pelo corretor. Sonata de Beethoven em lá bemol, tocada com um pouco de rapidez demais. Ele espiou seu reflexo em um dos espelhos que cobriam as paredes. Ernesto insistira que ambos usassem seus uniformes. Quando Alberto objetou, dizendo que não era um soldado, seu irmão lhe perguntou:

— Mas você não se sente prestes a entrar no campo de batalha?

Alberto havia sido forçado a admitir que se sentia, apesar de que entrar em uma sala de estar e ser inspecionado por uma jovem dificilmente seria considerado uma aventura miliar gloriosa. Ainda assim, ele estava feliz com o uniforme; não havia nada mais magnífico do que o casaco trançado com ouro de um hussardo, usado com calças brancas bastante justas e botas com borlas douradas.

Alberto se lembrou da última vez que estivera em Londres, e de quão cansado havia estado o tempo todo. Vitória havia rido dele e o chamou de ratazana. Ele não era familiar com o termo à época, mas descobriu o significado mais tarde e sentia a ferida doer até aquele momento. Isso não iria funcionar. Ele seria humilhado outra vez por uma garota que pensava que valsa era a maior forma de empreendimento humano.

Ao chegarem às portas duplas da Sala de Estar Estatal, Alberto pausou. Ernesto colocou uma mão tranquilizadora em seu ombro e disse:

— Ao vencedor, os espólios da guerra. E, Alberto — ele apertou o braço do irmão, com força, — Lembre-se de sorrir.

Os lacaios empurraram as portas duplas para trás. Alberto viu um cômodo cheio de pessoas sentadas e em pé à frente ao piano, onde uma garota, que ele imaginava ser Vitória, estava tocando. Ele encarou o mordomo para ver se anunciaria sua chegada, mas o homem apontou para o piano com a cabeça, indicando que formalidades teriam de esperar até que a Rainha terminasse de tocar.

Os irmãos caminharam pela beirada do recinto, onde foram notados de imediato por Leopoldo e a Duquesa, que lhes soprou um beijo, e houve uma

agitação de interesse atrás dos leques das damas da residência. Alberto notou que um homem alto, cabelo loiro listrado com cinza, olhou para ele com olhos verdes analisadores. Apenas Vitória — e ele conseguia ver agora que deveria ser Vitória — parecia ignorar a chegada deles, continuando a tocar os movimentos lentos um pouco rápido demais.

Alberto se moveu para o lado de fora do círculo, para poder ficar de pé bem atrás do piano. A partitura estava no descanso na frente dela, e Alberto conseguia ver que ela estava prestes a chegar ao final da passagem. De forma instintiva, ele deu um passo à frente e com precisão no momento correto e virou a página. De início, Vitória seguiu tocando, mas então seus dedos pararam de se mover, e ela virou a cabeça para vê-lo pela primeira vez.

— Alberto? — Não era exatamente uma pergunta, mais uma expressão de surpresa. Ela parecia muito jovem; seus olhos eram mais azuis do que ele se lembrava, sua boca mais suave, e ele se perguntou se deveria ter tido medo da prima, que mesmo que fosse uma Rainha, ainda era uma garota. Curvando-se, ele disse:

— Vitória.

Houve um momento de silêncio, uma pausa em que tudo mais foi posto de lado. Naquele instante breve, foi como se estivessem a sós no cômodo.

Mas então houve um arranhar e batidinhas pelo piso de parquet. Alberto viu um cão com longas orelhas peludas percutir as patas até chegar aos pés dele, latindo com fúria, como se ele fosse um intruso.

— Dashy, pare com isso. — Rindo, Vitória aconchegou o cachorro em seus braços. — Você não deve latir para o Primo Alberto, ainda que ele esteja com uma aparência bem diferente da última vez que o vimos.

Alberto enrijeceu o corpo; havia uma nota de troça em sua voz que ele reconhecia de seu último encontro. Ele olhou para o cachorro com desagrado; seu próprio cachorro, Eos, era um greyhound, nobre e rápido. A bola peluda que Vitória segurava nos braços não parecia pertencer à mesma espécie.

Vitória beijou Dash com extravagância no focinho e o entregou para Harriet Sutherland segurar.

— Não quero que ele lata para Alberto outra vez. Ele é tão protetor.

Alberto beijou a mão que ela estendeu a ele, seus lábios mal tocando sua

pele. Conforme se erguia, ele disse:

— Sinto muito que seu cão não me reconheça mais. Eu, por outro lado, não tive dificuldade em reconhecê-la, Prima Vitória. Apesar de agora pensar que você está tocando o piano cometendo menos erros.

Vitória deu um pequeno passo para trás e ergueu o queixo. Havia uma nota em sua voz que fez Melbourne erguer os olhos, e fez Ernesto caminhar com rapidez para o outro lado do cômodo. Ele parou na frente de Vitória e fez uma reverência elegante.

— Quão magnífica está sua aparência, Prima Vitória. A Monarquia claramente lhe faz bem.

Vitória sorriu e estendeu a mão para ele, a qual ele beijou com um imenso floreio. Alberto não se moveu, mas assistiu ao seu irmão de forma impassível.

A Duquesa, que estivera do lado oposto do salão com Leopoldo, agora vinha se apressando para os irmãos. Após beijá-los com efusividade em ambas as faces, ela começou a exclamar para eles em alemão, elogiando sua aparência:

— Mein lieber Junge. So gutaussehend!

Alberto se submeteu ao abraço com graça e agradeceu:

— Danke, Tante. Mas creio que devamos falar em inglês. Estou precisando praticar.

A Duquesa luzia de prazer ao parar entre os dois sobrinhos e colocar um braço em torno do braço de cada um deles.

— Oh, Drina, seus primos não são bonitos? São exemplares Coburgo muito bons. Vitória pareceu constrangida.

— Por favor, Mamãe, eles não são cavalos de corrida! — Virando-se para Lehzen, ela disse em sua melhor voz de anfitriã — Baronesa, imagino que os príncipes estejam cansados após sua jornada. Você os acompanharia até seus quartos?

Lehzen, que estivera observando a interação entre Alberto e Vitória com grande atenção, fez uma mesura para os príncipes e caminhou rumo à porta. Ao invés de segui-la, no entanto, Alberto disse:

— Na verdade, não estou tão fatigado.

Vitória respondeu com igual distinção:

— Oh? Eu me lembro que em sua última visita, suas pálpebras estavam despencando às nove da noite. Antes que Alberto pudesse responder, Ernesto interrompeu:

— Mas meu irmãozinho tem muito de coruja agora. Ele consegue ficar acordado até meia-noite sem um único bocejo.

Leopoldo interrompeu a conversa com alguma impaciência. Ele disse:

— Creio, Vitória, que você deveria dar um baile. Agora que você tem parceiros de dança apropriados.

Dois círculos vermelhos começaram a se formar nas faces de Vitória.

— Eu lhe agradeço pela sugestão, tio, mas creio que meu povo me veria como alguém muito inconstante se estivesse sempre dando bailes. — Ela se virou para Melbourne em busca de segurança. — Você não concorda,

Lorde M?

Melbourne sorriu e deu de ombros.

— Você conhece seu povo, Madame.

Ele olhou inquisitivamente para os príncipes. Percebendo que ela agora deveria apresentá-los, Vitória se virou para os primos:

— Alberto, Ernesto, meu Primeiro-Ministro, Lorde Melbourne. Melbourne fez uma reverência formal modesta para os príncipes.

— Bem-vindos à Inglaterra, Vossas Altezas Sereníssimas.

Houve outra pausa, até que Ernesto disse com brilho deliberado:

— É tão bom estar aqui em Londres. Tenho lembranças tão agradáveis de nossa última visita. Prima Vitória, estávamos pensando que amanhã você poderia nos mostrar as pinturas em sua coleção. Ouvi que é magnífica, e Alberto acabou de retornar da Itália e não fala de outra coisa além dos Velhos Mestres da pintura.

Sob um olhar do irmão, Alberto disse com rigidez:

— Creio que haja alguns trabalhos de Leonardo da Vinci.

Vitória olhou para ele sem expressão, e Alberto se perguntou se poderia ser possível que ela nunca houvesse ouvido falar do maior pintor que o mundo

havia visto.

— Talvez haja. Eu de fato não sei.

A reprovação de Alberto deveria haver se revelado em seu rosto, porque ela disse de forma defensiva:

— Se estão tão interessados, posso mandar buscar o Guardião dos Retratos da Rainha, Senhor Seguer. Ele saberá se temos um desses Leonardos ou não. — Quando Alberto não disse nada, Vitória prosseguiu em seus modos mais reais: — e em relação a amanhã, terei de ver. Temos muitas questões a tratar, não temos, Lorde M?

O sorriso mais fraco tocou os lábios de Melbourne quando ele assentiu com a cabeça:

— Os despachos do Afeganistão irão sem dúvida requerer sua atenção completa, Madame.

Leopoldo interrompeu, balançando a cabeça:

— Só trabalho e sem diversão, Vitória. Não é bom para você. Por que você não leva os príncipes para cavalgar amanhã no parque? Você pode mostrar a eles os deleites da sociedade londrina.

Antes que Vitória pudesse contestar, Alberto disse:

— Não gostaria de distrair a Prima Vitória de questões de estado. Creio que gostaria de visitar a Galeria Nacional amanhã, se isso for permitido? — Ele olhou de Leopoldo para Vitória.

— Você deve fazer como quiser, Alberto. Lehzen fará todos os arranjos necessários. — Vitória o encarou antes de caminhar até Melbourne e falar com grande seriedade, mas pouco sentido, a respeito das opiniões dele nas questões de Cabul.

Lehzen desceu o corredor, os príncipes a seguindo. Alberto estava tão mergulhado nos próprios pensamentos e Ernesto tão preocupado com o irmão que nenhum dos dois notou Skerrett e Jenkins os espiando pelas portas dos serviços.

Jenkins disse:

— O mais alto na direita, esse é o Príncipe Alberto. Skerrett esticou a cabeça para olhar melhor.

— Maldição. Ele parece um príncipe saído de um conto de fadas. Eu me pergunto se ele gostará da Rainha. Jenkins olhou para ela em reprovação.

— Não importa o que o príncipe acha. É a Rainha quem deve decidir.

Conforme eles subiam as escadarias para seus apartamentos, Alberto enfim explodiu:

— Imagine não saber se você tem um Leonardo! Eu nunca deveria ter vindo. Ernesto sorriu.

— Mas, Alberto, se ela soubesse tudo, então você não teria nada a lhe ensinar. Alberto continuou a balançar a cabeça:

— Acredito que isso é o que os ingleses chamam de um erro de julgamento.

Ernesto colocou os dedos em seus lábios, indicando a governanta em frente, e os irmãos marcharam para frente em silêncio.

Lehzen os levou para seus quartos, uma suíte na ala norte próxima dos aposentos da Duquesa de Kent, mas não permaneceu. Ela parecia sentir dor em cada momento passado na companhia dos príncipes.

Quando a porta atrás deles se fechou, Ernesto tirou o casaco de imediato e se atirou na espreguiçadeira em frente ao fogo.

— Creio que preciso de um conhaque após essa noite. E então vou sair e ver o que Londres tem a oferecer em termos de entretenimento.

Naquele momento, o valete dos irmãos, um tímido jovem de Coburgo chamado Lohlein, entrou. Buscando o casaco do chão, ele assentiu com seriedade quando Ernesto lhe pediu que buscasse um conhaque antes que ele morresse de sede.

Alberto não se sentou, mas caminhou para cima e para baixo como se vigiasse a porta da sala de estar. Ernesto o observou por algum tempo e enfim não conseguiu aguentar mais:

— Ah, pare de se agitar, Alberto. Será que importa de fato que Vitória não seja uma especialista em pinturas renascentistas? Afinal de contas, você não sabia a diferença de um Leonardo para um Holbein até ir a Florença. Não é culpa dela que ela não recebeu sua educação. Então você poderia parar de franzir a testa para ela o tempo todo e ser um pouco mais galante?

Como Alberto não respondeu, Ernesto pulou da espreguiçadeira e tomou a

mão do irmão.

— Quando você tomar a mão dela para beijar, você deve olhá-la nos olhos como se quisesse se afogar neles, assim. — Ele se inclinou sobre a mão de Alberto enquanto o mirava com adoração.

Alberto puxou a mão, mas Ernesto foi premiado com o começo de um sorriso. Foi a primeira vez que Alberto sorriu desde sua primeira visão de Vitória.

— Você sabe que nunca irei ser capaz de igualar suas habilidades nessa área, Ernesto. Ainda acho que você, ao invés de mim, deveria se casar com ela.

Ernesto riu.

— Bom, ela faz meu tipo com exatidão: pequena, mas perfeitamente formada. — Enquanto ele desenhava uma silhueta lasciva com a mão, ele ouviu uma tosse atrás deles.

Parado sob o portal, o tio deles, Leopoldo, disse com secura:

— Todas as mulheres fazem o seu tipo, Ernesto. Mas você terá de encontrar outra pessoa. É o destino de Alberto se casar com Vitória.

O sorriso de Alberto sumiu. Ele disse com uma voz rígida que fez seu irmão se encolher.

— Não tenho certeza se Vitória concorda. E ela é quem deve fazer o pedido.

Respondendo à objeção dele com um aceno, Leopoldo disse:

— Ah, ela irá. Mas Ernesto tem razão. Ela gosta de homens que são galantes, como seu Lorde Melbourne. Alberto olhou para o chão.

— Se meus modos não são adequados, então creio que deveria retornar à Alemanha.

Com um bufar de impaciência, Leopoldo estalou os dedos sob o nariz de Alberto.

— Isso não é jeito de falar de um Coburgo. Você crê que eu era assim com Carlota? Não, eu fui e busquei meu prêmio. — Por reflexo, sua mão conferiu a peruca. — Se você for para casa agora, as pessoas dirão que ela o rejeitou. Mas se você ficar, pode ser o Rei da Inglaterra.

Alberto se afastou dele com timidez.

— Não, tio, isso não está correto. Eu seria o marido da Rainha da Inglaterra.

— Para um homem de caráter, Alberto, um Coburgo verdadeiro — Leopoldo tomou seu braço e olhou com tanta profundidade nos olhos dele que eram como se fossem os mesmos —, seria a mesma coisa. Alberto se afastou e, dando de ombros a severidade de seu sobrinho, Leopoldo deixou o recinto.

Houve um momento de silêncio antes que Ernesto pulasse em pé. Em um turbilhão de energia, ele socou o irmão no ombro.

— O que você precisa, Alberto, é ver Londres à noite. Tenho certeza que descobrirá ser muito instrutivo. Mas Alberto balançou a cabeça.

— Não quero sair, Ernesto. — Ele lançou um sorriso retorcido ao irmão. — Vitória tinha razão afinal de contas. Estou cansado após minha jornada.

Na ala sul, Vitória se preparava para dormir. Skerrett removia os grampos de seu cabelo enquanto Lehzen ficava em pé com paciência no fundo, como sempre fazia. Ela gostava de ser a última pessoa a falar com a Rainha à noite e a primeira a cumprimentá-la de manhã.

Conforme Skerrett soltava as tranças, Vitória disse para Lehzen no espelho:

— Você viu a forma como Alberto olhou para mim na noite de hoje? Como se eu fosse uma criança que não fez seu dever?

As narinas da Baronesa incharam.

— Ele é o filho mais novo de lugar nenhum e você, Majestade, é uma Rainha.

Vitória sorriu para a indignação da Baronesa, então se inclinou para frente para se olhar com crítica no espelho.

— Sabe, amanhã eu gostaria de fazer meu cabelo de outra maneira. — Ela pegou uma cópia da revista *La Mode Illustrée* que ficava aberta na mesa de Descanso e apontou para um penteado com anéis caindo sobre os ombros de uma mulher. — Você acha que conseguiria copiar isso, Skerrett?

— Ah, sim, Madame.

Vitória inclinou a cabeça para um lado.

— E você acha que me serviria bem?

— Creio que sim, Madame — e então, com um sorrisinho para sua patroa no espelho —, acho que se chama a Sedutora.

Vitória sorriu em resposta, então perguntou com o tom mais indiferente de que foi capaz:

— Você achou o príncipe belo, Skerrett?

Vendo o rosto de Lehzen no espelho, Skerrett balançou a cabeça:

— Não me cabe avaliar, Madame.

Vitória se virou e disse com um toque de impaciência:

— Mas estou lhe perguntando.

— Então, sim, Madame, creio que o príncipe é muito belo.

Lehzen fez um ruído que praticamente era um bufar, mas Vitória a ignorou e continuou a perder o olhar no espelho.

— Mas ele nunca sorri. Eu me pergunto se consegue?

Do outro lado do Palácio, Alberto estava em seu quarto olhando a miniatura de uma mulher jovem. O cabelo loiro estava feito em um estilo antigo com anéis a cada lado da cabeça. Seus olhos azuis eram enormes, a boca sorrindo. Alberto ergueu a vela de forma a poder examiná-la de forma apropriada e notou um floco de poeira. Ele o esfregou com a manga da camisa e então, porque estava sozinho e não havia mais ninguém para censurá-lo por sua tolice, levou o retrato aos lábios.

Capítulo Dois

Nas segundas-feiras, Vitória havia estabelecido uma regra de dar audiências àqueles membros interessantes do público que não tinham as credenciais apropriadas para participar dos Bailes formais.

Naquela manhã, ela estava encontrando Rowland Hill, um oficial do serviço postal que surgira com uma ideia genial que Melbourne imaginava valer sua atenção. Ela ficou em pé com suas damas e o eguariço Lorde Alfred, com Dash nos calcanhares, examinando uma folha impressa com cerca de cem pequenos perfis dela mesma. Hill havia providenciado uma lente de aumento e uma após a outra, Vitória e suas damas examinavam as pequenas imagens.

Emma Portman disse com cuidado:

— É de fato genial, você não acha, Madame? E de boa semelhança. Vitória escrutinava a imagem através das lentes.

— É melhor do que a que está nas moedas, com certeza. — Ela deu tapinhas nos anéis que se encaracolavam na base de seu pescoço no novo estilo de Sedutora.

Rowland Hill ficou em pé deslocando seu peso considerável de uma perna a outra. Ele havia sido informado que não deveria falar a não ser quando lhe dirigissem a palavra, mas ele estava ansioso para contar à Rainha de sua invenção maravilhosa. Quando Vitória baixou os selos e disse:

— Que pequenos que são — Hill não podia aguentar mais.

— Eles podem ser pequenos, Madame, mas apenas um desses é suficiente para carregar uma carta até Brighton ou à Ilha de Bute, para Guildford ou para o vilarejo de Gretna Green. — Ele pausou por efeito, alguma coisa que ele havia ensaiado no espelho de casa com a Senhora Hill espiando. — Ou, se ousou dizer, do Castelo de Windsor a Wolverhampton.

Vitória o interrompeu:

— Não parece certo, de alguma forma. Afinal de contas, Wolverhampton é muito mais distante do que Windsor.

Hill sorriu; essa era uma objeção para a qual ele preparara uma resposta.

Ele estava prestes a lançar mão dela quando a porta se abriu e o laçao anunciou:

— Suas Altezas Sereníssimas, Príncipe Ernesto e Príncipe Alberto.

Os irmãos entraram no cômodo. A mão de Vitória foi ajeitar seus cachos. Ernesto deu um sorriso de reconhecimento do estilo novo dela, e Alberto um breve aceno de cabeça. Como se afrontado pela falta de galantaria, Dash começou a latir para ele tão alto que Vitória teve de pegá-lo no colo.

Ela acenou para os primos com a cabeça e, virando-se para o oficial postal, disse:

— Rogo que continue, Senhor Hill. Hill inspirou fundo.

— Em resposta à sua pergunta, Madame, em relação a por que a postagem deveria custar o mesmo não importando a distância viajada, digo isso: uma garota que vive em Edimburgo escrevendo para seu amor em Londres deve pagar mais do que a que mora em Ealing? Será que o mercador em Manchester deveria pagar mais para escrever para seu corretor na Cidade do que o mercador em Marylebone? Esses selos, Madame, trarão igualdade real para todas as partes desta ilha. Distância não será mais uma barreira para o comércio ou

— Hill colocou sua mão no coração, em um gesto que a senhora Hill havia julgado demasiado afetado — para romance.

A alusão a romance de Hill não encontrou a recepção esperada. Vitória não suavizou, mas disse com dureza:

— E minha imagem estará em todas as correspondências?

— Sim, Madame. Este é o Correio Real, afinal de contas. — Ele fez uma pequena reverência, em reconhecimento da posição do selo. Vitória olhou para a folha.

— Mas como que as pequenas figuras ficarão fixadas?

Hill deu um passo à frente e mostrou o verso da folha.

— Como pode ver, Madame, os selos têm uma camada de goma arábica na parte de trás. Vitória ergueu a cabeça e disse com gravidade:

— Então todos que quiserem enviar uma carta terão de lambem meu rosto?

Hill hesitou. Essa não era uma questão que ele antecipara, mas então ele

disse em tentativa:

— Precisamente, Madame, apesar de usuários mais gentis poderem usar um pequeno pincel.

O cômodo ficou em silêncio. As damas de Vitória esperaram para ver como ela reagiria a essa afirmação; Hill deu um passo para trás ao ver o rosto de Vitória. Ele se perguntou como ele poderia encarar a esposa se houvesse ofendido a Rainha.

Mas antes que pudesse despencar de joelhos e implorar pelo perdão por sua lèse-majesté, ele viu que a Rainha estava mostrando covinhas nas bochechas e sacolejando com o que parecia ser risos irreprimíveis. O júbilo da Rainha se espalhou como um incêndio para suas damas, para o elegante Lorde Alfred, e enfim para o Príncipe Ernesto, que quase explodiu com a gargalhada que crescia dentro dele.

As únicas pessoas no recinto que não estavam rindo eram os lacaios, o aturdido senhor Hill, e Alberto, que olhava para a hilaridade geral com incompreensão. Quando Vitória havia se recomposto e notou o olhar severo nos olhos de Alberto, ela colocou o rosto próximo do cachorro que ela aninhava nos braços e disse:

— Você acha que o Primo Alberto nos desaprova, Dash?

Alberto não disse nada, então ela ergueu a cabeça e o olhou de forma direta. Ele franziu a testa e disse, encontrando seu olhar:

— Perdoe-me, Prima Vitória, imaginei que estivesse se dirigindo ao seu cachorro. — Ele virou o olhar para Hill. — Creio que este cavalheiro produziu uma invenção notável, uma que trará grandes vantagens para seus súditos, então, sim, não encontro nada para rir, apenas para admirar. — Com esta última frase, ele se voltou outra vez para Vitória.

Hill, que não sabia quem esse homem extremamente inteligente era, exceto que era um príncipe, fez uma reverência generosa.

— Sinto-me honrado que pense assim, sir.

Vitória sentiu as faces esquentarem.

— Muito obrigada, Senhor Hill, por me mostrar seu dispositivo tão inventivo. E agora, se você me dá licença, tenho uma audiência com Lorde

Melbourne. — Com um pisar rápido e furioso, ela saiu do cômodo sem olhar para Alberto. As damas e Lorde Alfred a seguiram.

Quando ela partiu, Ernesto olhou para Alberto e balançou a cabeça antes de dizer em alemão:

— O que há de errado com você?

Seu irmão respondeu no mesmo idioma:

— Não posso fingir ser algo que não sou. Ela tem cortesãos para rirem de tudo que ela ri, mas não sou um deles.

Ele se virou para Hill, que estava parado no meio do cômodo, sem saber se tinha sido dispensado. Ele havia sido instruído para sair do recinto sem dar as costas quando a Rainha indicasse que a audiência terminara. Mas já que a Rainha havia deixado o cômodo, ele se perguntou se isso ainda seria necessário. Será que os príncipes esperariam isso dele? Na verdade, essa era a coisa que mais apavorava Hill; o pensamento de sair de um recinto andando de ré com a possibilidade muito real de esbarrar em algo lhe havia dado pesadelos desde que havia sido informado que era uma parte necessária do protocolo da corte. Talvez, já que eram apenas príncipes, não seria necessário andar de ré por todo o caminho. Ele ficou em pé fixado no lugar, deslocando o peso de um pé ao outro.

Enfim, para sua grande surpresa e prazer, o príncipe que havia elogiado sua invenção se aproximou dele e pegou a folha de selos.

— Você poderia me dizer, por favor, como você é capaz de fazer a imagem tão exata?

Melbourne esperava por Vitória em sua sala de estar privada. Ele nem mesmo precisou olhar para ela para saber que ela estava de mau humor; ele conseguia notar isso por causa dos passos em staccato e de suas bufadas impacientes conforme ela caminhava pelo cômodo.

— Estou tão irritada que poderia gritar! — ela disse, andando em círculos no cômodo até ficar na frente de Melbourne. Quando ela baixou os olhos para Melbourne, ele pensou que poderia haver apenas uma causa para a cor acentuada da Rainha, a maneira como seu peito subia e descia.

Ele observara com interesse o encontro entre a Rainha e seu primo na noite anterior. Alberto era um rapaz desajeitado que claramente não fazia ideia de

como se fazer charmoso para uma mulher, mas com os sentidos aguçados daquele que ama, Melbourne havia visto o olhar que passara entre a Rainha e seu primo quando ele se inclinou sobre o piano para virar a página da partitura. Era um olhar que ele havia experimentado poucas vezes em sua vida e sabia que nunca mais experimentaria de novo.

Ciente de tudo isso, ele disse com seu ar normal de desinteresse divertido:

— De fato, Madame? Mas os últimos relatórios dizem que nossas forças derrotaram Dost Mohammed. Estarão em Cabul em cerca de semanas.

Vitória parou de caminhar e se recuperou com esforço.

— Isso é uma boa notícia, devo escrever para o General Elphinstone e parabenizá-lo. — Então ela estendeu as mãos na sua frente. Olhando para elas, ela disse: — É que nesse momento, eu me referia ao meu primo.

Melbourne disse com leveza:

— E qual primo seria? Sua Alteza Sereníssima Príncipe Ernesto de Saxe-Coburgo-Gota ou seu irmão, Sua Alteza Sereníssima Príncipe Alberto?

Vitória ergueu os olhos para ele.

— Alberto, é claro. Ele é um... — ela pausou, buscando pela palavra correta antes de terminar com grande ênfase — um maldito pedante.

— Mesmo? De meu olhar breve, eu o julguei bastante elegante, para um alemão.

— Ele é sempre tão... reprovador!

Melbourne sorriu:

— Creio que confunde suas prudências naturais por reprovação, Madame. Vitória balançou a cabeça com veemência.

— Não, acho que não.

Melbourne se virou para as caixas na mesa e disse quase como se fosse uma ideia mais tardia:

— Você não o vê como um marido em potencial, então?

— Eu preferiria me casar com Robert Peel!

Melbourne ergueu uma sobrancelha.

— Eu me pergunto o que Lady Peel pensaria disso?

E os dois riram, apreciando o momento de intimidade fácil entre eles e lembrando-se de quantas piadas haviam compartilhado no passado. Pareceu a Melbourne ainda mais precioso porque lhe deu outra vez o vislumbre de esperança. Talvez ele estivesse errado no que havia visto no piano. Quiçá Vitória não iria perder o coração para Alberto no final das contas, e eles poderiam continuar com esse entendimento feliz entre eles por um pouco mais de tempo.

Era uma esperança frágil, ele percebeu, e que não era digna dele. Ele sabia, mais do que qualquer pessoa, que o que a Rainha necessitava era um marido em quem pudesse despejar toda a paixão que a enchia até a borda. Ele se lembrou que havia chegado o momento em que deveria seguir seu dever no lugar de suas inclinações, mas mesmo assim, conforme a Rainha sorria para ele, mostrando seus pequenos dentes brancos, ele esperou que a hora do sacrifício não houvesse chegado ainda.

— Por sinal, Madame, posso elogiar seu novo corte de cabelo, é realmente encantador. — As curvas na nuca davam ao rosto dela uma suavidade voluptuosa.

— Pensei em tentar algo novo.

Melbourne assentiu com a cabeça, incapaz de falar naquele momento.

Alberto e Ernesto desceram os degraus da Galeria Nacional na Trafalgar Square, onde um irmão havia passado um par de horas mergulhado em admiração nos espécimes finos da coleção, enquanto o outro havia estado de igual forma ocupado em admirar a bela exposição das figuras femininas de Londres. Eles saíram para a praça principal acompanhados apenas por Lohlein.

Lehzen havia posto uma carruagem à disposição deles, e Alfred Paget lhes havia perguntado se gostariam que ele lhes mostrasse os pontos turísticos, mas Alberto recusara ambas as ofertas. Ele queria ver Londres por si mesmo, não como o primo da Rainha ou, pior ainda, seu pretendente. Ernesto protestara; ele tinha uma impressão de que Lorde Alfred poderia mostrar a ele algumas das atrações que ele acharia das mais interessantes, e como um homem da cavalaria ele não conseguia entender a paixão de Alberto por ir a todos os lugares a pé. Mas ele conhecia o irmão o suficiente para não protestar após ele haver tomado uma decisão.

Eles passaram caminhando por um projeto de edifício grande no meio da quadra. Era como se um dedo gigante apontasse para cima de um aglomerado de andaimes. Eles ficaram parados e assistiram enquanto um pedaço imenso de granito era erguido por uma série de guindastes e roldanas até descansar no topo do dedo, levando-o ainda mais para perto do céu.

Virando-se para a Regent Street, Alberto parou em frente de uma vitrine que exibia novos daguerreótipos. As pequenas chapas de vidro montadas contra uma extensão de veludo vermelho eram em sua maioria retratos de homens, apesar de haver uma imagem de uma senhora mais velha onde era possível ver todas as rugas em seu rosto.

Alberto contemplou os daguerreótipos com atenção e se virou para o irmão:

— É notável. Uma forma de reproduzir a natureza com muita fidelidade.

Ernesto deixou de admirar a ruiva cativante do outro lado da rua para espiar a velha sobre a qual seu irmão se derretia.

— Olhe para a verruga em seu rosto. Não tenho certeza se quero ser reproduzido com tanta fidelidade.

— Mas você não quer se ver como aparenta para os outros?

— Não tenho certeza; depende de quanto bebi na noite anterior!

O jovem proprietário de rosto anguloso apareceu na entrada.

— Se vocês desejam entrar, sirs, eu ficaria feliz em fazer daguerreótipos de ambos. E vocês não precisam se preocupar com ter de ficar parados por muito tempo. O tempo de exposição agora é de apenas dez minutos, e lhes prometo que não encontrarão fotógrafo mais artístico em nenhum outro local da cidade.

— É dessa forma que você se chama, um fotógrafo?

— Sim, senhor, do grego, photos significando luz e graphos, desenhar. Gosto de pensar em mim mesmo como um pintor com luz.

Os olhos de Alberto cintilavam. Ele havia ouvido falar de daguerreótipos, é claro, e havia visto até mesmo um ou dois, mas nunca havia encontrado um profissional. Ele estava prestes a dar um passo para dentro da loja quando viu que Ernesto havia iniciado uma conversa com uma senhorita do outro lado da rua. Ele hesitou; com certeza, ele não deveria sempre ser o guardião de seu

irmão. Então ele se lembrou de como Ernesto havia deixado seu regimento querido para acompanhá-lo na viagem para Londres, e com um olhar arrependido para o fotógrafo e a promessa de retornar em outro momento, ele atravessou a rua para tomar o braço de seu irmão e levá-lo para a segurança.

— Aah, esse deve ser seu irmão — disse a ruiva. — A semelhança é inconfundível. Já que vocês são estrangeiros, vocês dois cavalheiros gostariam que eu lhes mostrasse alguns dos pontos turísticos da cidade? Posso lhes garantir que conheço meu caminho por essas ruas. — Ela deu uma piscadela lasciva para Ernesto.

— Obrigado, senhorita, mas isso não será necessário. Temos negócios a resolver — Alberto disse com firmeza, e puxou o irmão pelo braço. Em sua ansiedade de se afastar da sedutora, Alberto entrou em uma ruela lateral que não poderia ter sido de maior contraste com a amplidão da Regent Street, com suas belas vitrines de lojas e pessoas com ares prósperos. Ali, tudo era mais escuro; a luz estava quase bloqueada pelos edifícios dos outros lados, e havia um cheiro forte que piorava conforme caminhavam para mais longe rumo a um pátio onde parecia haver algum tipo de bomba de água. Crianças vestidas com mais do que trapos, com nada nos pés, se perseguiam em torno de uma fila de mulheres que esperavam com baldes e selhas. Alberto olhou em torno de si com horror; este pátio fétido parecia ser a impressão negativa da prosperidade brilhante que haviam acabado de deixar. Aqui não havia sombrinhas verdes ou anúncios sobrepostos proclamando a última performance de La Sonnambula na Italian Opera House; aqui havia apenas roupas lavadas sujas de fuligem estendidas para secar e o tinir rítmico da bomba de água.

Alberto sentiu um toque em seu braço. Era Lohlein, que disse em alemão, seu rosto ansioso:

— Creio que devemos retornar ao Palácio, Alteza; esse não é um bom lugar para estar.

O som pouco familiar de alemão fez com que uma das mulheres se virasse e os encarasse. Seu olhar deixou Alberto desconfortável. Ele havia visto pobreza em seu país, é claro, mas nada tão sujo assim; e os camponeses em casa não pareciam tão sem esperança. Ele estava prestes a se virar quando sentiu algo tocar seu joelho. Ele tremeu, pensando que seria algum cachorro de rua e viu uma garotinha com não mais do que quatro anos de idade estendendo

um único fósforo.

— Quer comprar fósforo, sir?

Alberto olhou para o rosto sofrido da garota e viu seus braços magros. Ele alcançou o bolso do casaco e encontrou uma moeda, uma meia coroa, que ele pressionou para dentro da palma da mão da garota. Ele se virou e começou a caminhar rumo à luz, mas antes que pudesse dar três passos, sentiu outro toque no joelho.

Ele baixou os olhos e viu a garotinha estendendo seu fósforo. Sorrindo, ele se inclinou para tomar dela. Conforme os irmãos passeavam de volta rumo ao Palácio, Alberto disse:

— Não temos coisas como fotografos em Coburgo, mas ao menos não temos crianças implorando por dinheiro em nossas ruas.

Ernesto estava cumprimentando com o chapéu uma loira bonita em vestes azuis passando em uma carruagem leve amarela.

— Há muitas coisas aqui que não temos em Coburgo.

— Como Vitória pode sentar no Palácio com seu cachorro de estimação quando em todo o entorno dela há tamanha pobreza? Creio que Londres não é uma cidade honesta.

— Ah, não sei, Alberto. — Ernesto observou a loira desaparecer pelo parque. — Se isso é desonestidade, então creio que pode ser um pouco defendida.

O jantar naquela noite era en famille, o que queria dizer que além de Leopoldo, a Duquesa de Kent e os dois príncipes, ele incluiria apenas os membros imediatos da residência, Lorde Melbourne e Dash, que gostava de ficar aos pés de Vitória esperando por sobras.

A conversa ao redor da mesa era espasmódica, enquanto a residência e Leopoldo tentavam terminar seus pratos antes da Rainha. Apenas Ernesto, que não sabia que o timbale de saumon em sua frente estava prestes a ser levado para longe antes de ele sequer dar uma garfada, ousou iniciar uma conversa.

— Posso elogiá-la em seu vestido, Prima Vitória? Vi tantas mulheres vestidas em estilo hoje, mas creio que você é a mais fina de todas.

Vitória pareceu contente. Era um vestido novo feito de um tipo de seda que

brilhava como a cauda de um pavão de azul para verde conforme ela se movia. O decote começava apenas abaixo do ombro, revelando o comprimento de seu pescoço branco, e as linhas magras de sua clavícula estavam tracejadas por um colar de diamantes que brilhava sob a luz de velas. Ela se parecia com um beija-flor, iridescente e cintilante, inclinando-se constantemente para pôr os pedaços mais excelentes dentro da boca de um Dash esperando. Ela estava de bom humor naquela noite, efervescente de empolgação, ou talvez de tensão, ao se sentar entre os dois primos. Ela se virou para Ernesto.

— Eu me alegro que puderam se divertir hoje. Lorde M e eu estivemos tão ocupados com os alistamentos do exército. Agora que estamos no Afeganistão há tantas questões militares para atender. — Melbourne, que tinha Emma Portman entre ele e Alberto, notou que os olhos da Rainha se voltaram para o lado de Alberto ao dizer isso, mas o príncipe olhava para seu prato.

Ernesto continuou no mesmo tom afável.

— Foi um dia bastante educativo. Alberto e eu visitamos a Galeria Nacional. Somos uns turistas e tanto. Após comer tanto do prato quanto gostaria, Vitória baixou seus talheres. Como um bando de garças, os lacaios alcançaram e levaram a comida. Leopoldo deu um suspiro profundo, mas Alberto olhou para cima em surpresa conforme seu prato era levado para longe. Ele protestou ao lacaios:

— Eu não terminei!

O lacaios lançou um olhar para Vitória:

— Mas a Rainha sim, Vossa Alteza.

Alberto balançou a cabeça e olhou para Vitória, que estava naquele momento balançando um resto de comida que tinha guardado para um Dash que babava. Ao notar Alberto, ela perguntou:

— Você viu meu retrato na galeria? O de mim nas minhas vestes da Coroação. Ele sempre me lembra daquele dia e de quão nervosa me senti. — Ela deu um sorrisinho, e Emma Portman murmurou que apesar de a Rainha haver se sentido nervosa, não era visível para a audiência.

Alberto esperou que Vitória terminasse, e então disse em seu inglês com sotaque pesado:

— Nós não vimos o retrato. Nós fomos olhar os Velhos Mestres. Há um

Rubens muito belo ali, entre muitas outras pinturas interessantes. Creio que é uma coisa magnífica que tanta beleza esteja disponível para todos de graça. Creio que criará uma nação de estetas.

Vitória, que cortava seu prato de veado assado em pequenos movimentos precisos disse:

— Não gosto de Rubens de forma alguma. Toda aquela carne bamboleando.

A mesa mergulhou em silêncio. Melbourne, que não conseguia evitar um sorriso que brincava em seus lábios, se dirigiu ao Príncipe Alberto:

— A Galeria Nacional é com toda a certeza um grande benefício à nação, mas duvido que fará muito para mudar o gosto nacional. Como acredito que se tornou um dos refúgios favoritos de vagabundos, talvez tenhamos os mendigos mais cultivados da Europa. — O recinto ecoou com o estrondo prateado da gargalhada de Vitória. Alberto baixou o garfo e disse:

— Creio que até mesmo mendigos, como você os chama, merecem vislumbrar o sublime.

Melbourne sorriu em resposta, mas antes que Alberto pudesse dizer mais alguma coisa, Ernesto interrompeu:

— Bom, se as damas que vi na galeria hoje eram mendigas, então o gosto delas claramente não precisa de mais educação.

Vitória vislumbrou o olhar da mãe e se levantou. O cômodo inteiro fez o mesmo, e os cavalheiros acompanharam as damas até a porta, Alberto estendendo o braço para Vitória, que ela tocou com a ponta dos dedos sem sequer olhar para ele.

Depois de as damas haverem se retirado e os lacaios retornado com o vinho do porto, os homens se moveram para o final da mesa onde Leopoldo estava sentado. Melbourne se colocou ao lado de Alfred Paget e estava perguntando a respeito da saúde de seus muitos irmãos, quando para sua surpresa, Alberto veio se sentar ao seu lado.

Sem um preâmbulo, o príncipe disse:

— Sabe, Lorde Melbourne, eu gostaria muito de visitar seu Parlamento. Não temos nada do tipo em nosso país.

Alberto parecia tão sério que Melbourne se perguntou se ele era capaz de

sorrir. Ele não conseguia ver Vitória algum dia sendo feliz com um homem sem senso de humor.

— Seria prazer mostrá-lo a você, sir. Mas espero que não fique desapontado. O perigo de um governo representativo é que ele pode com frequência acabar se parecendo com uma baderna. E você pode querer ir incógnito.

Alberto pareceu surpreso e preocupado:

— Por quê?

— Há alguns membros do parlamento, em sua maioria Tory — Melbourne os repudiou com um gesto — que podem não gostar de sentir que estão sendo inspecionados por um príncipe alemão.

Ao dizer isso, ele viu a cor subir às faces de Alberto.

— Entendo. E o que você acha, Lorde Melbourne?

Melbourne se levantou da cadeira.

— Creio — e ele deu seu sorriso mais polido — que devemos nos juntar às damas. A Rainha não gosta de ser deixada esperando.

Na Sala de Estar Estatal, Vitória jogava cartas com Harriet, Emma e Lehzen. A Duquesa estava sentada próxima ao fogo com seu bordado. Os homens entraram em ordem de precedência, primeiro Leopoldo, que foi se sentar ao lado de sua irmã, então os príncipes, e enfim Melbourne e Alfred Paget.

Vitória ergueu os olhos para sua chegada e estendeu uma mão suplicante para Melbourne:

— Oh, Lorde M, você deve vir jogar comigo. Tenho certeza de que me trará sorte.

— Com prazer, Madame. — Melbourne mirou Alberto e Ernesto. — Quiçá nós poderíamos colocar uma outra mesa para que os príncipes possam jogar também.

Alberto olhou para ele com o que Melbourne julgou ser um traço fraco de hostilidade.

— Por favor, não se incomode. Eu não gosto de jogar cartas.

Outra vez o momento de discórdia foi quebrado por Ernesto, que disse com um sorriso determinado:

— Mas eu gosto. Posso me juntar ao jogo, Prima Vitória? Eu lhe aviso que tenho pouquíssima sorte com o jogo, mas você sabe o que dizem — e ele dirigiu seu olhar mais coquete para a bela Harriet Sutherland, que baixou as pálpebras em reconhecimento.

Vitória gesticulou para os lacaios, que trouxeram cadeiras para Ernesto, Melbourne e Alfred Paget, e então começaram uma partida de uíste.

Alberto caminhou até o piano e, depois de uma hesitação breve, se sentou e começou a tocar, bem baixinho no começo e então com confiança crescente.

A Duquesa olhou para Alberto com um sorriso feliz nos lábios.

— Querido Alberto, ele se parece tanto com você naquela idade, Leopoldo.

Leopoldo olhou de esguelha para sua irmã, mas era claro que ela não queria dizer nada com o comentário além de uma observação inocente.

— Sim, creio que há uma certa semelhança.

A música do piano ficou mais alta, mas Vitória talvez fosse a única pessoa a notar que Alberto tocava a Sonata de Beethoven em lá bemol que ela estivera tocando na noite anterior quando ele e Ernesto haviam chegado. Havia uma passagem particularmente difícil se aproximando, com a qual ela sempre se digladiava, mas Alberto a tocou sem esforço.

Vitória olhou para ele, impressionada. Ernesto notou o olhar e disse com uma mirada de súplica:

— Prima Vitória, você me daria a imensa honra de tocar para mim? Vitória olhou para o outro lado do recinto.

— O piano está em uso.

— Mas sinto que a noite só poderia estar completa com um dueto de Schubert. — Ele se virou para Harriet Sutherland com um sorriso lupino. — Você não acha, Duquesa?

Harriet estendeu seu longo pescoço branco.

— Tenho adoração por Schubert, e a Rainha e seu primo, ambos tocam muito bem.

Para sua própria surpresa, Vitória se encontrou em pé e caminhando rumo ao piano. Ante a sua chegada, Alberto parou de tocar de imediato e se levantou.

— Sinto muito. Não sabia que você queria tocar. — Seu tom era de formalidade estudada.

Ele começou a se afastar, mas Vitória estendeu uma mão para impedi-lo e disse com igual dureza:

— Ernesto pediu um dueto. Schubert. Acredito que há algumas músicas ali.

Ela apontou para a partitura de música sobre o piano. Alberto olhou para ela e assentiu com a cabeça.

— Sim, sei disso. Qual parte você prefere? Creio que a parte prima é mais difícil.

— Nunca tive um problema com ela — Vitória disse, tomando seu assento na ponta superior do teclado.

— Não? Mas tem tantos acordes e você tem mãos tão pequenas. — Os dois olharam para as mãos de Vitória, que descansavam no teclado, equilibradas para tocar. Vitória tentou mantê-las imóveis quando ele se sentou ao lado dela no banco do piano. Apesar de ele tomar cuidado de não tocar seu corpo com o dele, ela estava ciente do calor que vinha dele e do tênue cheiro doce de sua pele. Ao baixar os olhos para o teclado, ela pôde ver que suas mãos também.

Sem olhar para o rosto dele, Vitória ergueu o queixo e disse:

— Pronto? — E antes que ele pudesse responder: — Um, dois, três.

Ela tocou o primeiro acorde, e Alberto o ecoou no grave, mas conforme chegavam à melodia, ficou claro que enquanto Vitória tocava com ataque, Alberto mantinha um ritmo mais contemplativo como um todo.

Conforme a diferença em seus tempi se tornava uma discórdia altercada, Vitória parou de tocar e virou a cabeça.

— Estou indo rápido demais para você, Alberto?

Alberto respondeu o olhar dela com seus olhos azul-claros, que eram, ela percebeu, muito parecidos com os dela.

— Creio que está indo rápido demais para Schubert. Mas se esse é o ritmo que você quer... — Com uma suavização de sua boca que poderia ter sido

confundida com um sorriso em outro homem, ele pousou seus dedos nas teclas esperando que ela comesse.

Desta vez, eles tocaram não um contra o outro, mas juntos. Ele seguiu o ritmo dela, e ela resistiu à tentação de apressar pelas partes difíceis na esperança de que a velocidade disfarçasse seus erros. Conforme chegavam ao final da página, Alberto se ergueu para virá-la. Por um momento, seus olhos se encontraram e houve um eco do momento em que Vitória o vira pela primeira vez na noite anterior. O segundo movimento do dueto requeria que os pianistas atravessassem para o lado de registro do outro e, quando a mão de Alberto passou pela de Vitória, ela sentiu um lampejo de calor de pele. Algumas notas depois, foi a vez dela de tocar um acorde nas oitavas mais graves, e dessa vez ela não conseguiu erguer seu pulso alto o suficiente para ficar longe dos dele, então eles não conseguiram evitar se tocar. A pele dele tinha um toque quente e a sugestão de um pelo fez cócegas no lado de baixo da palma de sua mão. Seus dedos encontraram as notas sozinhos; toda a sua atenção consciente estava no pequeno trecho de pele em seu pulso que tocava o de Alberto. Ela não ousou olhar para seu rosto e sentiu algo como alívio quando o movimento chegou ao fim e suas mãos se afastaram.

No terceiro movimento, a passagem em legato requeria um pedal sostenuto. Vitória em automático esticou o pé para o pedal, apenas para descobrir que estava pressionando para baixo não o pedal em cobre frio, mas o pé de Alberto calçado em couro, seu tornozelo em sua nuvem de saias roçando a panturrilha dele. Desta vez, foi Alberto quem tremeu quando o pé dela tocou o dele. Vitória sentiu a pressão de sua coxa através de suas anáguas e pensou ter ouvido um suspiro dele por baixo de toda a torrente de notas.

Conforme a peça chegava a uma conclusão, eles descobriram estar no mesmo exato ritmo, e quando eles chegaram à nota final no mesmo momento, olharam um para o outro em triunfo. Vitória não conseguiu evitar um sorriso, e por um momento ela pensou ter visto um vislumbre de dentes brancos sob o bigode dourado. Eles ficaram sentados olhando um para o outro, bastante imóveis, ouvindo o som da respiração um do outro até que o momento foi perdido em uma torrente de aplausos vindos da mesa de cartas.

Alberto de imediato se levantou e fez uma pequena reverência formal com a cabeça para Vitória. Ainda levemente sem ar, ele disse em voz baixa:

— Você toca muito bem, Vitória. Vitória ergueu os olhos para ele.

— Você também, Alberto.

Leopoldo, que não conseguia mais se conter, se virou para Melbourne com um sorriso de triunfo.

— Os Coburgos são uma família tão musical, você não acha? Ver os dois primos tocando juntos como se fossem um só é muito agradável.

Melbourne deu a ele um sorriso polido que não chegava aos olhos e disse:

— Foi uma performance muito deleitante.

Vitória riu e disse em brincadeira:

— Ao menos estávamos fazendo tanto ruído que você não pôde pegar no sono como faz em geral quando acha que não estou olhando, Lorde M.

Melbourne estendeu as mãos em rendição.

Após observar essa interação, Alberto se virou para a prima e disse em um tom cortante:

— Mas você me perdoará, Vitória, se observar que você não pratica o suficiente. É necessário tocar todos os dias por ao menos uma hora.

Agora foi a vez de Vitória se levantar, ferida pela reprimenda, e também pelo retorno de seus frios modos rígidos. Mantendo o corpo bastante rígido, ela disse com altivez régia:

— De fato. Mas devo lembrá-lo de que uma Rainha não tem tempo para escalas todos os dias.

Alberto mergulhou a cabeça, como se para reconhecer a observação, e então disse, seus olhos azuis tão amplos e antagônicos quanto os de Vitória:

— Não. Apenas para jogos de cartas, creio eu.

Vitória olhou para ele sem expressão, e então com um virar de cabeça agudo ela caminhou até a mesa de cartas e se sentou. Apenas depois de fazer uma grande demonstração de olhar para as próprias cartas, ela espiou Alberto. Ele a encarava como se estivesse tentando mapear seu rosto, mas no momento em que seus olhos se encontraram ele se encolheu e olhou para longe.

Naquela noite, Vitória e Alberto olharam para miniaturas antes de irem dormir. Vitória tomou a imitação de Rainha Elizabeth que fora sua inspiração,

e se perguntou se a Rainha anterior alguma vez sentira o impulso de empolgação que ela experimentara quando a mão de Alberto tocou a dela. Como era possível que seu corpo reagisse de forma tão violenta a alguém que ela achava tão difícil?

Ela baixou a miniatura e deitou de costas na cama e olhou para o teto. Quanto tempo seus primos ficariam, ela se perguntou? Com certeza, eles não poderiam ficar ali por muito mais que uma semana; então eles retornariam para Coburgo e a vida voltaria para a forma como fora. Mas mesmo enquanto ela dizia isso para si mesma, sua mão ainda formigava no local onde o pulso dele tocara no dela.

Alberto olhava para o retrato da jovem mulher com anéis dourados. Ele a encarou com atenção e então o colocou na gaveta de sua mesa de cabeceira e se jogou na cama com o rosto para baixo.

Capítulo Três

Fá sustenido menor era a escala mais difícil, pensou Vitória enquanto tentava pela terceira vez fazer os dedos chegarem à terceira oitava sem que esbarrassem entre si. Ela sabia que deveria tentar tocar agora a escala de forma contrapontística com ambas as mãos indo na direção oposta, mas a mera ideia disso era aterrorizante. Então ela pensou no rosto de Alberto enquanto ele a provocava por causa de jogos de cartas e mergulhou, tentando obliterar a imagem dos olhos da mente. Ela havia alcançado os lados opostos do teclado e estava fazendo o retorno doloroso e cromático quando Leopoldo entrou, carregando uma xícara de café.

Vitória parou de tocar e olhou para ele irritada. Por que ele não conseguia entender que ela estava ocupada? Leopoldo ignorou o franzir de testa dela e, tomando um gole do seu café, disse com tom inquisitivo:

— Então, Vitória? — Ele ergueu uma sobrancelha.

Ela sabia exatamente o que aquela sobrancelha queria dizer, mas manteve o rosto sem expressão.

— Tio Leopoldo?

Tomando outro gole de café, Leopoldo a observou.

— Normalmente, é o homem quem deve declarar seu amor. — Ele deu a ela um pequeno aceno de cabeça.

— Mas neste caso você terá de superar sua modéstia feminina e propor a Alberto.

Vitória não se moveu.

— Ou não.

— Não? — perguntou Leopoldo. — Mas o dueto ontem foi tão encantador. Vitória baixou a tampa do teclado com um estampido.

— Sinto muito, tio, mas Alberto e eu não combinamos. Ele não tem modos; ontem ele estava tocando meu teclado como se fosse dono dele!

Leopoldo ergueu a xícara a seus lábios. Ao devolvê-la ao pires, Vitória

conseguia ver que ele sorria com amplidão, como se a veemência dela apenas servisse para confirmar suas suposições.

— Devo parabenizá-la, Vitória.

Vitória se levantou e respondeu com relutância:

— Pelo quê?

— Pelo café excelente do Palácio. Quando eu era casado com a pobre Carlota, era impossível de beber, mas agora é quase tão bom quanto o café em Coburgo. Sim, creio que Alberto será muito feliz aqui. — Antes que Vitória pudesse responder, ele saiu do recinto.

Vitória desejou que tivesse algo para jogar nele conforme ele caminhava para longe com ansiedade. Vislumbrando seu reflexo no espelho sobre a lareira, ela decidiu que seu cabelo, que seguia feito no estilo sedutora, estava todo errado. Ela caminhou com rapidez de volta para a sala de vestir e disse ao laçao para buscar sua modista.

Alguns minutos depois, Skerrett chegou, parecendo um pouco afobada.

— Sinto muitíssimo, Madame; tinha descido para tomar café da manhã.

Vitória acenou uma mão para dispensar sua desculpa e se sentou em frente ao espelho, olhando para si mesma em crítica.

— Quero que refaça meu cabelo. Creio que parece muito... — ela pausou, tentando encontrar a palavra certa — muito frívolo.

Skerrett encontrou seus olhos no espelho, parecendo confusa por um instante, então assentiu com uma compreensão súbita.

Vitória olhou para ela com diligência.

— Quero parecer sóbria, entende.

— É claro, Madame.

Skerrett iniciou o trabalho tedioso de remover os grampos do cabelo de Vitória e refazê-lo, mas sua patroa não parava de mudar de posição. Em um momento, Vitória moveu a cabeça justo quando Skerrett estava prendendo uma trança falsa no topo de sua cabeça e um grampo quase perfurou o couro cabeludo.

Vitória deu um gritinho de surpresa e dor, e Skerrett deu um sorriso de

desculpas.

— Se você pudesse tentar manter a cabeça imóvel, Madame. Vitória tremeu com impaciência.

— Sim, sim, eu sei. Mas tudo demora tanto tempo, e eu disse a Harriet que a encontraria para uma caminhada em torno dos jardins do Palácio às onze.

Skerrett tentou distraí-la mudando de assunto:

— Você não sairá para cavalgar na manhã de hoje, Madame?

— Hoje não. Harriet Sutherland sugeriu noite passada que os príncipes poderiam gostar de ver nossos jardins, e me lembrei de que não fui ver a casa de verão desde que foi repintada. Creio que os príncipes ficarão impressionados de forma mais favorável pelos jardins. Não suponho que tenham algo de tamanha escala em Coburgo.

— Não, Madame — disse Skerrett, concentrando-se na tarefa em sua frente. Desde que Príncipe Alberto havia chegado, a Rainha estivera muito mais cuidadosa em relação a sua aparência. Skerrett se lembrou da aposta no refeitório dos serviçais em relação às perspectivas maritais de Vitória e pensou que o senhor Francatelli poderia estar a caminho da vitória com suas moedas na língua de Coburgo.

Em outro espelho, do outro lado do Palácio, Alberto estava sendo barbeado por Lohlein. Em geral ele fazia a própria barba, mas naquela manhã sua mão seguia escorregando por algum motivo, e ele pedira que Lohlein tomasse conta antes que seu queixo se parecesse com um campo de batalha. Ernesto entrou justo quando Lohlein começou a passar a lâmina degoladora contra a pele de Alberto. Apesar de Ernesto estar sorrindo, Alberto conseguia ver que ele estava pálido da falta de sono. Ele olhava para seu irmão no espelho, mas não ousava falar com a lâmina tão próxima da garganta.

Ernesto se apoiou contra o batente da porta.

— Fui a um estabelecimento muitíssimo interessante na noite passada, chamado de convento, mas não vi nenhuma freira lá. — Ele lançou um olhar que Alberto sabia ser uma referência ao pai deles, notório por seus apetites carnavais.

— Entre as camadas mais baixas estão usando um código genial: umbela significa chapéu, usam costume para terno e patroa para esposa. Bastante

poético, você não acha?

Alberto encontrou os olhos do irmão no espelho e repetiu de forma lenta com um cintilar pernicioso.

— Patroa. — Então seu rosto se nublou. — Gostaria que você fosse mais prudente, Ernesto. É ruim o suficiente com o papai; se você fosse tomar o mesmo caminho, não sei se conseguiria aguentar. Sem você, não tenho ninguém.

Ernesto ouvia o apelo na voz de Alberto e, aproximando-se, colocou uma mão em seu ombro. Com seriedade súbita, ele disse:

— Não se preocupe, Alberto. Não serei como Papai. — Então sua expressão ficou mais leve. — Mas as garotas aqui são muito deliciosas. O quanto antes você se casar com Vitória, o mais rápido posso voltar para

Coburgo, onde não há distrações.

Alberto balançou a cabeça.

— Mas Vitória é impossível. Ela passa mais tempo falando com seu cachorro do que com a mãe. Seu irmão deu de ombros.

— Oh, o que importa isso? — Ele se inclinou para frente e encarou Alberto no espelho de forma direta. — Vi vocês no piano; pareceu-me que vocês tocaram juntos bastante bem. — Ele piscou para Alberto, que fingiu não notar.

— Ela tem um pouco de facilidade, suponho.

Ernesto cutucou o irmão nas costelas.

— Mas você precisava tocá-la com tanta frequência?

— Era uma peça complicada.

Ernesto ergueu as sobrancelhas e o encarou com tamanho conhecimento de causa que enfim Alberto teve de sorrir.

O clima estava tão ameno para novembro que Vitória e Harriet saíram para os jardins sem toucas ou xales.

— Outro penteado novo, Madame? Eu mal a reconheci — disse Harriet enquanto Vitória descia os degraus.

— Eu me preocupava que os cachos parecessem demasiado frívolos.

— Bom, o coque chignon é tão elegante quanto sério.

— E atraente, Harriet?

— Muito atraente, Madame.

Assegurada, Vitória liderou o caminho pelos parterres até a estradinha que levava ao lago. Distraída, seus olhos iam da esquerda para a direita até ela enfim dizer:

— Creio, Harriet, que devo fazer mais para entreter os príncipes.

— Isso é um fato, Madame?

— Sim, creio que quiçá uma pequena dança após o jantar, com talvez um pouco da residência, nada elaborado.

— Um plano excelente. Você gostaria que eu pedisse a Alfred Paget que cuidasse disso?

— Sim, por favor lhe peça. — Vitória ainda estava olhando em torno, mas então ela parou de caminhar. Harriet viu os príncipes se aproximando pela esquina de um arbusto de faias.

Ernesto sorriu para elas de forma calorosa.

— Bom dia, Prima Vitória. — Ele se virou para Harriet. — Duquesa, acabei de ver o arbusto mais inusitado. Estou pensando que talvez você poderá me dizer como se chama.

Harriet pescou a dica.

— Com prazer, sir. Arbustos estranhos são minha especialidade. — Quando Ernesto lhe ofereceu seu braço, eles desceram a avenida de arbustos de faias, deixando Vitória sozinha com Alberto.

Eles estavam em silêncio um com o outro. Vitória notou que Alberto vestia uma sobrecasaca de um corte incomum e calças brancas de cashmere que mostravam os músculos de suas pernas. Sentindo-se demasiado ciente de si mesma, ela buscou por algo para dizer em torno de si.

— Você gosta de jardins, Alberto?

Alberto olhou para o outro lado das parterres cortadas em quadrados, os arbustos bem-cortados de faia castanho-avermelhada e balançou a cabeça.

— Não. Prefiro florestas.

Começando a se perguntar se Alberto encontraria algo de que gostasse,

Vitória disse com azedume:

— Devo lhe dizer que este é o maior jardim particular em Londres.

— Mas ainda é um jardim, uma criação do homem. — Alberto começou a caminhar no sentido do lago, Vitória o seguindo. Gesticulando para cima no sentido de um arvoredor de olmos do outro lado, ele disse:

— Uma floresta é parte da natureza. Estar entre as árvores quando o vento sopra é se sentir sublime. Conforme ele erguia a cabeça para olhar para as árvores, Vitória viu os músculos de sua maxila e a coluna forte de seu pescoço. Ele havia mudado tanto do garoto magricelo bastante encurvado que fora na última visita.

— Bom, se você gosta tanto de árvores, deveria ir a Windsor. Há muitas árvores lá; o Great Park tem algumas que tem mais de mil anos de idade.

Alberto se virou para ela.

— Mas só posso ir lá se me convidar, Prima Vitória. — Havia reprovação ou súplica em seu tom? Ela não conseguia ter certeza.

Vitória pensou a respeito de sua resposta conforme caminhavam pelo lado do lago. Ela estava prestes a convidá-lo a Windsor, mas assim que chegaram a uma esquina, ela viu sua mãe. A Duquesa estava parada em seu cavalete, pintando a casa de verão em aquarela. Vitória conseguia ouvir o cantarolar, e parou no caminho e se virou para retornar à casa, imaginando que Alberto a seguiria. Mas Alberto havia visto a Duquesa também e já estava caminhando rumo a ela. Para a surpresa de Vitória, ele sorriu para sua mãe ao examinar a pintura.

— Não fazia ideia de que tinha tanto talento, Tia. O sombreamento é soberbo.

Contente, a Duquesa inclinou a cabeça no sentido dele.

— Estou fazendo meu melhor. É claro que nunca fui treinada de forma apropriada, ao contrário de Vitória, que sempre teve os melhores mestres.

Alberto se inclinou para a frente para examinar a pintura com mais proximidade.

— Mas talento como o seu não pode ser ensinado, Tia. — Ele apontou para o desenho. — Se você me permitir sugerir um pouco mais de sombra aqui para

equilibrar a composição.

A Duquesa continuou a olhá-lo.

— Obrigada. Sabe, Alberto, estou tão feliz que você e Ernesto estão aqui. — Sua voz estava grave de emoção. — Vocês me lembram tanto de minha Coburgo amada. Apesar de eu haver morado aqui por tanto tempo, ainda sinto falta de minha terra natal.

Vitória, que não havia se movido do caminho, viu Alberto tomar a mão de sua mãe e beijá-la. Quando Alberto se reuniu a ela no caminho, Vitória não estava mais pensando em Windsor.

— Você realmente gostou da pintura de Mamãe? — ela disse, caminhando para longe da casa de verão o mais rápido que podia.

Alberto assentiu com a cabeça:

— De fato, gostei — ele baixou os olhos para Vitória —, mas creio que a teria admirado de qualquer forma. Ainda caminhando em passos mais ligeiros que o normal, Vitória disse:

— Estou surpresa. Não o tomava por uma pessoa que faz elogios.

Alberto considerou essa fala.

— Tento não dizer coisas em que não acredito, mas também tento ser gentil onde possível. A reprovação em sua voz fez Vitória parar. Virando-se para ele, ela disse:

— E você acha que Mamãe precisa de gentileza?

Alberto olhou para ela com firmeza.

— Você não acha?

A certeza em sua voz fez Vitória pensar. Ela havia culpado sua mãe por tanto e por tanto tempo, que lhe parecia peculiar ver a Duquesa enquadrada não como criminosa, mas como vítima. Vitória notou que precisava afastar o olhar da mirada de olhos azuis cândidos de Alberto. Enfim, ela disse num ímpeto:

— Quando eu estava crescendo, ela e Sir John Conroy, você se lembra dele? — Alberto assentiu com a cabeça. Ela prosseguiu: — Quando morávamos em Kensington, eles me mantinham sob vigilância constante. Eu não era permitida de ter amigos, participar na sociedade, nenhuma vida

individual. Eu inclusive tinha de dormir no quarto de Mamãe.

Alberto parecia pensativo ao invés de empático.

— Talvez ela estivesse tentando protegê-la, Vitória. Não pode ter sido fácil para ela, uma viúva em um país estrangeiro tentando criar a herdeira ao trono.

— É o que Mamãe diz. Mas eu sei como eu me sentia. — Ela implodiu: — Eu era uma prisioneira, e ela e Sir John Conroy eram meus carcereiros!

Ela tremeu os ombros de leve, mas ainda assim Alberto não cedeu. Ele olhou de volta para a Duquesa e então para Vitória.

— Talvez você tenha se sentido assim, mas tenho visto a forma como ela olha para você, Vitória. Ela a ama muito.

Vitória bateu o pé em frustração.

— Você não sabe nada a respeito.

Alberto balançou a cabeça.

— Não. Isso é verdade. — Ele baixou os olhos para o chão e disse baixinho — eu apenas sei o que é não ter uma mãe.

Antes que Vitória pudesse responder, Ernesto e Harriet apareceram vindos do outro lado do lago, rindo por causa de um cisne que havia chiado para eles, e o momento passou.

Conforme ela caminhava de volta ao Palácio, Vitória se sentiu envergonhada. Ela se esquecera que a mãe de Alberto estava morta. Ela ainda estava pensando nisso enquanto se sentava com suas caixas esperando por Melbourne. O retrato de seu pai pendurado na parede em frente dela, e enquanto erguia os olhos para seu rosto barbado, Vitória pensou que não podia sentir falta de alguém que nunca conhecera. Haveria sido muito mais difícil aguentar se ela tivesse uma lembrança dele. Ela se perguntou qual idade Alberto tinha quando a mãe dele morreu, e uma imagem veio à sua mente de um garotinho chorando junto de uma cama.

Vitória estava perdida neste devaneio quando Melbourne entrou, cheio de notícias do Afeganistão. Ela demorou um momento para entender do que ele falava; o Afeganistão parecia mais distante do que nunca. Mas ela se forçou a se concentrar e, quando o que ele queria dizer lhe chegou à mente, disse em surpresa:

— Você quer dizer que os russos estão pagando os afegãos para lutar contra nossas tropas?

Melbourne assentiu com a cabeça.

— Eles querem controlar o passo Khyber, Madame. — Ele caminhou para o globo que ficava no canto do escritório. — Se você olhar para a posição do passo, pode ver que é a porta de entrada para Índia. Alexandre, o Grande tentou fazer o mesmo.

Contente de ter outra coisa em que se concentrar, Vitória disse:

— Escreverei ao Grão-Duque e lhe direi que é perverso.

Os lábios de Melbourne se torceram.

— Talvez devamos manter isso como proteção, Madame. No caso de a estratégia militar falhar. — Ele pegou o Despacho de Macnaghten. — Agora, se você me dá licença, Madame, devo retornar à Câmara.

Ele começou a sair do recinto, mas Vitória o chamou outra vez.

— Eu vou esperá-lo para jantar hoje à noite, Lorde M, e — ela hesitou — haverá danças depois. Nada de elaborado, só alguns pares.

Melbourne olhou para ela.

— Pensei que não iria dar mais nenhum baile?

Afastando sua mirada, Vitória disse da forma mais descuidada que podia:

— Ah, isso não é um baile, só uma pequena reunião para dançar. Devo fazer algo para entreter os príncipes, no final das contas.

— Mesmo você havendo me dito que o Príncipe Alberto não gosta de dançar?

Vitória sentiu os olhos de Melbourne em seu rosto e esperou não estar corando.

— Oh, eu não iria querer dançar com ele, de qualquer forma. Seria como dançar com um bastão! Melbourne ficou em silêncio, e então disse:

— Talvez ele a surpreenda, Madame — e havia algo mais em seu tom que a fez erguer os olhos.

— A Baronesa me pediu para separar o de musselina branca, mas pensei que gostaria de usar a seda azul, Madame? — Skerrett estava fechando com

força os laços do corpete de Vitória.

— A seda azul, definitivamente. — Vitória olhou para si no espelho de forma crítica. — Você pode apertar um pouquinho mais?

Skerrett balançou a cabeça:

— Se apertar mais, Madame, você não conseguirá respirar.

— Suponho que você tem razão. Quero ser capaz de dançar.

Skerrett baixou a seda azul moiré sobre a cabeça de Vitória e começou a prendê-la na parte de trás.

— Você usará os diamantes ou as pérolas na noite de hoje, Madame?

— Oh, as pérolas, creio eu. Elas ficam tão belas sob a luz de velas.

Skerrett foi responder uma batida na porta. Brodie estendeu uma bandeja de prata que continha um punhado de gardênia. Ele as estendeu para Skerrett, que disse:

— Melbourne?

Brodie assentiu com a cabeça.

— Fizemos toda a viagem de Broomfield Hall.

Skerrett fechou a porta e pôs as flores na frente de Vitória.

— De Lady Melbourne, Madame.

Vitória trouxe as flores para mais perto do rosto.

— O cheiro é divino. Como se chamam?

— Gardênia, Madame.

— Lady Melbourne sempre se lembra.

— Sim, Madame.

Vitória prendeu o punhado de gardênia no corpete do vestido e inclinandose para frente no espelho, mordeu os lábios e beliscou as bochechas. Seu nariz, ela decidiu, parecia um pouco brilhante, e ela estava apenas colocando um pouco mais de papier poudré quando Lehzen entrou pela porta interconectada.

— Está pronta, Majestade?

Vitória se virou em seu vestido azul, a luz de vela iluminando os padrões na

seda aquarelada.

— Prontíssima.

Apesar de Vitória haver dito que apenas queria uma pequena dança, Lorde Alfred decretara que um piano não seria suficiente e que precisavam de uma banda inteira de músicos.

— Príncipe Alberto é tão musical — disse Alfred. — Creio que não esperará nada menos.

— Mas eu me pergunto se ele dança? — disse Harriet. — A Rainha diz que da última vez que esteve aqui, ele não gostava de fazê-lo.

— É impensável que um jovem rapaz possa chegar à idade de vinte anos sem aprender a dançar, até mesmo na Alemanha.

Harriet riu.

— Tenho certeza que Príncipe Ernesto é um valsista bastante talentoso, mas Príncipe Alberto, quem sabe? Os olhos da residência estavam todos em Príncipe Alberto quando, após o jantar, ele entrou no salão de bailes com seu irmão. Ele se juntaria às danças?

Lorde Alfred havia instruído a pequena orquestra para que tocasse algumas danças Highland, da Escócia, para abrir o entretenimento da noite, e Ernesto de imediato abordou sua prima e implorou que ela o instrísse. Vitória tomou sua mão e eles estavam logo dançando a dança escocesa em octeto.

Mas Alberto não se juntou a eles. Ele ficou parado na beirada do recinto olhando para os dançarinos com atenção como se tentasse entender como poderiam estar se divertindo. Ele parecia desconfortável no próprio corpo e, de fato, nas roupas; ele ficava puxando a gravata para baixo como se quisesse afrouxar seus laços.

Do outro lado do recinto, Melbourne observava os procedimentos com Emma Portman. Conforme Vitória e Ernesto executavam sua dança, ele disse:

— Parece que o Príncipe Ernesto, ao menos, aprecia a companhia de mulheres.

— Sim, de fato. Ele anda flertando de forma escandalosa com Harriet Sutherland desde que chegou. E charmoso também, tão diferente do irmão, que apesar de muito bonito é duro e desajeitado.

Os olhos de Melbourne piscaram para onde Alberto estava parado em pé e desinteressado do outro lado do cômodo.

— O Príncipe Mecânico.

Essa observação direcionada fez Emma olhar para Melbourne. Era pouquíssimo característico da parte dele dizer algo tão rude. Ela viu que sob a compostura externa, ele estava se digladiando para conter as emoções. Renunciar a Vitória havia sido seu dever, mas ela refletiu que saber que havia feito a coisa nobre não facilitava nada assistir a outro homem tomar seu lugar. É claro que o príncipe poderia não suceder em ganhar o coração da Rainha, mas se não, Emma tinha certeza de que seria outra pessoa. Vitória era o tipo de mulher que florescia na companhia masculina, e era inevitável que ela se casasse logo. Emma sabia que William aceitara isso na razão, mas ao ver os músculos de seus maxilares apertarem enquanto olhava para Alberto, ela temia que seu coração não concordasse.

Com gentileza, ela o testou:

— Mas olhe como ele está contemplando a Rainha, William. Creio que seja um homem de sensibilidade real.

— Sim, mas o que ele está olhando? — disse Melbourne com aspereza. — Uma mulher? Ou a parceira mais desejável de toda Europa?

Emma fingiu não ouvir a acidez em seu tom.

— Com certeza a Rainha é ambos. Se ele irá se casar com ela, então deve se preocupar com a mulher e reconhecer sua posição. Ela não é uma garota normal qualquer.

O olhar de Melbourne se voltou para Vitória, que ria com Ernesto.

— Não, de fato ela não é.

Havia tamanha escuridão em sua voz que Emma não teve o coração de dizer mais.

No centro do recinto, Vitória estava sem ar de tanto ser girada de um lado para o outro por Ernesto.

— Você aprendeu a dança bastante rápido. Mal consigo acreditar que seja sua primeira vez. Ernesto sorriu.

— Isso é porque tenho uma professora excelente. Gosto muito de seu Gay

Gordons, que dança vigorosa. — Então ele disse em uma voz mais baixa. — Mas nada se compara a uma valsa. Se tocarem uma valsa, você deve dançá-la com Alberto. Ele teria muito a ganhar de uma lição de uma pessoa graciosa como você!

Vitória parecia em dúvida.

— Não consigo imaginar Alberto valsando.

— Não? Isso é porque você não o conhece como eu — Ernesto disse e sorriu para ela, mostrando os dentes.

— Creio que tudo que Alberto precisa para valsar é a parceira certa.

Quando a dança acabou, Ernesto buscou Alfred Paget, que estava parado em frente aos músicos, fingindo ser o mestre de cerimônias.

— Creio, Lorde Alfred, que está na hora de alguma coisa um pouco mais... íntima. Alfred não tinha o sangue de dezoito gerações de cortesãos nas veias à toa.

— Uma valsa, talvez?

— Precisamente.

Enquanto Alfred se reunia com os músicos, Ernesto circulou o recinto para ficar ao lado do irmão, que ainda estava sozinho com o olhar fixo em Vitória.

— É hora de você parar de fazer nada nas beiradas, Alberto. A próxima é uma valsa. E não há nada como uma valsa se você quer conhecer uma mulher.

Alberto puxou a gravata e olhou para o chão.

— Creio que ela gostaria muito mais de dançar com você. — Ele pausou. — Ou com Lorde Melbourne. Ernesto balançou a cabeça.

— Bobagem, Alberto! Olhe para ela!

Erguendo a cabeça com vagar, Alberto viu que Vitória sorria para ele do outro lado do salão de baile. Ainda assim ele hesitou, mas Ernesto persistiu:

— Ela está esperando por você, Alberto. — Ernesto colocou a mão em seu ombro e o virou para encarar a Rainha.

Do outro lado do recinto, Melbourne viu a Rainha sem um parceiro e decidiu tirar vantagem de sua solidão. Ele deu um passo para a frente dela e teve o prazer de ver seus olhos acenderem.

— Lorde M! Obrigada pelas flores. Elas são lindas como sempre...

Melbourne fez uma reverência.

— As estufas de Brocket Hall estão a seu serviço, Madame. Talvez eu pudesse ter o prazer de — ele disse, mas conforme ele ajustava o corpo, ele viu que Vitória não mais o estava ouvindo. Sem se virar, ele sabia que ela olhava para Alberto. — De vê-la usando-as, Madame — ele disse em uma voz mais baixa, então se moveu para um lado para que Alberto pudesse chegar a Vitória sem impedimentos.

Alberto ficou parado na frente de Vitória, magnífico em seu casaco ornamentado em ouro, calças brancas e botas com topo vermelho. Os olhos dele encontraram os dele e, com um aceno de cabeça duro, ele disse:

— Posso ter a honra?

Vitória estendeu a mão. Tomando-a, ele se moveu na direção dela e colocou a mão com leveza em sua cintura. Lorde Alfred, que estivera esperando por esse momento, deu ao maestro o sinal para começar a tocar.

Por um momento, Vitória pensou que Alberto não fosse se mover, e então, para seu alívio, a mão dele pressionou em torno de sua cintura e juntos eles se moveram no ritmo da música. Ela percebeu que ele estivera esperando pelo ritmo.

Por um minuto, eles dançaram em silêncio. Para sua surpresa, Vitória descobriu que Alberto era um dançarino excelente; era ela quem tinha que evitar de tropeçar. Enfim, após haverem completado um circuito no salão, Vitória ousou erguer o olhar e dizer:

— Mas você dança belamente, Alberto!

— Creio que antes eu tinha medo.

— Medo?

Alberto baixou os olhos para ela.

— De parecer ridículo. É difícil encontrar o ritmo. — Vitória pensou ter sentido ele pressionar a mão dela com um pouco mais de força. — Mas não com você, Vitória.

Vitória sorriu para ele, e conforme a música crescia em torno deles, Alberto sorriu de volta. Era como se uma luz brilhasse com precisão sobre

ambos. O resto do cômodo recuava, e era como se estivessem sozinhos, valsando juntos pela primeira vez; mas conforme circulavam em torno da batida triangular, parecia como se estivessem dançando juntos desde sempre.

A música mudou de clave, e Alberto tocou as flores no corpete de Vitória.

— Estas flores... — ele parou, e Vitória podia ver que ele estava lutando com emoções. — Esse cheiro. Ele me lembra...

Ele parou outra vez, e Vitória o incitou com gentileza.

— Lembra...?

As palavras de Alberto saíram em uma torrente, bastante diferentes de sua forma de falar cuidadosa como de costume, e ela conseguia sentir a pressão da mão dele agarrando sua cintura.

— Minha mãe costumava entrar e me dar um beijo de boa noite antes de ir a festas. Ela sempre usava essas flores no cabelo. — Ele piscou, e Vitória conseguia ver que havia lágrimas se formando no canto de seus olhos.

A valsa chegou ao fim. Vitória alcançou as flores e as soltou do corpete.

— Então eu lhe dou estas, para lembrar-lhe de sua mãe. — E ainda parada próxima dele como quando estavam valsando, ela pressionou as gardênia na sua mão que não resistia.

Ele inalou seu odor e baixou os olhos para os adornos intrincados de ouro em sua casaca.

— Mas não tenho lugar... — Ele hesitou antes de se inclinar para baixo e tirar o que Vitória viu ser uma faca da bota. Com um movimento rápido, ele cortou um pequeno rasgo em seu casaco dourado, revelando uma visão fugaz da pele branca por baixo e com grande ternura, colocou as gardênia no buraco que havia criado. — Eu as colocarei aqui, próximas ao meu coração.

Do outro lado do salão, Melbourne assistia a Alberto pressionar as gardênia dele, as que ele havia criado em Bocket Hall, na esperança de que um dia Vitória pudesse usá-las, prendendo-as no buraco de sua casaca. Ele sentiu um estranho tipo de alívio. Começara a dança entre Vitória e Alberto, e aquela faísca tênue de esperança que até mesmo naquele momento ele não conseguia extinguir deveria ser arrefecida por completo. Sentindo um toque em seu braço, ele se virou e viu Emma. De alguma maneira, ele conseguiu

cumprimentá-la com algo semelhante a um sorriso.

Gesticulando para Vitória e Alberto, ele disse:

— Parece que fui muito apressado. Parece que o Príncipe parece muito um Apolo do salão.

Emma não moveu a mão.

— A Rainha parece gostar de dançar com ele.

— Sim.

— Fico contente, pois a Rainha ama dançar. — Melbourne não respondeu.

— Foi muito bela a forma como ele rasgou o casaco. Ele deve ter uma alma romântica, afinal de contas.

Melbourne tentou manter a voz leve.

— Sim, ousou dizer que tem.

Emma apertou a mão dele.

— É claro, ele não sabe de onde as flores vieram. Melbourne olhou para ela e viu empatia em seus olhos.

— Você não acha que ela lhe contou. Emma balançou a cabeça.

— Há certas coisas que uma mulher sempre guarda para si. — Ela sorriu para Melbourne. — Eu nunca disse a Portman, por exemplo, que eu só o aceitei porque o homem que eu amava de verdade nunca poderia ser meu marido.

— Emma! — Ele sentiu lágrimas subindo aos seus olhos, inesperadas e nada desejadas. — Eu não fazia ideia.

— Foi há muito tempo, William, e não sou mais aquela garota. Mas eu me lembro de como ela se sentia. — Ela sorriu para ele. — E é assim que sei que, para Vitória, elas sempre serão suas flores.

Mais tarde naquela noite, Alberto se sentou no peitoril da janela de seu quarto olhando para fora pelos jardins, os esqueletos escuros das árvores iluminados por uma lua minguante. Ele tomou as flores que Vitória lhe dera e enterrou o rosto no perfume doce e ceroso. A porta se abriu e Ernesto entrou, o rosto iluminado pela vela que carregava. Ele caminhou para dentro e colocou a mão no ombro do irmão e o apertou.

Então ele riu e disse:

— Lohlein diz que você não está autorizado a rasgar nenhuma outra casaca, Alberto. Você não tem muitas para desperdiçá-las de forma tão irresponsável.

— Não sou uma pessoa tão irresponsável.

— Talvez você esteja mudando, Alberto. — Ernesto se sentou na cama e notou a miniatura pousada na mesa de cabeceira. Ele a pegou e olhou para ela sob a luz de velas.

— Eu não sabia que você tinha isso, Alberto. Pensei que papai houvesse se livrado de tudo.

— Encontrei num escritório na biblioteca de Rosenau.

— Você se parece tanto com ela — Ernesto disse.

Alberto se levantou e tomou a miniatura do irmão.

— Você sabe, não consigo me lembrar do rosto dela. Mas hoje à noite, enquanto dançava com Vitória, ela usava essas flores e de súbito me lembrei de Mamãe vir nos dar um beijo de boa noite. Ela tinha essas flores no cabelo, mas eu não podia tocá-las. — Ele baixou a imagem. — Como você pode sentir tanta falta de alguém de quem mal se lembra?

Ernesto colocou os braços em torno do irmão.

— Será diferente quando você e Vitória se casarem.

Alberto retribuiu o abraço do irmão.

— Ela tem que pedir antes.

— Ah, creio que ela vai, você não?

— Talvez. Mas não é tão simples. Hoje à noite, sim, senti que conseguíamos nos entender, mas ela é tão... tão volátil, como dizem os ingleses. Não sou a única pessoa de quem ela gosta.

Ernesto se afastou do irmão e disse com seriedade incaracterística:

— Você não tem nada a temer, Alberto. Vitória não é como Mamãe.

Alberto se afastou.

— Espero que tenha razão.

Capítulo Quatro

O sol de novembro brilhou no rosto de Vitória através das janelas conforme a empregada abria as cortinas. Ela espreguiçou os braços como um gato e sorria de forma ampla quando Lehzen entrou pela porta.

— Bom dia, Majestade. Vejo que dormiu bem? Vitória irradiou alegria para ela.

— Muito bem.

Ela lançou as pernas para o chão e dançou até chegar a Lehzen. Cantarolando a valsa que dançara na noite anterior, ela girou em torno da governanta, Lehzen rindo em protesto conforme Vitória tomava sua mão e a forçava a se juntar a ela.

— Decidi ir a Windsor — Vitória disse. Lehzen parou no meio de um giro e disse com surpresa:

— Windsor? Mas você não gosta de Windsor.

Vitória deu uma pirueta e girou no próprio eixo para encarar Lehzen.

— É claro que gosto de Windsor!

Lehzen não conseguia esconder sua consternação:

— Quando você gostaria de ir?

Vitória dançou até a janela e olhou para fora.

— De imediato. Por favor, faça todos os arranjos. Lehzen franziu a testa e então disse com lentidão:

— Todos devem ir, Majestade? Até mesmo os príncipes? Vitória se virou e riu.

— Você está sugerindo que nós os deixemos para trás? Lehzen olhou para o chão.

— Não, Majestade, é claro que não. Se você me dá licença, devo informar a criadagem.

Vitória se despediu dela com um aceno e continuou a dançar pelo quarto, cantarolando para si mesma até Skerrett entrar para fazer seu cabelo.

Vitória estava descendo a escadaria usando sua touca e capa de pelica ao ver Melbourne vindo do outro lado. Ele ergueu os olhos para ela, surpreso de ver as roupas de viagem.

Vitória se sentiu corar por nenhum motivo que conseguisse explicar.

— Lorde M!

Melbourne fez uma reverência e tirou uma carta do bolso:

— Trouxe o último despacho de Macnaghten em Cabul. Eu sabia que estaria ansiosa para lê-lo. Vitória parou.

— De fato quero lê-lo, e muito. — Ela hesitou, e então deixou sair de uma vez: — Mas, veja bem, decidi ir a Windsor.

— Em uma quarta-feira, Madame? — Melbourne a olhou de perto, e Vitória descobriu que não conseguia encará-lo.

— Sim. Eu gostaria de um pouco... de ar fresco.

— Mesmo? — As sobrancelhas de Melbourne flutuavam de forma burlesca.

— Você sabe como gosto de árvores.

— Árvores, Madame?

Vitória ergueu o queixo em desafio:

— Sim. Há alguns espécimes muito belos no parque lá.

— De fato, há. — Melbourne então acrescentou com leveza: — Suas Altezas Sereníssimas irão também?

— Sim, é claro. Todos estamos indo. — Ela deu outro passo descendo as escadas, e então parou e olhou de volta para Melbourne. — Nós o esperamos para o jantar.

Melbourne balançou a cabeça.

— Creio que isso pode ser difícil, Madame. Veja bem, devo ir ao Parlamento dar uma declaração sobre o Afeganistão. — Ele pausou. — Você terá muito para distraí-la no castelo. Há as árvores — ele sorriu—, e tenho certeza de que o Príncipe Alberto irá querer ver a coleção de arte em Windsor.

Desta vez foi Vitória quem balançou a cabeça.

— Mas eu não ficarei... à vontade, a não ser que você esteja lá, Lorde M.

Você sempre facilita tanto as coisas.

Melbourne disse com gentileza:

— Sabe, Madame, creio que você pode se surpreender com quão à vontade pode se sentir. Você pareceu estar se divertindo muito com os príncipes na noite de ontem.

— Mas você estava lá noite passada! — O rosto de Vitória assumiu seu ar mais régio. — Você poderia vir jantar se nós ficássemos aqui. Não vejo por que Windsor seria de qualquer diferença. Vou esperar sua presença.

Melbourne fez uma reverência e disse com um sorriso que não lhe chegava aos olhos:

— Isso é uma ordem, Madame?

Vitória ergueu os olhos para ele.

— Não uma ordem, mas um pedido por sua companhia. Por favor, Lorde M?

— Neste caso, Madame, não posso recusar.

A fila de carruagens se estendia pela pista de viagens, flanqueadas por homens a cavalo com capacetes emplumados. Poderia ser um pequeno exército em movimento, mas era apenas a criadagem imediata da casa da Rainha, a Duquesa de Kent, Rei Leopoldo e, é claro, os príncipes. Na primeira carruagem, Vitória estava sentada segurando Dash, com Lehzen ao seu lado e Harriet e Emma sentadas na frente delas. Lehzen, que não aprovava essa vontade espontânea de visitar Windsor, disse pela milionésima vez:

— Espero que não cheguemos lá depois de escurecer. Vitória disse:

— Oh, pare de resmungar, Lehzen. Pense em quão esplêndido será caminhar pela floresta. Lehzen parecia confusa.

— Na floresta, Majestade? Mas nunca caminhamos pela floresta.

— Então está na hora de fazermos isso!

Emma trocou olhares com Harriet, e elas passaram os próximos dez minutos tentando abafar seus risinhos. Elas não tiveram dificuldade em interpretar o entusiasmo de Vitória por todas as questões arbóreas, mas havia algo inexplicavelmente cômico no fracasso de Lehzen ao tentar entender o comportamento da Rainha.

Felizmente, elas puderam rir sem serem observadas quando a carruagem teve de parar fora de Londres por alguns momentos para mudar de cavalos. Emma disse a Harriet:

— A Baronesa escolhe não ver o que está em frente a seus olhos. A Rainha está muito interessada no príncipe, creio eu.

O rosto de Harriet ficou sério de repente ao responder:

— Mas você pode culpar Lehzen? Quando a Rainha tiver um marido, ela não precisará mais da Baronesa. — Emma se lembrou do rosto de Melbourne no dia anterior conforme a Rainha dançava com o Príncipe Alberto, e ela também parou de rir.

Na carruagem pertencente ao Rei dos Belgas, Leopoldo olhava para o sobrinho com aprovação.

— Vitória sempre é tão relutante para deixar Londres. — Ele sorriu para Alberto. — Eu me pergunto se este entusiasmo súbito com Windsor tem algo a ver com você?

Alberto olhou pela janela.

— Eu não saberia dizer, tio.

Ernesto o cutucou e riu.

— Pobre Alberto. Ele não consegue ver que essa excursão inteira foi organizada porque ele disse a Vitória que gosta de caminhar entre as árvores.

Alberto se virou para o irmão.

— Não creio que Vitória passaria por tamanha dificuldade meramente para me divertir, Ernesto.

Ernesto o cutucou outra vez.

— Isso só mostra o quão pouco você sabe a respeito de moças, Alberto. Alberto empurrou o irmão de volta.

— Quanta sorte tenho de ter você para me lembrar, Ernesto. De outra forma, eu podia começar a me achar um mulherengo.

Ernesto disse com solenidade fingida:

— Meu querido irmão, você pode ser popular com as mulheres, mas tenho certeza de que nunca será um mulherengo.

— Sim. Há muitos, suficientes, na família! — disse Alberto.

Antes de deixar Londres, Vitória enviou uma mensagem para senhor Seguiet, o Guardião dos Retratos da Rainha, pedindo que a encontrasse no Castelo. Essa convocação havia causado grande perturbação na residência Seguiet. Seguiet se perguntando se haveria alguma relação com a nomeação a cavaleiro que ele sentia que há muito estava atrasada, e sua esposa tentando se lembrar o que havia feito com as melhores meias de seda do marido. Por sorte, as meias haviam sido encontradas, para que Seguiet fosse capaz de chegar ao castelo apenas uma hora depois da Rainha. Para sua surpresa, ele foi levado para a presença real de forma imediata na sua chegada.

Vitória esperava por ele na Sala de Estar Azul, cercada de suas damas. Um homem corpulento, Seguiet notou que suas calças estavam inexplicavelmente justas ao se ajoelhar na frente da Rainha para beijar a sua mão. Ele se levantou de forma bastante cautelosa e disse da maneira cortês que parecia funcionar com todos os clientes aristocráticos:

— Vossa Alteza. Tamanha honra ser convocado para o Castelo. Faz tanto tempo que estive aqui pela última vez. Seu Tio Jorge foi bom o suficiente para me pedir que catalogasse suas aquisições; que conhecedor ele era. Mas desde a ascensão de seu Tio Guilherme, estive aqui apenas uma vez, ele me pediu que encontrasse um retrato de uma fragata. — Seguiet deu uma tremelicada, e suas papadas se sacudiram. — Então estou encantado de estar aqui outra vez e de oferecer qualquer assistência que estiver em meu poder.

Ele olhou para Vitória com expectativa. Poderia este ser o momento em que ele poderia enfim dizer à sua esposa que ela se tornaria Lady Seguiet?

Mas Vitória tinha outro motivo para convocá-lo ao Castelo.

— Descobri, senhor Seguiet, que não sei tanto da minha coleção quanto gostaria. Há muitas belas pinturas aqui no Castelo. Estava esperando que você pudesse me contar um pouco a respeito da história delas — ela hesitou —, caso eu seja perguntada a respeito disso.

Seguiet escondeu sua frustração com o seu sorriso mais bem-informado. Apesar de uma cavalaria ser o ápice de suas ambições, ele não estava infeliz de ser pedido que tomasse conta da educação artística da monarca. Se ele pudesse guiar seus gostos, então sem dúvida ele poderia estar apto a ajudá-la a expandir a coleção. Não havia nenhum tônico melhor para um curador de

arte do que um patrono real.

— É claro, Madame. Posso sugerir que comecemos com o Rafael aqui? É um belo exemplo de seu trabalho de começo. Em particular, eu lhe sugiro que olhe para o trabalho de pincel em torno da boca. Um domínio tão requintado de linhas e tons. E, então, é claro, você tem o Rembrandt na parede oposta que adquiri para Rei Jorge. Sua Majestade me disse que imaginava ser uma das mais belas peças da coleção.

Conforme Vitória se movia pelo salão ouvindo com cuidado o discurso de Seguiet a respeito das pinturas, Emma e Harriet trocaram olhares.

— Nunca soube que a Rainha era tão interessada em arte — disse Harriet.

— Creio que nunca sequer notou essas imagens antes — disse Emma.

Ambas as mulheres começaram a rir, sem notar a Baronesa Lehzen, que se encontrava com uma sensação de enfraquecimento leve, e precisou se segurar nas bordas do sofá para se manter em pé.

O Castelo de Windsor parecia mais frio que o Palácio de Buckingham, e os Príncipes estavam gratos pelas labaredas que foram acesas em seus apartamentos. Alberto estava parado na frente da lareira na sala de estar deles esquentando as mãos, enquanto Ernesto caminhava pelo recinto tentando fazer o sangue circular após a longa viagem de carruagem.

— É claro que não considero isso um castelo real — disse Ernesto. — É mais o que alguém imagina que um castelo deveria ser do que a coisa de verdade. É muito arejado e limpo. Onde estão as masmorras? E as teias de aranha? Quando você se casar, você deve levar Vitória para o Rosenau e então ela poderá ver como é um castelo de verdade.

Alberto deu de ombros:

— Creio, Ernesto, que você está, como os ingleses dizem, contando os pintinhos antes dos ovos racharem. Não há certeza de união entre mim e Vitória.

— Não, e não há certeza de que a primavera vem depois do inverno. Ela gosta de você, Alberto, consigo ver nos seus olhos. Não creio que terá de esperar por muito tempo.

Alberto olhou de mau humor para o fogo.

— Mas eu queria não ser a pessoa que tem de esperar, como se eu fosse uma dama esperando um pedido de casamento. Não é... correto estar tanto sob o poder de outra pessoa. Eu gostaria de eu mesmo tomar essa decisão.

— Você sempre pode recusá-la — disse Ernesto, rindo. — É claro que é estranho que ela seja a pessoa quem faz o pedido, mas creio que os ganhos fazem valer a pena, você não?

— Não sei, Ernesto, se ela gosta de mim ou não, ou se ela vai fazer o pedido, ou sequer se eu quero me casar com ela. É complicado demais. Mesmo que eu me torne marido, jamais serei o senhor.

Ernesto estava prestes a responder quando a porta se abriu e Penge, o mordomo da Rainha, entrou, seguido de dois lacaios carregando moldes de alfaiate, cada um deles vestido em uma casaca deslumbrante com tranças douradas. Penge fez uma reverência e disse com grande solenidade:

— Para Vossas Altezas Sereníssimas, com os cumprimentos da Rainha.

Ernesto analisou com um olhar estupefato as casacas azul-marinho grossas com bordados de ouro e prata.

— Roupas chiques?

Penge disse em um tom rígido com reprovação.

— O uniforme de Windsor, Vossa Alteza Sereníssima, foi desenhado por Sua Majestade Rei Jorge III para os membros da — ele pausou e disse então com ênfase — corte inglesa. — Com outra reverência, ele deixou o recinto, seguido pelos lacaios.

Ernesto tirou a casaca e provou uma das de Windsor, e se olhou no espelho.

— Bom, ninguém vai me errar no escuro se eu vestir isso. Eu me pergunto se o Rei Jorge desenhou isso antes ou depois de enlouquecer. — Ele pegou a outra casaca e a estendeu para Alberto. — Aqui, vista a sua.

Alberto vestiu a casaca pesada com relutância. Ernesto olhou para ele de cima a baixo.

— Acho que o Rei Jorge ficaria muito orgulhoso de vê-lo neste uniforme. Isso sem mencionar a sua neta...

Alberto olhou para si no espelho e franziu a testa.

— Por que a cara comprida, Alberto? Creio que lhe cai muito bem.

Alberto balançou a cabeça.

— Você dirá que estou sendo absurdo, mas parece que agora não sou capaz de escolher nada para mim mesmo, nem mesmo minhas roupas.

— Não acho que esteja sendo ridículo, apenas ingrato. Ora, há trançados de ouro suficientes nessa casaca para comprar a maior parte de Coburgo.

Para o alívio de Ernesto, os lábios de Alberto se torceram.

— Você está sugerindo que a derretamos e fuçamos com os lucros?

— Bom, se ela não o pedir em casamento, ao menos você não volta de mãos vazias!

Alberto riu e pulou para cima do irmão, que deu um passo para o lado para que Alberto caísse no sofá. Ernesto se sentou ao lado dele.

— Estou tão feliz que está aqui — disse Alberto, colocando a mão no braço do irmão. — Não sei se conseguiria fazer isso sozinho.

Ernesto cobriu a mão de Alberto com a sua própria.

— Sempre estarei aqui se precisar de mim. — E, então, levantando-se com uma risada. — Além disso, há compensações por ser sua babá. A Duquesa de Sutherland, por exemplo. Que perfil.

— Espero que se lembre, Ernesto, que ela é uma Duquesa e não uma servente de Coburgo.

Ernesto girou em torno do próprio eixo, brilhando na casaca dourada.

— Duquesa ou servente, elas não são tão diferentes, apesar de a Duquesa, eu imagino, ter unhas mais limpas.

Leopoldo se admirou no espelho na estante sobre a lareira na Sala de Estar Azul, onde os convidados se reuniam antes do jantar. Ele não havia vestido o uniforme de Windsor por muitos anos e estava contente por quão bem ele ainda o servia. Ao vislumbrar Emma Portman olhando do outro lado do cômodo, ele se sentiu encorajado pelo fato de ainda ser o foco de olhares do mulhierio. Ele não sabia, é claro, que Emma Portman não estava sorrindo para o homem, mas para o prazer evidente que ele tirava da própria aparência.

As autocongratulações felizes de Leopoldo foram interrompidas pelo mordomo anunciando a chegada do Visconde de Melbourne. Leopoldo se virou em irritação; ele não esperara que o homem estivesse em Windsor, e seu

desgosto aumentou pelo fato de que Melbourne, que também vestia o uniforme de Windsor, conseguia ficar muito bem nas vestes. Ele fez um curto aceno de cabeça para o Primeiro-Ministro.

— Não sabia que estava no Castelo, Lorde Melbourne. Melbourne balançou a cabeça.

— De fato, eu deveria estar na Câmara. A situação no Afeganistão requer isso, mas a Rainha foi bastante insistente.

— E você não gosta de contrariá-la? — O tom de Leopoldo era de troça, mas Melbourne o olhou de volta sem sorrir e disse com simplicidade:

— Ela é a Rainha, senhor.

Leopoldo não pausou por um instante.

— Então você irá acolher o casamento dela. — Ele sorriu. — Isso deixará suas obrigações menos... onerosas.

Antes de Melbourne poder responder, as portas se abriram e o mordomo anunciou:

— Suas Altezas Sereníssimas, Príncipe Ernesto e Príncipe Alberto.

Leopoldo e Melbourne se viraram para ver Alberto e Ernesto entrarem, resplandecentes em seus adornos dourados. O sorriso de Leopoldo cresceu ainda mais.

— Lá estão meus sobrinhos, e em seus uniformes de Windsor. Isso é muito agradável. Tãmanha gentileza. Ele se virou outra vez para Melbourne, o sorriso nunca hesitando.

— Como eu dizia, Lorde Melbourne, sua vida será logo muito mais fácil. — Ele caminhou para cumprimentar os sobrinhos.

Após vislumbrar os Príncipes, Melbourne se moveu para se juntar a Emma Portman do outro lado do cômodo, quando o mordomo anunciou:

— Sua Alteza, a Rainha. — Vitória entrou, seguida por Lehzen, e a Duquesa de Kent.

Para a surpresa, e prazer secreto, dele, Vitória seguiu de forma direta para Melbourne, sorrindo com alegria.

— Oh, Lorde M, estou tão contente que pôde vir. Melbourne inclinou a

cabeça.

— Eu deveria estar esperando por mensagens de Cabul — ele sorriu para ela —, mas decidi que preferiria observar as escaramuças em Windsor. — Ele olhou para os príncipes e Vitória riu com deleite.

— Você acha que Windsor é um campo de batalha, Lorde M?

— Bom, há homens uniformizados o suficiente, Madame.

Melbourne teve a satisfação de ouvir Vitória rir outra vez. Mas sua reação não agradou a todos no salão. Alberto, que se sentia inexplicavelmente aborrecido pela forma como Vitória cumprimentara Melbourne antes de qualquer pessoa, se moveu até a Duquesa de Kent, Ernesto ao seu lado.

— Quão encantadora sua aparência na noite de hoje, Tia. Creio que o ar aqui deve lhe fazer bem. A Duquesa levantou o rosto e sorriu para ele, como uma flor murcha que acabou de ser regada.

— Fico tão feliz de estar aqui com vocês dois. Quão bom seria se vocês estivessem aqui sempre. Ver Alberto falar com sua mãe fez Vitória se virar para os primos e dizer com brilho:

— Alberto, Ernesto, quão bem ficam de uniforme. Estou tão contente de que encontramos alguns que servissem.

Ernesto fez uma reverência teatral.

— Eles com certeza são do maior esplendor. Seu avô claramente não economizou nenhum centavo.

Vitória se virou para Alberto, que não encontrou seus olhos.

— E você, Alberto?

— Creio que os bordados de ouro são um pouco pesados.

Vitória ouviu a repreensão na voz de Alberto, mas não conseguia ver motivo para isso. Então ela sorriu e disse:

— Talvez você queira vez as pinturas aqui, Alberto. Sei o quanto gosta de arte. — Ela foi para a frente do Rembrandt, o retrato da esposa de um burguês holandês toda em negro exceto por uma intrincada gola de seda.

Vitória começou a regurgitar seu conhecimento recém-descoberto.

— Agatha Bas, por Rembrandt, que em geral é considerado o melhor dos

mestres holandeses. Meu Tio Jorge a comprou em 1827.

Alberto espiou a pintura em proximidade.

— Ele tinha um gosto excelente. O trabalho com pincéis é magnífico. Olhe para o rosto.

Mas Vitória olhou para as verrugas que cobriam o rosto da mulher e enrugou o nariz.

— Não é muito lisonjeiro, no entanto.

Alberto olhou de volta para ela e disse com seriedade:

— Talvez. Mas é verdadeiro. Qual dos dois você prefere? Lisonjeiro ou a verdade? — Ao dizer isso, seu olhar piscou para Lorde Melbourne, que os observava do outro lado do cômodo.

— Eu tenho de escolher? — Sorrindo calorosamente para Alberto, ela disse: — Creio que preferiria a verdade apresentada sob a luz mais lisonjeira possível.

Alberto franziu a testa para sua resposta irreverente, mas do outro lado do recinto, Melbourne teve de se impedir de sorrir.

Durante o jantar, Vitória se sentou entre Leopoldo e Ernesto, Alberto ao lado da Duquesa, e Melbourne junto de Emma Portman.

— Quão estranho é ver você e o Príncipe Alberto, os dois usando o uniforme Windsor — disse Emma.

— Você está tentando dizer que acha que fica melhor nos príncipes? — disse Melbourne, rindo. — Não se preocupe, Emma, conheço minhas limitações. Os príncipes se parecem com semideuses e eu sou um mero mortal.

— Não quis dizer isso, William, e falsa modéstia não combina com você de forma alguma. Ninguém fica mais esplêndido de uniforme que você. Creio que Príncipe Alberto concorde comigo; ele segue olhando para você.

— Não com admiração, creio eu.

— Não. Creio que esse olhar tem algo a ver com o monstro de olhos verdes.

— Creio, Emma, que como uma aficionada por intrigas, você está tentando criar um drama onde não há nenhum.

— Talvez, mas lá está ele olhando para você. — Melbourne olhou para o outro lado da mesa e viu que os olhos de Alberto de fato estavam sobre ele. Melbourne reconheceu que aquele frisson de prazer que a Rainha lhe dera ao cumprimentá-lo deveria haver ocasionado um igual sentimento de desgosto no jovem Príncipe. Será que Emma estaria certa? Será que o nariz perfeito de Alberto cheirava algo que ele não gostava? Melbourne se permitiu um momento de satisfação ignóbil, ou o que os alemães chamavam de Schadenfreude. Sua situação atual se tornou apenas um pouquinho mais suportável ao saber que ele não era a única pessoa a sentir o que Emma chamava de “monstro de olhos verdes”.

Os homens não tomaram muito dos seus vinhos do Porto após o jantar, mas se dirigiram para a sala de estar na primeira oportunidade. Alberto foi de forma direta para o Rafael, e Melbourne, ao ver que a Rainha estava surpresa de ser ignorada desta forma, se dirigiu até ela para lhe dar atenção. Eles bateram papo de forma desconexa sobre isso e aquilo, mas Melbourne viu que Vitória seguia espiando para as costas que Alberto mantinha viradas dela com tanta firmeza.

Enfim ela disse em uma voz bastante alta, esperando talvez atrair a atenção de Alberto:

— Você leu o novo romance escrito pelo Senhor Dickens, Lorde M? Oliver Twist? Eu recém o comecei e o achei incomumente fascinante.

Melbourne deu de ombros:

— Já que não tenho desejo de estar junto de fabricantes de caixão, prostitutas de taverna, ladrões e assemelhados, por que, eu lhe rogo, eu iria querer ler a respeito deles? Vitória sorriu.

— Mas senhor Dickens é tão divertido, Lorde M. Creio que apreciaria muito o livro, apesar de eu ousar dizer que você nunca admitiria isso.

Melbourne estava prestes a responder quando Alberto se virou. Olhando para Melbourne com seus olhos azul-claros, ele disse:

— Creio que o senhor Dickens escreve de maneira muito precisa sobre as condições entre os pobres de Londres. — Ele pausou e não se incomodou em disfarçar o desafio em sua voz. — Você não gostaria de conhecer a verdade a respeito do país que você governa, Lorde Melbourne?

Vitória soltou um bufar de surpresa, e olhou para Melbourne com ansiedade, mas para seu alívio, ele sorriu e respondeu com sua pronúncia mais lenta e aristocrática:

— Pode ter-lhe escapado a observação, Vossa Alteza Sereníssima, mas estive no governo há dez anos, de início como Secretário de Estado para Assuntos Internos e depois como Primeiro-Ministro. Então creio que estou razoavelmente bem-informado.

Ele falou um pouco mais alto que o normal, e os outros em torno dele se viraram para ouvir. Ao ver a expressão no rosto de seu irmão, Ernesto se moveu para frente e disse com leveza:

— Alberto, nossa tia andou pedindo para ouvir algumas das canções populares de Coburgo. Já que sua voz é muito melhor que a minha, pensei que se eu tocasse, você poderia cantar. Isto é, se a Prima Vitória nos desse a honra?

Vitória se virou para ele com alívio espalhando-se pelo rosto.

— Eu não gostaria de nada mais. Mamãe sempre fala com tanto carinho a respeito da música de sua juventude. — Ela se dirigiu a Melbourne com animação. — Você não acha que seria encantador ouvir algumas músicas populares alemãs simples, Lorde M?

— Temo que minha apreciação pela música alemã para em Herr Mozart, Madame. — Vendo o tremor no lábio de Vitória, ele acrescentou: — Mas já que os príncipes são tão musicais, tenho certeza que minha educação será imensamente ampliada.

Ele foi premiado com um sorriso da Rainha, mas seu sacrifício não se estendeu a manter os olhos abertos pelo recital inteiro que se seguiu.

Antes de se retirar para dormir, Vitória havia convencido seus primos a cavalgarem com ela no Great Park na manhã seguinte. Mas ao descer para os estábulos, Dash em seus calcanhares, ela encontrou apenas Ernesto conversando com leveza com Alfred Paget. Ao ver Vitória, ele disse:

— Bom dia, minha querida prima. Devo desculpar-me em nome de Alberto. Ele acordou muito cedo e pensou em sair para galopar antes de se juntar a nós. Espero que não tenha objeções.

Vitória sorriu.

— De modo algum. Mas espero que ele não veja todas as árvores que eu queria lhe mostrar.

— Alberto nunca se sacia de árvores, eu descobri.

Eles cavalgaram entre as árvores antigas, os cascos de seus cavalos estalando pelas folhas acumuladas, Dash se lançando pelos cantos à procura de coelhos. O ar ainda estava úmido, e a geada ainda se grudava aos galhos nus. Vitória olhou em torno de si e disse:

— Alberto deve ter acordado muito cedo de fato. Ernesto riu.

— Às vezes acho difícil de acreditar que somos irmãos. Ele sempre acorda com o nascer do sol, enquanto eu apenas saí da cama pela honra de cavalgar com você.

— Vocês parecem mesmo ser muito diferentes. Você é tão fácil de lidar, e Alberto é... bom, ele não é nada fácil.

Ernesto parou seu cavalo e se virou para encarar Vitória, seu rosto incomumente sério.

— Sei que às vezes ele pode ser desajeitado, mas você deve saber, Vitória, que um Alberto vale dez de mim. Vitória se sentiu tão atingida pela expressão no rosto dele que disse:

— Você se importa muito com ele.

— Desde que perdemos nossa mãe, fomos tudo um para o outro. E apesar de eu ser o mais velho, Alberto sempre cuidou de mim.

Eles foram interrompidos pelos latidos frenéticos de Dash. Um momento mais tarde, Alberto, montado, entrou no campo de visão. Ele estava sem chapéu, com o cabelo bagunçado por causa da cavalgada; suas bochechas estavam coradas, e havia lama em suas botas. Vitória foi impactada pela diferença de sua aparência, da figura dura, com entrelaçados dourados que ela vira na noite anterior. Conforme ele se aproximava deles, ela se perguntou se ele sorriria, e se sentiu aliviada ao ver os cantos da boca dele se erguerem. Não era exatamente um sorriso, mas não era a máscara de reprovação que ela temia.

— Bom dia, Alberto, espero que ache o parque aqui mais de seu gosto do que os jardins do Palácio.

Alberto parou seu cavalo na frente dela.

— Há uma palavra que temos em alemão. Waldeinsamkeit. Um sentimento de estar em união perfeita, como um único, com a floresta. — Ele gesticulou para as árvores em torno dele. — Eu a tenho aqui.

Vitória repetiu:

— Waldeinsamkeit, que palavra adorável. Sinto que sei exatamente o que quer dizer.

Alberto olhou para ela, e a suavidade de seus lábios se tornou mais pronunciada. Ao ver isso, Ernesto direcionou a cabeça de seu cavalo para outro lado e disse:

— Eu havia me esquecido por completo que combinei de encontrar Tio Leopoldo na manhã de hoje. Você me dá licença, Vitória, se eu voltar? Você sabe quão meticuloso ele pode ser.

Vitória concordou com a cabeça. Ernesto se virou para Alfred Paget e, olhando para o caminho em linha reta que levava ao Castelo cujas torres estavam bastante visíveis, disse com uma piscadela:

— Lorde Alfred, você me faria a gentileza de mostrar o caminho?

Alfred lhe lançou um sorriso cúmplice:

— Com prazer, senhor.

— E um guinéu para o primeiro a chegar lá, para fazer as coisas interessantes?

— Combinado! — Os dois homens partiram a galope no sentido do Castelo.

Alberto e Vitória andaram a cavalo em silêncio, exceto pelas exalações ofegantes dos cavalos, os latidos ocasionais de Dash, e os piados das gralhas fazendo ninhos nos galhos nus das árvores. Por um momento, Vitória pensou em Melbourne e na última vez que estivera sozinha com um homem na floresta. Decidindo que deveria falar, ela apontou para um bosque cerrado na frente deles:

— Creio que adiante há um carvalho que está ali desde a conquista da Normandia. Você gostaria de vê-lo?

— Muito.

— Creio que seria mais fácil a pé.

Alberto apeou de seu cavalo e se aproximou para ajudar Vitória. Ao colocar suas mãos em torno da cintura dela para ajudá-la a descer, Vitória se sentiu estremecer. Por um momento, seus olhos estavam no mesmo nível, e pareceu como se estivessem olhando um para o outro pela primeira vez. Então, com gentileza, Alberto colocou Vitória em pé no chão. Após amarrarem os cavalos a uma árvore, começaram a caminhar no sentido do bosque. Mas Dash farejou algo e passou às pressas entre eles procurando um coelho imaginário. Vitória hesitou antes de erguer as saias de seu hábito e sair correndo atrás do cachorro, sem conferir se Alberto a estaria seguindo, mas sabendo, de alguma forma, que ele estaria. Eles correram pelo bosque, saltando por cima de galhos e desviando de amoreiras que surgiam pelo caminho.

Vitória corria tão rápido que não notou o galho que arrancou seu chapéu de montaria e os galhos que arrancaram seu cabelo de suas espirais bem-feitas, o que o fez ficar solto ao redor de seus ombros. Ao sentir o cabelo cair, Vitória parou; ter o cabelo solto fazia com que ela se sentisse vulnerável. Conforme ela começava a girá-lo em um coque, Alberto pegou o chapéu dela e o devolveu. Antes que Vitória pudesse usar o chapéu para cobrir o cabelo rearranjado às pressas, ele estendeu uma mão para impedi-la.

— Não, gosto de vê-lo assim, liberto. Com o cabelo baixo, você não é tanto uma Rainha. Vitória espremeu os olhos para ele:

— Creio que isso possa ser traição, Alberto.

Alberto a encarou em consternação, e então, enfim, seu rosto rachou em um sorriso que transformou seu rosto, limpando a aparência que ele às vezes tinha de um garotinho tentando se lembrar da tabuada do doze.

— Ah, vejo que está fazendo troça! Ernesto sempre me diz que sou muito sério. Vitória olhou de volta para ele, e disse com apenas um pouco de ousadia em sua voz:

— E você sempre me diz que não sou séria o suficiente.

O sorriso de Alberto não vacilou.

— Para uma Rainha, talvez. Mas agora sem seu chapéu, com o cabelo assim, acho que está na medida certa. Ele se inclinou no sentido dela e colocou a mão no seu rosto, removendo com delicadeza uma mecha de cabelo

que havia caído sobre sua boca. Ela ergueu os olhos para ele e por um momento de tirar o fôlego pensou que ele estava prestes a beijá-la, mas então ele se afastou e começaram a caminhar outra vez pelo pequeno bosque, Vitória consciente do corpo dele próximo do dela de forma agonizante. Alberto ergueu os olhos para o dossel de árvores sobre eles.

— Quando eu era garotinho, ficava imaginando que as árvores eram minhas amigas.

— Que engraçado. Eu costumava falar com minhas bonecas.

Alberto baixou os olhos para ela.

— Nós não fomos crianças tão felizes, creio eu. Vitória ouviu a tristeza em sua voz.

— Alberto?

— Sim?

Vitória disse às pressas:

— O que houve com sua mãe? Apenas sei que ela morreu quando vocês eram muito jovens.

Alberto ficou em silêncio. Vitória viu as sombras retornando ao seu rosto e desejou não ter mencionado aquilo, mas então ele continuou:

— Ela fugiu de meu pai, logo antes do meu quinto aniversário. Com seu eguariço. Ela morreu alguns anos depois, mas nunca a vi outra vez.

Alberto virou o rosto para longe dela, mas Vitória pôs a mão em seu braço.

— Que terrível. Você era tão jovem, e deve ter sentido tanto a falta dela.

Alberto se inclinou com vagar para olhar Vitória.

— Você sabe, quando vejo Tia Victoire olhar para você com tanto amor em seus olhos, sinto inveja. Não há ninguém lá para me olhar dessa forma.

Vitória buscou a mão dele e a apertou.

— Isso não é verdade, Alberto. Você tem Ernesto, e agora, bem, agora você tem... — Mas naquele momento, as rumações folhosas da floresta foram perfuradas pelo berro agonizante de um animal em dor. Vitória congelou.

— Você ouviu isso? Parece ser Dash.

Alberto já estava correndo na direção do ruído. Vitória pegou as pontas de

suas saias e se apressou atrás dele. Ela o viu ajoelhado no chão, mas sem se virar, ele disse:

— Fique aí, Vitória! Você não deve ver isso.

Mas Vitória não podia ignorar os choros de seu querido companheiro. Ao se ajoelhar ao lado dele, ela soltou um arfar de horror. A perna de Dash havia se prendido nas mandíbulas de ferro da armadilha de um caçador; A pata estava coxa e havia sangue no chão.

— Oh, quão cruel! — ela disse, e aninhou Dash em seus braços enquanto Alberto abriu a armadilha com um galho e com cuidado tirou a perna ferida de Dash.

Vitória olhou para o membro mutilado e começou a chorar.

— Oh, meu pobre pequeno Dashy! — Ela sentiu a língua áspera do cão lambe sua mão. — Ele nunca caminhará outra vez.

— Não, não. Creio que esteja quebrada, mas é possível que sare — disse Alberto. — Vou fazer um, como se diz em inglês? Uma armação para a perna sarar.

Tirando a casaca com uma encolhida de ombros, ele a estendeu no chão e gesticulou para que Vitória sentasse nela.

— Agora você deve segurá-lo forte enquanto faço a...

— Tala.

— Jawohl, certo, a tala.

— Mas não temos ataduras.

Alberto tirou a faca da boca e com um movimento rápido cortou um rasgo na manga de sua camisa e a arrancou. Vitória viu seu braço vigoroso, a pele clara coberta em ouro fino, a sugestão de pelo escuro nas axilas. Dash choramingou enquanto Alberto rasgava o linho em dois, e Vitória teve de segurar o animal trêmulo enquanto Alberto amarrava o linho ao redor de dois pedaços de pau para manter a perna quebrada no lugar. Ele trabalhava rápido, e Vitória podia ver que ele estava tentando o máximo que podia não causar nenhuma dor a mais a Dash. Enfim, estava feito. A perna quebrada estava presa com firmeza e Dash já lambia as ataduras de linhas tentando removê-las. Alberto sentou nos calcanhares e anunciou:

— Creio que será suficiente por enquanto.

Vitória beijou Dash no focinho, e então ergueu os olhos úmidos para Alberto.

— Estou tão grata a você. Dash significa tanto para mim. Quando eu estava crescendo em Kensington, ele era meu único amigo verdadeiro. O que quer que acontecesse, eu sabia que Dash estaria sempre lá para mim.

Alberto estendeu uma mão e afastou uma mecha de cabelo de sua bochecha manchada de lágrimas.

— Mas agora é diferente, creio eu?

Vitória sentiu a bochecha queimar sob o toque da mão dele. Ela baixou os olhos para esconder a confusão.

— Ah sim, tenho Lorde M agora... e minhas damas, é claro.

Assim que ela disse o nome de Melbourne, Alberto se levantou e o olhar suave em seu rosto desapareceu. Baixando os olhos para ela, ele disse em uma voz que ela não havia escutado ainda:

— Eu gostaria, Vitória, que você não estivesse tanto com Lorde Melbourne. Ele não é sério.

Vitória sentiu o sangue subir ao seu rosto. Ainda agarrada a Dash, ela teve dificuldades ao se levantar para que pudesse respondê-lo com dignidade.

— Lorde Melbourne não escolheu parecer sério. É o modo inglês. Mas ele é um homem de grandes sentimentos.

Alberto pegou sua casaca e a vestiu, antes de se virar para Vitória e dizer:

— Então talvez você devesse se casar com ele.

Dash choramingou quando Vitória o apertou com mais força. Ela encarou Alberto de volta:

— Isso não é possível.

Alberto se afastou dela como se estivesse prestes a ir embora, mas voltou, suas palavras cambaleando para fora em uma enxurrada apaixonada:

— Você sabe o que vi outro dia próximo àquela bela via pública chamada Regent Street? Uma criança, de talvez três ou quatro anos de idade, vendendo fósforos, um por vez. Seu Lorde Melbourne escolhe não olhar para essas

coisas, mas eu devo. Esta é a questão, Vitória. Você quer ver as coisas como elas são ou como gostaria que fossem?

Se ela não estivesse segurando Dash em seus braços, Vitória sentia que teria dado um tapa no rosto hipócrita de Alberto. Sua voz tremendo com fúria, ela disse:

— Como você ousa? Você imagina que sou uma boneca esperando para ser jogada para um lado ou outro? Devo lembrar-lhe que enquanto você olhava pinturas na Itália, eu estava governando este país. E ainda assim você está aqui há poucos dias e imagina conhecer meu povo melhor do que eu. Sou a Rainha da Inglaterra e não preciso que você me diga o que pensar! — Ouvindo a emoção na voz de sua dona, Dash deu um latido em apoio.

Alberto olhou de volta para ela, seus olhos azuis gélidos agora.

— Não, esse é o trabalho de Lorde Melbourne.

Capítulo Cinco

A carruagem chegou a um buraco, e Leopoldo espremeu os olhos para Alberto, como se ele fosse culpável pessoalmente por cada barranco na estrada de Windsor a Londres. Ele tivera tamanhas esperanças da visita improvisada a Windsor, e estivera encantado de ouvir de Ernesto que ele havia deixado Vitória e Alberto andando a cavalo a sós no Great Park. Com certeza eles retornariam de seu passeio como um casal de noivos.

Mas quando Alberto e Vitória voltaram ao Castelo uma boa hora depois, Alberto conduzindo os cavalos enquanto Vitória segurava seu cachorro, não apenas eles não estavam noivos; como mal estavam se falando. Vitória foi para dentro de imediato, carregando Dash, e Alberto retornou ao cavalo e saiu cavalcando parque adentro. Uma hora depois, a ordem foi dada de que a equipe real retornaria ao Palácio de Buckingham na mesma tarde.

Houve outro solavanco massivo na carruagem, e Leopoldo não conseguiu mais segurar a língua.

— Não entendo o que você e Vitória estavam fazendo hoje de manhã. Vocês saíram por horas e então você voltou com nada. Nada! Mal consigo acreditar que você seja um Coburgo. Ora, Ernesto já a teria levado para a cama nesse tempo.

Sentado ao lado de Alberto, Ernesto franziu a testa para o tio. Ele conseguia ver a infelicidade do irmão e não queria que ele a piorasse.

— Você se esquece, tio, que é Vitória quem deve decidir se eles estão para se casar, não Alberto. Não é uma posição fácil para ele.

— Bobagem! Você sabe tão bem quanto eu que mulheres são como cavalos puros-sangues; elas devem ser manuseadas com cuidado, mas uma vez que você sabe como acariciá-las do jeito certo, elas farão qualquer coisa que quiser.

— Mas uma Rainha não é uma mulher comum — disse Ernesto.

— Todas as mulheres são iguais, em minha experiência. Quando conheci Carlota, ela não era uma Rainha, é verdade, mas ela era herdeira ao trono, e

ela me pediu em casamento depois de apenas três dias. É claro, eu era um rapaz de bela aparência, mas Alberto também é. Talvez eu fosse mais charmoso, mas Alberto poderia ser isso também, se ele decidisse ser.

Houve um estrondo quando Alberto bateu sua mão contra a janela da carruagem.

— Basta! — Ele se virou para Leopoldo, seus olhos em chamas. — Este é meu futuro, não o seu, e decidi que quero voltar a Coburgo.

Leopoldo estava prestes a responder, mas um olhar de Ernesto o impediu. Talvez fosse melhor deixar seu irmão argumentar com Alberto; eles eram tão próximos, afinal de contas. Então ele se ajeitou de volta em seu assento, puxou o chapéu sobre os olhos e tentou fazer a viagem interminável passar mais rápido indo dormir.

A carruagem de Vitória foi a primeira a chegar ao Palácio. Ainda carregando Dash, Vitória foi direto para o quarto e deixou informado que não desceria para o jantar.

Ela se deitou na cama com Dash ao seu lado, passando as mãos pelas orelhas sedosas do spaniel.

— Oh, Dash, por que tudo é tão difícil? — Seu cão ferido lambeu a mão dela em resposta.

Ela encarou as gravuras douradas no teto. Naquela manhã na floresta, ela se sentira tão próxima de Alberto; quando ele lhe contara a respeito de sua mãe, ela quis abraçá-lo e dizer que faria aquilo desaparecer. Mas então, ela se contorceu com a injustiça disso, ele teve que fazer aquele ataque sem razão contra Lorde M, um homem que ele mal conhecia. Ela não podia aguentar aquilo. Como ela poderia oferecer seu coração a Alberto se ele não conseguia entender o quanto Melbourne significava para ela? Ela torceu a orelha de Dash em frustração, e o cãozinho choramingou.

— Oh, sinto muito, meu querido Dashy, não quis machucá-lo. — Ela viu a tala improvisada feita da camisa de Alberto e se lembrou de sua pele branca reluzindo na luz pálida de novembro.

A porta se abriu, e Lehzen entrou, seus olhos arregalados com drama.

— Sinto muito perturbá-la, Majestade, mas o valete dos príncipes tem perguntado a respeito das partidas saindo de Dover. Pensei que deveria

informá-la de que eles estão partindo. Mas talvez você já soubesse?

Vitória balançou a cabeça. Alberto estava partindo? Ela pôs a mão sobre os olhos. Lehzen se sentou na cama ao lado de Vitória e passou o braço em torno do corpo dela.

— É melhor assim, Majestade. Creio que o Príncipe Alberto não lhe mostra respeito suficiente.

Vitória se afastou dela.

— Você não sabe nada disso, Lehzen. E agora eu gostaria de ser deixada sozinha. Estou com dor de cabeça.

— Uma dor de cabeça, Majestade? Devo buscar Sir James?

— Pare de rebuliço! Você não consegue ver que só quero ser deixada em paz?

Lehzen segurou suas saias e saiu.

Na sala de estar dos príncipes na ala norte, Alberto atirava seus livros dentro de um baú, apreciando o baque que faziam ao chegar no final. Ernesto entrou, vendo o que seu irmão estava fazendo, jogou as mãos para cima em exasperação.

— Você está sendo infantil, Alberto. Você não pode simplesmente ir embora porque você e Vitória tiveram uma querela.

Alberto jogou um dicionário de inglês dentro do baú com força em particular. Ele ergueu os olhos para o irmão.

— Vitória e eu não somos apropriados um para o outro. Este casamento é conveniente para todos, exceto para nós.

Ernesto se pôs entre o irmão e o baú para que Alberto fosse forçado a encará-lo. Ele pôs uma mão no ombro do irmão.

— Você diz isso, mas você gosta dela, Alberto, eu sei que gosta, e ela gosta de você. Ela cora ao olhar para você.

Alberto afastou a mão do irmão.

— Creio que Vitória gosta de muitas pessoas. Lorde Melbourne, por exemplo.

Ernesto balançou a cabeça e disse devagar:

—Você tem ciúmes de Lorde Melbourne? Ele tem idade suficiente para ser pai dela.

— Mas ela sorri para ele de uma maneira que não é correta. Quiçá ela não possa se casar com ele, mas eu não serei o plano alternativo.

Ernesto suspirou e agarrou Alberto por ambos os ombros.

— Acredite em mim, Alberto, eu vejo a maneira como Vitória olha para você. Você nunca será a segunda opção. Talvez houvesse uma garotinha que gostava de seu Lorde Melbourne, mas Vitória é uma mulher agora, e ela gosta de você, não de um velho.

Alberto olhou para ele, e então foi até a cama e pegou o casaco.

— Onde você vai agora? — Ernesto perguntou.

Alberto se virou:

— Vou tirar meu daguerreótipo. Eu gostaria de ter um souvenir de minha visita.

— Então irei com você. Eu também gostaria de um souvenir e creio que há algumas poucas moças que não ficariam sentidas de ter cópias minhas.

— Mulheres! Você só pensa nisso.

— Elas não são o inimigo, Alberto — Ernesto disse, rindo. Vislumbrando o rosto de Alberto, ele continuou em um tom diferente: — Sabe, eu a vi uma vez, depois que ela partiu.

Alberto olhou para ele:

— Mamãe?

— Sim. Estávamos brincando no parque em Coburgo. Estivera nevando, eu me lembro, e nós estávamos jogando bolas de neve um no outro. Quando eu estava correndo atrás de você, eu olhei para cima e a vi no terraço que tem vista para os jardins do lado da cidade. Ela estava toda encasacada e usando um véu, mas eu soube de imediato que era ela. Eu corri até o terraço, mas você não pode subir no lado da cidade vindo do Palácio, então tudo que eu consegui fazer foi ficar parado lá e acenar. Ela acenou de volta, não um aceno grande, mas um pequeno, assim — ele ergueu a mão em um gesto pequeno e triste —, e então ela ergueu o véu. — Ernesto parou e engoliu em seco antes de continuar. — Seu rosto estava molhado, Alberto. Nunca me esqueci daquelas lágrimas.

— Ele colocou os dedos no nariz, tentando reter suas próprias emoções.

— Por que você nunca me disse isso antes?

— Não sei. Pensei que seria mais fácil para você esquecer dela se não soubesse. E eu queria proteger você. Mas agora vejo que estava errado. Ela não queria nos deixar, Alberto, mas ela não tinha escolha. Você sabe como Papai é. Essa foi sua única chance de vida. E sei que ela nos teria levado com ela se pudesse. — Alberto encarava o chão, mordendo o lábio. — Ela nos amava, Alberto, e muito. E partiu o coração dela nos deixar. Se você apenas tivesse visto o rosto dela naquele dia.

Alberto ergueu os olhos.

— Por que ela nunca escreveu?

— Tenho certeza que escreveu, mas você acha que papai nos permitiria ler as cartas?

Alberto tremia. Ernesto colocou os braços em torno dele e o apertou com força.

— Nem todas as mulheres vão embora, Alberto.

Ele sentiu o peito do irmão se inchar com emoção, e então em respirações ofegantes:

— Eu... queria... poder... ter... certeza.

Ernesto relaxou o seu segurar e manteve o irmão na distância de um braço.

— Você sabe tanto mais que eu a respeito de tudo, mas quando se trata de mulheres, eu sou a autoridade. Consigo ver que Vitória ama você, Alberto. Se você se casar com ela, e espero muito que você case, ela nunca o deixará. Talvez você encontre distrações — ele viu o rosto de Alberto —, ou talvez não; você não é como eu. Mas Vitória não fraquejará. Você tem a chance de ser feliz, irmãozinho, e nem que seja só pelo meu bem, você deve aproveitá-la.

Quando Alfred Paget disse a ele que havia deixado a Rainha com o Príncipe Alberto no Great Park, Melbourne ordenou que preparassem sua carruagem. Ele sabia que deveria ficar para ouvi-los anunciar seu noivado, mas descobriu que não conseguiria aguentar. Ele havia ido direto para a Câmara e de lá para seu clube. Ele havia perdido uma boa quantidade de dinheiro em uíste, uma perda que achava mortalmente agradável pois refutava

o adágio a respeito de ter má sorte no jogo, boa sorte no amor. Ele tinha, parecia-lhe, má sorte em tudo. Ele estava bêbado até mesmo quando enfim chegou em Dover House.

Seu valete o encontrou na manhã esticado no sofá da biblioteca, cercado de papéis e textos escritos em Grego Antigo, um idioma que o valete tinha começado a reconhecer com seus dez anos de trabalho para Lorde Melbourne. O valete passou o café sob o nariz do seu patrão, sabendo de experiência que seu cheiro era a maneira de acordá-lo com os resultados menos violentos.

Melbourne se mexeu e ainda sonolento alcançou o café.

— Veio alguma coisa da Rainha? O valete balançou a cabeça.

— Mas soube que a residência real retornou para Londres na noite passada, milorde. Melbourne baixou a xícara em surpresa.

— A Rainha está no Palácio?

— Sim, milorde.

— Mas não há carta dela.

— Não, milorde.

Melbourne estava em silêncio. Ele esperava que Vitória lhe escrevesse de imediato para anunciar o noivado. Ela não era alguém que gostava, ou de fato fosse capaz, de guardar as coisas para si mesma. Mas talvez ela estivesse esperando para lhe contar em pessoa.

Ele bebeu o resto do café e forçou seu corpo que rangia a se levantar. Sua cabeça pulsava, e ele sentiu uma onda de náusea, talvez o resultado dos excessos da noite anterior, mas era também de pavor do que viria. Ainda assim, se nada mais, ele sabia de suas responsabilidades.

— Devo ir ao Palácio. Faça o que puder para me deixar apresentável.

O valete baixou a cabeça em simpatia; nenhum homem conseguia guardar um segredo daquele valete em particular.

— Farei meus maiores esforços, milorde.

Uma hora mais tarde, Melbourne, de barba feita e ornamentado em linhos engomados com tamanha força que se enterravam na pele de seu pescoço, subia a escadaria grande do Palácio de Buckingham. Ele viu Lehzen vindo na direção dele e olhou para seu rosto em busca de pistas do noivado, mas o

rosto da Baronesa estava modesto como sempre, seus olhos voltados para o chão, seus lábios levemente franzidos.

— Bom dia, Baronesa. — Lehzen lhe fez uma mesura modesta. — Devo dizer que fiquei surpreso em descobrir que a Rainha estaria no Palácio hoje. Eu havia pensado que ela ficaria no Castelo um pouco mais de tempo. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Para saciar sua nova paixão por árvores.

A Baronesa lhe lançou um sorriso sem humor.

— Não creio que ela encontrou qualquer coisa muito agradável na floresta, Lorde Melbourne.

— Entendo. Obrigado, Baronesa — e Melbourne se descobriu quase correndo para subir ao final das escadarias. Ele viu de imediato pela posição dos ombros de Vitória que Lehzen estivera certa. O que quer que houvesse acontecido entre a Rainha e seu primo no Great Park, não havia sido uma proposta de casamento.

— Bom dia, Madame. — Conforme ele se inclinava sobre sua cabeça estendida, ele disse com brilho: — Tenho boas notícias. O exército chegou a Cabul sem oposição.

— Isso é esplêndido — Vitória disse sem um traço de entusiasmo. Melbourne viu com uma pontada de angústia que seus olhos estavam vermelhos e inchados de chorar. Mas ele seguiu com o mesmo tom animado, esperando que ela pudesse responder a ele:

— Ao menos o exército terá algum lugar para passar o inverno. Confesso que estava bastante incerto. O Passe de Khyber é de um frio incomum, eu tenho ouvido, e apesar de todos os exércitos terem suas perdas, eles não deveriam ser aniquilados pelo clima.

Os olhos de Vitória permaneceram sem vida; ela olhava para ele, mas ele sabia que ela não o via. Respirando fundo, ele disse em uma voz mais gentil:

— Perdoe-me, Madame, mas há algo errado?

Ela se virou para longe dele e disse em uma voz cortada:

— Os príncipes estão retornando a Coburgo. Melbourne fechou as mãos na frente dele.

— Entendo. E você preferiria que eles ficassem? Vitória girou para o lado,

seu rosto enfim animado.

— Não! Bom, talvez. — Ela olhava de forma direta para Melbourne agora, e ele conseguia ver a confusão em seus olhos assim como o desejo. — Alberto é tão difícil!

Ele hesitou antes de responder. Esse era o momento decisivo. Ele podia empurrar só um pouco, e o Príncipe Mecânico iria voltar às pressas para seu reino insignificante. Ele e Vitória poderiam retomar seu relacionamento fácil. Ela teria o seu Lorde M ao seu lado, e ele, bom, ele estaria tão contente como sempre estivera.

Com essa visão de futuro brilhando na frente dele, ele disse com cuidado:

— Vocês têm temperamentos muito distintos. O príncipe me parece ser um homem que aprecia sua própria companhia e, de fato, suas próprias opiniões.

Ele viu de imediato que ela não ouvia suas palavras, e a visão deles dois caminhando de braços dados pelos jardins do Palácio sumiram.

Vitória vomitou a frase:

— Ele acha que sou próxima demais de você.

Ele sentiu aquilo o atingir como um tiro no peito, e houve um momento antes que pudesse responder.

— E o que você acha?

Vitória virou a cabeça de um lado e para o outro, como se estivesse tentando afastar uma mosca. Enfim, ela olhou para ele e disse:

— Eu não sei. Alberto sempre olha para mim como se eu tivesse feito algo de errado. — Melbourne esperou por suas próximas palavras, o coração martelando no peito. — Mas mesmo assim... — Os olhos dela imploravam. — Eu gostaria que ele sorrisse para mim.

Melbourne sabia pelo que ela pedia. Dispondo-se a falar da forma mais suave como sempre havia feito, ele disse:

— O Príncipe não sorri com muita frequência. — Ele se forçou a continuar. — Mas se você quer que ele sorria para você, Madame... então não vejo como ele pode resistir.

O sorriso irrompeu do rosto dela.

— Você acha isso mesmo, Lorde M?

— Creio que sim. — Seus olhos estavam brilhando e antes que Melbourne pudesse se impedir, ele disse: — Apenas um tolo a dispensaria, afinal de contas.

Com um pequeno gesto rápido, ela tomou a mão dele e a apertou. Eles olharam um para o outro por um longo momento, o ar entre eles cheio de todas as coisas que nunca poderiam ser ditas, e então ela largou a mão dele e deixou o quarto correndo.

Quando estava em pé nos degraus do Palácio esperando sua carruagem ser trazida, Melbourne viu as silhuetas inconfundíveis dos príncipes com seus novos casacos hipermodernos passando pelo Marble Arch.

A carruagem parou; o lacaio já baixava os degraus. Melbourne estava prestes a entrar e evitar um encontro com os príncipes, até que ele pensou a respeito do que Alberto dissera a Vitória e soube onde estava sua responsabilidade.

— Bom dia, Vossas Altezas Sereníssimas. — O aceno de reconhecimento vindo de Alberto não poderia ter sido mais rígido se ele de fato fosse mecânico, pensou Melbourne, mas ele persistiu: — Estou agora mesmo a caminho da Câmara, e eu me lembro, sir — ele olhou para Alberto —, que você expressou desejo de vê-la.

Alberto tentou esconder a surpresa.

— Isto é correto. É uma instituição britânica que admiro grandemente. Mas creio que você me disse, Lorde Melbourne, que eu teria de ir, como você disse? — ele queimou Melbourne com o olhar —, incógnito?

Melbourne não recuou, mas sorriu de volta:

— Creio, sir, que sob minha proteção, você estará seguro mesmo dos Tories mais rudes.

Enquanto Alberto hesitava, Melbourne olhou para Ernesto:

— Você não persuadirá seu irmão a vir junto, sir? Creio que ele acharia muitíssimo instrutivo.

Ele vislumbrou o olhar de Ernesto e viu, para seu alívio, um cintilar de compreensão. De fato, esses irmãos não poderiam ser mais diferentes.

— Nós com certeza iremos. Você está sempre falando, Alberto, a respeito do lugar onde a tirania foi banida. Eu gostaria de vê-la mesmo que você não queira.

Alberto mudou o peso de um pé para o outro, dividido entre sua hostilidade em relação a Melbourne e seu desejo de ver a Mãe dos Paramentos.

— Mas temos tanto a fazer se vamos partir amanhã.

— Bobagem — disse Ernesto. — Não é como se tivéssemos um compromisso urgente em Coburgo. Creio que saberão lidar sem nós bastante bem por mais um, ou até mesmo dois, dias.

Os olhos de Alberto deslizaram para Melbourne, que deu seu sorriso mais ameno.

— É verdade que quero muito ver seu Parlamento. Se não for de inconveniência grande demais, Lorde Melbourne, então irei aceitar sua oferta gentil. — Este pequeno discurso saiu de forma dolorosa, como se espremido dele por uma mão gigante, mas Melbourne fingiu não notar e gesticulou de forma afável para a carruagem.

— Por favor, juntem-se a mim e lhes contarei um pouco da história no caminho.

Vitória havia passado horas desde sua conversa com Melbourne tentando evitar a mãe. Ela não queria falar com ela a respeito de Alberto. Ela imaginava que a Galeria de Retratos seria o local mais seguro, já que a Duquesa não tinha motivos para ir para lá, mas para seu desalento, ouviu a voz da mãe vindo da escadaria. Ela se virou para ir no outro sentido e viu que Leopoldo vinha em seu sentido. Presa entre dois Coburgos, desistiu e aceitou a lição de moral inevitável.

— Oh, Drina, você está aqui. — A Duquesa acenou suas mãos, de forma que os anéis flutuavam na brisa de sua própria caminhada — Alberto e Ernesto estão voltando a Coburgo. — Ela inclinou a cabeça para um lado e disse de forma queixosa: — Eu estava tão feliz com eles aqui.

Leopoldo chegou à frente de Vitória.

— E estão partindo sem noivado.

Vitória ergueu o queixo e vislumbrou a Rainha Elizabeth sobre o ombro de

seu tio.

— Alberto não é um súdito britânico. Eu não poderia impedi-lo de ir mesmo que quisesse.

Leopoldo deu de ombros e sua mão vagou para seu topete como se para conferir que ao menos uma coisa estava no seu devido lugar.

— É claro que você pode impedi-lo. Tudo o que você tem de fazer é pedi-lo em casamento.

— Ah, era só isso? Temo, tio, que isso não seja tão fácil. — Para seu horror, ela descobriu que sua voz não estava estável.

Leopoldo olhou para ela com surpresa.

— Mas por que não?

Vitória olhou para o chão e então de volta para o tio, sustentando seu olhar até a Duquesa interromper.

— Sim, por que não, Vitória? Sei que não é o costume para mulheres comuns que façam o pedido, mas você é uma Rainha e isso deve vir de você. Por que você hesita?

O som da voz de sua mãe fez Vitória estourar, de forma que ela falou sem pensar:

— Porque não tenho certeza de que ele aceitará.

Para sua surpresa, Leopoldo tomou a sua mão e, em uma voz que não tinha sua pompa de costume, disse calmamente:

— Não, você não pode ter certeza. Mas ao menos você sabe que se Alberto disser sim, será com seu coração.

Vitória percebeu que seu tio, para variar, tinha razão. Ele continuou:

— Mas você nunca saberá se não o pedir em casamento, Vitória.

Vitória olhou para ele e então caminhou de volta para seus aposentos. Ela se sentou em frente à cômoda e examinou o rosto. Havia sombras negras sob seus olhos, e ela conseguia sentir uma elevação ameaçadora no queixo. Se ela perguntasse a alguém, eles diriam que ela estava com uma aparência ótima, mas Vitória sabia que hoje ela não estava em seus melhores dias.

— Posso lhe trazer algo, Madame? — Vendo que sua voz fizera a Rainha se

assustar, Skerrett começou a se desculpar. — Ah, sinto muito, Madame. Não quis pegá-la de surpresa.

— Não, está tudo bem. — Vitória tocou as tranças que circundavam suas orelhas. — Não creio que meu cabelo esteja bem certo hoje. Está muito... muito... — ela se perdeu nas palavras.

Ouvindo a confusão na voz da Rainha, e imaginando suas origens, afinal todos estavam falando a respeito da partida iminente dos príncipes, Skerrett disse:

— Talvez um coque baixo mais ao final da cabeça. Para um perfil mais suave?

Vitória vislumbrou o olhar de Skerrett no espelho.

— Mais suave? Sim, por que não?

— Com talvez algumas flores na parte de trás?

— Flores? — Vitória sorriu. — Eu gostaria de usar gardênias no meu cabelo.

— E esta, cavalheiros, é Westminster Hall, a parte mais antiga do Palácio que permanece. Ela tem sido como um tribunal de justiça desde os tempos medievais. — Melbourne levou os príncipes para dentro da grande câmara com teto arqueado. — Mas agora, como vocês veem, está sendo usada para manutenção de registros. Estamos pressionados em questões de espaço no momento.

— Houve um grande incêndio alguns anos atrás e até o Palácio ser reconstruído, devemos lidar com o que temos — ele continuou. Ele gesticulou para o exército de escriturários atrás deles.

Alberto erguia os olhos para o massivo teto abobadado de madeira.

— Creio que este é o local onde o Rei Carlos foi julgado pelo seu povo?

— Isto está correto, senhor. Ele foi sentenciado à morte como um tirano e traidor.

— Um grande momento. A vitória do povo. — Alberto gesticulou para o salão.

— De fato. — Melbourne sorriu. — Mas não estou de todo confortável com o regicídio.

Ernesto disse com rapidez:

— Nem eu! Quero que meu povo me ame.

— Um monarca responsável não tem nada a temer — disse Alberto. — Mas ele — ele hesitou —, ou ela, deve saber que governam para o seu povo.

Melbourne assentiu um quase nada com pesar. Após ouvir as opiniões de Alberto a respeito da conduta de governo por uma hora, ele começava a perder a paciência. Ainda assim, ele lembrava a si mesmo, ele não viera ali para sua própria diversão. Ele tinha uma tarefa a executar. Ele se virou para Alberto com um sorriso.

— Muito belamente colocado, sir. O equilíbrio difícil de conquistar entre Coroa e Parlamento é a grande glória da constituição britânica. E servir como Primeiro-Ministro tem sido o maior privilégio de minha vida.

— Ele pausou, absorvendo sua plateia. — Eu queria que a Rainha compartilhasse seus sentimentos. Temo às vezes que ela ache a desordem de nosso sistema parlamentar de muito mau gosto.

Alberto o olhou com proximidade:

— Eu achava que a Rainha o seguia em tudo, Lorde Melbourne.

Melbourne deu de ombros.

— Um dia, talvez, mas agora que ela se adaptou a ser Rainha, descubro que ela me ignora cada vez mais. Do canto de seu olho, ele viu o irmão de Alberto lançar uma mirada para ele.

— Eu lhe compreendo, Lorde Melbourne — Ernesto disse com um olhar que mostrava que ele entendia a direção em que iam. — Gosto muitíssimo de minha prima, mas entendo que ela apenas ouve quando há algo que quer ouvir.

Melbourne assentiu com a cabeça e suspirou.

— Tenho feito meu melhor, mas meu Ministério não pode durar para sempre, e então retornarei com gratidão para Bocket Hall. Devo terminar minha biografia de São Crisóstomo. No final da vida, fazer um acréscimo à soma de conhecimento humano é a única coisa de que um homem realmente pode ter orgulho.

Ambos os irmãos olhavam para ele, mas foi Ernesto quem falou, sua voz mostrando empatia.

— Será difícil para a Rainha, creio eu, quando você for.

Melbourne engoliu em seco antes de se virar para Alberto.

— Quiçá. Mas na verdade, é hora de eu me aposentar.

Alberto encarou Melbourne de volta, e depois de um momento deu a ele um aceno de cabeça imperceptível.

— E agora se vocês me dão licença, cavalheiros, devo retornar ao Parlamento. — Melbourne fez uma reverência a cada um dos príncipes de forma alternada e caminhou para longe. Alberto continuou a olhar o teto, mas Ernesto viu o Primeiro-Ministro tirar um lenço do bolso e assoar o nariz com violência extrema ao deixar o salão.

— Qual vestido você prefere, Madame? O de seda azul ou de organdi rosa?

Vitória estava parada em seu espartilho e anáguas, olhando para os dois vestidos que Skerrett estendia. Ela usara o de seda azul na noite em que dançou com Alberto. Era bastante lisonjeiro, mas ela nunca havia usado o cor-de-rosa, e nesse momento ela queria parecer diferente.

Ela apontou para o vestido rosado e pôs os braços no ar para que Skerrett pudesse baixá-lo sobre sua cabeça. Conforme a modista fechava os ganchos do corpete, Vitória sentiu as flores cerosas que flanqueavam o coque na parte de trás de sua cabeça.

— Tão inteligente de você encontrar gardênias.

Skerrett se permitiu uma risadinha que sugeria as medidas desesperadas pelas quais ela passara naquele dia para encontrar flores de clima quente no meio do inverno.

— Não foi fácil, Madame.

— Suponho que não. Lorde Melbourne as cultivava em Bocket Hall, é claro. — Ela pausou. — Mas eu não poderia pedir a ele.

Skerrett não disse nada. Ela entendia, é claro, por que a Rainha não podia acionar as estufas de Lorde Melbourne, mas ela também sabia que nunca poderia sequer sugerir ter essa compreensão. Ela apertou as rendas da saia e as amarrou em um laço, enfiando-as sob a bainha do corpete, e deu um passo para trás.

— Pronto. Você está feliz com sua escolha, Madame?

Vitória caminhou até o espelho de corpo inteiro e olhou para o próprio reflexo. O vestido transparente parecia flutuar sobre ela, o cor-de-rosa lançando um brilho rosado em sua pele. Ela conseguia sentir o exuberante cheiro aveludado das gardênia. Ela mordeu os lábios. A imagem na frente dela não era uma Rainha, mas uma mulher.

— Sim, Skerrett. Creio que estou.

Brodie sabia que correr era proibido no Palácio, mas pensou que desta vez, iria quebrar as regras. Caminhar dos aposentos privados da Rainha para a ala norte tomava bons dez minutos e, na opinião dele, ele não tinha dez minutos para desperdiçar.

Ele se apressou pelo corredor para os aposentos dos príncipes e, batendo à porta com leveza, abriu a porta. Príncipe Ernesto estava deitado na espreguiçadeira fumando um charuto enquanto Príncipe Alberto estava junto da escrivaninha.

— Tenho uma mensagem para o Príncipe Alberto da Rainha. — Brodie parou. Apesar de Skerrett lhe haver feito jurar segredo, como todos os serviais no Palácio, ele sabia o significado do que estava prestes a dizer. — Ela espera por você na Galeria de Retratos, sir.

Alberto não correu ao tomar seu caminho para o outro lado do Palácio. De fato, ao chegar à escadaria grande, ele hesitou por tanto tempo que Ernesto, que o estivera seguindo a uma distância discreta, foi forçado a se revelar.

— Você não quer deixá-la esperando, irmãozinho.

— Não. Ela é a Rainha, afinal de contas.

Ernesto colocou a mão no braço do irmão.

— Vitória também é uma mulher, Alberto. Alberto empurrou uma mecha de cabelo dos olhos.

— Talvez ela queira se despedir. Ernesto riu.

— Sim, tenho certeza que é por esse motivo que ela mandou chamá-lo. — Ele acrescentou: — Sei que está com medo, Alberto, mas lembre-se de que ela estará também. — Ele deu um empurrãozinho no irmão no sentido da escada. — Agora vá logo.

Apesar de serem quase cinco da tarde, já estava escuro do lado de fora e

todas as velas haviam sido acendidas. Conforme Alberto caminhava pelo salão rumo à Galeria de Retratos, ele vislumbrou seu reflexo no espelho brilhando sob a luz dos candelabros. Ele empurrou a mecha errante de cabelo de sua testa outra vez e caminhou galeria adentro.

Ela estava em pé com suas costas viradas para ele, na frente de um retrato de Elizabeth, Dash aos seus pés. O piso rangia conforme ele caminhava no sentido dela, e ela deu um suspiro e Dash começou a rosnar. Ela se virou em uma plumagem rosada e pareceu nunca o ter visto antes. Alberto deu outro passo na direção dela.

— Perdoe-me por havê-la surpreendido, Vitória.

Vitória continuou a encará-lo, seu lábio tremendo. Alberto deu outro passo na direção dela.

— Fui informado de que queria me ver.

Dash rosnou outra vez, o que pareceu tirar Vitória de seu transe. Ela ergueu os olhos para Alberto, e franzindo a testa com o esforço, disse:

— Quero lhe perguntar algo, Alberto, mas antes de fazer isso, devo ter certeza de que você não se importa se eu perguntar.

Alberto ouviu o tremor da voz dela e deu mais um passo em sua direção. De imediato, ele foi tomado por aquele perfume que o fazia lembrar de tudo que ele amara e perdera.

— Você está usando estas flores outra vez.

— Sim, elas se chamam gardênia.

— Gardênia. — Alberto fez a palavra rolar pela sua boca. Ele estava tão próximo que agora conseguia ver a pequena elevação em seu queixo. — Posso? — Vitória tremeu seu assentimento conforme ele se inclinava para frente para sentir o odor das flores. Ele se embebedou do perfume voluptuoso e ceroso, e disse com um suspiro:

— Este perfume, ele faz eu me sentir seguro.

Vitória arregalou os olhos.

— Mesmo?

Alberto assentiu com a cabeça, incapaz de falar. Vitória engoliu em seco.

— Posso fazer minha pergunta agora?

— Eu gostaria que o fizesse.

Vitória mordeu seu lábio e então, como se tivesse decorado as palavras, disse:

— Alberto, você me daria a honra? — Ela parou e balançou a cabeça. — Não, isso soa errado. — Ela afastou o olhar e voltou a ele e então, em sua voz mais clara, disse: — Alberto, você gostaria de se casar comigo?

Alberto sentiu o sorriso se espalhar pelo seu rosto.

— Isso depende.

— Do quê?

Ele conseguia ouvir a surpresa e melindre na voz dela, e por um segundo apreciou seu momento.

— Depende se você vai me deixar beijá-la.

Os olhos de Vitória se arregalaram e agora ela sorria.

— Se eu deixar, você dirá sim? Alberto balançou a cabeça.

— Devo beijá-la antes.

Os lábios de Vitória se separaram e ela disse em um sussurro:

— Muito bem. — Fechando seus olhos, ela ergueu seu rosto para o dele.

O cheiro das flores, o peso de Vitória contra ele, o piscar da luz de velas, Alberto sentiu seu coração ceder. Enquanto pressionava seus lábios contra os dela e os sentia responder com tamanha vontade, ele sabia que encontrara a peça que sempre faltara. Ele pôs as mãos em torno da sua cintura e a puxou para ele, e eles se beijaram até que tiveram de parar para respirar.

Vitória tomou a mão dele e disse, rindo de empolgação, seus lábios inchados de desejo.

— Então. Você vai aceitar meu pedido? Não pretendo me ajoelhar, sabe. Alberto tomou o rosto dela em suas mãos.

— Meu coração é seu, Vitória. — Ele a beijou outra vez, com mais vontade e por mais tempo que antes. — Para mim, este não é um casamento de conveniência.

Vitória se inclinou para trás para olhá-lo. Com um lapso de realeza, ela

disse:

— Não, creio que será um casamento de inconveniência.

Ela se inclinou para frente para que seus lábios ficassem ao lado dos dele.

— Mas não tenho escolha.

Alberto a segurou pela cintura de forma que ela precisasse baixar os olhos para vê-lo, e disse:

— Tampouco eu tenho.

Dash começou a latir para o homem que segurava sua dona, mas, pela primeira vez em sua vida, foi ignorado.

Agradecimentos

Este romance foi escrito enquanto eu escrevia para a série de televisão Victoria, então devo agradecer a todo o elenco, em particular a Jenna Coleman, Rufus Sewell e Tom Hughes por darem vida gloriosa aos meus personagens, e a Damien Timmer e Rebecca Keane por me ensinarem como contar uma história na tela. Os inimitáveis Hope Dellon e Imogen Taylor, meus editores nos Estados Unidos e Reino Unido, me lembraram de como contar uma história na página, e meus agentes, a gloriosa Caroline Michel e Michael McCoy, secaram minhas muitas lágrimas pelo caminho.

Obrigada ao professor David Cannadine, que me apresentou aos diários de Vitória quando eu era uma estudante em Cambridge, e para Andrew Wilson e Helen Rappaport por seu apoio com todas as coisas vitorianas. Gratidão imortal para Rachel Street pelo apoio com o século XXI.

Tenho sorte de ter meu pai, Richard Goodwin, que também é meu leitor mais entusiasmado, e minha melhor amiga, Emma Fearnham, que guardou suas anotações de aula ainda da universidade.

Obrigada às minhas filhas: Otilie, que me manteve sã e esteve sempre certa, Lydia, que forneceu todo o material de base que eu poderia precisar para entender uma rainha adolescente, e para Marcus, que me levou para a Ilha de Wight duas vezes.

Publisher

Omar de Souza

Gerente editorial

Mariana Rolier

Editora

Clarissa Melo

Copidesque

Paula Dutra

Revisão

Elisa Machado

Projeto gráfico e diagramação

Laura Arbex | Ilustrarte Design e Produção Editorial

Capa

Rafael Brum

Conversão para eBook

Letra e Imagem